

1946 - 27/28

26

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1946 – ANO: XIV - Nº 27-28

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANO XIV

1946

Tomos XXVII—XXVIII

Número comemorativo do Jubileu de prata (1921—1946)

Apresentação — *D. Aquino Corrêa*

A Academia — sua atuação em um quarto de século — *José de Mesquita*

A Casa de Melgaço — *Estevão de Mendonça*

A Academia e a Cultura — *Francisco Mendes*

O Lema da Academia — *Gervasio Leite*

A Séde da Academia — *Luis-Philippe Pereira Leite*

A Academia e a Bibliografia Matogrossense — *Palmiro Pimenta*

A Biblioteca da Academia — *Jaime de Vasconcelos*

A Academia e as Belas Artes — *Philogonio Corrêa*

Associações culturais predecessoras da Academia — *Rubens de Mendonça*

Academicos desaparecidos — *Ulisses Cuiabano*

A Revista da Academia — *Virgilio Corrêa Filho*

Festas na Academia — *Otávio Cunha*

Sessão solêne de posse do acadêmico — *Luis-Philippe Pereira Leite:*

Palavras de abertura — pelo *Presidente Mesquita*

O discurso do recipiendário — *Luis-Philippe P. Leite*

Palavras de recepção — *D. Aquino Corrêa*

Roteiro da Felicidade — Sonetos — *José de Mesquita*

Pensamento amando — poesia — *Otávio Cunha*

Canção da tarde e da noite — A Mangueira — *Rosário Congro*

Medalhas antigas — *Oscarino Ramos*

Folhas de caderno — *A. Cesário Neto*

Lingua e nacionalidade — *Nilo Póvoas*

As festas jubilares da Academia

O Sarau oferecido pelo Grêmio J. Lopes :

Discurso da oradora oficial — *Evandita V. de Barros*

Discurso de agradecimento — *Rubens de Mendonça*

A Romaria da Saudade

Discurso do academico — *Francisco Mendes*

Sessão solêne de posse dos academicos — *D. Ana Luisa Prado Bastos e F. Bianco Filho*

O Discurso do Interventor — *Marcelo Moreira*

As festas do dia 7:

Alocução na Missa de ação de graças — *D. Aquino Corrêa*

A Pátria e a Academia — palavras do *Presidente Mesquita*

Discurso oficial pelo 1º. Secretário *Philogonio Corrêa*

Discurso em nome do I. Historico — *Gervasio Leite*

Na F. A. L. B.

Discurso do Delegado da A. M. L. — *Cesário Prado.*

APRESENTAÇÃO

POR

D. AQUINO CORRÊA

da Academia Brasileira

Presidente de Honra da A. M. de Letras



TIVE a satisfação de lêr a buena-dicha à nascente Academia Matogrossense de Letras, quando era apenas um Centro; e hoje, decorridos vinte e cinco anos, bem folgaria de entoar o carne das suas Bodas de Prata.

Mas êste canto não podia reduzir-se a um solo; fôra muito pouco. — Impunha-se um coral magnífico. D'aquí a idéia do presente número especial da Revista acadêmica. E' um orfeão grandioso de vozes autorizadas, a celebrarem os fastos brilhantes da Academia, ao longo dêsse vitorioso quartel de século.

Ou, por outra, aquí está a poliantéria do jubileu, que é, de acôrdo com a etimologia, uma braçada de flores, desde as rosas fidalgas dos jardins, até às boninas mais simples do campo, que a mim coube transformar em singelo, mas expressivo ramilhete, para oferecer à Academia.

Não possuindo os dotes artísticos da famosa ramalheira Glicera, não tentarei sequer dar realce às corolas, pela combinação ou contraste dos matizes, senão que me limitarei a enastrá-las em larga e clara fita, onde bordarei simplesmente estas duas únicas palavras: Palmas e votos!

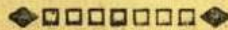
Palmas à Academia, por essa etapa vencida, que foi bem uma via-sacra de lutas, mas também a via-sacra dos triunfos, que conduzem ao Capitólio! Palmas ao seu emérito Pre-

sidente, que foi o generalíssimo e a alma dinâmica de todas as vitórias! Palmas aos acadêmicos fiéis ao nobre e edificante programa da Academia, que outro não é, senão tornar amáveis pela beleza literária, os ideais, que engrandecem e sublimam o caráter dos povos.

Votos, enfim, e muitos votos a Deus, que proteja sempre mais a Academia, e faça com que, terminada agora por entre festas, a sua idade de prata, penetre galhardamente na de ouro, maravilhosa e fecunda, como aquela decantada por Virgílio, na célebre égloga quarta, de cujos versos me servirei, para cerrar esta página de apresentação, repetindo com o poeta: quem me dera tão longa vida, que em sua última quadra, me sobrasse ainda alento, para dizer os feitos da Academia!

O mihi tam longae manea pars ultima vitae,
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta!

(Ecl, IV, 53-54)



A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

SUA ATUAÇÃO EM UM QUARTO DE SÉCULO

JOSÉ DE MESQUITA

(Presidente da A. M. L.)



NO dia 17 de maio de 1921, uma 3.^a feira, nos reunimos, Lamartine Ferreira Mendes, João Barbosa de Faria e eu, e assentamos a fundação de uma sociedade literária, que tomaria o singelo nome de *Centro Matogrossense de Letras* e composta de vinte e quatro sócios, dos quais doze fundadores, que escolheriam os demais. Essa reunião se efetuou à noite, em nossa casa, à rua 13 de Junho, sendo, no dia seguinte, distribuída aos outros nove companheiros da jornada inicial, a seguinte carta, pelos tres subscrita e datada daquêla dia:

«Exmo. Snr — Temos a honra de convidar a V. Excia. para uma reunião que terá logar no dia 22 do corrente (domingo), às 9 horas da manhã, no Salão nobre do Palácio da Instrução, afim de se assentarem as bases da fundação de um Centro de Letras nesta Capital. Certo do seu comparecimento, como elemento representativo que é da inteletualidade patrícia, antecipadamente lhe apresentamos os nossos agradecimentos.»

No dia e hora emprazados, fundava-se o Centro' presentes todos os promotores e convidados, menos o Bispo D. Aquino, então Presidente do Estado, que subscreveu a ata, concorde com as deliberações. Os fundadores, alem dos tres signatários do convite, fôram: — D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgilio Corrêa

Filho, Miguel Melo, Philogonio Corrêa, Cesário Prado, Carlos Borralho e Franklin Cassiano.

Por escôlha dos doze primeiros, a seguirem-se: — Ana Luiza Prado, Antonio Fernandes, Augusto Cavalcanti, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, José Magno da Silva Pereira, José Raul Viilá, Leovegildo de Melo, Manoel Pais de Oliveira, Manoel Xavier Pais Barreto, Otávio Cunha, Palmiro Pimenta e Ulisses Cuiabano.

Escolhida a diretoria provisória, depois tornada definitiva e aprovados os Estatutos, instalou-se o Centro, em sessão solene, a 7 de setembro do mesmo ano, presidida pelo Chefe do Estado e Presidente de honra do Centro, D. Aquino Corrêa. A sua primeira diretoria foi constituída dos seguintes nomes — Presidente — José de Mesquita, Vice—Virgilio Corrêa Filho, 1.º Secretário—Philogonio Corrêa, 2.º — Lamartine Mendes e Tesoureira—Ana Luiza Prado. Dêstes fôram substituidos os que transferiram sua residênciã para fóra da séde, V. Corrêa Filho, por Palmiro Pimenta, Lamartine por Francisco Mendes e Ana Luisa por João Cunha, Franklin Cassiano e Isác Povoas, em virtude dos falecimento dos primeiros.

—o—

A 7 de setembro de 1932, ao comemorar o seu 11.º aniversário, o Centro se transformou, por deliberação tomada em assembléa geral de 15 de agosto anterior, em Academia Matogrossense de Letras, cujos Estatutos, aprovados a 22 de abril do ano seguinte, declararam ser a Academia o o mesmo Centro, «ao qual ela substituiu, sucede e continua, conservando a mesma séde e a mesma finalidade.»

O numero de membros efetivos da Academia permaneceu o mesmo do Centro, até 1940, quando em virtude da reforma dos Estatutos, para harmoniza-los com os da Fede-

ração das Academias de Letras do Brasil, a que se filiara, foi elevado a 30. Os novos Estatutos, votados a 28 de agosto de dêsse ano, foram alterados, em 1944, para a elevação a 40 do número de academicos efetivos, fixando-se em 50 o dos correspondentes.

—o—

Nos 25 anos de sua atuação a prol da cultura matogrossense, a Academia tem conseguido levar a cabo importantes realizações, que em rápido escorso, sintetizaremos

- a publicação regular da *Revista*, de que já circularam os tomos I a XXII (do Centro), correspondentes aos anos 1922 a 1932, e I a XXVI (da Academia), dos anos 1933 a 1945;
- a realização de uma série de conferências de estudos de patronos, constituindo valiosa e vultosa contribuição para a História literária de Matogrosso;
- a criação, em sua séde, de uma Biblioteca, que já atinge a mais de 2.000 volumes, franqueada à leitura publica;
- a promoção de festas civicas, horas literárias, para leitura de trabalhos originais, concertos, declamação, exposições de pintura e de cultura (imprensa e bibliografia);
- o intercâmbio cultural com outras sociedades, através dos membros correspondentes e da permuta de publicações, inclusive a representação nos Congressos das Academias de 1936 e 1938 e a delegação permanente que mantem junto á F. A. L. B;
- a incentivação da bibliografia matogrossense, grandemente avolumada nestes 25 anos, com uma percentagem sensível de obras dos Membros da Academia;
- a fundação da sede social, em prédio próprio, doa-

do pelo Estado, com a construção de amplo salão de festas e conferências, um dos melhores de Cuiabá.

—o—

A par dessas realizações, acham encaminhadas, prestes a se objetivarem, como números da sua comemoração jubilar :

- a construção de uma sala independente para biblioteca e gabinete de leitura;
- a criação de sub-seções municipais da A. M. L., nas sedes nas comunas mais importantes;
- a publicação da série *Estante Matogrossense*, destinada à divulgação de obras de patronos e acadêmicos; do *Anuário Jubilar da Academia*; além do numero especial da «Revista» — comemorativo dos 25 anos da Academia.


—o—

Essa, em ligeira síntese, para arquivo nas páginas especiais da Revista jubilar, a atuação da Academia Matogrossense, de Letras através dos seus primeiros vinte e cinco anos.

Que Deus lhe propicie, de futuro, o mesmo ambiente sadio de compreensão e o mesmo amparo por parte do nosso Governo e do nosso povo — de modo a poder prosseguir, na nova fase que se abre, no seu programa cultural, a bem da grandeza de nossa terra e do bom nome de nossa gente.

Cuiabá, 7. 9. 46.

A CASA DE MELGAÇO



ESTEVÃO DE MENDONÇA

(fundador e ocupante da cadeira Barão de Melgaço)



EM rigôr foi D. Aquino Corrêa, então presidente do Estado, o fundador do nosso Instituto Histórico, assim como a Academia Mato-grossense de Letras nasceu da iniciativa de José de Mesquita.

Sem o amparo de ambos, teriam as duas sociedades fracassado, como fracassaram antes o Gremio Literario Visconde de Taunay e a Internacional de Estudos Cientificos.

O Instituto teve solêne instalação, no Palacio da Instrução, a 8 de Abril do 1919, e o Centro de Letras (denominação primitiva da Academia), a 7 de Setembro de 1921 e no mesmo local.

Por donativos de varias fontes, já o acêrvo das duas sociedades era alentado e ocupava uma das salas da Diretoria da Instrução, à praça Ipiranga. A 14 de janeiro de 1926 o presidente do Estado, Dr. Estevão Alves Corrêa, deferindo um apelo coletivo, havia decretado a desapropriação do prédio nº 46, á rua Barão de Melgaço, para a séde definitiva do Instituto Histórico.

Oito dias após assumia o governo do Estado o Dr. Mario Corrêa da Costa, presidente eleito. Foi necessaria a presença da proprietária, D. Catarina Leverger Corrêa, neta de Leverger, para haver o seu pagamento, "deduzidos os impostos em atrazo".

Fugindo à finalidade da desapropriação — «manter o mesmo espírito de inteletualidade quando ali viveu e faleceu o Barão de Melgaço,» — o empossado presidente fez descer a picareta sôbre as paredes, numa apressada adaptação com destino às duas Secretarias de Estado.

E' de admitir que o Instituto e o Centro de Letras não eram do seu agrado, quando ordenou o despejo da sala que as duas sociedades ocupavam na Diretoria da Instrução. A cidade assistiu então a passagem, de qualquer modo, do acêrvo existente, rumo ao Seminário Arquiepiscopal, onde D. Aquino prazenteiramente lhe deu abrigo.

A «Casa Barão de Melgaço» saio da tela. Como reparação o Dr. Annibal de Toledo, em 1930, com prévio assentimento da Assembléa, indicou o prédio da Agua e Luz para a séde do Instituto. Eu, José de Mesquita e Virgilio Corrêa Filho não nos interessámos pela troca, tão fóra dos nossos propósitos.

Assim, à maneira da Loteria Federal, estávamos cren-tes que o nosso dia chegaria. E chegou. A 23 de Novembro de 1930, centenário da entrada de Leverger à terra cuiabana, que ele tanto amou e serviu, o Coronel Antonino Mena Gonçalves, interventor federal, assinou em uma das salas do edificio o Decreto n^o 1, referendado por Virgilio Alves Corrêa Filho, seu secretario geral, fazendo solene entrega da "Casa Barão de Melgaço" aos seus titulares de propriedade.

Acontecimento de vulto, aqui fica registrado.

A ACADEMIA E A CULTURA

FRANCISCO A. FERREIRA MENDES



ACADEMIA E A CULTURA

Ao festejar a Academia Matogrossense de Letras o seu 25º aniversário de fundação, cometeu-nos a Comissão Central incumbida da organização das solenidades comemorativas do fautozo evento, a missão de uma Tése sôbre o título acima.

Grande a responsabilidade e delicado o encargo.

A finalidade das Academias é a cultura da lingua e da literatura nacional, através dos processos de publicidade do pensamento humano, com a palavra falada ou escrita, na imprensa ou na tribuna, encarados na belesa exterior da forma e no conceito moral da sua inspiração.

Isto mesmo se entende quanto ao significado que dá ao termo o étimo grego ACADEMIA—«lugar ou escola onde se ensinam ciências ou artes.»

Como ciências e artes se compreende a literatura, que já em si, é uma arte, dirétamente ligada a ciência. Não pode pois, haver cultura, sem literatura, isto é, ciência e arte.

Aí toda a delicadesa e responsabilidade da incumbência que recebemos para êste trabalho com que comemorar as bodas de prata de sodalicio matogrossense.

«A literatura de um povo depende da situação geográfica do país, do seu clima, da formação étnica da sua população, das vicissitudes da sua evolução histórica, do caráter nacional, dos usos e costumes» em suma das influências «que operam sôbre as literaturas» como as resumiu Taine «na sua formosa teoria da raça, do meio e do momento.»

Abrange pois, o assunto, um plano de extensão que não comporta nos limites de uma síntese.

A cultura, no seu mais elevado sentido, que é o que aqui empregamos, se entende relacionada a todas as artes da ciência aplicada ao espírito e á inteligência, no esmero do bello que é o estilo, da pureza do pensamento, que é a alma da linguagem

Nosso trabalho, tomando-se a extensão do termo proposto, seria o de crítica, em que se confrontassem os trabalhos dos nossos homens de letras, do passado e dos tempos coevos, num confronto de épocas, num estudo comparativo do evoluer da sociedade no meio e no tempo, numa acurada observação do que é nosso, brasileiroamente nosso.

Não daremos pois, ao estudo em que nos empenhamos, a extensão que tem o significado do título do trabalho, contentando-nos com o meio matogrossense, que afinal, é a Pátria em miniatura, nas epopéias das conquistas do sertão, nos feitos patrióticos, em cuja história palpitam páginas gloriosas, que enaltecem e ufanam a nacionalidade, estudando a nossa raça, as nossas lendas, através dos numes que glorificam as galerias do silogeu da ciência e da cultura matogrossense, revivendo-lhes a vida nas obras dos que pontificaram e dos que ainda pontificam com as cintilações do seu estro e da sua cultura na arena das letras pátrias, engrandecendo a terra e perpetuando-a no tempo com os seus fastos, a sua tradição, seus hábitos e costumes tão simples e profundamente respeitáveis

Como afirmamos em Tése apresentada ao Ministério da Educação, em 1940 sob o título CULTURA MATOGROSSENSE-- não empreenderemos neste trabalho um estudo crítico do movimento literário matogrossense, que sabemos iniciado logo após a fundação de Cuiadá, com as produções de Barbosa de Sá, cronista, espírito combativo, cujos trabalhos de valor são fontes preciosas para os que se dedicam ao estudo do desenvolvimento de Mato-Grosso. Constituiria trabalho exaustivo o estudo da literatura matogrossense se nos propuzessemos ao histórico dos seus reais valores, citando nomes aureolados dos mais renomados cultores das letras e das ciências, desde os primordios da sua vida política até o advento da obra gigantesca do General Candido Mariano da Silva Rondon, o sertanista intrépido, realizador da maior obra social que revelou ao mundo o valor do povo brasileiro, através das inumeras produções científicas, conferências e monografias sôbre assuntos antropologicos, botânicos, geológicos, etnográficos e geográficos, acervo brilhante que enriquece o patrimônio nacional.

E a cultura matogrossense se destaca em todas as faces em que se encare a polimorfa manifestação do génio e do talento

humano, em todos os gêneros da literatura e da arte, com as produções poéticas dos seus vates, eloquência arrebatadora dos seus oradores sacros e profanos, inspirações magníficas de sublimes paisagistas e decoradores de que são atestados eloquentes os painéis hieráticos, que ornamentam os templos religiosos, perpetuando a tradição genial de grandes mestres da arte sutil e delicada do pensamento humano. Mas, a própria história da vida político-social de Mato-Grosso, perpetuada nos arquivos esparsos existentes no Estado, e nos elementos proporcionados pelo Arquivo Nacional, evidencia a saciedade as épocas de agitações e lutas internas que profundamente abalaram a sua vida econômica e administrativa em diversos períodos, alguns dos quais marcantes de impressionantes características de natureza psicológica, que encheriam páginas confrangedoras pela completa falha de realizações e empreendimentos que revelem a continuidade das ações humanas na sua manifestação de cultura em nossa terra.

Entretanto, o labor matogrossense se acentuava gradativamente incrementando a cultura da mocidade, acompanhando o evoluer da sociedade civilizada, em todos os ramos do saber, como testemunha o seu fasto literário, com a criação de centros culturais destinados ao incentivo das artes e das letras, com o cultivo da inteligência.

A 1.º de janeiro de 1919, instalava-se solenemente o Instituto Histórico e Geográfico de Mato-Grosso, instituição brilhante que, estimulando os estudos, perpetua com a publicação da sua Revista, os monumentos históricos do passado, seguindo-se-lhe em 1922 o Centro Matogrossense de Letras reconhecido de utilidade pública e filiado á Confederação das Academias de Letras do Brasil.

Um dos fatos de maior relêvo da vida social que de certo modo evidencia o valor intelectual matogrossense, é sem dúvida a obra jornalística que, incontestavelmente, representa maior esforço e revela a mais alta compreensão da cultura do seu povo.

O que foi e o que é a imprensa matogrossense, seria historiar um longo passado entremeado de duros revezes e de contrangimentos porque, a imprensa em Mato-Grosso, como em todo o Brasil, na sua missão a serviço da ciência, das letras, da arte, da religião, da educação e da política se viu muitas vezes compelida no terreno da polêmica esteril, a se transformar em azorrague nas mãos de iconoclastas, para destruir em vês de erigir, abastardar em vês de honrar, aviltar ao envês de enaltecer tantas obras de benemerência que orgulham e desvanecem.

Felizmente, êsse vendaval teve o fim das tempestades, passou para não mais voltar.

A imprensa matogrossense, renovada hoje com a reabilitação dos costumes implantada no Estado, prossegue na sua missão social de educar, orientar e incrementar o progresso nacional.

—Por ocasião da fundação do Centro de Letras, compunha-se a galeria dos patronos de vinte e quatro nomes. A seguir, elevou-se este número para trinta e, depois, a quarenta, visando uma unidade sistemática no gênero, de acôrdo com a Academia Brasileira de Letras, como estabeleceu a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Obedecendo pois, á ordem numéricas das cadeiras, estudaremos a vida e a obra dos patronos, valendo-nos dos trabalhos dos confrades ocupantes das mesmas no areopago da cultura matogrossense, e da bibliografia ao nosso alcance, a começar por José Barbosa de Sá, o primeiro cronista cuiabano, patrono da primeira cadeira, cujos ocupantes foram, primeiramente, Manoel Pais de Oliveira, depois, Leonidas Antero de Matos, e, presentemente, Benjamin Duarte Monteiro. É este trabalho uma Antologia Acadêmica, um Florilegio, porque os trêchos escolhidos, que a seguir estampamos, constituem uma coleção de flores colhidas no Jardim do Academus Matogrossense, cujo variado matiz e beleza de forma, retratam bem a nossa terra e a nossa gente, sempre afeita a engrandecer a Pátria, lutando contra as agruras das épocas, sem nunca esmorecer, tendo por fanal a fé no futuro promissor, que um dia dealbará para Mato-Grosso na sua pujança e na grandiosidade que sonhamos e almejamos.

CADEIRA Nº 1 — JOSÉ BARBOZA DE SÁ — Ocupantes, primeiro, Manoel Pais de Oliveira. Substituiu-o, Leonidas Antero de Matos. Por falecimento d'este, foi eleito Benjamin Duarte Monteiro.

Interessante é o assinalarmos de logo, o ponto de afinidade existente entre o patrono e os academicos ocupantes, em relação á carreira profissional de todos,—advogados conceituados e jornalistas. Barboza de Sá chegando á cidade de Cuiabá, pouco após a sua fundação, exerceu nesta localidade sua atividade de advogado, "identificando-se inteiramente com o meio, combatendo os abusos das autoridades de que se tornou inflexível censor", deixando-nos trabalhos de leitura atraente pelo "estilo simples, de raro em raro maculado por laivos de gongorismo" como se verifica na sua **RELAÇÃO DAS POVOAÇÕES DE CUIABÁ E MATO-GROSSO DE SEUS PRINCÍPIOS ATÉ OS PRESENTES TEMPOS.**"

—Dos trabalhos dos ocupantes destacamos, do discurso de

posse do saudoso acadêmico Leonidas Antéro de Matos que, estudando a obra de Barboza de Sá, posto que em rápida síntese, assim se expressou:—«Podemos afirmar com razão, que as letras ainda constituem o índice das atividades vitais de um povo, e que a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.

Aí estão para compravar o asserto de nossa afirmativa a vida e a obra de um homem de letras, ligadas indissolúvelmente á própria história da terra natal, ao esplendor ou ao infurtunio de seus fundadores, ás suas provações ou ás suas glórias, num ciclo remoto, mas sobretudo épico de sua existência e no qual resplende, em toda a sua plenitude, a energia indomita da raça.

Quero referir-me a José Barboza de Sá, mui justamente cognominado o primeiro cronista cuiabano e patrono da cadeira n.º 1 do Centro Matogrossense de Letras a qual hoje tenho a honra imerecida de ocupar.

Através da sua obra paciente é que podemos reconstituir todo um período da agitada fundação da terra Cuiabana, recompondo os cenários rudes e por vezes avassalantes dentro dos quais se agitaram, sonharam e sofreram os nossos maiores.

Culminava a fase épica das conquistas.

«Bruta a pátria, no berço, entre selvas dormida, no virginal pudor das primitivas eras, mal compreendendo o anseio do mundo por nascer que trazia no seio» como cantava a musa harmoniosa de Bilac, oferecia as primicias de sua virgindade aos violadores de sertões, que iam á cata do oiro e dos indios.

Enquanto a raça audaz e forte fundava povoações, fazia germinar as colheitas e se entregava, quase que exclusivamente, á dura faina da mineração, aquí e alí raríssimos davam se ao trabalho paciente de registrar os acontecimentos que se sucediam, legando á posteridade com os seus manuscritos um atestado, ligeiro siquer, da relativa cultura intelectual da época.

Entre êstes sem duvida, avulta aos olhos de quem se preocupa com as letras matogrossenses, o licenciado José Barboza de Sá, de cujo lugar de nascimento eu não conheço referência alguma, mas que aportando a Cuiabá, logo após a sua fundação e onde exerceu a advocacia, registrou em crônicas de estilo não, porêm atraente, as sucessivas etapas de sua crescente civilização até 1776.

Entre as suas obras se contam: os Anais do Senado e da Câmara até o ano de 1765; relatório sôbre as missões hespanholas no vale do Guaporé (data de 1745); uma relação das povoações de

Cuiabá e Mato-Grosso, desde os seus princípios até os tempos presentes (datada de 1775); dialogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais, escritos nesta vila real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá—1769.

A obra de Barboza, portanto, não pode deixar de espelhar uma fase da evolução de nosso povo e daí com razão afirmar, V. Correia Filho, ser na mesma que devem abeberar-se todos aqueles que pretendem estudar o desenvolvimento de Mato-Grosso em sua primeira fase, acentuando ainda não ter sido de pequena monta a ação de Barboza de Sá entre os seus contemporâneos, dos quais haveria de extremar-se pela sua maior cultura e boas letras.»

CADEIRA N.º 2 — JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA—
Ocupante, Gervásio Leite.

Foi Joaquim da Costa Siqueira, o sucessor, por assim dizer de Barboza de Sá, quando em 1816 escreveu «O seu COMPÊN-DIO HISTÓRICO CRONOLÓGICO DAS NOTÍCIAS DE CUIABÁ».

Como bem assevera V. Correia Filho, «não possuindo os mesmos dotes literários de Barboza de Sá, Costa Siqueira não se lhe compara também no desempenho da crítica aos poderosos, de quem teria sido, por vezes nímio louvador.

Tendo militado ativamente na política local, nem sempre se mostrou imparcial na apreciação dos homens e fatos que descreve.»

Da sua vida e da sua obra, entretando, dá-nos conta Gervasio Leite no seu brilhante elogio do patrono, ao empossar-se na Academia Matogrossense de Letras, sob o título.

NUME ESPIRITUAL

“ Senrs. Acadêmicos.

Venho em vossa companhia ocupar a cadeira n.º 2 sob o alto patrocínio de Joaquim da Costa Siqueira, cronista da Cuiabá colonial, velho paulista companheiro daqueles outros que alargaram as terras do Brasil e que em cada canto deixou uma centelha magnífica de fé, de patriotismo e de continuidade que constitue nossa tradição duradoura e excelente.

Fascinante figura de nossa hitória este Joaquim da Costa Siqueira, o segundo cronista cuiabano, continuador da crônica de Barboza

de Sá e onde os contemporâneos rastream a história da cidade natal.

De ilustre família piratiningana, descendente dos Maciéis, com 23 anos êsse inquieto planaltino que

era um deus vagabundo
a cujos pés todas as léguas
viram caminhos

largou a família, um filho pequeno e partiu em monção para a fantástica Cuiabá, Méca do ouro no século XVIII e onde, em um mês, segundo imaginosos autores se tirou perto de quatrocentas arrobas de ouro, o que significa em linguagem contemporânea, seis mil quilos do precioso metal... incrível se consideramos que a mina ao tempo devia contar com dois mil homens apenas, cada um com uma produção mensal de três quilos de ouro, absurdo que não se imagina nem se verifica, ainda hoje nas modernas minas que dispõe dos mais avançados recursos técnicos.

Pois, para o garimpo lendário, onde as pedras dos fogões eram de ouro e os garotos divertiam-se com ouro, viajou Costa Siqueira talvez animado pela miragem da California e disposto a conquistar riqueza e poderio para sua família, gente nobre, de pura linhagem mas, pobre porque a pobreza foi a condição econômica de Piratininga nos primeiros séculos de sua história.

Varou o sertão cheio já dos ruidos bandeirantes e depois de vencer as quinhentas e trinta léguas que separavam S. Paulo da Vila Real do Senhor Bom Jesús do Cuiabá, por certo cedo se instruiu da realidade sempre pronta em amputar os surtos da imaginação.

Vemo-lo aqui, no meio da vila colonial florescente, que lutava para sobreviver, vereador em 1786, com 46 anos de idade, estimado e acatado de quem o juiz Ordonhes dizia ser "o mais capaz desta vila... pelas luzes, critério e conhecida probidade." A sua contribuição ao conhecimento da história da Vila Real do Senhor Bom Jesús do Cuiabá, esplende no "COMPÊNDIO HISTÓRICO CRONOLÓGICO das notícias de Cuiabá, repartição da Capitania de Cuiabá", "preciosa fonte" no autorizado entender de José de Mesquita, onde se vão abeberar os curiosos do nosso passado.

Nas "Crônicas de Cuiabá, organizado" por ordem da Rainha Nossa Senhora" (d. Maria I.^a) Costa Siqueira retoma os anais de Barboza de Sá, interrompido desde 1765 quando o primeiro cronista e o primeiro advogado que foi dos auditorios desta vila", daqui retirou no ano aludido. O trabalho de Costa Siqueira é estimável se se levar em linha de conta que, nosso patrono não fez, corrigindo e acrescentando a obra de Barboza de Sá, como continuando-a por 41 anos.

O trabalho de Costa Siqueira que está publicado no volume 4.^o da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de S. Paulo, com anotações de Toledo Piza, traça para a posteridade a sagacidade das monções. Lá esta pormenorizadamente toda a história da cidade que Sutil plantou um dia no sopé do Rosário, dos seus homens, de suas grandezas e misérias, de seus instantes heroicos e sombrios, com detalhes de toda a ordem.

Na linguagem empolada e solene do tempo, erigida de termos hirsutos e de adjetivos que soam como palavras de magia aos ouvidos dos contemporâneos, Costa Siqueira revela-se um espírito de eleição, especie de flôr exótica perdida na lavra, onde a vida é de uma bruteza incrível, em lutas ásperas e continuas, contra a terra, o selvagem e as doenças.

Aquí viveu cincoenta e oito anos, ocupando postos de relêvo na administração da provincia, merecedor da confiança do povo, vereador acatado proprietário abastado e, sobretudo dono da mais sortida bibliotéca do tempo — os dois ar. áros de livros que pertenceram a Joseph Barbosa de Sá. Espirito de eleição, compondo a crônica numa prosa desembaraçada de quem convivia com as boas letras, Costa Siqueira é de significativa minúcia. Anota laboriosamente os fatos em torno dos quais traça comentários, algumas vezes ásperos em torno de fatos e homens da época.”

CADEIRA N.^o 3 — RICARDO FRANCO DE ALMEIDA
SERRA — Ocupante, Miguel Carmo de
Oliveira Mélo.

Nasceu Ricardo Franco de Almeida Serra em 1748 e faleceu em 1809.

Vindo a Mato-Grosso em 1782, aos 34 anos de idade, dedicou-se ao estudo da situação geográfica da capitania, pesquisando-lhe as riquezas, distinguindo se na defesa do Forte de Coimbra.

Narra a história matogrossense que, nos princípios do século XIX, D. Lazaro de Ribera, governador de Assunção, tentara estender para os sertões matogrossenses, a conflagração que ensanguentava a Europa, ateadá pelo gênio conquistador de Napoleão, aproximando-se do Forte de Coimbra, sob o comando do intrépido Ricardo Franco de Almeida Serra.

D. Lazaro, á vista do pequeno reduto “e após tentar vãmente dominá-lo, com o fogo da sua esquadilha, afronta o brio português, com o seguinte ultimatum:

“Ayer a la tarde tube el honor de contestar al fuego que V. S. me hizo, y abiendo reconocido e

aquellas circunstancias que las fuerzas con que inmediatamente voy a atacar ese Fuerte son muy superiores á las de V. S., no puedo dejar de hacer ver en esto momento que los vasallos de S. M. Catholica saben respetar las leys de la humanidad, aun en medio de la misma guerra. Portanto yo requiero a V. S. se rienda prontamente a las armas del Rey mi amo, pues de lo contrario el cañon y la espada decidiran la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá livre V. S. conviene con mi proposta, contestando-me categoricamente en el termino dê una hora.

A bordo de la sumaca NUESTRA SEÑORA DEL CARMEN, 17 Septiembre de 1801. De V. S. su atento e reberente servidor, Lazaro de Ribera.

Señor comandante del fuerte de Coimbra”.

Retruca-lhe incontinentemente Ricardo Franco neste gesto “á Bayard”, como mui significativamente o qualificou V. Correia Filho:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Tenho a honra de responder categoricamente a V. Ex. que a desigualdade de forças sempre foi estímulo que animou os portuguezes por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e a defendê-los até as duas extremidades, ou de repelir o inimigo, ou de sepultarem-se debaixo das ruinas dos fortes que se lhes confiaram; e nesta resolução se acham todos os defensores dêste presidio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Ex., a quem Deus Guarde muitos anos. Coimbra, 17 de Setembro de 1801. — (a) Ricardo Franco de Almeida Serra.

Ilmo. Snr. D. Lazaro de Ribera”.

Ocupou Ricardo Franco, accidentalmente, o govêrno da provincia.

Militar, estrategista de valor, destaca-se entretanto, pela sua obra literária, entrevista na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tais o EXTRATO DA DESCRIÇÃO DA PROVINCIA DE MATO-GROSSO, REFLEXÕES SÔBRE A PROVINCIA

DE MATO GROSSO, MEMÓRIA SOBRE OS INDIOS GUAICURÚS, NAVEGAÇÃO DO TAPAJÓS PARA O PARÁ, e outras.

Dêle nos diz V. Correia Filho: — “Tendo vivido os seus ultimos vinte anos em Mato Grosso, de cuja história geográfica se tornou o mais autorizado sabedor, logrou direito a figurar-lhe entre os fatores da sua evolução intelectual, apesar da maneira desgraciosa dos seus escritos que mais visavam impressionar pela substância mesmas das exátas informações aí contidas, do que pelo brilho da forma que lhes falecia.”

Fazendo parte da Comissão Demarcadora dos limites entre Mato Grosso e o Grão Pará, em 1782, em companhia do General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres, a 26 de Junho chegou ás cordilheiras do Grão Pará, executando o levantamento dos pontos principais.

Faleceu Ricardo Franco a 21 de Janeiro de 1809, no Forte de Coimbra, de que era comandante.

Assinala o autor de AS DATAS MATOGROSSENSES; — “profissional distinto, trabalhador e competente, realizou diversas e importantes explorações geográficas, entre ellas a do rio Juruena desde as suas mais remotas nascentes. Tambem efetivou outros estudos da mesma natureza, relativamente aos rios Guaporé, Paraguai, bem como sobre o planalto Parecís.

Na administração do governador Caitano Pinto de Miranda Montenegro em 1797, foi encarregado de reconstruir o Forte de Coimbra; tendo porém demonstrado a inutilidadê de tal obra, opinando pela edificação integral de outra fortaleza, adotou aquelle capitão-general êsse alvitre, e o incumbiu da respectiva execução.”

Seus restos mortais foram transportados em canôa para Vila-Béla, onde chegaram a 24 de agosto de 1810, sendo sepultados na Capéla de Santo Antônio dos Militares, e sôbre seu tumulo foram gravadas as seguintes inscrições:

R. F. A. S.

Cel. do R. C. de E.

Que gloriosamente defendeu Coimbra

Em 1801

& no mesmo lugar faleceu

Em 21 de Janeiro de 1809

Aqui jaz sepultado.

CADEIRA N.º 4—MANOEL JOAQUIM DE SIQUEIRA, (Pe.)

Ocupante D. Francisco de Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabé, membro efetivo da Academia Brasileira de Letras e presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras.

Quem foi Manoel Joaquim de Siqueira? Responde-nos D. Aquino Correia no seu aurífero elogio do patrono;

“era um sacerdote, que se ausentara da capitania, e seu regresso se assinalava, como fato notavel nos anais de Mato Grosso.”

Cuiabano de nascimento, muito pobre, pode-se dizer de Manoel Joaquim de Siqueira, que não arrimou á árvore de espécie alguma para galgar o apice da glória com que se elevou e a sua terra, distinguindo-se tanto nos estudos a que se dedicara na Botânica, que lhe valeu o prêmio de ser admitido como sócio da Academia Real das Ciências de Lisbôa, sendo o unico matogrossense a desfrutar tão alta honra, com o ser dos poucos brasileiros déla investidos.

Sigamos D. Aquino Correia no seu estílo fulgurante sôbre a vida do Pe. Manoel Joaquim de Siqueira.

—”Era em principios da sêca de 1800, no mês das monções,
ao findar das chuvas, quase á entrada
Do outono, quando a terra em sêde requeimada,
Bebera longamente as águas da estação,

e o Pe. Siqueira cavalgava pela primeira vez em missão oficial e científica, as íngremes escarpas da Serra da Chapada.

Serra de Chapada! quem poderia dizer as emoções, com que terá galgado as tuas bocainas históricas e pitorescas, a alma pensadora do sacerdote naturalista!

Serra de Chapada! imponente maciço milenário, que resistindo heroicamente à erosão implacavel das águas e dos séculos, ergues-te hoje nos horizontes de Cuiabá, como o eterno monumento azul da sua pre-história silenciosa!

Serra da Chapada! de cujos flancos uberes, saltam as cristalinas fontes do vale cuiabano, o predestinado cenário de tantos dramas inéditos das bandeiras e das minas!

Serra da Chapada! das tuas rechãs floridas é que também o Coxipó Mirim, o bello rio dos bandeirantes, espadana do alto os seus cristais, desfeitos em tlócos de imenso véo de noiva, cantando eternamente o noivado virginal do sól com a terra sempre em flôr da nossa Pátria!

Serra da Chapada! seguindo de arrepio éssa corrente, foi que os sertanistas, um dia descobriram no céu do oriente, a domi-

nar a amplidão desde o ceruleo morro da Canastra, crismado mais tarde, por êles mesmos, com o religioso nome de S. Jeronino!

Serra da Chapada! da planura deserta, por onde serpeia a teus pés o fértil Aricázinho, olhos fitos em teu vulto magestoso, é que Pires de Campos sonhava, para além dos teus chapadões, a encantada serra dos Martírios onde com êle brincara em criança, ia já por tantos anos, o seu legendário coléga o Anhanguera!

Serra da Chapada! Chapada dos Guimarães! no teu doce araxá, nêsse miradouro do céu e do infinito, consoante a linda etimologia indigena, tu nos deparas ainda a tapéra evocativa da Aldeia Velha, onde pairam as sombras apóstolicas dos padres Estevam de Castro e Agostinho Lourenço, os Jesuitas missionários, tanto mais veneraveis, quanta mais impeidosa foi a rajada pombalina que lhes varreu a futura redução!

Serra da Chapada! mas eis que em tua história, culmina hoje para nós a figura inconfundivel do presbitero cientista, que passou herborizando por tua rica flóra, desde as campinas viçosas aos tabuleiros duros, onde as canéla-de-êma estrelejam, na expressão agressiva da secura e da esterilidade!

Serra da Chapada! e quem sabe quantas vezes, em teus incomparaveis belvederes, por éssas noites serenas em que o luar do planalto, em teus paredões se transtiguram em adarves colossais de castelos fantásticos com seus torreões e ameias, quem sabe, quantas vezes, o solitário sócio da Academia Real das Ciências, não terá evocado os estudiosos tempos de ultramar, o aconchego fraternal e honroso dos mestres, e estimulado sempre mais no desvendar as grandezas de Deus nos segredos da natureza, ter-se-á entregue ás lucubrações da ciência e da fé, muito mais nobres e santas que as de Eurico, o presbitero, nas solidões alpestres do Calpe!

Serra da Chapada! tu, por onde as quineiras formosas, rebrilham ao sol as lucidas frondes, tanto nos falam ainda do Pe. Siqueira que as descobriu e descreveu, tu serás sempre, o pedestal da glória do primeiro sábio matogrossense!"

Na belesa da página, sugestiva e simbolística, se consagra o nume que realça o panteon acadêmico e o fulgor da intelligência vibrante do sócio ocupante da cadeira paraninfada pelo Pe. Manoel Joaquim de Siqueira.

CADEIRA Nº 5 — ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES —
Ocupante, Arlindo de Andrade.

Nascido na Freguezia de Nossa Senhora do Rosário na comarca de Mariana, em Minas Gerais, capitão de fragata da armada real, doutor em matemáticas, foi também, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

De notavel saber, legou-nos não pequena bagagem de obras de valor, já pela erudição em que revelou profundo espirito e acurado estudo, já pelas preciosidades que encerra sôbre os assuntos de conhecimentos de Mato-Grosso, a que ligou seu nome tais o DIÁRIO DAS EXPLORAÇÕES DO RIO BRANCO e suas CABECEIRAS, na capitania do Pará, até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú; MEMÓRIA FÍSICO-GEOGRÁFICA das Lagôas Gaíva, Uberaba e Mandioré; DIÁRIO DA VIAGEM de reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados; DIÁRIO DA DILIGÊNCIA E RECONHECIMENTO do rio Verde; RELATÓRIO de uma parte do rio Paraguai e das Lagôas Uberaba e Gaíva; NOTÍCIAS da Lagôa Xaraiés.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 21 de abril de 1805.

CADEIRA Nº 6 — FRANCISCO JOSÉ LACERDA DE ALMEIDA
Ocupante, Cecilio Rocha.

Nascido em S. Paulo, donde veio para a capitania de Mato-Grosso, era formado em ciências matemáticas.

Chegou a Cuiabá em 1782, fazendo parte da terceira comissão de limites.

Foi incumbido do reconhecimento dos rios Taquarí, Coxim, Pardo e Tietê de que deu conta em interessantes Relatórios ou Diários de Viagem.

Faleceu na África, em 1802.

CADEIRA Nº 7 — JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES - Ocupantes.
primeiro, Manoel Xavier Pais Barreto. A seguir, Alcindo de Camargo. Mudando-se de domicílio, para fora do Estado, em virtude de disposição regimental, passaram os citados acadêmicos para o quadro dos sócios correspondentes, sendo eleita para ocupar a cadeira, que perlustra presentemente, D. Maria de Arruda Müller.

Nasceu o Conego José da Silva Guimarães na cidade de Cuiabá, nos primeiros anos do século passado e foi dos mais notáveis, senão o mais notavel dos homens do seu tempo.

Sacerdote e político, foi um carater na acepção do termo, tal a energia que o singularisava na serenidade da ação, valendo-lhe por isso, grande e invulgar prestígio.

Ponderado e conciliador, meticoloso e estudioso das coisas da terra a que prestou relevantes serviços na administração pú-

blica, como chefe de Estado, o Conego José da Silva Guimarães foi dos mais prestantes cidadãos do seu tempo, deixando à posteridade, exemplos dignos de serem imitados.

Entre os seus serviços a frente da administração da provincia vale destacado a criação de uma escola normal primária, a reorganização da tipografia provincial, além de outros de natureza geográfica, com que enriqueceu Mato-Grosso.

Dos ocupantes da cadeira no soligueu matogrossense, Alcindo de Camargo e D. Maria Müller, já lhe tributaram à memória, na magnitude da palavra falada e escrita, o tributo de veneração de que é merecedor, e, da sua obra, diz a eloquência do elogio com que Alcindo de Camargo lhe avivou a memória:

--“Assumiu o Conego Silva Guimarães o govêrno da provincia por duas vezes, temporariamente na qualidade de vice-presidente; fulgiu constelantemente entretanto, a ação eficaz do seu patriotismo acrisolado e a visualidade ampla do seu tino administrativo, na suprema direção dos negócios do Estado, para cujo exercício fôra nomeado por carta imperial de 30 de Julho de 1840, empessando-se na suprema magistratura a 29 de outubro do mesmo ano, consubstanciando a sua gestão de 26 meses e dias, uma série de modificações e creações de alcance social e político que enriqueceram o nosso patrimonio comum, sagrando-o á gratidão da posteridade matogrossense.

Culto e clarividente, todas as suas aspirações, preces de fé de um misto fervoroso da grandeza pátria, revelaram-se para melhoramento das condições públicas, concretizando os seus projéto sob um ponto de vista convincente, iluminados nas verdades morais e científicas que lhe exornavam a cerebração de um dos pontífices intellectuais do tempo.

As doutrinas que expõe, ou, pelo menos, os conceitos que esclarece, tem a concisão rija dos espíritos que se fizeram em cristais e agem sob a pressão de maturado estudo e indicadores de que, êle se encandilou nos melhores autores do século.

As idéias são luzes da vida; as do conego Guimarães, considerando-se o periodo histórico e a evolução espiritual, são como sóis veranicos que avançam os ante-manhãs enchendo a natureza de luz e azul: são avançadas, claras, liberais, que animam e fortalecem; de respeito á liberdade e á lei, ao povo e ao Império.

Os atos do indivíduo, relativamente á sua própria individualidade ou em relação á sociedade, são refléxos da concepção que êle abrange da finalidade universal.”

Difininindo-lhe o carater e a energia cívica assim retrata a personalidade do conego Guimarães, a pena de Alcindo de Camargo: “Mas inconcusso é o seu valor, e realçada se lhe torna a reputação de honestidade e energia, o conhecimento da alocução di-

De notavel saber, legou-nos não pequena bagagem de obras de valor, já pela erudição em que revelou profundo espírito e acurado estudo, já pelas preciosidades que encerra sôbre os assuntos de conhecimentos de Mato-Grosso, a que ligou seu nome tais o DIÁRIO DAS EXPLORAÇÕES DO RIO BRANCO e suas CABECEIRAS, na capitania do Pará, até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú; MEMÓRIA FÍSICO- GEOGRÁFICA das Lagôas Gaiva, Uberaba e Mandioré; DIÁRIO DA VIAGEM de reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados; DIÁRIO DA DILIGÊNCIA E RECONHECIMENTO do rio Verde; RELATÓRIO de uma parte do rio Paraguai e das Lagôas Uberava e Gaiva; NOTÍCIAS da Lagôa Xaraiés.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 21 de abril de 1805.

CADEIRA Nº 6 — FRANCISCO JOSÉ LACERDA DE ALMEIDA
Ocupante, Cecilio Rocha.

Nascido em S. Paulo, donde veio para a capitania de Mato-Grosso, era formado em ciências matemáticas.

Chegou a Cuiabá em 1782, fazendo parte da terceira comissão de limites.

Foi incumbido do reconhecimento dos rios Taquarí, Coxim, Pardo e Tietê de que deu conta em interessantes Relatórios ou Diários de Viagem.

Faleceu na África, em 1802.

CADEIRA Nº 7 — JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES - Ocupantes,
primeiro, Manoel Xavier Pais Barreto. A seguir,
Alcindo de Camargo. Mudando-se de domicílio,
para fora do Estado, em virtude de disposição
regimental, passaram os citados acadêmicos para o
quadro dos sócios correspondentes, sendo eleita
para ocupar a cadeira, que perlustra presente-
mente, D. Maria de Arruda Müller.

Nasceu o Conego José da Silva Guimarães na cidade de Cuiabá, nos primeiros anos do século passado e foi dos mais notáveis, senão o mais notavel dos homens do seu tempo.

Sacerdote e político, foi um carater na acepção do termo, tal a energia que o singularisava na serenidade da ação, valendo-lhe por isso, grande e invulgar prestígio.

Ponderado e conciliador, metuculoso e estudioso das coisas da terra a que prestou relevantes serviços na administração pú-

rigida aos membros da Assembléa Provincial em 1840, quando seu presidente, que temendo a atitude pudesse assumir o govêrno pelas divergências havidas entre si e a Assembléa, deixaram de frequentá-la, fugindo ao cumprimento do dever e postergando o compromisso de honra lançado no sôllo do império e no altar da religião:

“Concidadãos.

No momento de encerrar-se a presente sessão, sinto comunicar-vos a pungente dôr que me opprime, por ver que alguns dos nossos collegas esquecidos do Sagrado Juramento que á face dos altares têm prestado, traião seus deveres deixando de comparecer ás sessões, talvez por condescendencia, ou temor do Governo Provincial, que não se esmerando em corresponder com leal e franca cooperação a esta Assembléa, deu motivo a que se divergissem as opiniões, e desta arte não haver numero sufficiente para formar-se Casa privando assim a Provincia dos beneficios resultantes desta reunião e sobretudo da Ley d'Orçamento,

Separamo-nos pois hoje em virtude da Ley que nos uniu; vamos esperar que o tempo melhore nossas circumstancias, para então enchermos o fim da nossa missão, que é a felicidade de nossa adorada patria, e disto mesmo já informei circumstanciadamente aos nossos concidadãos.”

Este de coragem cívica, serena e tonificadora, que esmaltiza o carater des que modelaram com o cinzel de Quinet: “levantai sem descanso o vosso espírito á altura de um novo céu moral”, lema que foi a via sacra do conego José da Silva Guimarães, porque, a sua vida, foi uma verdadeira ascensão para a luz.”

CADEIRA N.º 8 — LUIZ D'ALINCOURT — Ocupante, Antonio Fernandes de Sousa.

Luzitano de nascimento, pois viu a luz, Luiz d' Alincourt, na cidade de Oeiras, a margem do Tejo em 1787, a 17 de fevereiro.

Notavel a sua colaboração a Mato-Grosso; “a quem o govêrno imperial confiou em 1822 o serviço da estatística de Mato-Grosso, em que permaneceu até 1830.”

Sua obra se resume em interessantes trabalhos esparsos, publicados nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim intitulados: NOTICIAS INTERESSANTES sobre a parte me-

ridional da provincia de Mato-Grosso; RESUMO das Explorações feitas desde o registro da Camapuan até a cidade de Cuiabá; RESUMO das Observações Estatísticas feitas desde a cidade de Cuiabá até a Vila do Paraguai Diamantino, em 1826; Reflexões sôbre o sistema que se deve adotar na fronteira do Paraguai; Offício sôbre a estatística e despesas da administração da Provincia de Mato Grosso, de 1824 a 1825; MAPA do reconhecimento praticado na fronteira de Casalvasco e Jaurú; PLANTA do Forte Olimpo Bourbon.

“Compendiando todas as informações colhidas em suas pesquisas, Alincourt organizou mais tarde o seu QUADRO ESTATÍSTICO DA PROVINCIA DE MATO-GROSSO, valioso trabalho que se pode ler nos Vols. III e VIII dos ANAIS da Bibliotheca Nacional.”

Militar, era dotado de solido preparo intelectual e de um carater energico e sereno.

Narra-nos Antonio Fernandes de Souza, na sua interessante conferência pronunciada a 17 de fevereiro de 1923, sôbre a personalidade do seu illustre patrono: “Em virtude de sua efetividade no posto de capitão, veio pela primeira vês a ésta então provincia de Mato-Grosso, em fins do ano de 1818, fazendo a extensa travessia do porto de Santos a cidade de Cuiabá, em companhia do governador Tenente-General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, depois barão de Vila-Béla.

Por éssa ocasião a Vila Real do Bom Jesús de Cuiabá foi elevada á categoria de cidade, por C. R. de 17 de setembro de 1818.”

A êsse tempo; lavrava séria dissensão em Mato-Grosso, provin- das de rivalidades por antogonismos bairristas.

De um lado os que almejavam a Capital de Mato-Grosso em Vila-Béla, residência dos antigos capitães generais; do outro, os que avocavam éssa prerrogativa para Cuiabá.

A decorrência dos fatos que culminaram com a deposição do governador Magessi, em agosto de 1821, deu origem á instalação em Vila-Béla, a 21 de setembro do mesmo ano de uma junta governativa em opposição á que se instalara em Cuiabá, dando lugar a uma dualidade governativa.

Luiz d' Alincourt, escolhido secretário da junta de Cuiabá, continúa Antonio Fernandes — “em meio dèsta agitada situação pontilhada de incertezas e cheia de dificuldades, mostrou-se sorn-branceiro às paixões políticas que fervilhavam, exarcebando os ânimos, atuando sempre com prudência, inteligência, zêlo e dedicação á causa pública.”

Elogio que consagra uma vida e enaltece um carater, e que poderia servir de lema nos momento que vivemos, a quantos teem sôbre os hombros, parçelas de responsabilidade na administração e na politica do Estado.

CADEIRA N. 9 — JOSÉ ANTONIO DOS REIS — Ocupante,
Rubens de Mendonça.

Foi D. José Antônio dos Reis, bacharel da primeira turma da Faculdade de Direito de S. Paulo, e o primeiro Bispo de Cuiabá.

Paulista de nascimento, era oriundo de família reconhecida-mente pobre, mas honesta.

A proposito da sua vida, dá nos Nabuco de Araujo, em brilhante página que Estevão de Mendonça transcreve nas suas DATAS êste atestado eloquente cujo exemplo de coragem e resignação vale por um modelo magnífico e sublime.

“Coberto de andrajos, com os pés nús, exausto de fome, gelado pelo frio e pela sede, sofrendo dias inteiros a falta de nutrição pelo vexame de estender a mão para pedir, não faltava contudo ás aulas, curando de alimentar o espírito com mais preciosa seiva merecendo pela assidua lade estudo e aplicação, a atenção de seus mestres e condiscipulos. As horas vagas, empregava-as o excelente moço em remendar no fundo do aposento, e com as suas próprias mãos, os sapatos e as roupas; sentado sôbre uma pele de carneiro, que lhe servia de leito, tecia meias para vender e assim minorar a sua miséria. “Por essa forma conseguiu o termo dos seus estudos ecclesiasticos, e sendo aprovado com louvores, foi proposto pelo proprietário da cadeira para o lugar de lente substituto de Teologia Dogmática e Moral. Contra essa indicação insurgiram-se os seus companheiros de turma sob o fundamento de que “repugnava ver na cadeira do magistério um homem que nem tinha roupa para vestir-se decentemente”. Sabedor do ocorrido, e como resposta eloquente áquela imposição, o bispo D. Matheus apressou-se em assinar a portaria de nomeação, marcando-lhe o ordenado de 7\$200 por mez”.

Nomeado bispo de Cuiabá, aqui viveu trinta e três anos, glorificando pela ação aureolada de taumaturgia o episcopado matogrossense, falecendo a 11 de outubro de 1876.

Uma página ainda da sua vida nô-la transmite a história matogrossense, que bem difine a personalidade, cuja alma veneranda tem que ser para sempre, uma sombra a pairar vaporosamente sôbre os lares cuiabanos, abençoando-os e alentando-os nos momentos delicados da vida social e política.

— Foi a 30 de maio de 1834, na célebre noite conhecida pela denominação de RUSGA, página tétrica a nodoar as glórias dos fastos pátrios que tanto orgulham e enobrecem a tradição matogrossense, e de que foi protagonista Patricio Manso.

“No silêncio da noite — narra E. de Mendonça — pelo vozear cada vês mais crescente de estrepido de gente a pé e a ca-

valo, soou a primeira terrível badalada das doze horas. Rompeu logo o clangor das cornetas e o rufar dos tambores dando sinal de fogo, a que se juntou o angustioso som dos sinos a tocar rebate, e em todos os quarteirões da cidade começou a matança e o saque.

Desceu D. José a praça da Sé, apenas seguido do seu secretário, e em torno da sua pessoa agruparam-se logo mulheres que pediam socorro e crianças que choravam.

Multiplicou-se o venerando pastor, acudindo famílias, impondo respeito á propriedade e dando guarida aos portuguezes perseguidos e ameaçados de morte. A sua presença tinha o poder de aplacar o furor incontido da plébe, explicando-se assim as vidas que pôde salvar.

Irrompendo de chofre no meio dos tumultos, escapou milagrosamente de ser uma das victimas da soldadesca embriagada”.

Para encerrar, sigamos Rubens de Mendonça na glorificação do patrono:

“Em seu bello carater predominava notavelmente a mansidão e a bondade.

Durante a cruel epidemia da variola que se manifestou em Cuiabá e assolou toda a provincia, o digno prelado não se afastou do fóco pestilento, e com a sua palavra consoladora e bolsa caridosa, correu em socorro dos seus diocesanos.

Enquanto outros bispos se collocavam em antagonismo com as suas ovelhas por causa da malfadada questão religiosa, que desde 1872 se tem agitado no Brasil, o bispo D. José Antonio dos Reis, conservou-se sempre na verdadeira posição de successor dos Apostolos, pai do povo e seu protetor constante.

Depois de um tranquillo e edificante episcopado de quarenta e três anos, dez meses e três dias, o mais longo que tem havido no Brasil, expirou, rodeado de amor e veneração do seu rebanho, que o pranteou como um verdadeiro pai”.

CADEIRA Nº 10 — PAULINO GIRALDES TAVARES DA VEIGA CABRAL — Ocupante, Palmiro Pimenta.

Foi Joaquim Giraldes Tavares da Veiga Cabral, um illustre matogrossense, nascido em Cuiabá.

Da sua vida, dá-nos Palmiro Pimenta, em brilhante página com que traçou o elogio do patrono, uma noção da sua obra e da sua vida, como magistrado o homem de letras. Sigamos o illustre académico.

—“A luz de alguns documentos colhidos aquí e allí não sem grande diligência, procurei, obedecendo o critério a que deve pre-

sidir trabalhos desta natureza, dar-vos primeiro, alguns traços biográficos de Veiga Cabral para, então, estudar, embora perfunctóriamente, a sua personalidade através o meio em que se formou o seu espírito.

Do seu nascimento, filiação, seus primeiros estudos e sua carreira enfim, sabe-se que nasceu nesta cidade no dia 26 de abril de 1800, sendo seus pais Joaquim Giraldes Tavares da Veiga Cabral e D. Ana Tereza de Jesus, tendo partido muito criança para a cidade de S. Salvador onde iniciou os seus estudos de humanidades e dali para Lisbôa, onde os concluiu em 1817. (?)

Quando o Brasil se emancipou definitivamente da soberania portuguesa, erigindo-se em nação independente, na famosa Universidade de Coimbra, Veiga Cabral, aos 22 anos concluía brilhantemente o seu curso jurídico, regressando ao Brasil.

No ano imediato, vestindo a toga de magistrado, ocupou o cargo de Juiz de Fora da vila, depois cidade do Rio Grande do Sul e, sucessivamente, os de Ouvidor da comarca do Ceará, Auditor Geral do Exército do Sul, estacionado em Montevidéo, a êsse tempo provincia Cisplatina do Império. Desembargador da Relação do Maranhão, e, finalmente, em abril de 1829, o Govêrno o nomeou por Carta Imperial lente de Direito Pátrio civil, 1.ª cadeira do 3.º ano, da Faculdade de Direito de S. Paulo, cargo que êle exerceu durante quase 34 anos, isto é, até 1862, data em que faleceu em S. Paulo. Apesar de não ser político militante, pertencia ao Partido Conservador, tendo sido no biênio 1854—1855 deputado provincial.

Para focalisar o ambiente social em cujo cenário desenvolveu Veiga Cabral a sua atividade, não precisarei rebuscar nem vastas coleções, nem massudos *infolios*. Servir-me-ei para isso das brilhantes frases com que emerito jurista pátrio espelhou em magníficas e coloridas pinceladas o quadro de então:

—“O Direito era, no Brasil, quando se operou a independência, uma ciência estudada por um grupo insignificante de homens e não era estudada mesmo nêsse grupo, com profundeza e pertinácia. Nem podia sê-lo. Não há ciência que se desenvolva sem ambiente apropriado e o de uma colonia onde mal se sabia lêr não é, com certeza, o mais adequado para o crescimento de uma disciplina como o direito, que supõe um estado de civilização bem definido nos seus contornos e bem assentado nos seus alicêrces. O indivíduo feliz que reunia o conhecimento do latim e do francez era olhado como um gênio tão transcendente, que de grandes distâncias vinham pessoas consultá-lo...”

O máximo da ilustração que se podia lograr, e outra não possuíam os homens da época, era o que se colhia dos livros gre-

gos e latinos, no "Contrato Social" de Rousseau, em alguns volumes de Voltaire e no de poucos outros que constituíam até às vésperas da Independência a bibliotéca dos espíritos cultos.

Apenas de longe em longe, ao alto, projetando luz na treva circundante e fixando os olhares, tanto mais soberbos quanto mais isolados, um ou outro espírito de cultura variada e sólida.

As conquistas liberais e as vitórias das boas regras de direito, cristalisadas nas legislações dos primeiros tempos, foram mais obra do senso jurídico nativo dos homens da época do que o fruto sazonado de uma vasta e sábia cultura espiritual".

Surgindo, portanto, nêssa época em que o Brasil era uma, terra quase sem cultura jurídica, sem escolas que a ensinassem sem agremiações que estudassem, e em que o conhecimento dos seus princípios estava concentrado no punhado de homens abastados que professava na Universidade de Coimbra, mesmo assim, a mês-de de conhecimentos colhida por Veiga Cabral foi opima e valiosa".

CADEIRA N.º 11 — AUGUSTO LEVERGER, BARÃO DE MELGAÇO — Ocupante, Estevão de Mendonça.

Folheemos AS DATAS MATOGROSSENSES, importante trabalho do academico Estevão de Mendonça e sigamos o seu estudo sôbre a personalidade de Augusto Leverger;

— « Teve por berço Augusto Leveger, Barão de Melgaço, Saint-Malo, cantinho da velha Bretanha (França), ninho agreste de onde também desprederam voos Cartier e Sourcouf, e seus primeiros vagidos, ás primeiras caricias recebidas como primogenito responderam os estalidos das vagas alterosas, sacudidas pela ventania que açoitava o mar afora.

Alí, sôbre o rochedo de granito da terra natal, passou Leverger a sua meninice, tendo diante dos olhos a amplidão das águas grandioso panorama que veio exercer influência diréta no seu destino, arrastando o muito moço ainda, para a vida do mar, do mesmo modo que as virtudes e ensinamentos paternos firmaram-lhe na alma a rigidês de carater e a fulguração de espírito que o sagrara benemérito.

Fazendo-se marinheiro aos dezesseis anos de idade, em Janeiro de 1820 embarcava na escuna francesa Angélique, na qualidade de segundo comandante, e foi no manejo dêssa náu, em demorada travessia pelo Atlantico, que os seus conhecimentos profissionais se acentuarara.

Passando logo para a galera General Lecor, transformada em paquete a serviço do govêrno de Montevidéu, néla permaneceu por algum tempo, dedicando-se, então, ao estudo hidrográfico do estuário do Prata.

A sua carreira propriamente militar foi iniciada em 1824, época em que entrou para a marinha brasileira, com as honras de 2.º tenente em comissão, sendo no ano imediato confirmado naquella patente e mandado servir na fragata Niterói.

A partir de então, definitivamente se resolve a ficar no Brasil, a terra que para Leverger possuía sempre encantos sem par e á qual serviu com dedicação e lealdade, por espaço maior de meio século.

Tomou parte ativa na campanha do Prata, salientando-se em cinco dos principais combates. A galhardia com que se conduziu motivou-lhe a promoção ao posto de 1.º tenente, dada pelo comandante da esquadra em operação e confirmada pelo govêrno imperial.

Durante aquelle periodo serviu respectivamente, nas fragatas Niterói, Pincipe Imperial e Piranga; e como comandante da bombardeira Dezenove de Outubro, mostrou-se o mais destimido no encontro com o corsário argentino General Branezer, que atacou e reduziu a silêncio.

Foi durante a sua permanência no Prata, na escolhida convivência do almirante Norton, ao contáto assíduo de uma pléiade de camaradas ilustres — William Mac. Erving, Cecil Browing, Jean Williams, Thomaz Craig, e outros — que o espirito de Leverger se desenvolveu e solidificou.

Em 1829, comandando acorveta General Dorrego regressou ao Rio de Janeiro; e nêsse mesmo ano recebeu do Govêrno a incumbência de construir uma esquadilha de chalupas canhoneiras, destinadas á defesa da fronteira do baixo Paraguai, na conformidade do plano anteriormente delineado pelo capitão-general João Carlos Augusto d'Oeinhhausen de Gravenberg.

Partindo nos últimos dias de 1829 com destino a Santos e daí a S. Paulo, após cinco meses de demora em Porto Felz, deu início á longa e embarçosa viagem praticada pela via fluvial do Tietê e Rio Pardo, até Camapuan, Taquarí e Paraguai, e a 23 de novembro de 1830 aportava a Cuiabá, depois de haver transposto 530 léguas e vencido 114 cachoeiras.

Permaneceu Leverger em Cuiabá até março de 1834 lastimando, como dizia, — “que a sua comissão fosse uma legítima sinecura.” A semelhante situação se opunham os impulsos de um temperamento votado ao trabalho, e por isso lealmente comunicára desde logo ao ministro da marinha a inutilidade do seu encargo.

Regressando ao Rio de Janeiro, num periodo de agitação e incertezas, em que as classes armadas se entregavam aos mais desentreados manejos políticos, julgou que o momento lhe ditava um afastamento temporário. Por isso requereu e obteve um ano de licença, que por aviso de 14 de abril de 1836, foi prorrogado por mais seis meses.

Ainda no gozo de tal prorrogação recebeu, com surpresa, mas sem articular queixa, nem levantar reclamação, o decreto que o reformava no posto de 1.º tenente, com exclusão do respectivo soldo.

Solicitados novamente seus serviços, para desempenho de importante comissão em Mato Grosso, e ainda em meio da viagem para Cuiabá, recebia o decreto de promoção a capitão-tenente, com as vantagens correspondentes. Aceitou os benefícios da antiguidade, mas desistiu dos proventos pecuniários.

Recebido com alvoroço em Cuiabá, onde só havia conquistado afeições, cuidou sem tardança, embora lutando com embaraços de toda a classe, de organizar o departamento do Trem Naval, mais tarde aparelhado com melhores elementos e transformado em Arsenal de Marinha.

À frente dessa repartição conservou-se Leverger até 1841, quando foi distinguido pelo govêrno imperial com a nomeação de consul geral do Brasil na Republica do Paraguai.

Os numerosos trabalhos que até então havia executado, a despeito mesmo de pouca vulgarização em consequencia de sua extremada modéstia, e outras de caráter reservado, haviam-lhe grangeado a estima dos dirigentes da nossa diplomacia, e conquistado para o seu nome sólida reputação científica.

Promovido a capitão de mar e guerra em 1852, dois anos depois cingiam-lhe os punhos os bordados de chefe de divisão.

Em 1856, ainda no vigor dos anos, pediu e alcançou reforma no posto de chefe de esquadra, dando assim por terminada a sua carreira militar, tão brilhante, quanto cheia de lances patrióticos e de exemplos fecundos.

Fato digno de menção é a relativa facilidade com que Leverger adaptou ao meio provinciano. Para isso concorreram fatores multiplos, preponderando porêem, entre tais fatores a singeleza dos hábitos locais e a acentuada tendência do seu espírito para o isolamento e para a quietude.

Consociando-se em 1842 com D. Inez de Almeida Leite, a quem dedicava afêto profundo, ficou o ilustre marinheiro desde então, definitivamente preso á cidade de Cuiabá onde, para empregar a sua frase, aliás bastante expressiva — “lançou âncoras para sempre”.

A partir desse época não mais pensou em arredar se da modesta vivenda que adquirira á rua do Campo, a mesma em que veio a falecer.

Alí, ao lado dos livros predilêtos, dos numerosos escritos, cercado pelo carinho da família, fez êle o centro da sua poderosa atividade cerebral, estudando os nossos complicados assuntos de

limites coordenando notas e observações astronômicas, traçando os detalhes da carta geográfica da província e escrevendo a maior parte dos interessantes e valiosos trabalhos que deixou sobre Mato-Grosso.

Depois que se afastara do quadro ativo da armada, quando os deveres de administrador escrupuloso, ou os afazeres de outra natureza não o prendiam á cidade, inteiramente se alhejava na sua casa de campo, á margem do rio Coxipó, poucos, bem poucos eram os que tinham o privilégio de ouvi-lo, graças á maneira gentil com que sua esposa punha-o ao abrigo dos importunos.

Na suprema direção da província, adotou como norma de conduta a mais severa economia e inteira distribuição de justiça, não distinguindo correligionários e fazendo-se respeitado no conceito unanime dos adversários.

Embora filiado ao partido conservador, exerceu também a presidência em situação liberal, tanto e tão justificada era a confiança que inspirava a todos. O concurso de sua experiência e do seu saber, por vezes reclamados pelos altos poderes da nação, mais diretamente se fez sentir nos ajustes preliminares de limites com o Paraguai e com a Bolívia, sendo certo que as negociações entre este ultimo país e o Brasil foram guiadas, passo a passo, pelas suas indicações ponderadas e criteriosas,

Por isso reclamou contra a linha Guaporé, tal como ficou convençãoado pelo tratado de 1867.

A ação de Leverger porém, não ficou apenas circunscrita em Mato-Grosso, ao campo das nobres conquistas intelectuais; a sua ação também se fez sentir no momento do perigo, no momento supremo do desespero, quando o inimigo pisando o sólo pátrio, espalhava diante de si o terror, a morte e a devastação.

Desfeitos os receios e as apreensões, serenados os temores, tornou o valoroso marinheiro ao seu viver obscuro, á margem do límpido Coxipó, onde pouco antes um ilustre viajante, cavalheiro Bossi o fôra encontrar, todo entregue ás suas indagações. A impressão que a êsse visitante causou o viver calmo e sadio do almirante brasileiro, se refléte na seguinte página da VIAGEM PITTORESCA:—“Um dos homens que pela sua ciência e pelos serviços que há prestado, se faz, na verdade, recomendavel, é o sr. Augusto Leverger, francês de nascimento, chefe de esquadra hoje reformado, condecorado com diversas distinções honoríficas, e que há exercido por vezes a presidência da província com grande aplauso público. Êste cavalheiro tem realizado trabalhos hidrográficos da maior importância, alguns dos quais, são conhecidos com vantagem, principalmente as suas minuciosas explorações do rio Paraguai e seus afluentes. Atualmente se ocupa com o levantamento de uma carta que compreende a navegação desde Corumbá até

Cuiabá, e com a organização de um plano hidrográfico de toda a província. O Sr. Leverger possui conhecimentos profundos das ciências exatas e os tem mui valiosos acerca do país em que reside; vive retirado com sua esposa, uma senhora respeitável do lugar e hábita uma quinta nas margens do rio Coxipó, a uma légua da capital, aproveitando o silêncio aprazível de que ali goza, para completar os grandes trabalhos que o preocupam e que constituirão um presente valiosíssimo para as ciências e um relevante serviço para a pátria adotiva.”

Faleceu o almirante Augusto Leverger a 14 de janeiro de 1880, em Cuiabá.

Estevão de Mendonça, ocupante da cadeira que na Academia tem por patrono Augusto Leverger, tem sido, podemos afirmar, autentico continuador da obra do Barão de Melgaço, estudando a história matogrossense em todos os seus aspectos, geográfico, econômico, social e político, como se verifica nos seus valiosos trabalhos “QUADRO COROGRÁFICO DE MATO GROSSO” e “DATAS MATOGROSSENSES”, e, ainda hoje, prossegue na arena jornalística, lembrando nas apreciadas crônicas semanais, sob o título COISAS DE ANTANHO, vultos históricos e cenas da terra, que tão bem nos fazem ao espírito, ao mesmo tempo que apontam aos coevos, exemplos sadios de patriotismo, de energia e de trabalho honesto e moralizador.

CADEIRA Nº 12 — ANTÔNIO CLAUDIO SOIDO — Ocupante,
Gabriel Vandoni de Barros,

Antônio Claudio Soído, como Augusto Leverger, foi outro chefe de esquadra que se radicou em Mato-Grosso, em Cuiabá, onde, na expressão significativa do Barão de Melgaço “lançou âncoras para sempre,”

Brasileiro, nascido no Estado do Espirito Santo, a 26 de abril de 1822, veio pela primeira vez ao nosso Estado em 1857, aqui desempenhando importantes comissões, tais as de inspetor do Arsenal Marinha, Diretor do Arsenal de Guerra, Comandante geral da Flotilha, particularizando sua atividade em Mato-Grosso, na defesa da provincia, por ocasião da invasão paraguaia.

A sua carreira militar, toda éla pontilhada por uma ação meritória, de trabalho, como nô-lo atestam as promoções e justas condecorações que lhe cingiam o peito, conquistadas pela bravura, dedicação ao serviço da pátria de que foi distinguido e intrépido defensor.

Tendo sido reformado em 1882, para Cuiabá regressou, aqui fixando residência, vindo a falecer a 12 de maio de 1889.

—“Era Antônio Soído um dos oficiais mais distintos da nossa marinha de guerra, quer sob o ponto de vista profissional, quer pelo seu cultivo intelectual. Percorreu a Europa, como professor da Escola Naval, acompanhando a turma de guarda-marinha de 1854, e d'essa viagem publicou no Diário do Rio de Janeiro, interessantes artigos.

Dos poucos trabalhos seus que vieram á luz, merecem especial referência os seguintes: Lembrança de Montevidéo — A Menina Oriental — poemeto — A Visita de S. M. o Imperador aos Hospitais dos Impetados — poemeto.

Não se deve porém, deixar ao esquecimento que a sua atividade também se fez sentir em outro ramo de cultura mais árido, certamente, mas não menos comprobativo do seu saber. Tais foram os levantamentos do porto de Corumbá, da fronteira entre o Brasil e a Bolívia e a sondagem dos rios Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá. Este último trabalho, complemento da planta de Leverger, foi executado na sua primeira viagem a Cuiabá, comandando o vapor de guerra Miracanã, que aqui aportou a 7. de Março de 1857.”

O Instituto Geográfico Militar do Brasil, consagrou o nome de Antônio Claudio Soído, escolhendo-o para patrono da cadeira n.º 4 daquele instituto cultural militar, justo preito com que lembra as coisas do passado histórico de nossa terra, perpetuando a memória dos que se tornaram dignos da Pátria.

CADEIRA N.º 13 — ANTÔNIO CORREIA DO COUTO — Ocupante, Arquimedes Pereira Lima.

Natural de Cuiabá, formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Carater e energia invulgares, distingui-se pela sua sólida cultura e entranhado amor pela causa pública. Jornalista, fundou em 30 de Junho de 1870 nesta cidade, o Jornal O GUAICURÚ.

Advogado, exerceu a sua profissão com reconhecido talento. Eleito deputado geral na legislatura 1861 — 1863, ao terminar o mandato, foi nomeado presidente da província de Piauí.

Faleceu em São Luiz de Cáceres, onde se radicara, a 5 de Julho de 1897.

Imortalizando o seu nome, escolheu-o, a Academia Matogrossense de Letras, para figurar entre os dos numes da sua galeria de patronos.

No brilhante elogio do Patrono, assim se expressou Arquimedes Lima, ao tomar posse da cadeira referindo-se á personalidade de Antonio Correia do Couto: -- "Militando sempre no fóro e na imprensa, Corrêa do Couto foi uma das mais altas expressões de cultura de sua época e um dos precursores do jornalismo em nosso Estado.

A 6 de Julho de 1879, em Caceres, onde então residia, e onde igualmente outra folha fundara e dirigia, veio a falecer este grande vulto do nosso passado.

Jornalista, em Mato Grosso, há quase um século atrás, que grande sonhador deve ter sido este notavel Antonio Corrêa do Couto!

Numa época em que rareavam os homens de elite, mais ainda qu: hoje, Corrêa do Couto deve ter lutado como um gigante para sobrepor-se ás dificuldades próprias da época. Se levarmos em conta a aspereza do ambiente de então, a incultura que áquella época distanciada era generalizada a legião dos mediocres que devia ser mais numerosa e mais agressiva que a de hoje, teremos então uma idéia da poderosa vontade que dirigiu esse luminoso espírito.

Corrêa do Couto pertenceu ao Parlamento Brasileiro numa época em que sobravam os valores e nós mesmos, em Mato Grosso os tínhamos até para exportação, como prova o fato de ter esse nosso conterrâneo governado o Piauí.

A Camara a esse tempo era constituída de homens superiores, que constituíam, de fato, a nita da cultura brasileira e não do rebotalho, como há pouco disse um jornalista de nossa atual Constituinte. Melhor caracterizando diremos que Corrêa do Couto é de uma época em que Tavares Bastos, o grande Tavares Bastos, seu contemporâneo na Câmara, sustentava da tribuna esta doutrina: "Só ao verdadeiro mérito, venha êle de onde vier, compete participar da vida pública do país."

Corrêa do Couto pertence a esta falange de emeadores e precursores cuja vida e obra no passado, se confundiram ao serviço da Pátria.

Disse Buffon que "*la plupart des hommes meurent de chagrin*".

É possível que Corrêa do Couto tenha morrido de desgosto. Basta ter sido lidador da imprensa, um panfletário em Mato-Grosso, áquelas priscas eras. A incompreensão que deve ter encontrado, obrigando-o a recalcar as aspirações seria suficiente para matá-lo.

A alma de um jornalista, batida de atropelos anda sempre de tal modo impregnada dos sentimentos e aspirações coletivas, que nela se refletem, como num prisma de cristal, todas as grandezas e misérias do universo.

Corrêa do Couto, a par de outros excelsos atributos de espírito e de cultura, possuía uma alma, uma indomavel alma de jornalista.

Se não podemos dizer tenha êle sido a rigor um varão assim á maneira de Plutarco, nem exclamar como Gorki deante do cadáver de Tolstoi: — “Vejam que homem maravilhoso perdeu a terra”, é certo, entretanto, que, como nos tempos de Luiz Philippe, podemos para êle pedir aquilo a que êle fez jus incontestemente pelo seu exemplo; um lugar de destaque no Panteão da Glória”.

CADEIRA N.º 14 — ERNESTO CAMILO BARRETO. (Pe.) —
Ocupantes, primeiro. Leovegildo Martins de Mélo, por falecimento de quem, passou a ocupá-la, por escolha, Ovidio Correia. Passando a figurar no quadro dos correspondentes, por mudança de domicílio, o acadêmico Ovidio Correia, foi eleito por sufrágio, Nilo Póvoas.

Ao fundar-se o Centro Matogrossense de Letras, recaiu na pessoa de Leovegildo Martins de Mélo, a escolha espontânea dos fundadores da novel agremiação, para preenchimento da cadeira que no sodalicio tem por patrono o Pe. Ernesto Camilo Barreto.

Certo, imperiosos foram os motivos determinantes dêsse escolha, principalmente em sabendo-se os pontos de afinidade que identificavam Leovegildo de Mélo e o Pe. Camilo Barreto, jornalistas, oradores e professores.

Pedagogo distinto e dos mais cultos foi Leovegildo de Mélo o reformador da instrução matogrossense, dando ao movimento educacional em que se empenharam as administrações Pedro Celestino e Costa Marques, feição mais condizente com o grau de cultura do povo matogrossense, applicando ao sistema educacional no Estado os moldes modernos, reorganizando o ensino de forma tão eficiente, valendo a Mato-Grosso a fama que desfruta no conceito federal, com a primazia que lhe cabe relativamente a sua densidade demográfica, entre os demais da federação.

Orador eloquente, sabia Leovegildo de Mélo arrebatrar a multidão com a palavra elegante e simpática. Faleceu Leovegildo de Mélo a 4 de agosto de 1922.

O Pe. Ernesto Camilo Barreto, nasceu a 16 de fevereiro de 1828, na cidade de Cachoeira, Estado da Bahia e pertenceu á ordem franciscana, com o título de frei Ernesto de S. Joaquim Barreto. Exerceu nesta diocese o cargo de lente de teologia dogmática e moral, creada por decreto de 13 de fevereiro de 1853.

Chegou á esta capital a 7 de agosto de 1854, exercendo o magistério no Seminário de N. Senhora da Conceição.

“Era, então o Seminário da Conceição o único estabelecimento secundário existente na provincia” e o padre Ernesto Camilo Barreto, desempenhou de maneira tão brilhante a sua missão de lente, tornando-se o mais notavel entre os professores do seu tempo.

Não escapou o Pe Ernesto ás seduções da política que, em Mato-Grosso, condição talvez do próprio ambiente, isolado como tem vivido e esquecido dos olhos do poder supremo da nação, é uma sereia que atrai aqueles que se interessam pela terra tão hospitaleira e dádiosa. E o Pe. Ernesto ocupou na administração do Estado cargos importantes, que lhe marcaram á individualidade e o carater rígido e austero.

Espírito vibratil e inteligente, desempenhou tambem, no jornalismo indigena papel bastante saliente, assinalando a sua atividade pelo ardor com que estigmatizava a ação dos prepotentes, na defesa da administração.

Assim, tendo em 1859 fundado, juntamente com João de Souza Neves a Imprensa de Cuiabá, teve de criticar os atos do presidente e comandante das armas da provincia tenente coronel Antônio Pedro de Alencastro, valendo lhe por isso, a sua prisão e deportação por ordem do governador, para o Rio de Janeiro. Este fato que marca o autoritarismo do presidente Alencastro e que lhe custou o desconceito na opinião pública do Estado, repercutiu tão profundamente na alma da sociedade do tempo, pela maneira insolita porque foi praticado, quando se encontrava o Pe. Ernesto celebrando o santo officio da Missa, no dia 26 de maio de 1861, durante o momento em que a cidade se envolvia no misticismo da fé divina, aos acordes do hino do Espirito Santo, cuja festa se celebrava naquele dia, com as pompas da liturgia sacra e entusiasmo do mundo profano.

Nilo póvas, o illustre acadêmico occupante da cadeira patrocinada pelo espirito do pe. Camilo Barreto, traçou-lhe a personalidade na sua magistral oração de posse no sodalicio, rendendo ao emerito educador as homenagens dos posteror nestas palavras:

— “Há na complexa organização do illustre padre de Cachoeira, vários aspectos a estudarem-se, comportando cada um dos quais alentada monografia, pois o seu invejavel engenho desdobrou-se fecundo entre a cátedra e a tribuna, que engrandeceu, entre a politica e o jornalismo, que sublimou.

Homem vivaz e ardente, lídimo representante das honrosas tradições de coragem, energia e de heroísmo dos bravos restauradores da Baía, impetuoso como as catadupas que se despenham fragorosas na sua terra natal, herdara dos seus avoengos aquele gênio altaneiro e combativo, que o impeliu, em vigorosa e esplendente mocidade, para o torvelim inferno da política militante, onde a sua atuação se fizera sentir, inteligente, sensata e eficaz, na defesa

dos são princípios democraticos, combatendo“ com a destreza de gladiador e o denodo do atleta” os desacertos e as injustiças acumulados pela política bastarda, o abuso o arbitrio e a prepotência dos maus governos.

Ungido de Deus e unguído da Pátria, prestou á Igreja e ao país os mais assinalados serviços.”

Do mesmo passo que empolgava as assembléias dos crentes, arrebatando os seus ouvintes nas asas do seu verbo cheio de união religiosa, na explicação dos lugares santos, arroubado pelas violentas comoções do seu patriotismo, nos momentos mais aflitivos da nossa vida política, quando os direitos se derespeitam, as paixões desencadeiam e, as autoridades públicas desprestigiam-se, as leis estiolam-se, as instituições sossobram e a descrença domina, ei-lo a inflamar com a sua palayra candente como as lavas de um vulcão as turbas revolucionárias, iluminando-as e conduzindo-as, em memoraveis arrancadas reivindicatórias, ao triunfo dos seus direitos conspurcados. á conquista das suas justas aspirações.

Nêle, ora refulgia o gênio filosófico e doutrinador de D. Romualdo de Seixas, ora coriscava o espírito bravo e revolucionário de frei Caneca.

E foi assim que o vimos, árdego e destemido como o valeroso frade pernambucano, mas com o decoro e a nobreza condizentes com a sua alta jerarquia sacerdotal, enfrentar superiormente o sanhudo presidente Antonio Pedro de Alencastro, nos sombrios dias do seu govêrno cheio de fortes explosões de partidarismo, de violência e de oprobios.

Campanha foi essa formidavel, célebre nos fastos da nossa história, em que a intiligência e a bravura indómita do padre pairando muito acima da pequenina mentalidade política de um régulo, tamanhos e tam valentes golpes lhe vibraram, que provocaram a sanha violenta da autoridade atrabiliária; mas, se de uma parte, aqueles golpes valeram ao intemerato sacerdote os vexames de uma prisão e deportação escandalosa, de outra parte, aqueles requintes de prepotência fizeram com que o tresloucado presidente ouvisse, como um réu perante o tribunal, a leitura solene da sentença que o apeou do poder.”

CADEIRA N.º 15 — JOAQUIM MENDES MALHEIROS — Ocupantes, Augusto Cavaltanti de Mélo. Atualmente, Francisco Alexandre Ferreira Mendes.

A Academia Matogrosense de Letras, desde os primordios da sua fundação, sagrou o nome aureolado do festejado poeta patri-

cio Augusto Cavalcanti de Melo, para ocupar a cadeira que tem por patrono e nome altamente significativo do saudoso e ilustre cuiabano, que foi o Dr. Joaquim Mendes Malheiros.

Beletrista aprimorado, Cavalcanti de Mélo soube honrar o posto que lhe confiaram, e as páginas da Revista do Centro Matogrossense de Letras enriqueceram com as colaborações esmeradas da sua pena fulgurante.

Talento de escól, em virtude de dispositivo regulamentar viu-se a Academia privada do seu concurso eficiente como sócio efetivo, passando a figurar no quadro dos sócios correspondentes.

Vaga a cadeira, coube ao ocupante atual, a escolha de seu nome, por sufrágio honroso, para substituir o Dr. Augusto Cavalcanti de Mélo na Academia Matogrossense de Letras, na cadeira que tem por patrono, Joaquim Mendes Malheiros.

Nasceu o Dr. Mendes Malheiros em Cuiabá, a 30 de março de 1830 e foram seus pais, Joaquim Mendes Malheiros e D. Maria Madalena de Mesquita.

Graduou-se em leis no ano de 1852, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Como estudante revelou inteligência notável, sobressaindo entre os seus colégas como orador, pois a sua palavra eloquente impulsionava, arrebatava.

Almeida Nogueira nas suas "Tradições e Reminiscências da Faculdade de Direito de S. Paulo" refere-se a Joaquim Mendes Malheiros nêstes termos:

"Estatura mediana, tez morena escura, cabelos crespos, figura varonil. Temperamento comunicativo e jovial. Era dado a música e fazia serenatas com Joaquim da Cruz. Êle tocava violão; o Cruz, flauta. Afeiçoava-se á pintura e não era inhabil no desenho. Até bem pouco tempo a família do Dr. Escobar possuía esplendido quadro -- a cabeça de Cristo -- da palheta de Malheiros. Também gostava de esgrima e tinha como competidor e adversários nêsse *sport* o Chico Gomide, o Francisco Bueno (mais tarde visconde da Cunha Bueno), o Gil, o Porfirio de Lima e o Benicio, todos como êle, valentes e bons cacetistas. Morava na rua das flores, na casa da família Munhoz, numa sala de frente. Talentoso e bom estudante. Era convidado algumas vezes pelo Diretor da Academia para, em substituição, lecionar no curso enéxo e mesmo examinar em mesas de Geografia e História. Contam-nos dêle duas anedotas. O Dr. Malheiros tinha pronunciado amor ao estudo das linguas: era mesmo poliglôta. A êsse peador reunia êle ardente culto platonico ralvês, á estética humana. Uma vês, no Rio, em trajéto num bonde, admirava a extranha beleza de uma senhorita loira, que ao lado de senhora mais idosa ocupava o banco imediato da frente. Impressionado com a insistência daqueles olhos, que a fitavam, dirigiu-se a menina em alemão, á outra senhora: — *Ma-*

*mã Wer ist doch nur der alte mulatze, der mich auf diese weise an-
klotzt? Was wird er wollen? (Mamã, quem será êste mulato velho
que me está cravando os olhos desta maneira?) (Que quererá êle?)
A senhora mais idosa respondeu-lhe no mesmo idioma — Was
weiss ich, meine Tochter! . . . Er sieht nicht schlecht aus. (Sei lá
minha filha?. Êle não parece mau sujeito.) Intervindo nêsse dia-
logo, o Dr. Malheiros com surpresa das interlocutoras, atalhou em
puro alemão: — Meine Damen. Wollen sie mich gutigst euts chul-
ding — Ich beir Doktor Malheiros, professor na der Militrs-ckule.
Ich bewunderei htsachilich die ausserordentliche, Schonheit des fau-
leins. Verzeihen sie mir, wenn ich damit beleidigt sabe (Minhas
senhoras queiram perdoar-me. Sou o Dr. Malheiros, professor na
Escola Militar. Estou realmente admirando a extraordinária bele-
sa aquí da senhorita. Perdão se com isto as ofendo). Era Ma-
lheiros, por afinidade, semelhança de temperamento e até pela
predileção de ambos por estudos filológicos, amigo aletuoso de
Gaspar Silveira Martins.*

Uma vês, muito antes de sonhar com a eventualidade de vir a ter assento nos conselhos da Corôa, estando o fozoso gaúcho a esbravejar contra o imperador e a escarnecer das *libries* dos ministros, disse-lhe o amigo: — Olhe Gaspar, não fale assim. Hei de vê-lo ministro do Imperio . . . — Celeste? — Não, do Brasil. E, se isso acontecer, que é que Você me dará? — Uma cadeira de deputado. Fica registrado! acudiu Malheiros. Poucos meses depois, com a subida do gabinete Sinimbù, era chamado Silveira Martins a gerir a pasta de ministro da Fazenda. Uma das primeiras visitas que recebeu, foi a de Malheiros. — Venho trazer as minhas saudações ao conselheiro do império. — Muito obrigado ao futuro deputado por Mato-Grosso - foi a resposta de Gaspar S. Martins. E cumpriu-se o vaticínio.

Entretanto, como Juiz Municipal do termo de Cuiabá, sofreu em 1857, um atentado por haver proferido uma sentença condenatória contra um acusado de crime inafiançavel.

CADEIRA N. 16 — ANTÔNIO AUGUSTO RAMIRO DE CARVALHO Ocupantes, primeiro, Franklin Cassiano da Silva, falecido em pleno vigôr dos anos, poucas horas após ter tomado parte numa reunião da Academia. Atualmente, Ulisses Cuiabano.

Era Franklin Cassiano um espírito brilhante, professor illustre, professando então, uma das mais importantes cadeiras da Escola Normal de Cuiabá — DIDÁTICA — em que pontificava com amor e verdadeiro sacerdócio.

Escritor esmerado, poeta mavioso, cantor das belezas regionais da terra, jornalista aprimorado, deixou-nos valiosos trabalhos, quer didáticos, quer literários, como se pode avaliar pelo elogio que fez do patrono, Ramiro de Carvalho, no então Centro Matogrossense de Letras:

“Ramiro, a mim, me parecia um velho conhecido. Impressionou-me êle pela primeira vês, na quadra da meninice, quando a nossa alma desabrochando para os sonhos, não se sente ainda contaminada pelo germen corroedor das nossas ilusões, que é essa luta titanica, o struggle for life, dos ingleses, que debilita, emurchesse e mata as manifestações do nosso espírito para os devaneios da arte ideal,

Era uma sátira mordente, ferina, atrevida, contra o presidente da provincia, Cel. Alencastro, conservada de memória pelos admiradores do satírico matogrossense. O vate fazia-nos lembrar Gregório de Matos pela expressão gaiata de sua musa a Quevedo.

A lingugem algumas vezes licenciosa, não destoava da usada pelo satírico de Musset, Byron e Sand que apaixonara e empolgara quase toda a vida intelectual do século XIX e excedendo da sua orbita literária se introduziu na ciência, na política e até nos costumes individuais, Ramiro não podia deixar de ser romantico. Daí o preferir á concepção artística de Gauthier que considera como objéto da arte a belesa e ésta, antes de tudo, na forma a de Tolstoi para quem sendo a arte a linguagem do sentimento, a idéia de belesa é uma idéia vazia e, por isso, a forma lhe é absolutamente secundária,

A bagagem literária de Ramiro na poesia, é bem pequena e, como versos de oportunidade que são, estão naturalmente condenados ao esquecimento.

Com o seu talento e atuando num meio onde o intercâmbio intelectual fôsse maior, é de crer que a sua lira se afliesse no diapásão das dos maiores satíricos contemporâneos. Onde se revela em toda a sua exuberância o talento de Ramiro é no jornalismo. Chefiando a redação da “SITUAÇÃO” órgão do partido conservador, soube imprimir uma orientação tão segura e dar uma feição tão atraente ao órgão que dirigia, que ousamos afirmar, depois dêle não ter havido evolução no jornalismo matogrossense.

Filho do advogado José Jacinto de Carvalho, nasceu Antônio Augusto Ramiro de Carvalho em Cuiabá, a 28 de dezembro de 1836.”

Atuou na política estadual, que lhe foi, como a quase todos os do seu tempo, bem madrasta; exerceu Ramiro vários cargos na administração, inclusive o de presidente da então provincia de

Mato-Grosso, em que se distinguiu pelo zelo dedicado á instrução pública.

Faleceu a 5 de novembro de 1891.

O sucessor de Franklin Cassiano, na cadeira que tem Ramiro como patrono, acadêmico Ulisses Cuiabano, cuja identidade de profissão e afinidade literária o consagra como dos mais inteligentes poetas matogrossense, como Franklin Cassiano, é também professor e jornalista.

Ulisses Cuiabano que já pertenceu á Academia, logo após a fundação do então Centro Matogrossense de Letras, e do qual se afastou para retornar ao seio da corporação, imprime com a sua cultura e vigorosa inteligência o mesmo relevo que Franklin Cassiano sabia dar á Academia.

CADEIRA N.º 17 — JOÃO SEVERIANO DA FONSECA — Ocupante, Carlos Gomes Borralho.

Nasceu João Severiano da Fonseca no Estado de Alagoas a 27 de maio de 1835. Formado em medicina, tendo entrado para o corpo de saúde do exército, faleceu no posto de general.

“Como membro da comissão demarcadora de limites com a Bolívia, percorreu um grande trêcho da fronteira ocidental de Mato-Grosso, entrando pelo rio Paraguai e saindo pelo Madeira.

Espírito culto e observador, da sua longa viagem escreveu magistral trabalho — Viagem ao redor do Brasil — que é o mais completo e valioso livro que tem se ocupado dêste Estado.

Dedicou a Mato-Grosso afêto impossível de ser ultrapassado. Sócio do Instituto Histórico Brasileiro, do Instituto Arqueológico de Pernambuco, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro deixou em manuscrito um Dicionário Geográfico de Mato-Grosso.”

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1897.

A memória de tão ilustre varão, como as de muitos outros cujas efígies ornamentam o panteon acadêmico de Mato-Grosso, não recebeu ainda o tributo da glorificação com o elogio da sua obra e da sua vida.

CADEIRA N.º 18 — FRANCISCO ANTONIO PIMENTA BUENO — Ocupantes, primeiro, José Magno da Silva Pereira. Falecendo, substituiu-o Alirio de Figueiredo.

Não teve o Centro Matogrossense de Letras a satisfação de ouvir a palavra do primeiro ocupante da cadeira que tem por pa-

trono, Francisco Antonio Pimenta Bueno, o saudoso professor José Magno da Silva Pereira, que foi sem dúvida, um dos lumináres do magistério matogrossense, em que esgotou toda a sua energia com entusiasmo e sabedoria.

Nasceu Francisco Antonio Pimenta Bueno em Cuiabá, a 10 de novembro de 1836, descendente do marquês e marquez de S. Vicente.

Seguiu a carreira das armas, falecendo no posto de coronel do estado maior de primeira classe.

“Bacharel em matemáticas pela antiga Academia Militar, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro de Aviz e Cruzeiro, exerceu diversas e importantes comissões de caráter civil, entre as quais a de presidente da provincia do Amazonas.

Percorreu grande trecho do sertão matogrossense, por incumbência do ministro da Agricultura, deixando-nos, além de outros trabalhos, os seguintes: — A Estrada de Ferro de Mato-Grosso á Bolivia, impresso em 1877; Memória justificativa dos trabalhos de que foi encarregado em Mato-Grosso; Carta da provincia de Mato-Grosso, organizada em 1880, História da provincia de Mato-Grosso.

Foi sócio fundador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.”

Exerceu vários postos de atividade em Mato-Grosso, legando-nos uma obra de valor histórico e geográfico.

Tecendo o panegirico do patrono, assim se expressou Alirio de Figueiredo, em brilhante oração, ao tomar posse da cadeira em 17 de setembro de 1922:

“Pimenta Bueno, militar e homem de ciência, não foi propriamente dito, um homem de letras.

Mas foi um matogrossense de cultura geral e um grande servidor da pátria, é o quanto basta, para que lhe rendamos a homenagem que ora se realiza neste Centro.

Encarregado pelo governo imperial de inumeros serviços técnicos, publicou em 1876 um trabalho sobre o prolongamento da Estrada de Ferro de S. Paulo; Memoria sobre o porto do Ceará; Memoria sobre a Estrada de Ferro de Sergipe; Atlas do Império do Brasil. E sobre Mato-Grosso, escreveu: História da Provincia de Mato-Grosso; Carta da Provincia de Mato-Grosso; e encarregado pelo conselheiro Manoel Buarque de Macedo, escreveu, em livro de duzentas páginas, a Memoria sobre a Provincia de Mato-Grosso.

Morreu, quando acabava de administrar a provincia do Amazonas.

Em todos os degraus da carreira, sustentou com brilho, no-

bresa e dignidade, quer nos recontros da luta, quer nos labores da ciência, o venerado nome que herdara, como filho do nunca olvidado estadista Marquês de S. Vicente, assim se exprimiu na sua morte, o orador do Instituto Histórico Brasileiro:

— “Eis o papel das letras. Este nome não figura nas placas denominativas das nossas ruas; e, pelo contrário, vinha dormindo, olvidado dos homens e das coisas; e é por intermédio de um Centro de Letras, que se perpetua em nossa terra a memória de quem nunca escreveu um soneto nem um conto, mas que nem por isso deixa de valer menos, porque, dentro de sua esfera de conhecimentos mentais, foi um grande servidor da Pátria.”

CADDEIRA N.º 19 — JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

— Ocupante, José Barnabé de Mesquita.

Poucos são os homens de Estado, cuja vida se tenha ligado tão vivamente a Mato-Grosso e ao Brasil, como José Vieira Couto de Magalhães.

Em cada canto da pátria, palpita viva uma lembrança do passado, uma nota evocativa do tão ilustre quanto prestante cidadão. Pena é que, o seu busto não esteja perpetuado em bronze, para continuar no tempo os exemplos que nos legou.

Nasceu o Dr. José Vieira Couto de Magalhães em Diamantina, Estado de Minas Gerais, a 1.º de novembro de 1837.

Graduou-se em leis pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

“No govêrno de Mato-Grosso, em torno do seu nome, formaram-se duas correntes diametralmente opostas — uma creada por seus admiradores e partidários, outra, mais numerosa, composta de desafetos e adversários. A êsses dois grupos faltaram a tranquilidade que deve acompanhar o julgamento de todo administrador e a isenção de ânimo que sempre fóge aos políticos militares. Por isso a posteridade, examinados os atos do Dr. José Vieira Couto de Magalhães, não pode aceitar o juízo apaixonado dos seus contemporâneos.

Tendo encontrado a provincia ocupada pelo inimigo, o seu primeiro pensamento foi de aparelhar elementos para desalojá-los. Moço ainda, impetuoso e fortemente prestigiado pelo poder central, nêsse particular mostrou-se cauteloso e previdente, organizando três expedições que deviam simultaneamente assaltar a praça de Corumbá.

Como na luta vigorosa de Pernambuco, terminada pela expulsão dos holandezes, depois de duas páginas gloriosas, das Ta-

bocas e dos Guararapes, entre nós, o sentimento de amor da pátria vibrou tão intensamente naqueles dias, que o presidente se viu na contingência de recusar voluntários.

E ainda assim, muitos foram os que partiram fora do efetivo das tropas. Como terminou a jornada de Corumbá, a história local já consagrou em letras inorredouras.

Ao lado do heroico feito de 13 de Junho de 1867, surge a figura de Couto de Magalhães com o audacioso empreendimento da navegação do rio Araguaia, firmando o nosso direito á margem esquerda daquela caudalosa corrente.

Nem outra significação pode ter a colonia de Itacaiú, o posto de Barreiro e de toda a série de núcleos fundada por sua iniciativa.

Mas, nem só como administrador deve-lhe Mato Grosso inolvidaveis serviços; deve-os tambem ao cientista e investigador pertinaz das raças e dos costumes dos nossos selvagens. “O SELVAGEM” continúa sendo a mais béla contribuição para o conhecimento do grande *araxá* matogrossense.”

O espírito brilhante e culto de José Barnabé de Mesquita, o acadêmico, o historiador cem por cento matogrossense, já traçou em páginas fulgurantes, a vida e a obra de Couto de Magalhães, através sua brilhante conferência “UM PALADINO DO NACIONALISMO.”

Assim se expressou o festejado acadêmico:

“Couto de Magalhães, foi, não há duvidar, o paradigma do verdadeiro Nacionalismo, o arquetipo do Nacionalismo conciente e desinteressado, do Nacionalismo que é fé nos destinos da Pátria, esperança no seu futuro e aitor ás suas tradições gloriosas.

Hoje que tanto se usa e abusa déssa expressão, que se canoizam, a cada passo, figuras de gesso ou cartolina, convertidas em herois de bronze ou de marmore, enquanto se trata de apear do seu pedestal cimentado pelo trabalho as lídimas glórias nacionais, nêsse rebuscar de minúcias em que se obliterou o verdadeiro senso histórico, bom é que se inculque, na pessoa de Couto de Magalhães, padrão do Nacionalismo sincero, digno de erigir-se como um dos pontífices do amor pátrio, um dos progonos déssa reação feliz e oportuna que ora sacode as conciências, abrindo novos horizontes ao Brasil.

Desde a sua ante-vida, remontando-lhe além do berço, já ;remos encontrar as raizes ávitas do seu Nacionalismo.

Da linhagem de Fernão de Magalhães, o heroico navegador lusiada, de quem disse Camões haver sido “no feito com verdade portugês”, veio Couto de Magalhães á vida, na velha Diamanti-

na, coração de Minas que é, por sua vês, o coração do Brasil, zona tradicional que representa para nós o que é a Bretanha para os francezes, a Irlanda para os anglo-saxões, o Lacio para os italianos, fôcos de lendas, irradiador de tradições e nossa estupenda reserva racial.

Em uma das mais lindas páginas de sua obra admiravel, evoca-nos Oliveira Viana, com acuidade de visão e finura de sensibilidade, a "Minas do lume e do pão" que mant' m, nos dias agitados de hoje, a fisionomia "de um Brasil patriarcal, de que falavam os nossos avós, conservando ainda, quase intactos, êsses nossos antigos costumes, tão cheios de penetrante poesia que a civilização dos litorais na sua expansão incoercível, vai rapidamente destruindo."

Perlustremos o nacionalismo de Couto de Magalhães á flor das suas obras literárias.

Estudante de Direito, na velha Faculdade Paulista, Couto de Magalhães já se revêla, nas primeiras manifestações de sua inteligência, o que seria na sua fulgente carreira pública — o devotado apóstolo do Nacionalismo.

Os seus primeiros ensaios versam ténas nacionalistas assuntos históricos colhidos entre interessantes episódios da vida brasileira.

Tinha vinte e três anos, quando publicou "OS GUAYANAZES" conto cujo entrêcho se prende á fundação de S. Paulo. No prologo epistolar, endereçado a Homem de Mélo, confessa haver escrito êsse trabalho "aos triambolhões e ás carreiras", evocando sua vida de estudante que diz ter continuado a sêr a mesma "com a diferença que a confusão e o labirinto já não eram alegres."

Cronologicamente, não é ésta a primeira obra de Couto de Magalhães, que, no mesmo ano, publicara as suas téses de formatura, para obter o gráu de doutor, seguidas de dissertação, cujo ténna era: Poderá o Bispo em sua Diocése suspender um sacerdote do exercício das suas funções administrativamente sem as formalidades do Juizo? Na Revista da Academia de "S. Paulo, por êle fundada e redigida, com Joaquim Augusto de Camargo, outros ensaios seus vieram a lume: "Destino das Letras no Brasil" "Traços Biográficos dos poetas acadêmicos" e "O estudante e os Monges", novela em estílo quinhentista, com que poz de manifesto os recursos do seu maleavel talento literário. Segue-se "Um episódio da História Pátria", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1862, no qual tomou por objéto a revolta de 1720, em Ouro Preto, que teve como protagonista Felipe dos Santos, cronologicamente o primeiro libertário do Brasil.

Como político, continua o escritor; — “O estudo do govêrno de Couto de Magalhães, nas provincias que regeu — Goyaz, Pará e S. Paulo - deve estar feito por proficientes historiôgrafos regionais.

Da sua administração em Mato-Grosso, num dos periodos difíceis, si não o mais difficil de nossa vida política, não há mister encarar, para ressaltar-lhe a fibra nacionalista, mais do que dois aspectos relevantes que vem de molde ao nosso têmea: a navegação do Araguaia e a defesa da provincia contra os invasores.

Basta salientar as suas nobres atitudes ao entrar e ao sair da carreira política.

Desmentindo a proverbial “entrada de leão...” Couto de Magalhães saiu da política, como néla entrara: puro e ilibado. Pode-se resumir a sua vida pública neste conceito feliz de Afonso Celso: “Sua reputação saiu ilesa de tudo. Não se lhe acoima um dêsses atos impensados ou infelizes, que estigmatizam a carreira de um estadista. Em toda a parte, deu mostra de justiça, iniciativa, tenacidade, economia, amor ao trabalho.”

Que formosa sintese, que magnífico programa de ação oferece, nestas cultas palavras, o estadista do antigo regime aos nossos estadistas republicanos e democráticos!

O Araguaia foi o grande sonho de Couto de Magalhães, o supremo objetivo dos seus atos como administrador das provincias de Goyaz, Pará e Mato-Grosso.

A história da navegação do rio Araguaia, empreendida e realizada por um só homem, é uma das nossas epopéias nacionais, digna de figurar ao lado de “Guararapes”, das “Bandeiras”, do “Abolocionismo”, de “Palmares” e outras tantas páginas de heroismo.”

“Quero ao terminar, extrair do que há uma conclusão prática.

Ora que tanto se fala em nacionalismo e nacionalistas, expressões encontradiças a cada passo em livros e revistas, discursos e palestras, e applicadas a esmo, por qualquer a qualquer, mister se faz uma reação salutar, aprendamos nos verdadeiros sacerdotes da Religião e da pátria, a excelência e nobresa dêsse culto.

Couto de Magalhães foi, sem duvida, um paladino extremo do mais extremo Nacionalismo.

Aprendamos com êle a lição fecunda do trabalho que não esmorece, da coragem que não trepida, das convicções que se formam acima das conveniências pessoais e pairam além dos acontecimentos subalternos.

Aprendamos nêle o amôr imperterrito da pátria, o culto sereno da Verdade e Justiça, unicos propelidores seguros do progresso.

Aprendamos dêle, através da sua obra extraorninària ainda

o exemplo confortante do Bem, das nobres ações praticadas pelo simples impulso da consciência, sem aspirar outro prêmio terreno e humano.

Assim praticando, seguindo à risca os seus exemplos e trilhando seguros sua pégadas, elevaremos, dia a dia, o Brasil, pela elevação de cada brasileiro conciente, firme na sua fé nos destinos do país, na esperança cada vês maior da sua grandeza e no amor á pátria desinteressado e sublime, integral e perfeito, sem restrições nem sobre-intenções, tal como a amou o glorioso patrono da cadeira, amor em que reside o segredo da harmonia terrena e da felicidade extra-humana, pois é êle, no dizer de excelso bardo florentino.

Che move il sole e l'altre stelle".

CADEIRA Nº. 20 — JOSÉ ESTEVÃO CORREIA — Ocupante,
Philogonio de Paula Correia.

Foi José Estevão Correia, um dos mais destacados membros do magistério matogrossense e um dos propulsores máximos da evolução do ensino no Estado.

Nascido nesta cidade de Cuiabá, a 2 de agosto de 1840, pode-se dizer entretanto, que José Estevão Correia foi dos nossos dias, pois a sua atividade prolongou-se até 12 de outubro de 1917, vespera do seu falecimento; nesse dia, ainda tomou parte nos trabalhos do Liceu Cuiabano de que era dos mais renomados professores.

Como professor, sua atuação se destaca na cátedra e na administração pública do ensino, tendo exercido o cargo de diretor geral da Instrução Pública por duas vezes, deixando traços de uma atuação inteligente, fecunda e progressista.

Como político, eleito deputado á Assenbléia Legislativa do Estado, exerceu o mandato com probidade, distinguindo-se pela serenidade e compreensão dos deveres cívicos.

Jornalista e homem de letras, destacou-se por forma a merecer a consagração dos posterios, com a inclusão do seu nome na galeria dos patronos da Academia Matogrossense de Letras, perpetuando-lhe dessa maneira a obra moral que legou á terra, na seára do ensino, obra que, só éla bastaria para imortalisar-lhe o nome.

Assim se refere á sua memória o acadêmico Philogonio de Paula Correia ocupante da cadeira que o tem por patrono no silogeu matogrossense:

— Nomeado por título de 2 de Junho de 1870, do saudoso Bispo D. José Antonio dos Reis, que em virtude do disposto no art. 7.º da Lei n.º 4, de 23 de Maio de 1870, fôra autorizado a fazer, independente de concurso, as primeiras nomeações para a regência efetiva da cadeira de matemática, do curso secundário anexo ao Seminário da Conceição, começa daí o seu longo e benemérito apostolado pela causa sacrosanta do ensino.

Do Seminário para a antiga Escola Normal e d'essa para o Liceu Cuiabano, em cuja cathedra de matemática, a morte veio surpreendê-lo a 12 de Outubro de 1917, veio êle sempre pontilhando de luz o seu sublime sacerdócio.

Enérgico e exigente quando ainda no vigor dos anos, bondoso e complacente depois que o invérno da vida veio nevar-lhe a veneravel cabeleira de avô, os seus numerosos alunos de várias gerações, ainda hoje recordam-se saudosos das magníficas lições d'êle recebidas. E era um prazer ver-se com quanta satisfação, com quanto carinho e com que assiduidade, aquele velhinho sempre loquaz e pilhérico, com quem ainda tive a ventura de conviver por dez anos na Congregação do Liceu, comparecia diariamente ás aulas do nosso mais antigo estabelecimento de ensino secundário para edificar, com o seu exemplo as gerações que surgiam.

Durante quasi meio século da sua permanência na atividade do magistério, não houve no departamento do ensino, uma só iniciativa, uma reforma, uma nova fundação, que não tivesse a sua sempre acatada colaboração, só imitada pela colaboração sábia e prudente de Ernesto Camilo Barreto.

Foi o regulamentador do departamento da Instrução Pública durante decênios. Professor de diversas cadeiras, inspetor escolar da Capital, diretor do Liceu Cuiabano, diretor geral da Instrução Pública, em todos êsses lugares deixou agradável memória da sua passagem. Grande amigo de festas e recompensas escolares incentivava-as com frequência nas suas numerosas visitas a estabelecimentos de ensino públicos e particulares, não poupando esforços para estimular a infância estudiosa".

Da sua cultura, destaca Philogonio Correia o seguinte trêcho de discurso, para ressaltar a sua competência, quando da colação de grau aos bachareis em ciências e letras da segunda turma do Liceu Cuiabano: "Por isso, sintetizando quanto posso o meu pensamento, lembrarei apenas e muito pela rama que, se a escola é a officina onde se prepara o espírito e se forma o carater d'esses caminheiros do futuro, meninos e adolescentes hoje, e cidadãos amanhã, a instrução é o fanal de cujo fóco rebentam as chamas que lhes abraçam os corações, lhe apagam os baços nevoeiros da intelligência e fazem com que, após os seus primeiros e tímidos vôos de ensaio, lá para mais tarde com as asas abertas aos ventos do

infinito, se abalem êles do ninho paterno em busca da Canã de glórias com que de longe lhes acena o anjo de suas esperanças; se a escola é o templo que, com o mesmo carinhoso afago, recebe em seu seio os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos, os nobres e os plebeus, os felizes e os desvalidos, a instrução que néla se ministra é o orvalho, a cujo benefico influxo, se desabrocham as inteligências infantis, do mesmo modo que as açucenas do deserto tambem se desabrocham perfumosas aos húmidos beijos da serena madrugada . . . ”

CADEIRA Nº. 21 — MANOEL PEIXOTO CORSINO AMARANTE — Ocupante. Luiz Philipe Pereira Leite.

Manoel Corsino do Amarante, diz Estevão de Mendonça nas suas DATAS MATOGROSSENSSES — “Homem de honestidade comprovada, carater de pureza inexcedível, nasceu Manoel Amarante nésta Capital e aquí fez os seus primeiros estudos no Seminário Nossa Senhora da Conceição, tendo bebido no seu próprio lar éssa elevação de sentimentos que foi o traço predominante de toda a sua vida pública e privada.

Militar de rara cultura técnica, engenheiro distintissimo, tomou nêsse duplo papel, parte importante na campanha do Paraguai, tendo sido o primeiro, talvez, que na história dos fastos militares do mundo se serviu de um balão cativo, para posto de observação do acampamento inimigo.

Ligado por multiplos laços de gratidão à família imperial, com a proclamação da República solicitou e, só com muita instância obteve a sua demissão do posto de tenente-coronel do estado maior de primeira classe do exército, entregando se desde então exclusivamente ao magistério, continuando a honrar a cadeira que já exercia na Escola Militar e na qual se conservou com proveito para a pátria até pouco antes de exalar o ultimo suspiro.

Homem de ciência, convivendo no seio de uma corporação de ensino em que Benjamin Constant fazia vibrar a sua palavra de apostolo das doutrinas de Augusto Comte, e com o ser um dos íntimos do fundador da República, conservou intacta a sua fé, bebida dos lábios daqueles que lhe deram a vida.

Era católico, e era monarquista; assim viveu e assim desapareceu do mundo, legando a seus filhos um nome que o Brasil respeita e do qual Mato-Grosso se orgulha.”

Faleceu o Dr. Manoel Peixoto Corsino do Amarante, na cidade do Rio de Janeiro a 26 de Julho de 1908.

No elogio do patrono, com que se empossou na Academia Matogrossense de Letras em memorável sessão realizada em abril do ano em curso, referiu-se á memoria do ilustre matogrossense, o acadêmico Luiz Philipe Pereira Leite, desta maneira:

— “Em 4 de fevereiro de 1842, na lendária cidade de Cuiabá, na então provincia de Mato-Grosso, nascia “um dos matogrossense de mais honra para o torrão natal, pela bravura bélica e pelo caráter na paz, tão calmo nos azares da guerra como na cadeira da Escola Militar”. Eram seus pais — Antonio José Zeferino e Ana Balbina do Amarante — pouco abastados, de parecer simples e modesto, desfrutando a vida calma e patriarcal das famílias do interior, repartidas as graves preocupações da existência entre as práticas de uma fé católica arraigada e os impulsos de uma dedicação sem desfalecimentos ao regime monarquico vigente”.

Tal o primeiro ambiente natural e necessário da educação e formação de Manoel Peixoto Corsino do Amarante, nascido de de uma família cristã bem ordenada e disciplinada, onde resplandecem as virtudes e os bons exemplos dos pais, levados ás excel-situdes onde morrem todos os embates dos gênios, todas as suspeitas, todas as lutas, para só imperar a amizade nobre e respeitosa com que dois seres se amam e, assim unidos, se vão á velhice cercados de uma prole que vale toda a sua glória, tecendo de renuncias e cessões reciprocas o verdadeiro amor conjugal, perene porque não se fundamenta nos sentidos, santo porque nascido do sacrificio.

E no segredo dessa vida profunda, onde o amor divino, nessa vida interior, que devemos alimentar sempre, tanto mais quanto maior a invasão das coisas exteriores, decorrem os dias de Corsino do Amarante, suaves como os de cada manhã nas casas felizes, lembrando aquêle suggestivo quadro de Ruy, na imortal “Oração de Friburgo”, em que os filhos adormecem todas as noites no amor de seus pais, e os pais acordam todos os dias entre os carinhos de seus filhos.

Concluindo os estudos preliminares, deixa a cidade natal, para prosseguir-los na Capital do Império.

Era o aluno distinto, que revelava o professor emérito, que as gerações vindouras iriam reverenciar.

Assentando praça, matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, obtendo aprovação plena em todas as matérias, teóricas ou práticas, passando a alferes-aluno.

Chamado a guerra, interrompe seus estudos e á vanguarda do exército e nas fileiras do 1º regimento de artilharia a cavalo,

segue para o campo da luta. A fé de ofício de Corsino do Amarante é um ról de bravura provada em Tuiuti e continuada em outros serviços de campanha.

Tranferido mais tarde, para o corpo de engenheiros, ingressava no magistério militar em 25 de fevereiro de 1874.

Na cathedra, destacava se pelo zelo e pela dedicação no desempenho de sua nobre missão; pela assiduidade e amor ao trabalho; pela harmonia que sempre buscou estabelecer entre superiores e subordinados, sem quebra da disciplina, que sempre soube manter com toda solícitude, aliada aos princípios da mais esmerada educação; pela inteligência com que conciliava as asperezas da disciplina com as doçuras do seu carater.

A tradição oral, diz Marques da Cunha, que faz a história e a legenda, até hoje conservada pelos que foram seus colégas ou alunos, confirma ponto por ponto tudo o que se possa dizer de bem a respeito da envergadura moral e dedicação ao cumprimento do dever, que o modesto oficial e professor sem alarde, ou ostentação sempre revelou.

— “Dotado de uma cultura científica invulgar, atesta o general Lobo Viana, possuindo “conhecimentos sólidos e variados, abrangendo diversos ramos do saber humano, numa coordenação harmonica com a escola filosófica que adotara, perlustrando os grandes trabalhos em que os sábios condensam a summa de suas elocubrações”, as lições de Corsino do Amarante, no entanto, não tinham o colorido vivo e a clareza cristalina das de Benjamin Constant, a linguagem castiça e empolgante das de Brasílio Bezerra, a correção e nitidez das de Carneiro da Cunha, os trópos nefelibatas e as arrancadas pseudo demostênicas, adubadas de citações latinas das de Tomaz Alves, nem a amenidade sonôra e cantante, e, ás vezes, saturada de uma velada malícia das do conselheiro Amaral.

Monotona e chã como a planície sem fim, sua vóz era imoldavel; faltava-lhe o dom da palavra, e escasseava-lhe a limpeza da explosão.

Erãm-lhe familiares, os inumeros fatos e dados da Matemática, da Física, das Ciências Naturais; extremava na minúcia; detinha se nos detalhes ás vezes puerís; esforçava-se por atingir a nota justa do rigor e da exatidão. Era, enfim, o sábio reconhecido e proclamado!

Chefe de família exemplar, cuidava de modo particular da educação e formação religiosa dos seus filhos.

Nos ultimos tempos, diz o seu biógrafo aparecia, como uma béla imagem hierática do passado, digna de todo o respeito e

acatamento, pela simplicidade de seus meios de ação, pela seriedade de todos os seus gestos, pelo apego às convicções, que foram seu guia do berço ao túmulo

O olhar era de uma doçura cativante, como que refletindo a bondade inalterável de sua alma. Todo seu exterior respirava natural modestia, despreendimento absoluto pelas fórmulas convencionais do mundanismo, uma constante placidez, que decerto se conjugava por completo com os seus profundos sentimentos católicos.

Esse brasileiro ilustre, embora contasse mais de 30 anos de gloriosos serviços nos campos de batalha e na cátedra em que pontificara na Escola Militar, terminou seus dias a 26 de julho de 1908, como vivera — pobre e modestamente.

CADEIRA Nº. 22 — ALFREDO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY
— V. DE TAUNAY — Ocupante, primeiro João Barbosa de Faria. Presentemente, Carlos de Castro Brasil.

“Foi, o primeiro ocupante da cadeira nº. 22, João Barboza de Faria, um dos fundadores da Academia Matogrossense de Letras, há pouco falecido na cidade do Rio de Janeiro.

João Barbosa de Faria nasceu em Cuiabá, a 20 de fevereiro de 1878.

Iniciando os seus estudos superiores, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Já no 5.º ano do curso, foi obrigado a interrompê-lo, para ingressar, a convite do General Candido Mariano Rondon, na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, modificando assim, por completo o rumo da sua vida.

No serviço da importante Comissão, escreveu interessantes trabalhos especialmente sobre etnografia e história dos ameríndios. “O seu pendor acentuado, pelas ciências e pelas letras, sobretudo no ramo da história, fez dê-lo um infatigável pesquisador dos arquivos, em Cuiabá e no Rio, e um dos mais proficientes cultores do nosso passado, que conheceu como poucos, e sabia, a fundo, penetrar, numa acurada intuição de verdadeiro historiografo, também dobrado psicólogo.”

Tem Barbosa de Faria, acentuados traços de afinidade com a figura do patrono, o Visconde de Taunay, como se pode depreender das próprias obras daquele insigne brasileiro, cuja vida se ligou a Mato-Grosso de maneira a merecer a eterna veneração e respeito do nosso povo.

Era Taunay descendente de francezes.

No primeiro quartel do século XIX, um dos acontecimentos mais notáveis que regista a historia, como início de nova era social na velha Europa, — a revolução franceza — fez aportar ás terras brasilicas uma família de imigrados, pertencente á alta sociedade da antiga França, e que havia de ser mais tarde, tronco de importante árvore da família brasileira.

Dentre êsses imigrantes, destacava-se a figura varonil do comendador Felix Emilio Taunay, filho do celebre pintor da Escola Franceza e membro do Instituto de França, Nicoláu Antonio Taunay, casado com D. Gabriela d' Escragnolle e condessa do mesmo nome.

Adotaram como nova pátria a grandiosa e fecunda terra do Cruzeiro do Sul, domiciliando-se na cidade do Rio de Janeiro.

Exercia o comendador Felix o cargo de diretor da Academia de Belas Artes, quando a 22 de fevereiro de 1843 lhe nasceu um filho, Alfredo d' Escragnolle Taunay, que mais tarde haveria de, seguindo a força inconfundivel do destino, dedicar boa parte da sua grande alma a Mato-Grosso, sagrando-se "digno entre os mais dignos servidores da pátria, illustre entre os que mais o foram nas letras nacionais."

Faleceu Alfredo de Escragnolle Taunay a 25 de Janeiro de 1899.

Poucos como ele lograram em vida alcançar tão grande renome, e impor-se á estima e admiração dos seus concidadãos.

Militar, romancista, político, biógrafo e jornalista, é no campo das letras, porém, que lhe assinalamos a glória imortalisadora.

Após brilhante curso de matemáticas na Escola Central, seguia o curso de artilharia na Escola Militar, quando se precipitaram os acontecimentos da guerra lospeguiaia, arrastando-o aos 23 anos de idade ao campo da luta, secretariando a Comissão de Engenheiros, que a 31 de março de 1865, seguiu em demanda das plagas sulinas de Mato-Grosso, triste expedição que encerrou sua ação com a célebre retirada da Laguna, que êle descreveu em magistral obra de estratégia militar e literária, que ornamenta a cultura brasileira.

Como político, representou na Camara Legislativa os Estados de Santa Catarina e Goiaz. Afastando-se d'essa atividade em 1888, manteve-se fiel ás suas tradições e aos seus princípios.

Na literatura, todo o esplendor da sua carreira. Não pequena a sua bagagem literária.

Estilista subtil e delicado, no linguajar castiço e escoreito,

engrandeceu as letras pátrias, tornando conhecidos os costumes simples dos nossos sertanejos atilados e desconfiados, revelando nas suas narrativas, a singelesa que encanta e seduz. Dos seus livros, *A Retirada da Laguna e Inocência*. O primeiro, uma descrição militar, empolgante evocação dos episódios da campanha do Paraguai, obra que, como disse Jorge Jobim, define duas personalidades distintas do autor: — “o soldado e o homem de letras”.

O soldado avaliando as consequências do descabro e a enormidade do sacrifício: artista, dando vida e movimento ás personagens que tombaram no solo ensanguentado da luta.”

Inocência, é um romance delicado de uma filha dos sertões matogrossenses, cuja belesa fascinante leva dois homens a uma tragédia.

Com que subtileza descreve em seus capitulos os costumes da vida sertaneja de nossa terra! As páginas de *Inocência* demonstram não haver figura mais meiga, mais inocente, mais formosa e de mais delicada e fragil alma, do que essa mística flor dos nossos sertões, cuja belesa atrai, sem a sensualidade românticos dos outros tipos.

Com que arrebatos de prazer nos transporta o espírito a sua leitura, para as matas incomparáveis, os vergéis viridentes “matisados de silvestres flores” dos nossos sertões úberes de vida, vida pura e real da nossa terra, aquela vida que extasia, que faz bem!

A sua história, desde o início do romance, deixa transparecer que a vida da alma que a inspirou, seria curta, seria como a vida das flores de laranjeira que cercavam a modesta vivenda sertaneja, que não engraialdaram sua frente de noiva, mas alombraram o seu leito de morte, a que a arrastou sua ardente paixão e o seu carater docil dedicado á autoridade paterna.

Finalmente, *Inocência*, desperta o divino sentimento do amor e da admiração, e dá-nos, como acentúa Jobim, a “certeza de que, a mão que traçou a história da sua vida efemera como a da borboleta que lhe levou o nome, era a de um homem de coração que, na frase ingênua mas sugestiva do poeta, havia bebido o leite da bondade humana.”

CADEIRA Nº. 23 — ANTONIO GONÇALVES DE CARVALHO — Ocupante, Raymundo Maranhão
Aires.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nasceu o Dr. Antonio Gonçalves de Carvalho a 31 de Agosto de 1884.

Formou-se em Direito na antiga Faculdade de Direito de

S. Paulo, ingressando na magistratura, em que se distinguiu, alcançando na carreira o mais alto posto, qual o de membro do Superior Tribunal.

Em Cuiabá, para onde veio e onde se radicou, exerceu o cargo de Juiz de Direito da Comarca da Capital, e representou, como deputado, a provincia de Mato-Grosso na Camara Temporária, "logo após a primeira eleição diréta da lei Saraiva", em 1881.

Distinguiu-se tambem no jornalismo indigena, colaborando na imprensa cuiabana, deixando nos vários trabalhos característicos pelo conhecimento que tinha das mais prementes necessidades da terra, distinguindo-se entre as suas obras o volume "Estrada de Ferro Mato-Grosso e Bolívia".

Brilhante homem de letras, da sua lavra são inspirados versos. muito ao sabor da época, alguns dos quais simbolísticos e maviosos tal o soneto Flor de Neve, designando graciosa cuiabana que depois desposou.

Raimundo Maranhão Aires, o acadêmico ocupante da cadeira que tráz encimada o nome illustre de Gonçalves de Carvalho, já lhe triçou o elogio em páginas de ardente entusiasmo e repassada de verdadeira veneração. destacando-lhe a vida como juiz de que foi esmerado cultor, jornalista, parlamentar e inspirado poeta, justificando a escolha do seu nome para figurar na galeria dos nomes tutelares da Academia, néstas incisivas palavras:

"Não havia oportunidade melhor para perpetuar o nome daquele que tanto trabalhou e enalteceu êste opulento e dadivoso Estado, embora seu nome houvesse figurado numa placa denominativa de uma das praças de Cuiabá.

Cantor terno e magnífico do bucolismo regional, das paisagens vivas da terra, dos fulgores da sua imaginação criadora, o aedo carioca deixou bem impresso em suas páginas, laivos vivos de sua lírica poesia, em estílo tão sóbrio que, a posteridade louvá-lo-á sempre com enternecimento e orgulho!

Apesar de que, Carlyle haja escrito que "a maioria dos poetas é esquecida dentro de pouco tempo" creio que o mágico artista de "FLOR DE NEVE" terá sempre a sua memoria cultuada com carinho e a sua produção vasada em linguagem apurada, lida e relida com entusiasmo por todos aqueles que o admiram e veneram!

"Embora de sentido universal, um dos realces predominantes da obra e tética é a força de expressão individual, que se não perde no tempo e firma-se irrevogavelmente como parte integrante da personalidade", esclarece o Sr. Carneiro Giffoni. E éssa nota predominante, está flutuando na obra do patrono da cadeira 23.

São características acentuadas e perceptíveis, porque, a sua obra foi produto das suas peripetivas. São obras vivas, cheias de sentido humano e retratando aspectos da natureza, páginas evocadoras de cenas e paisagens, onde entram a história, a ficção e o buril do artista que as inspirou e poliu, burilou e deu-lhes brilho inapagável, como nota significativa nas obras fadadas á perpetuidade. Vózes perdidas mas nunca esquecidas que agora encontram forças novas para se altearem novamente e serem reproduzidas para satisfação e ufania dos que apreciam os bÉlos trovares das eras passadas."

CADEIRA N.º 24 — AQUILINO LEITE DO AMARAL COUTINHO — Ocupante, Ovidio de Paula Correia.

Ovidio Correia, cuja vida a morte acaba de ceifar, roubando á intelectualidade matogrossense um dos seus legítimos valores, anteriormente pertencera á Academia, ocupando a cadeira n.º 14, que tem por patrono o Pe. Ernesto Camilo Barreto. Mudando-se para a cidade de Campo-Grande, em face de determinação expressa dos Estatutos do soladício, passou a figurar no quadro dos sócios correspondentes da Academia. Com a reforma da regimentação acadêmica, estabelecida pela Federação das Academias de Letras do Brasil, que fixou o número padrão das poltronas acadêmicas a éla filiadas, voltou novamente a figurar entre os efetivos o espírito cintilante de Ovidio Correia, escolhido para a cadeira n.º 24, cujo patrono é Aquilino do Amaral.

Não voltou Ovidio Correia á sua terra do berço. Mesmo assim, não deixou de traçar o elogio do patrono, cumprindo com os objetivos determinantes da Academia.

Desaparece Ovidio Correia, justamente quando, a Academia se engalana para testear o seu jubileu, coroando com o primeiro marco de prata, a obra literária matogrossense, deixando-nos uma nota de luto e de pesar.

Foram éstas as expressões de Ovidio Correia, lidas em sessão solene da Academia Matogrossense de Letras, por um outro confrade, por éle mesmo designado para representá-lo na ocasião:

— "A reforma dos Estatutos da Academia Matogrossense de Letras, aumentando o numero de seus membros e admitindo que pessoas residentes fora de sua séde, mas dentro do Estado, pudessem ser eleitas sócios efetivos, em lugar de correspondentes, como

era antes, medidas éssas que, como outras providências, habilitavam aquele Sodalicio a entrar para o grêmio da Federação das Academias de Letras do Brasil, permitiram que eu voltasse a ingressar no pórtico dêste templo.

Pela segunda vez, porque, trazido para aqui em 1923, conduzido por vossas mãos amigas, perdi, entretanto, a qualidade de efetivo, em razão de haver transferido minha residência para a cidade de Campo-Grande, passando para a categoria de correspondente.

Lucrou porê, o Centro com a substituição do retirante.

Não obstante, reincidistes na vossa benevolência. È, pois, sobremaneira penhorado, que tenho a honra de agradecer aos excelsos membros dêste augusto Cenaculo a generosidade de minha escolha para ocupar, efetivamente, uma cadeira ao seu lado; ao lado daqueles, aos quais, de há muito me habituei a estimar e admirar, pelos talentos e virtudes exonantes de seus lapidares espiritos; qualidades invejáveis que eu tanto desejava possuir, afim de estar à altura de bem ombrear com tão distinguidos pares.

È tanto mais grata me é a conclamação de agora, porquanto tiveste o gesto verdadeiramente fidalgo de conferir-me a cadeira que tem por patrono um distintissimo parente meu, cuja memória se impõe ao meu respeito e veneração: o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho, primo-irmão de meu venerando pai e a quem me incumbe fazer referências. Quise nada sei sôbre o Dr. Aquilino do Amaral, que se retirou de Cuiabá mocinho ainda, em demanda da capital paulista, no intuito de completar preparatórios afim de ingressar na velha e tradicional Academia de Ciências Juridicas e Sociais.

Formado, estabeleceu banca de advocacia na Paulicéa, constituindo logo familia, que se estendeu largamente, pelo numero de descendentes que deixou, dos quais conheci pessoalmente apenas três.

Inteligência vivaz e cultivada, Aquilino do Amaral foi, dentro em pouco, consagrado orador de renome e polemista de escol, tanto da tribuna Juridica, como na imprensa e da oratória popular.

Incentivada a campanha republicana e a da abolição da escravatura, com a formação do partido Republicano Paulista, Aquilino do Amaral transportou-se para a cidade de Campinas, um dos núcleos mais vigorosos da nova agremiação, afim de melhor auxiliar seus correligionários políticos, especialmente Campos Sales, de quem era amigo intimo e grande admirador, com a sua fluente palavra falada e escrita.

Proclamada a República, candidatou-se a um dos lugares de senador federal, por seu Estado natal, vindo a Mato-Grosso pleitear sua eleição.

O pleito foi renhido, conseguindo, entretanto, o Dr. Aquilino do Amaral colocar-se em primeiro lugar na lista dos eleitos, a despeito de terem sido seus concorrentes os nomes prestigiosos de Joaquim Murtinho e Pinheiro Guedes, êste ultimo, sobrinho e candidato do próprio governador do Estado, General Antonio Maria Coelho.

Durante os meses passados em Cuiabá assumiu a direção do órgão do Partido Nacional, no qual empreendeu a campanha movimentada de sua eleição, enchendo, êle sózinho, todo o jornal, desde os artigos redacionais, sueltos e pilhérias, repletos da mais fina verve, reçumbrantes de um espírito sadio e moço, não obstante os cincoenta e tantos janeiros que lhe encaneciam a nobre cabeça sempre altiva.

Aquilino viajou a Europa, e, conhecer a Europa, aquele tempo, principalmente Paris, reconhecida como a capital da intelectualidade mundial, era indício de cultura aprimorada.

Em moço, poetou. Empolgado pela grandiosidade do panorama da "Serra do Taquarál", dedicou-lhe uma de suas produções, que conhecemos atravez da "Provincia de Mato Grosso", de Ferreira Moutinho, obra que, mesmo não sendo nem um primor de estílo, é, entretanto, interessante pelo valor informativo das cousas do tempo; devendo-se perdoar a acrimonia da linguagem do autor na apreciação de certos fatos, dada sua qualidade de português, havendo escrito seu livro ainda sob a impressão das ocorrências do célebre 30 de maio.

O Dr. Aquilino do Amaral era um carater! Em toda sua vida demonstrou isso, nas multiplas modalidades de suas atividades sociais. Seus discursos desassombradamente proferidos no Senado, são prova exuberante dêssa afirmativa."

CADEIRA N.º 25 — AMANCIO PULQUÉRIO DE FRANÇA —
Ocupante, José Raul Vilá.

Cuiabano de nascimento, foi Amancio Pulquério de França, um dos homens de maior projeção em Mato-Grosso, no último quartel do século passado.

Exercendo em sua terra natal o comércio e a advocacia, pontilhou no jornalismo indigena, distinguindo-se na redação do "O primeiro de Março".

Cultivando a musa, deixou-nos magníficas produções esparsas em Revistas e jornais de Mato-Grosso e do Rio de Janeiro.

Faleceu a 8 de março de 1881, em Corumbá, onde está sepultado.

O acadêmico ocupante da cadeira que o tem por patrono no Silogeu Matogrossense, cuja inteligência e cultura se assemelha a do ilustre paraninfo, quer como poeta, jornalista e escritor, não nos deu ainda a conhecer a obra do aedo matogrossense, embora ter em formaosa conferência com morativa da morte de Olavo Bilac, a 28 de dezembro de 1921, dado a conhecer as primicias do seu talento e do seu estilo, nessa modalidade de linguagem delicada e difícil, empolgante e magestosa.

CADEIRA Nº. 26 — JOAQUIM DUARTE MURTINHO —
Ocupante, primeiro Joaquim Gaudie de Aquino Correia. Presentemente, Oscarino Ramos.

Foi Joaquim Duarte Murtinho um dos mais ilustres matogrossenses, cujo nome, aureolado de taumaturgia, transpôs os lindes pátrios para cintilar como estrêla de primeira grandeza no cenário político social internacional.

Nasceu Joaquim Murtinho em Cuiabá, a 7 de dezembro de 1848, formando-se em engenharia pela antiga Escola Central do Rio de Janeiro, onde veio exercer depois uma das cadeiras de professor, distinguindo-se pela cultura pouco vulgar.

Destacou-se na política nacional como verdadeiro estadista, representando Mato-Grosso no Senado Federal e ocupando a pasta de Ministro da Fazenda no governo Campos Sales.

— “Era de fato uma individualidade inconfundível em nosso meio, êsse eminente brasileiro a cuja extraordinária firmeza de vontade e esclarecida visão das necessidades nacionais, coube a tarefa admirável de conseguir, vencendo os mais sérios obstáculos, amparar os créditos do país numa fase gravíssima, e consolidá-lo sobre alicêrces fortes e duradouros. Êssa tarefa exigia um pulso firme e uma excepcional organização de estadista — mas de estadista de verdade, conciente da eficiência dos princípios em que se educou e confiante no valor de suas doutrinas e idéas próprias.”

Tão renomado estadista e tão extremoso filho de Mato-Grosso, teve sua biografia traçada pelas amestradas penas dos ilustres acadêmicos ocupantes da cadeira que o tem por patrono no arceopago das letras matogrossenses.

Joaquim Gaudie de Aquino Correia, que em virtude de disposição regimental, deixou o quadro de sócios efetivos para figurar no dos correspondentes, em brilhante conferência immortalizou o nome de Joaquim Murtinho nas letras pátrias, em que cintilou ao lado da política e do parlamento, que enalteceu e da administração nacional em que se consagrou, seguindo-lhe depois, a concretisar-lhe a obra o talento de Oscarino Ramos, perpetuando-lhe a memória através de páginas vibrantes e entusiasmáticas, de fina sensibilidade literária e entranhado civismo.

Da erudita conferência de Joaquim Gaudie se destaca o tópico seguinte, verdadeiro panegirico a realçar o carater e a vida de tão insigne brasileiro, hoara de nacionalidade e orgulho dos matogrossenses:

— “Formado, com excepcional brilhantismo, engenheiro civil em 1870, continuou sem interrupção, os seus estudos de medicina. Mantendo-se já, desde algum tempo, com o fruto material das suas lições a explicando particularmente e do preparo de alunos para exames finais fora, ainda acadêmico, designado para reger interinamente a cadeira de zoologia e botânica, e, tão logo formara-se em engenharia, em seguida a um brilhante exito obtido em concurso memoravel, nomeado professor catedrático de uma das principais cadeiras da segunda seção do curso de ciências naturais, na antiga Escola Central.

Três anos após á sua formatura nesta escola, em, 1873, sustentou magistralmente a tésé para colação de grau de doutor em medicina.

Não obstante ter sido o assunto da tésé de doutoramento na medicina homeopática — instituida pelo sábio alemão Samuel Hahnemann e, de certo modo, hostilizada e combatida pelos mais acatados médicos alopátas, professores na Academia, logrou aprovação distinta, pela maneira galharda, reveladora de admiravel erudição e competência, pela qual se defendera.

Transformada, por uma reorganização, em Politécnica a Escola Central, o visconde do Rio Branco, seu então diretor, convidou Joaquim Murtinho para reger a cadeira de Biología, recém creada, declarando perante o conselho dos docentes ser, êle o único que revelara capaz de regê-la, não obstante muito jovem.

Na Escola de Medicina tivera ocasião de fazer, perante S. M. o Imperador Pedro II e o mais douto auditorio, uma importante e famosa conferência, sobre o ensino da medicina no Brasil, salientando as vantagens do metodo do imortal clinico de Dresde Samuel Hahnemann, para diagnóstico e tratamento das moléstias.

São de Oscarino Ramos, estas incisivas e eloquente palavras a respeito do egrégio patrono:

— “ Não basta um olhar pelo proscênio da nossa história política e nela, ôntem como hoje, vamos encontrar tantos matogrossenses ao seu lado, prova mais clara de que podemos viver sem peias estranhas, porque, na oficina do saber e da inteligência não se conhece fronteiras.

Sem falar dos homens do momento que passa, os quais bem conhecemos, procuremos fixar os traços da imponente figura de Joaquim Murтинho, no agitado periodo da presidência Campos Sales, quando êle era, então, ministro da Fazenda.

Homem que sabia querer, servido por uma inteligência impar, abrangendo com a sua retina de lince todos os problemas que se debatiam em torno das finanças nacionais, êle arrostou a onda irôa dos seus inimigos, e sem desfalecimentos trabalhou para a consecução do fim que colimara. Trabalhou e venceu.

Hoje que a história analisa aquele periodo, éla faz a devida justiça ao grande matogrossense.

Político e estadista, sábio e orientador, Joaquim Murтинho honrou sua pátria e engrandeceu seu Estado natal.”

CADEIRA N.º 27 — JOSÉ BARNABÊ DE MESQUITA (Senior)
— Ocupante Ana Luiza Prado Bastos.

Foi José Barnabê de Mesquita Senior, descendente de ilustre família diamantinense Mesquita - Muniz — um ilustre e prestante cidadão, nascido naquela vila de tradicional reminiscência, a 7 de março de 1855.

Dêle se pode dizer, applicando o simbolismo filosófico do poeta da palmeira, que cresceu e subiu sózinho, sem arrimar se a outra árvore.

Tendo perdido o pai, desde tenra idade, tudo o que foi e tudo o que alcançou em vida, deve-o excluzivamente à sua força de vontade e energia de carater.

Entrando para o comércio desde menino, a principio como empregado, em breve estabelecia-se por sua própria conta, com um armazem em Diamantino, mudando-se depois para ésta cidade de Cuiabá, cujos horizontes mais vastos proporcionavam aos seus olhos argutos e inteligentes, futuro melhor.

E em Cuiabá dedicou - se desde logo ao estudo no Liceu

Cuiabano, preparando-se ao mesmo tempo para encetar a vida forense, provisionando-se em 1881 para advogar nos auditorios da comarca, provisão que renovou em anos consecutivos.

Dedicou-se também ao magistério, lecionando em estabelecimentos particulares.

“Democrata de idéias liberais, colaborou com assiduidade e brilho na imprensa local, deixando esboçados alguns trabalhos literários que a sua vida intensa e curta não deixou concluir. Entre os seus manuscritos figuram também estudos sociais e políticos, notas e comentários sobre fatos e homens do seu tempo, parte dos quais iniciou a publicação no jornal O Mato-Grosso.

Abolicionista e republicano convicto, fez parte em Diamantino, de uma agremiação destinada a pugnar pela abolição da escravidão, e aqui se incorporou ao Partido Republicano, na sua organização, merecendo a escolha de membro da respectiva comissão executiva em 1890.

Em 1890 recebeu honrosa investidura de sócio honorário do Clube 8 de dezembro, fundado em S. Luiz de Cáceres, pela sua abnegação á democracia . . .

Exerceu no antigo regime as funções de auditor de guerra em 1887, e proclamada a República ocupou os cargos de procurador fiscal do Tesouro, em 1890, professor de Latim do Liceu Cuiabano, inspetor escolar e, faleceu, quando diretor da Tipografia Oficial.”

Deixou um unico filho, o desembargador José Barnabé de Mesquita, Juiz na verdadeira significação do termo, carater impoluto, brilhante homem de letras, jornalista, poeta, poligrafo, a quem a Academia Matogrossense de Letras deve a sua vitalidade e organização, e de quem recebe os influxos de trabalho e dedicação.

CADEIRA Nº. 23 — CAITANO MANOEL DE FARIA E ALBUQUERQUE — Ocupante, Severino Ramos de Queiróz

Nasceu o General Caitano Manoel de Faria e Albuquerque, nesta cidade de Cuiabá e foram seus pais o Coronel Caitano Manoel de Faria e Albuquerque e d. Francelina da Silva Pereira.

Descendente de ilustre família, dedicou-se Caitano de Albuquerque á carreira militar, distinguindo se no exército nacional em que alcançou o mais alto posto, pela bravura e pelos conhecimentos técnicos da arma de engenharia.

Na política do Estado, em que tomou parte saliente, representou o seu Estado natal na Câmara dos Deputados Federais, revelando-se pela eloquência e pela cultura, como dos mais destacados parlamentares. Chamado a presidir Mato-Grosso, por eleição direta, e em 1915, assumiu o governo a 15 de agosto desse ano. Espírito ativo e independente, dotado de uma compreensão elevada, tentou executar no Estado uma política administrativa baseada nos verdadeiros princípios democráticos, fugindo á realidade partidária tão ao molde no tempo, evitando, na execução dos seus atos as injunções políticas dos chefes, desavindo-se com a maioria da Assembléa constituída de elementos pertencentes ao Partido Conservador que o elegera, valendo-lhe da corporação legislativa uma atitude de hostilidade á sua administração.

Unindo-se á bancada oposicionista do Partido Republicano Matogrossense que o apoiou, teve de então por diante, prejudicada a sua atuação no governo do Estado, de que resultou a primeira intervenção do Governo da República na vida política do Estado.

Bem intencionado, probo e trabalhador, não lhe foi possível levar avante o programa de governo idealizado pelo seu espírito empreendedor e progressista.

Foi também, Caitano de Albuquerque brilhante inteligência, tendo colaborado na imprensa do país, distinguindo-se pelos conhecimentos que possuía de Geografia. Relevantes foram os serviços prestados á sua terra natal, principalmente na fixação dos seus limites territoriais, atuando sempre com elevação de espírito, respeitando os direitos dos Estados litigantes, mas defendendo com ardor o direito patrimonial da terra que o viu nascer.

No elogio do patrono assim se expressou o espírito fulgurante de Severino de Queiróz:

—“Fazer o elogio desse grande brasileiro, cuja atuação no cenário político do Estado de Mato-Grosso está na memória de todos, afigura-se-me agradável tarefa.

Por qualquer faceta por que seja estudada a personalidade de escol e complexa do general Caitano, vem á mente e á pena do analista assuntos em barda. As informações a seu respeito podem ser colhidas, não apenas no livro, no folheto, no jornal, também entre numerosas pessoas que com êle privaram, ou que o conheceram de perto.

Homem de vasta cultura, de palavra fácil e convincente, manejador exímio da pena, “bem apessoado”, segundo José de Mesquita, logo se impôs á admiração dos intelectuais e de quase toda a sociedade cuiabana.

Apesar de moço, pois tinha 25 anos de idade, bordavam-lhe os punhos os galões de capitão, posto que alcançara em pouco mais de dez anos e era engenheiro, bacharel em matemática e ciências físicas e naturais.

Aos vastos conhecimentos que possuía, á sua invejável e cultura, acrescentou depois grande cópia de cabedal adquirido em sua excursão pela Europa, que visitara em missão militar. Foi aos museus, ás bibliotecas, esteve em universidades, quartéis, arsenais, conversou com muitos cientistas; estudou muito e muito aprendeu, não só assuntos bélicos e a estratégia de seu tempo, senão também as ciências e as artes.

Abeberou-se mais profundamente na liberal Inglaterra, onde aprimorou seus conhecimentos da lingua da terra dos marinheiros — “porque a Inglaterra é um navio que Deus na Mancha ancorou...” na linda figuração do sempre festejado Castro Alves.

Bom escritor, Caitano de Albuquerque sabia florear os períodos e burilava todos os seus escritos, inclusive os artigos candentes da polêmica política partidária.

Jornalista vigoroso, vibrante orador, a sua palavra era reclamada nos salões, e na sociedade Terpsícore Cuiabana, fizeram época os seus discursos improvisados, que a todos encantavam.

Seus artigos de imprensa, sempre cheios de sabedoria e sempre bem escritos, tem o sabor doutrinário e reflétem, mesmo em se tratando dos debates políticos ou de querélas de partidários exaltados, uma diretriz elevada, uma atuação digna da mais adiantada imprensa, daquela a que se poderia chamar — boa imprensa.

Não se deparava na polêmica uma retaliação, um ataque insultuoso próprio de lutador que vem á arena arremangado e com esgares de fera.

Deixou-nos o general Caitano de Albuquerque as seguintes obras: — Resumo Corográfico do Estado de Mato-Grosso (folheto); Dicionário Técnico Militar de Terra (1911), obra sem igual no gênero, que denota a erudição admirável capacidade de trabalho e a cultura polimorfa do pranteado autor; Se eu Relatasse Tarifas (1915); Mensagem; Resposta á Assembléa Estadual, em defesa á denuncia contra êle oferecida; Manual do Empregado do Comércio, publicado no Rio de Janeiro pouco antes do traspasse do autor.

Prova éssa atividade literária, digna de nota e de imitação, que o general Caitano de Albuquerque não se havia adaptado a uma improdutiva inatividade militar, ainda que bem remunerada.

CADEIRA Nº. 29 — ANTONIO CORREIA DA COSTA —

Ocupante, Virgílio Alves Correia Filho.

Foi Antonio Correia da Costa, uma das figuras mais proeminentes no cenário político-social de Mato-Grosso, no regime republicano no país, ao lado de Generoso Ponce, cuja atuação se revêla de modo marcante nos fastos matogrossenses.

Traçando-lhe a biografia, no importante elogio funebre proferido em sessão de 14 de dezembro de 1920, do Instituto Histórico de Mato Grosso, assim se referiu José de Mesquita, à personalidade do Dr. Antonio Correia da Costa: —

— ‘Nasceu o Dr. Antonio Correia da Costa nesta Capital a 5 de fevereiro de 1857, sendo seus pais o capitão Antonio Correia da Costa, professor de Geografia e História do Liceu Cuiabano e D. Inez Maria Luiza Correia da Costa, ambos pertencentes ao escol da sociedade cuiabana.

Tendo feito os seus estudos primários, seguiu para o Rio de Janeiro onde se matriculou na antiga Escola Central de Engenharia, hoje Politécnica, colando gráu de bacharel em Ciências Físicas e Naturais no ano de 1879.

No seu curso superior teve como condiscipulos, Paulo Frontin, Teixeira Mendes e outros que mais tarde se tornaram individualidades de destaque no país e como professor o nosso eminente conterrâneo Joaquim Murinho, ao qual desde aí o prenderam os laços de uma grande e sincera amizade.

Em 1882 encontramos-lo na Capital, dirigindo com Manoel Esperidião e João Carlos Muniz, dois outros bēlos talentos prematuramente desaparecidos, o ‘Externato Matogrossense’ por êles fundado e solenemente instalado a 15 de Junho dêsse ano, dedicando-se ao mesmo tempo aos cuidados da sua chácara nos arrabaldes da cidade.

Convidado pelo presidente Cunha Matos para dirigir a exploração da zona entre o Arinos e o Juruena, lá se achava o Dr. Antonio Correia, quando se deu a proclamação da República, tendo regressado dêssa expedição atacado de grave enfermidade.

Estabelecido o novo regime, o Dr. Antonio Correia entrou a colaborar na administração e na política do Estado, revelando-se desde logo aquele espírito culto, esclarecido e patrióta de cuja operosidade muito devia esperar a nossa terra.

Eleito a 28 de maio de 1891, deputado à Assembléa Constituinte, tomou parte nos trabalhos daquella agremiação histórica,

sendo um dos signatários do nosso Estatuto Fundamental de 15 de agosto do mesmo ano, para cuja elaboração concorreu com o seu espírito democrático ao lado de Murtinho, Metélo e tantos outros vultos eminentes.

Eleito a 1.º de Março de 1895, presidente constitucional de Mato-Grosso, assumiu o mandato a 15 de agosto dêsse ano, tendo sido os seus companheiros da chapa, como vice-presidentes os coronéis José da Silva Rondon, Antonio Cesário de Figueiredo e Virgílio Alves Correia.

A sua administração si bem que reduzida de fato, a pouco mais de dois anos, foi das mais fecundas em benefícios para Mato-Grosso,

O conhecido "caso dos bondes", ocorrido a 25 de janeiro de 1898, afastou-o do govêrno, pois a sua inquebrantável firmeza de carater, que não comportava tergiversações nem doblez, diante do conflito que se delineava entre o principio da autoridade e a sua lealdade partidária, preferiu o alvitre do próprio sacrificio, privando o Estado da sua profícua colaboração mas deixando intactas a sua autoridade de Presidente e a sua dignidade política.

Os acontecimentos políticos de 1899 fizeram-no voltar á atividade partidária e, como se sentisse sem garantias no Estado, fundou com Generoso Ponce, na capital paraguaia o jornal "A Reação" revelando-se, á frente dêsse órgão de opposição, vigoroso panfletário e hábil polemista.

Dedicou-se com amor, ao estudo da nossa História, produzindo éssa preciosa monografia "OS PREDECESSORES DOS PIRES DE CAMPOS E ANHANGUÉRA", minuciosa e fiel investigação do nosso passado, na qual fez ressurgir, através do cronista de antanho, o periodo de quase dois séculos anterior á occupação paulista e os tipos heroicos dos aventureiros hespanhóis que primeiro palmilharam terras matogrossenses.

Virgílio Correia Filho, o acadêmico occupante da poltrona que tem seu ilustre nome, em brilhante conferência efetuada na sessão de 12 de janeiro de 1922, da Academia Matogrossense, de Letras, sintetizou a obra do ilustre varão matogrossense, nêste elogio incisivo e magnífico:

— "Obreiro infatigavel, trouxe do berço as qualidades que o extremaram entre os contemporâneos, convertendo-lhe a existência em curso modelar de sãos ensinamentos.

De ambos os lados de cuja abençoada fusão procedeu, conservou os predicados que os distinguiam. Descendendo pelo lado materno dos Silva Prado de S. Paulo, possuia a mesma agudeza

de engenho, curiosidade insaciavel e sociabilidade expansiva que em Eduardo Prado culminaram; dos Correia da Costa, que lhe formavam a ascendência paterna, herdou a simplicidade de gênio, que ralava pela boêmia, o amor á ordem, o carater de velha tempera, o discernimento lúcido, a atração pela vida rural.”

CADÊIRA N.º 30 — MANOEL ESPERIDIÃO DA COSTA
MARQUES — Ocupante, Otávio da Cunha
Cavalcanti.

Como os antecessores, Joaquim Duarte Murtinho, e Antonio Correia da Costa, segue-se Manoel Esperidião da Costa Marques, da mesma linhagem intrépida de sábios, carater rigido, inteligência invulgar, que no último quartel do século dezenove e início do atual, haveria de influenciar decididamente na vida política e social de Mato-Grosso, distinguindo-se notavelmente pela dedicação e trabalho, e sobretudo, por éssa força eletrisante de amor á terra, que faz com que os verdadeiros homens de gênio, tudo sacrifiquem de seu bem estar para, em holocausto oferecerem á pátria, a própria vida, esquecidos da materialidade esterilizante das recompensas da terra.

Manoel Esperidião da Costa Marques, tombou cedo, para enobrecer sua terra. Toda a sua vida profissional, engenheiro que o era, formado pela antiga Escola de Minas, foi dedicada a Mato-Grosso.

Político militante, a sua atuação, ao lado de Generoso Ponce, Antonio Correia e outros, foi toda éla pontilhada pela altivez e pela energia de carater, sempre disposto a engrandecer a terra que extremecera.

Explorador dos nossos sertões, chefiou Esperidião Marques uma expedição científica, com o fim de observar e estudar as condições de navegabilidade do rio Jaurú afluente do Paraguai. Verificou o ilustre engenheiro as condições de navegabilidade do rio Jaurú até o Registro, seguindo daí por terra á antiga cidade de Mato-Grosso.

Faleceu o Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques a 18 de abril do ano de 1906, na cidade de Mato-Grosso, onde foi sepultado ao lado de Ricardo Franco e Adriano Taunay, três vitimas do dever a serviço da pátria e da humanidade, dignos do respeito e da veneração dos posterios.

No brilhante elogio do patrono, em memoravel sessão do

Centro Matogrossense de Letras, dissera Otavio Cunha na sua linguagem escorreita, poetica e simbolística, com o fulgor da sua inteligência e eloquência da sua cultura, éstas palavras, hinos de civismo a reverenciar a memória acrisolada de saudades do grande matogrossense:

—“ Em Esperidião tudo é harmonia: Um pedaço da antiga Vila-Béla é uma parte do Brasil que merece tanto carinho como a capital da República, porque é uma componente do todo. Cada homem, dos nossos, é um elemento valioso que tem a responsabilidade da defesa da Pátria. Quando Esperidião chegou formado a Cuiabá, colaborou na fundação de um Externato, do qual foi professor, partilhando assim o seu saber com os seus jovens coestaduanos

Indo residir em Cáceres, onde a política o atraiu, foi eleito deputado geral no Ministério João Alfredo e na Camara trabalhou na confecção da Lei de 13 de Maio, da Lei Aurea, na abolição da escravatura, a realização do sonho do sublime poeta das Espumas Flutuantes... a glorificação de Nabuco! E na sua vida política, onde por várias vezes foi eleito deputado provincial, novos horizontes se descortinavam afim de premiar o seu valor se a sua vida se prolongasse mais...

É que Esperidião, adiantado pela ilustração, avançado pelo critério sadio, grande pelo desprendimento de si mesmo, seria levado, a todas as posições, como o foi a algumas pela utilidade necessária de suas idéias, de seu valor moral, de sua fibra heroica, de que todos precisam para o bem comum, e não pela vontade própria guiada por inconfessáveis interesses de mando, de predomínio, enfeitados de orgulho. A alma simples da gaivota poconeana vestia ou o manto branco da pureza ou a túnica alvinente dos sonhadores... dos poetas: educa, observa, descreve canta, se apieda, adivinha, clama, suplica, pede e se atira á luta em prol da paz, e se arroja a morte em prol da vida...

Esperidião, a tua viagem sôbre o vale do Baixo Guaporé, desde a cidade de Mato-Grosso ao Forte do Principe da Beira, lí-a, e parecia-me que eu ia contigo, ao teu lado, ouvindo-te, nêsse frágil batelão, tripulado por intrépidos caboclos, aos quais a incerteza não intimidava, porque o chefe nunca se intimidava.

Lí-te na exploração do Alto Guaporé, na qual passaste 18 dias cada qual mais temeroso, alguns havendo em que o céu irado despejava chuvas, ribombavam em coleras os trovões e a treva não deixava os astros brilhar. Não pretendo seguir-te mais, e fico a contemplar-te o espírito.

Sejas bendito! E é pelo amor que dedicaste a velha e mo-

ribunda cidade dos Capitães Generais. que te pagou tanto carinho com a morte, tão feia ingratição, como temendo que não mais voltarias lá, para acariciá-la e revê-la e pugnar pelo seu levantamento, o que já, tinhas feito com todo o calor da tua alma sublime, e é por êsse amor teu que eu não a amaldiçoô.

Não mais quizeram a antiga Vila-Bèla e o seu espelho opaco o Guaporè — que os teus cuidados se dedicassem nem mesmo aos teus, quanto mais a outras regiões, e temendo que não mais voltasses, a velha e outróra opulenta cidade te abriu o seio adotivo, como se fôsse um seio mater, para guardar teu corpo eternamente!

CADEIRA Nº. 31 — JOSÉ DELFINO DA SILVA — Ocupante,
Lamartine Ferreira Mendes.

Sôbre José Delfino da Silva, o poeta romantico, sensível e delicado que enriqueceu a musa matogrossense com as produções subtís da sua pena vamos encontrar nas páginas dos Novos, da Revista da Academia Matogrossense de Letras, do ano de 1945, referências sôbre a sua obra e a sua vida num bèlo trabalho de Wanir Delfino Cesar, seu parente e como êle, poeta e de bèla inspiração.

—“Filho de Pedro Delfino da Silva e de Petronilha Teodósia da Silva, ao declinar do ano de 1860, aos 20 de novembro, nas pinturescas e aprasiveis paragens livramentenses, vira sorrir-lhe o primeiro albor da existência. E tudo alí, dessa campina esmeralda até a brisa mansa e enamorada, parece que sorriu, contemplando e recebendo os primeiros soluços daquele que, aureolado como o estema do filho da Musa, haveria de, ao depois, cantando em lira doce e amena, immortalizar o seu berço, primeiro que fôra, dentre os filhos de sua terra, predestinado para assentar-se no concílio dos vates.

Em contraste flagrante com tudo isso poetava depois o illustre bardo, sempre envolto na modéstia e nostalgia que lhe caracterisavam as aspirações:

Do dia em que nasci não sei dizer,
Mas, suponho que, triste, a natureza,
De luto fez cobrir sua beleza,
Nêsse dia em que tive de nascer!

Contava ainda poucos anos de idade, quando José Delfino vê morrer-lhe o pai, Era como a primeira estação na Via-Crucis, que lhe estava preparada.

Após de frequentar várias Escolas, lutando sempre com as adversidades da sorte que, as mais das vezes, eram superadas pelo grande desejo de saber, um dos mestres foi avisar sua mãe de que já se lhe haviam esgotados os conhecimentos, dando pelo conseguinte, como concluído o curso daquele dedicado aluno. Começou para êle uma fase nova de vida. Estudava em casa. O francês foi a primeira lingua que lhe cativara o gosto. E pressou tanto o idioma da Chateaubriand que chegou a conhecê-lo profundamente.

A sua vida era o estudo, e no trato continuou dos modelos da vernaculidade ia formando essa reserva de conhecimentos e delicadesa de estilo com que viria esmaltar a fantasia admiravel de sua inspiração. Às pessoas intimas dizia querer morrer estudando; talvez tivesse lido e invejado a morte de Petrarca.

O coração do poeta bem se poderia chamar um “para-raios” das manifestações patéticas da natureza. Aí veem concentrar-se todas as dores do coração humano, bem como êle folga e se alégra quando a satisfação empolga o espírito dos homens. E como já manifestou, admiravelmente, o inclito escritor Tristão de Athayde, “a poesia é a síntese das vozes contraditórias do Universo, transfiguradas pelo banho lustral do silêncio e da solidão”. Porque á semelhança daqueles santos varões que povoaram os primeiros séculos da Igreja e que iam às florestas longinquas e desertas falar com Deus e compreender-lhe a Beleza e Onipotência, também o poeta, “creatura que mais se aproxima dos anjos”, busca o silêncio para que nêle possa expandir-se nos vôos sublimes de sua inspiração.

Padecia o nosso poeta e muito: o mal que tão cedo o acometera vai cada vez avançando. Os recursos medicos falham e não lhe resta outro meio senão deixar a sua terra em busca de melhoras. Vida toda de sofrimentos exclama êle:

Eu padeço, eu soffro tanto !
Esta vida é sopro, é nada . . .
Foi minha harpa vibrada
Só pra soltar um gemido ! . . .

Era aos vinte e nove de março do ano de 1900. Com o século 19 extinguiu-se também uma das estrêlas do Romantismo em terras matogrossenses.

As suas produções literárias levou-as todas consigo, com o fim de fazê-las públicas, mas a sorte lhe foi adversa e, com a sua

morte, a-pesar de todos os esforços feitos pelos seus, não foi possível rehavê-las. Só nos restam algumas de suas poesias que já foram publicadas na revista "O Mato-Grosso" e uma inédita, oferecida em um banquete, sobre a qual o professor Ulisses Cuiabano fez uma apreciável crônica.

Mais tarde, os seus ossos foram transportados para o cemitério desta Capital."

CADEIRA N.º 82 — FRANCISCO CATARINO TEIXEIRA DE BRITO — Ocupantes, primeiro Ana Luiza da Silva Prado. Atualmente, Isac Póvoas.

Nasceu Francisco Catarino Teixeira de Brito, a 25 de novembro de 1881, na antiga Levergeria, hoje cidade de Nioaque, município do mesmo nome, desmembrado do Estado de Mato-Grosso, para integrar o Território de Ponta-Porã, creado em 1943.

Já lhe traçou a vida, em brilhante panegirico, o ocupante da cadeira no cenáculo das letras matogrossenses, acadêmico Isac Póvoas. São dêle estas palavras:

— "Catarino era um jovem dotado de uma imaginação ardente, servida por um talento reconhecidamente privilegiado.

Duas pedras vivia êle a lapidar com particular esmero, ajudado por seu portentoso engenho — a pintura e a poesia: a linguagem das imagens, que nos encanta e a linguagem propriamente dita, que nos arrebatava. Dir-se-ia um ourives de boas obras de lei a polir paciente e cuidadosamente, por suas próprias mãos, as pedras custosas do seu merecimento, pedras éstas que a posteridade recolheu carinhosamente para engastá-las na corôa de louros destinada a cingir-lhe a fronte.

Desejaria objetivar a sua pessoa, apreciando-a na sua complexidade intelectual, moral e física; mas, escassearam-me, infelizmente, os dados.

As suas poesias, as suas télas de pintura, seriam indubitavelmente excelentes mananciais para isso; destas ultimas, porém, ao que se sabe, só há um preciosos remanescente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, representando uma paisagem.

Não teve Catarino de Brito estímulos outros que não fossem os da força de vontade; não teve, tão pouco, para proteger-

lhe os mecenas que surgiram em épocas anteriores e posteriores á sua. Apareceu sózinho, e, á semelhança das altivas palmeiras da nossa terra, cresceu sózinho, inscrevendo êle próprio, o seu nome, nas páginas doiradas de nossa história artística, páginas éstas que deveriam levá-lo á immortalidade e para a glória.

E as suas poesias? Délas, pouquíssimas saíram a lume. Apenas os seus primeiros ensaios, como Lagrimas, Desalento, Pensando em Tí, etc.

Há nas suas poesias, o mesmo encanto sedutor que deixam transparecer aquelas caídas da pena de Luiz Delfino, as mesmas lamentações e queixumes que reçumbam dos versos do festejado poeta da Lira dos vinte Anos.”

Faleceu Francisco Catarino de Brito, na cidade do Rio de Janeiro a 14 de março de 1881, contando apenas vinte anos de idade.

CADEIRA N.º 33 — MARIANO RAMOS — Ocupante. Nicoláu Fragelli.

Nasceu Mariano Ramos no município de Caceres, na fazenda Flechas, fundada por seu pai D. Mariano Ramos, a 17 de Junho de 1864.

Fez seus estudos primários nesta capital, onde frequentou também a Escola Normal e o Liceu Cuiabano, em seguida á supressão daquêla casa de ensino. Estudante, revelou sua privilegiada vocação pelas letras, fundando com Frederico Teixeira, o jornal literário “O ARGOS”. Após terminar o curso secundário, provisiónou-se para exercer a advocacia na cidade de Caceres, onde fundou e redigiu o “ATALAIA”

Eleito deputado por Mato-Grosso na Constituinte republicana do Estado, tomou parte ativa nos trabalhos em que revelou habil parlamentar.

Filiando-se ao Partido Republicano, foi eleito deputado federal.

Faleceu a 20 de abril de 1896, na cidade do Rio de Janeiro.

Escolhido recentemente, o seu nome illustre para figurar no pateon matogrossense, num justo preito de veneração dos seus posteros, coube a Nicoláu Fragelli ocupar a poltrona na Academia Matogrossense de Letras.

CADEIRA Nº. 34 — JOSÉ TOMÁS DE ALMEIDA SERRA —
Ocupantes, primeiro, Ulisses Cuiabano, a
seguir Antonio Cesário de Figueiredo
Néto, e presentemente, Olegário Moreira
de Barros.

Em páginas brilhantes e escorreitas, já traçaram a biografia de José Tomás de Almeida Serra as penas cintilantes de Cesário Néto e Olegário de Barros, São de Cesário Néto as expressões que seguem:

— “Nasceu José Tomás de Almeida Serra, em Cuiabá, aos 7 de março de 1866. Passou os primeiros anos da meninice ao suave abrigo da disciplina etistã, que o levou a iniciar a vida pela carreira eclesiastica. no Seminário Episcopal.

Logo porêem, mudara de propòsito, e ei-lo que surge para o mundo, sequioso de ação e luta, na ansia ingenua de ferir a alma terna de adolescente nos acúleos dolorosos do “Ouriço invertido” — o meio social, no dizer incisivo de Raul Pompéia. A espada. Abandonou o Seminário e guiou se para a milícia.

Nova renuncia, A espada, como a estamenha monastica, não lhe assentarem bem. Deixou-se estar na comodidade modesta da burocracia, conseguindo ser nomeado para escrivão dos feitos da fazenda. E isto lhe bastava.

Não vejais nestas vacilâncias uma disposição para a sinecura, nem ainda um carater apatico e indolente. São, ao envês, a manifestação de um temperamento que se não amoldava às exigências e á estreiteza da pragmática.

Qualquer burguês sensato, dèssa sensatez de gravata ou de *croisèe*, buscaria uma carreira rendosa, de grande futuro material. Mas, o nosso poeta fugira a qualquer especialização de mistér social que lhe tolhesse os surtos do espírito sonhador. E' a rebeldia inata do talento. Ou, para dizer com Martins Fontes, que diz melhor: “quem nasceu para cigarra nunca pode ser formiga”.

Ei-lo, como a cigarra inocente, a cantar e a sonbar, a contemplar das franças altaneiras da sua olaia, o formigueiro humano que moureja entre ambições mesquinhas que se chocam.

Surgiu para a vida com a alma latejante de emoções, ao alento de sonhos e de esperanças, como uma flor que desponta radiosa aos beijos do sòl”.

E segue-lhe, no elogio, com a mesma enfase e estílo seguro, Olegário de Barros, nêstas expressões cintilantes e sublimes:

— “Ei-lo agora na vida burocrática, Atingiu, afinal, o cume

da montanha esplendorosa. Estava bem, embora na miséria. Mas, que importa ao poeta verdadeiro o bolso vazio quando refeito da fome, pode encher a alma da riqueza de todos os são? O poeta é um ressoador: são antenas hipersensíveis captando todas as dores e todas as belezas do mundo.

O mergulhador dextro, que descia às profundezas esplendidas das odes de Horácio e voltava com as mãos cheias de gêmas e que, depois, montara guarda às noites gélidas de junho, aos edifícios do Tesouro Nacional, foi dar, finalmente, nos costados modestíssimos de uma cadeira, como adjunto interino de professor de primeiras letras. O rendimento, embora maior, não lhe chegava. Foi, assim, o nosso poeta, forçado a procurar um outro poleiro de onde pudesse desferir seus cantos com mais confiança, logrando ser nomeado, a 31 de julho de 1888, escrivão dos Feitos da Fazenda, mas, ainda assim, pouco alívio lhe trouxe á pobreza.

Sentir em toda a sua exuberância, os estímulos mais nobres e mais elevados do sofrimento, o coração a vibrar um rosário infinito de torturas, ele a organização desse cantor admirável.

José Tomás polarisava a sua dor. E quase todas as suas produções é ela a sua nota exaltada, a sua fuga, o seu motivo. A melancolia é profunda e lembra a toada das cantigas da nossa raça. O vare, abraçado a lira, percorre toda a gama da dor e instintivamente, olhos fechados para fora, numa introspecção suprema, arranca os tesouros da alma para nos oferecer.

Sentia. Era o artista perfeito. L'artiste est mediocre quand'il raisonne au lieu de sentir, proclamou Le Bon.

Depois da estação florida, o grande cantor rumou a gôndola para outras praias. Desceu-lhe sobre a alma, a flor da melancolia, das lamentações.

O sabiá dos nossos coqueiros recolhe a cabeça pensativa sob as asas e defere, ao por do sol, os seus últimos cantares. Romântico. Sim, e em todas as suas manifestações poéticas. Artista conciente, subjetivista, os seus versos, José Tomás os fazia com a naturalidade de uma corrente d'água cantante... Amou muito, por isso mesmo, sofreu muito.

Cumpriu a sua nobre missão na terra, espalhando a mãos-cheias flores do seu estro, dando tudo o que possuía, numa abnegação quase divina.

"Nous sommes tous membres les uns des autres" afirmou Uyers.

Morreu cedo, quando lhe devia chegar, como um sol a zeuith, a mocidade em festa, cheia de fanfarras e clarins. Cerrou os olhos a entrada melancólica do outono, sentindo bem nas pri-

meiras folhas amarelas e tristes que caíam do seio das árvores ainda cheias de seiva, sob o esplendor tropical dos nossos céus deslumbrantes, a sua própria vida torturada a extinguir se.

Foi bem uma folha sacudida para o solo, quando pelo tronco verde dos ramos viçosos, a harmonia da primavera cantava.

Morreu José Tomás, quando apenas tinha 23 anos de idade...

CADEIRA N.º 35 — JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES — Ocupante, José Jaime Ferreira de Vasconcelos.

Falar do patrono da cadeira n.º 35, é homenagear a justiça é render expressivo culto á magistratura matogrossense, lembrando transes delicadíssimos da vida politico-social de Mato-Grosso, em que a toga do magistrado, sob a ameaça e arreganhos de partidatismo estreito, se elevou, aureolada pelo respeito, imperando na sua suprema força, servindo hoje, talvez, de exemplo para quantos investidos temporariamente da tunica governamental malbarateiam a garnacha de Juiz, num ridiculo a que só batem palmas a cortezania dos que se agacham servilmente, para realçarem, mais por maldade de que se aproveitam, a figura fragilissima e impotente de improvisados demagogos.

Assim é que, Jaime de Vasconcelos, empossando-se na cadeira n.º 35, em memoravel noitada, se referiu á memória do patrono, avivando-lhe mais a obra e consagrando a Justiça na sua sublimidade e respeito.

—“ O patrono da nossa cadeira, êsse ilustre matogrossense que foi o desembargador Ferreira Mendes, representa para a justiça matogrossense, um verdadeiro expoente de alto critério, de solida cultura e inatacavel probidade. E a sua vida privada foi igualmente um modelo de virtudes, que vem sendo continuada por seus descendentes, notadamente os nossos confrades Dr. Lamartine Ferreira Mendes e Professor Francisco Ferreira Mendes.

Chamado a exercer altos cargos de administração estadual, entre os quais o de Secretário do Interior, Justiça e Finanças, o desembargador Ferreira Mendes, apesar dos periodos de intensas lutas políticas e partidárias em que os exerceu, voltou sempre ás

suas funções judiciárias com a reputação respeitada, cercado pela justa veneração dos seus amigos e pelo respeito dos adversários do partido em cujas fileiras leal e honrosamente militara.

A personalidade do desembargador Ferreira Mendes, mau grado a sua modestia, o seu retraimento, o seu quase horror à publicidade em torno do seu incessante e fecundo labor a prol dos interesses do Estado — já como Secretário da Justiça no governo do saudoso presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, já como integro e culto magistrado, na primeira como na superior instância — destaca-se na história dos primeiros anos da República em Mato-Grosso, num relevo incisivo, a que o perpassar dos anos dá maior nitidez como sucede com a pátina dos tempos nos velhos bronzes romanos

A formação mental e psicológica do nosso preclaro patrono, a cuja augusta memoria erguemos neste momento o preito reverente e público de nossa velha admiração, era a de um introspectivo, que somente em circunstâncias especiais exteriorisava, e sempre discretamente, sem as retumbâncias do exibicionismo, as suas impressões e os seus pensamentos”.

Frisou bem o acadêmico Jaime de Vasconcelos a personalidade moral do patrono da cadeira, que com entusiasmo e ardente fé perlustra na Academia Matogrossense de Letras, realçando a respeitabilidade que aureolava o nome do abnegado cidadão, até mesmo nos cargos de responsabilidade política que exerceu em nossa terra.

Para quem sentiu de perto a vida política de Mato-Grosso, no início da era republicana no país, não pode passar despercebido o valor individual de quem, passando de leve pelo atascadeiro, pôde sair incolume na sua dignidade.

Nas atividades políticas, agiu Ferreira Mendes sempre como Juiz.

E, poder-se-á objetar, desta afirmação, que ao juiz seja negada a manifestação de simpatia por esta ou aquela facção política?

Então seria negar ao homem o mais sublime dos direitos — a manifestação livre da sua consciência. E o homem que age com a consciência tolhida, não poderá nunca, ser um bom juiz.

A Academia Matogrossense de Letras, escolhendo o nome do desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, para figurar na galeria dos seus patronos, glorifica a Justiça, de que não podem prescindir as letras, para serem belas, na beleza moral que é a força suprema e real do belo.

CADEIRA N.º 36 — PEDRO TROUY — Ocupante, Luiz Feitosa Rodrigues.

Foi Pedro Trouy uma das expressões das mais significativas no mundo literário matogrossense, pela fulguração do seu talento e cultura polimorfa de que nos deu atestado pela sua atuação na imprensa do Estado, e pela energia do seu caráter inquebrantável, confirmado na luta política em que se distinguiu com arrojo e valor.

Foi um lutador. No exercício da sua profissão de Guardalivros, trabalhou por algum tempo na Usina Itaiçá, então propriedade do Cel. Antonio Pais de Barros.

Como político, esteve á frente do movimento revolucionário que, em 1899 culminou com a anulação das eleições procedidas no Estado, para presidente do Estado, á qual concorrera o Dr. João Felix Peixoto de Azevedo, tendo por companheiros de chapa, para 1.º vice-presidente, Cel. Pedro Celestino Correia da Costa, e para 2.º vice-presidente o Cel. Francisco Alexandre Ferreira Mendes, e 3.º vice-presidente, 1.º tenente Pedro Antunes de Souza Ponce.

Nessa ocasião, serenados os animos, com a dominação política do Cel. Antonio Pais de Barros, foi Pedro Trouy eleito deputado á Assembléa Legislativa do Estado, em que atuou com segurança, tendo o seu mandato renovado em nova legislatura.

Em S. Luiz de Cáceres fundou o jornal "O ARGOS" de feição político-literária, e, em Corumbá, juntamente com Francisco Castelo Branco, fundou "O DEMOCRATA" e "O TIRADENTES" ambos de feição política e que marcaram uma época.

Deixou nos numerosos trabalhos literários em prosa e verso denunciadores de um estilo vibrante e nítido.

Nomeado promotor público da Comarca de S. Antonio do Rio Abaixo, hoje Leverger, faleceu em 1926.

Descendente de francês, nasceu Pedro Trouy a 6 de Junho de 1872, na cidade de Cáceres.

CADEIRA N. 37 — ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA — Ocupante, Cesário Correia da Silva Prado.

Nasceu Antonio Vieira de Almeida em Cuiabá em maio de 1873. Fez o curso primário e o secundário em sua terra natal, sendo este último, no Liceu Cuiabano, tendo se revelado bom estudante.

Nessa quadra se patentearam seus pendores literários, fundando o LICEU, órgão literário dos alunos, em que colaboraram Avelino de Siqueira e Pulquério Serra.

Concluindo o curso ginasial, partiu para o Rio de Janeiro

e a seguir, para S. Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou. Não terminou, porém, o curso jurídico.

Inscrevendo-se em concurso para provimento de cargo de Fazenda, obteve pela classificação, sua nomeação para escriptorário da Alfandega de Santos, onde passou a residir.

Nesta cidade, colaborou em diversos jornais, principalmente no Diário de Santos, de cujo corpo de redação fez parte.

Regressando á Cuiabá, em 1903, não mais voltou a assumir as suas funções públicas, exonerando-se do cargo que exercia e transferindo definitivamente sua residência para sua cidade natal.

Em Cuiabá, exerceu várias funções públicas, tomando parte saliente na política do Estado, colaborando na imprensa cuiabana, distinguindo-se pelo ardor combativo, independência de ação e estilo literário. Redigiu o Estado, A Voz do Povo, e o Debate, todos órgãos partidários. Nunca recusou á imprensa local sua rutilante colaboração literária. Conteur original, inumeras produções suas nos ficaram.

Faleceu a 29 de fevereiro de 1916, quando, deputado eleito á Assembléia Legislativa, em periodo agitado da vida matogrossense no terreno político, partira para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de melhoras para a sua saúde abalada, e no Cemitério de S. João Batista, naquela metropole, está sepultado.

Traçando-lhe a biographia em brilhante e conceituosa conferência, assim se referiu o acadêmico Cesário Prado á memória de Antonio Vieira:

—“ de Vieira de Almeida, cuja lembrança ainda nos é muito viva e presente, dos seus passos tanto sei eu como vós, talvez menos que alguns de vós ...

Antonio Vieira, mal despontou lhe a intelligência, viu-se baldo de recursos para aperfeiçoá-la na medida ambicionada.

Ei-lo na Capital da República, vestido menos do que pobremente, em visita a um dos seus antigos lentes do Liceu, que passou vê-lo em calças de aniagem acreditando, porém, mais uma boêmia do que falta de moeda.

Talvês fôsse a razão dêsse traje aquella superioridade de espirito que tanto se apraz com o desprezo das immediatas necessidades materiais.

Seus amigos contam-nos que tempos fora costumava dizer aos que lhe exproavam as abandonadas enchanças de se enriquecer: —“ Mas eu faço dinheiro e o dinheiro não me faz.” Seja como fôr, a aurora do pobre moço era também a aurora difícil dos primeiros dias da República.

Foi combater, voluntário da legalidade, sob a bandeira de Floriano Peixoto, e, consolidada a obra do excelso Marechal de Ferro, ei-lo sem concurso, no Ministério da Fazenda, partindo pouco depois, como secretário da Alfandega de Santos.

E ei-lo um vitorioso na imprensa santista, no convívio do seu escol intelectual, levando a grêmios de artes e letras uma prova constante da inteligência vivaz da nossa gente. Vê-lo eis como, ao lado do nomeado Armando Erse, o popular João Luso, o pequeno apêlo do folhetinista matogrossense nada fica a dever ao folhetinista do O. JORNAL DO COMÉRCIO, antes, sobrepuja-lhe na sutileza da concepção, no arranjo do seu texto -- Pelo Asilo--

«Referem as lendas que Cristo o divino Mártir do Calvário, encontrara uma vês, para as bandas de Cafarnaum, uma creança morfética, que os pais haviam abandonado ao longo da estrada . . . A pobresinha agonisava ardendo em fébre, coberto o pequenino corpo de feias chagas repulsivas . . .

Que tens ? de que sofres ? perguntou-lhe o doce Nazareno.

Tenho fébre e tenho sêde, gemeu a infeliz creança: dai-me uma pouca d'água, por piedade, Senhor. E Cristo correu á fonte próxima e trouxe-lhe de beber, operando em seguida, com carinho e amor, o milagre da sua cura . . .

Inspirai-vos nêle, corações bem formados que me ledes. Aprendei com o meigo Redentor do mundo a amar os que sofrem e a amparar os que precisam !

O Asilo de Órfãos é como éssa creança abandonada: necessita de que o auxiliem os que podem para que êle tambem possa bem cumprir sua humanitária missão.

Protegei-o sempre, santistas generosos. A deshumanidade é como um punhal agudo cortando o coração.”

CADEIRA N.º 38 — FREDERICO PRADO DE OLIVEIRA —

Ocupante, primeiro, João Cunha e presentemente, Amarilio Novis.

Da mesma estirpe literària do antecessor, de quem foi companheiro e amigo, nas lutas e de certo modo, afins na própria profissão, posto que, melhor amparado dos bens materiais da terra, foi Frederico Prado de Oliveira uma cultura e inteligência de que muito se orgulham as letras matogrossenses.

Nascido na cidade de Cuiabà, a 22 de Janeiro de 1877, apòs

brilhante curso ginasial, colaborou de logo, em diversos jornais locais. Escrevia com pureza e verve e deixou numerosas poesias satíricas, algumas das quais fizeram época.

Faleceu a 29 de agosto de 1911, na cidade do Rio de Janeiro, em consequência de uma intervenção cirúrgica, quando ainda no vigôr dos anos.

Fazendo o elogio do patrono, destacou João Cunha a individualidade de Frederico Prado, consagrando-o á immortalidade, nestas incisivas palavras:

—”Concluiu os seus estudos preparatórios no Seminário Episcopal, onde sempre se distinguiu pela sua altivês e inteligente vivacidade e foi durante alguns anos, esforçado auxiliar de seu pai na honrada profissão de comerciante, a que êste se dedicava.

Desde cedo propenso ao humorismo, em que se lhe transfundia a mente creadora e irrequiêta, Frederico Prado era o terror dos ingenhos que apareciam á loja de seu pai, metendo-os á bulha e pregando-lhes peças estupendas, das quais são até hoje lembradas.

--- A certo bacharel recém-chegado, que anciava por um emprêgo bem remunerado, indicou Frederico como mais conveniente e facil de obter, porque se encontrava vago, o de inspetor escolar da Capital. O novel advogado, sem perder tempo, despede-se e abala-se para o Palácio e lá foi solicitar ao Presidente, a sua nomeação para o emprêgo indicado.

Extranhou o Presidente, homem sisudo e grave, o extemporâneo da pretensão, por não ser o crrgo renumerado. Só então, teve o jovem Dr. a percepção clara da *gaffe* a que o espuzera o espírito jovial de Frederico.

Desistiu ali mesmo da colocação, a que, depois, não podia ouvir referêcia sem se enrubecer até á raiz dos cabelos.”

Exerceu Frederico Prado de Oliveira vários cargos de natureza politica em seu Estado, tais os de Vereador da Camara Municipal de Cuiabá, da qual em 1900, foi presidente interino, em 1901 efetivo; Diretor da Imprensa Oficial.

Das suas obras deixo-nos um volume de versos satíricos, inédito; Relatórios officiais e esparsa e variada colaboração jornalística, sob o pseudonimo de “Zé Capilé”. Colaborou por último no jornal político que se editava em Cuiabá — “A COLIGAÇÃO”.

Por falecimento do acadêmico João Cunha, ocorrido a 12 de junho do ano de 1933, foi eleito para ocupar a cadeira, Amarilio Novis, cujo espírito jovial e verve inexgotavel, de uma subtileza

espiritual, em muito se aproxima da do patrono. Se em João Cunha era de notar-se certo retraimento, obrigando aos que dêle se aproximavam a um recolhimento momentâneo, antes de expandir-se, em Amarilio Novis nota-se justamente o contrário, sua presença atrai imediatamente, inspirando confiança ilimitada.

Jornalista fulgurante, poeta inspirado e por vezes satírico, como o seu patrono, Amarilio Novis tem colaborado em quase todos os jornais dêste Estado, notadamente nos da Capital, e as suas produções, em prosa e verso, teem uma aceitação expontânea, pela maneira facil de compreensão, pelo estilo escoreito e pela inspiração quase sempre jocosa e satírica.

CADEIRA N.º 39 — ANTONIO TOLENTINO DE ALMEIDA
Ocupante, Cesário Néto, (Antonio Cesario
de Figueiredo Néto).

E' Antonio Tolentino de Almeida, patrono da cadeira n.º 39, na Academia Matogrossense de Letras, um dos homens dos nossos dias, pois ainda há pouco mais de um lustro, vímo-lo trabalhando na velha Santo Antonio do Rio Abaixo, no desempenho de funções públicas e colaborando nos jornais da Capital com as cintilações do seu estro mavioso.

Nasceu Antonio Tolentino de Almeida em Rosário Oeste, no velho Engenho da "Quitanda", tendo a embalar-lhe os primeiros instantes da sua vida, o murmurio das frondes do arvoredo que rodeia o velho solar, e o vagido das águas acionando constantemente as rodas dá moenda, em concerto perene com a voz da brisa sussurante e a cantiga nostalgica dos caboclos, na faina intermina das colheitas.

Alí naquele recanto poetico do norte matogrossense passou a primeira fásé da sua existência, éssa quadra despercebida e despreocupada da vida, em que tudo florí e em tudo há sorrisos e encantos.

Vindo a Cuiabá, depois dos ensaios preparatórios no Liceu Cuiabano, parte em busca de novos campos onde prosseguir nos seus estudos, dando vasa a sua alma sonhadora de poeta, satisfazendo a sua curiosidade inteligente, ávida de novos conhecimentos.

Matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito de S. Paulo, não tendo porém, concluído o curso.

Retornando á Cuiabá o egresso do velho templo do Largo de S. Francisco na tradicional paulicéa, inicia, aquí a sua vida agitada de boêmio inveterado, cuidando mais do espírito que dignifica, que da matéria que é limitada.

Não lhe demove na vida prática os acenos da política, para descansar a musa, e o cantor da natureza matogrossense, enpunhando a maviosa lira, desfere as notas romanticas do seu talento, para immortalisar a pátria nos seus feitos épicos, nos fastos da sua história, através dos poemas sugestivos de Rosa Boróro, a India Rosa e Retirada da Laguna, em que sobressaem com a força espontânea do seu estilo, as páginas fulgentes dos romances matogrossenses, invejáveis pelas cenas pitorescas e comovidas, a que a sua inteligência vivifica.

O poeta da Ilusão, como o chamou Ulisses Cuiabano, deixou-nos obras inolvidáveis, tais como — ROMEIRO DO IDEAL — que mereceu da pena de Monteiro Lobato elogiosas referências; ILUSÕES DOIRADAS; ODE A MARIO CORREIA; etc. que valem por uma glorificação.

Original e espontâneo na poesia, no jornalismo se tornou notavel pela sua vibratilidade. Colaborou no Jornal do Comércio, com Amarilio Alves de Almeida, A Voz do Povo, O Debate, O Democrata, e por último no Evolucionista, órgão político que marcou uma época nos anais matogrossenses.

Entre outros cargos públicos que desempenhou, deve-se notar o de promotor público da comarca de Santo Antonio.

Viu a luz no dia 24 de Janeiro de 1876 em Rosário Oeste, e faleceu em consequência de insidioso mal, no dia 24 de Janeiro de 1938, na data justamente em que completava 62 anos de idade.

A Cesário Néto, o brilhante acadêmico, o ilustre filólogo matogrossense, cabe analisar a obra de Tolentino de Almeida, para regenerá-lo frente a sociedade em que êle labutou.

CADEIRA No. 40 — Padre ARMINDO MARIA DE OLIVEIRA.
Ocupante, Rosário Congro.

Já traçou o príncipe dos poetas e prosadores matogrossenses, D. Aquino Correia, nas páginas do livro de sua autoria UMA FLOR DO CLERO CUIABANO com a fluência do seu estilo e da sua invulgar cultura, a vida e a obra do Padre Armindo de

Oliveira, de que destacamos aqui, para encerrar com chave de ouro, na expressão vulgar da literatura, estas páginas descritivas da vida cultural matogrossense, através dos seus expoente na Academia Matogrossense de Letras, num estudo retrospectivo dos primórdios da fundação de Mato Grosso aos presentes tempos, nas obras dos patronos e dos acadêmicos, dos quais alguns destes pairam no além, a contemplar como sombras de saudades, os tempos que decorrem na placidês merencórea dos dias de nossa terra.

E essa chave, não podia ser melhor porque, ela retrata o verdadeiro caráter, a força vocacional de um moço matogrossense, que tudo desprezou no mundo, para votar-se a Deus, na sublimidade da sua fé. na convicção das suas obras, nas esperanças da sua vida, toda ela repleta de benemerência. Ei-la:

— “Nascera o padre Armindo em Cuiabá, aos 6 de Setembro de 1882, filho legítimo do então alferes João Capistrano de Oliveira, já falecido, e D. Umbelina Pereira Mendes.

Foi batizado a 1.º de Dezembro daquele ano, na Catedral da mesma cidade, pelo respectivo cura, Conego Joaquim de Souza Caldas. O seu nome todo era Armindo Libanio Capistrano de Oliveira, mas êle próprio, no ato da profissão religiosa, passou a chamar-se Armindo Maria de Oliveira.

O ambiente, em que dentro e fora da família, cresceu o jovem Armindo, não era absolutamente propício ao desabrochar da vocação eclesiástica.

O regalismo do império adulterara, entre nós, os mais santos ideais do presbiterado. A profissão clerical atraía menos pelo seu espírito de sacrifício e renúncia ao mundo, do que pelo destaque social e prestígio político, de que gozava. A preocupação mundana invadia facilmente os santuários. Daquí não sei que atmosfera de escandalo, pervertendo insensivelmente, até nas consciências mais sadias, a noção divina do sacerdócio. A Igreja clamava pela voz dos seus legítimos órgãos; sentia-se, porém, tolhida em sua liberdade pelos poderes temporais, a cuja sombra viviam os ministros do culto.

Veio a República e varreu, em boa hora, essas ambições seculares. Alargou-se então, em torno ao clero, um profundo desprezo, que oscilava entre a indiferença e o sarcasmo. Desapareceram as hervas daninhas das vocações falsas e falhas, mas sobreveio a secura e a esterilidade. Fez-se o deserto.

Uma verdadeira vocação sacerdotal, que aí desabotoasse nessas condições, lembrar-nos-ia aquelas “flôres de fogo”, de que fala o poeta, aqueles cactus gloriosos, que á orla da cratera extinta e calcinada, brotam através das rochas decompostas, para de repente, na pulverização de ouro do pólen que salta, fazer rebentar

como um trovão no silêncio, a sua flôr de brasa! Tal foi a vocação do Armindo.

— Armindo recebera da natureza, como veremos, uma tempera maviosa e sensibilissima de poeta. E' de imaginar, pois, a impressão que sôbre êle e causava o mundo e as suas magias. Isto não obstante, em ouvindo a vóz de Deus, que o chamava a uma vida de renuncias, soube colocar a razão e a fé acima de todas as recalitrações dos instintos alarmados.

No frontão severo dos seminários e casas de noviciado, melhor do que no templo pagão de Delfos, é que se devera inscrever a celeberrima sentença: Conhece-te a tí mesmo! Nosce teipsum!

Das mãos venerandas do pranteado D. Milan, inspetor que era então dos salesianos, em Mito-Grosso, recebeu Armindo a batina, aos 19 de Março de 1903, festa do glorioso S. José, esposo de Maria Virgem. Com êle, mais três rapazes vestimos também naquele dia, a humilde libré dos filhos de D. Bosco. Foi uma cerimonia tocante, que o jornal "Mato-Grosso", editado outróra na officina tipográfica do Colégio S. Gonçalo de Cuiabá, registou com os seguintes conceitos do seu representante naquela função: "Foi excepcionalmente terno e comovente o ato da imposição do hábito talar a quatro jovens matogroesenses, que há quatro meses se dedicam á vida do santuário, pretendem ser continuadores das obras de Dom Bosco, e numa palavra, atiram-se ao apostolado. Filhos de conhecidas e das mais importantes famílias desta sociedade, os esperançosos levitas, adeantando-se, com passo firme, para o altar dos maiores sacrificios e privações, para o sacerdócio católico se me afiguram os herois mais destêmidos dos tempos modernos. Num século, como o nosso, em que o sacerdote, pelo simples fato de o ser, tornou-se alvo dos epitetos mais injustos, incompativeis mesmo com a decantada liberdade de consciência, que folhetos e cartazes não cessam de apregoar, nêstes tempos, repito, é ser mais que generoso, é ser mais que livre, é ter a mente e o coração basejados por inspiração celeste, quem, com o sorriso nos lábios, abraça uma roupeta, beija uma cruz desprezada, segue a carreira eclesiástica. Tancredo e Rinaldo, S. Luiz e os seus, atirando-se à libertação do sepulcro de Cristo, não foram mais denodados, nem suas glorias mais inequivocas, que a constância dos jovens conterrâneos, no ato maganimo, que ora acabam de praticar".

— De Josias, el-rei de Judá, diz o Ecclesiastico que a sua memória é um como pivete de muitos aromas, preparado por mãos de mestre: *in compositionem odoris facta, opus pigmentari*. E acrescenta que tem éla a doçura do mél na boca e da musica em festim de vinhos excelentes.

A memória do nosso padre Armindo envolve algo desta suavidade, porquanto não trescala apenas perfumes de virtudes, senão que evoca também não sei que musicas em surdina, e res-sabe ao mel delicioso da poesia.

— Foi elle, em verdade, uma alma de artista docemente velada na sua modestia e simplicidade. Não teve ensanchas para desenvolver os seus talentos musicais, mas conseguiu, no dizer de peritos, tocar o piano e o harmonio, com facilidade e expressão pouco vulgares, chegando mesmo a compôr algumas peças ligeiras, entre as quais me lembra uma alegre valsa, comemorativa da sua fuga do mundo e ingresso na vida religiosa.

A poesia porém, pôde elle cultivá-la um pouco melhor, conquanto sempre a houvesse em conta de occupação secundária, com que floria apenas os ocios das brevias. Ao entrar para o noviciado, levava já um ramilhete de primicias em verso; mas bem se pode dizer que foi á beira do Coxipó Mirim que o seu coração noviciou também no ritual das olimpicas Musas. Tudo aliás, favorecia allí a vocação poetica da nossa juventude, não por certo, ao sorriso da Acropole, transfigurando a materia nas belesas pagãs da arte, mas ao sorriso divino do Thabor, que tudo transfigura, espiritualizando a matéria e divinizando o espirito, aos réverberos da Eterna Belesa.

Aquele abrigo de noviços, encravado, como placida ermida, na penumbra verde da mata; aquelas águas vivas e claras; aquella vida contemplativa de recrutas do santuário; aquella sublimação da nossa mocidade acima de todos os sonhos, que lhe redouravam a terra; aqueles estudos clássicos, numa atmosphera do mais sadio humanismo, onde par a par com os Padres e Doutores da Igreja, não faltava nem mesmo uma edição expurgada de Anacreonte; todo aquele ambiente, em suma, foi para nós um mundo novo de inspiração e de extase. Allí se nos acendrou o culto da Pátria, concretizado particularmente no amor á sua natureza e á sua lingua, mas tudo acrisolado pelo espirito religioso, cuja flôr mais poetica, a Virgem Maria, era por nós invocada como patrona e mestra dos santos poetas: *bonorum poetarum magistra*.

Pouco depois de ordenado em sacerdote, foi o padre Armindo enviado á casa salesiana de Palmeiras, que hoje, infelizmente, já não existe. Fora este um velho sítio, rico outróra de terras úberes, numerosa escravaria e florecente industria. Caira, porém, de todo em ruina e tapera, quando os salesianos, sob os auspícios generosos dos herdeiros, o transformaram em noviciado e, mais tarde, colônia agricola

A' raiz da serra cuiabana, entre montes altos, que o cercam de todos os lados, forçando os olhos a se desfogarem para o céu;

á sombra de árvores seculares e sismadoras, dentre as quais as palmeiras, que deram o nome ao lugar, atiram se para o azul, num como aceno para o extase, o casarão de Palmeiras lembrava aqueles conventos seráficos de Portugal, tão propícios aos “ocios da contemplação”, e descritos com tanta unção e mimo por Frei Manuel da Esperança.

Ao penetrar na serenidade claustral daquele vale, que era, aliás, um grandioso anfiteatro, onde a natureza pompeava ainda a exuberância da sua bravía virgindade, parecia que tudo nos sussurrasse aos ouvidos as palavras antigas e veneradas: *fuge ! tace ! quiesce !* nas quais o abade Arsenio resumira os princípios da mais salutar das ciências: *haec sunt principia salutis.*

Em meados de 1918, regressou o Padre Armindo de Palmeiras, fixando-se em Cuiabá, onde passou os derradeiros meses de vida.

Tive-o então, pela ultima vez, a meu lado, secretariando o Presidente do Estado.

O meio palaciano, em que se viu assim metido, não lhe agradava em nada; era-lhe, porém, suavizado pela nossa velha e fraternal intimidade. A mim é que fazia grande bem a sua convivência, lembrança que era, e reliquia viva dum santo noviciado.

Reconhecia-se nêle a mesma simplicidade sempre noviça.

É que, para não perdê-la, esmerava-se na estima crescente das minimas coisas da vida espiritual, que é por onde costuma insinuar-se o demonio da malicia, inspirando o menospreso d'elas, qual se fossem ninharias e tolices.

Por isso foram sempre caras aos grandes homens éssas pequeninas coisas, a ponto de um S. João Crisostomo presá-las em mais do que as grandes, e um S. Agostinho imortalisá-las nesta aurea sentença: «As coisas pequenas são pequenas coisas, mas o ser nélas fiel, não é pequeno, senão grande coisa».

Outra impressão salutar deixou também então o Padre Armindo, e foi sua modéstia, especialmente dos olhos. Bem sabia êle que quanto maior o contacto com o mundo, tanto mais se precisa d'essa virtude. Os olhos são uns piratas, que nos roubam a alma, disse Jeremias num dos seus trênos, e os mestres da ascése, comentando outra passagem do mesmo proféta, comparam-nos a éssas “janelas, por onde sobe a morte”, escalando a fortaleza dos mais rijos caracteres: *ascendit mors per fenestras nostras.*

Terminada a sua missão interina e rápida no paço presidencial, voltou o padre Armindo ao querido remanso da casa salesiana. Entretanto, havia já meses que se lhe denunciara algum de pauperamento na saúde, a qual, alias, nunca fôra robusta.

A última carta que escreveu, foi endereçada a sua progenitora. Nela, dir-se-ia ter êle tido não sei que pressentimento do luto, que traria aos seus, a pandemia espanhola. Ei-la:

“Cuiabá, 11 de Dezembro de 1918. Minha extremosa Mãe: Parece-me, Mamãe, que a tal influencia vem chegando por aí . . . Olhe, a Senhora pegue-se aí com N. Senhora da Guia, e reze muito, a fim de que a terrível epidemia não faça estragos aqui na cidade . . . Muita confiança na proteção da Nossa Mãe do céu. Não tenhamos medo. Se andarmos bem com Deus, N. Senhora nos há de proteger, e seremos salvos. A. N. Senhora eu entrego a minha pobre pessoa, a Mamãe e todos os meus caros. Seja feita sempre a vontade de Deus! Adeus! Dê minhas lembranças ao meu padrinho e aos amigos da Guia . . . É a Mãe queira aceitar as minhas filiais saudades e lançar-me muitas bênçãos, para eu ser feliz. Seu filho afetuosos, Padre Armindo”.

Realizaram-se tão sombrias apreensões: o temível morbo invadiu Cuiabá, e alastrou-se. Ia já declinando, porém, quando o Padre Armindo foi ciente de que pessoas da sua família tinham sido atingidas pelo mal, e pediu licença ao Superior para visitá-las. Assim fez, e voltou satisfeito, porque tivera ensejo de distribuir a todos a bênção e a medalha de Maria Auxiliadora. Todos sararam, mas êle é que, no mesmo dia, caía, doente, e de tal maneira que, dentro em pouco mais de uma semana a despeito de todos os recursos e de todos os cuidados, exalava a bellissima alma, que, aliás, já desde muito, vivia mais para o céu do que para a terra. Nem falou, sorriu apenas, e expirou.

Era uma hora da madrugada do dia 23 de Dezembro de 1918. Contava ele 36 anos, 3 meses e 17 dias de idade. Nem completara ainda o segundo ano de sacerdòcio. Bem se lhe pode aplicar a palavra misteriosa do livro da Sabedoria: “Vida breve, mas cheia de muito tempo”. *Consummatus in brevi, explevit tempora multa.*

Dir-se-ia, entretanto, que o crepe da sua camara mortuária, se estendera a toda a natureza: lá fora, tempestuava uma noite de invernã e trevas. O ceu devia estar cheio de estrêlas, mas todas encobertas, nenhuma se via. A própria constelação do Cruzeiro raiava então, mas invisível, nos horizontes enlutados. E Armindo não teve o consolo de contemplar, na hora suprema, o simbolo celeste da Religião e da Pátria, para repetir-lhe, á última vez, a sua oração de poeta:

Ô bela Cruz do céu formoso,
Azul, saudoso
Da pátria minha tão querida!
Minha alma inunda do teu brilho,
Que sou teu filho,
Ô santa Cruz estremecida!

Refere-me testemunha ocular e fidedigna que, no tempo em que a cidade de Cuiabá se achava sob o pesadelo da invasão iminente da gripe espanhola, manifestara em público o padre Armindo o desejo de que Deus o escolhesse por vítima para livrar o povo cuiabano.

A epidemia, de fato, grassou amplamente, com carater, porém, tão benigno, que bem se pode dizer ter sido o Padre Armindo o sua unica vítima, ou, ao menos, a mais jovem e illustre.

Deus aceitara o sacrificio, e a cidade foi salva”.

— o —

Chegamos finalmente ao término da nossa missão, tendo percorrido em revista todo o passado matogrossense, nas suas linhas mestras, numa visão da sua história política e social, através da sua cultura, desde os principios do evolver da sua cultura literária.

Os que já tentaram reconstruir a evolução literária de um povo, devem ter sentido bem de perto o difficil que isso representa.

Temos pois, nas páginas que aí ficam, uma visão panorâmica do conjunto intelectual matogrossense em quase dois séculos da sua vida política, traçadas as biographias dos homens que mais illustraram a terra, na ciência, nas epopéias militares, na justiça, na cathedra, na imprensa e na tribuna, nas realizações épicas para conhecimento do meio e integração da terra, na conquista do sertão na civilização em geral, sintetizadas e relacionadas suas obras em todas as suas modalidades da arte do pensamento e das ações, e apontados os exemplos dignificantes e nobres de civismo e amor pátrio, dos grandes vultos do passado e do presente, ás gerações que se sucedem.

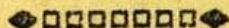
Que as páginas de reconstituição da nossa evolução proporcionem aos intellectuais do presente, principalmente aos que surgem, fontes em que se abeberem as inteligências para uma melhor orientação no futuro de trabalho a prol do engrandecimento da terra matogrossense e do Brasil, são os votos que formulamos nesta efemeride marcante e significativa para a cultura em Mato-Grosso — o jubileu da sua Academia de Letras.

“A posteridade abrevia, dizia admiravelmente E. Faguet, e

está no seu direito, pois que escrevemos para ela; e é seu dever também, e, por menos que pareça, um dever piedoso, pois não brevia senão para não perder tudo.”

Que a posteridade encontre nas páginas dêste trabalho modesto da nossa contribuição patriótica, algum proveito, são os nossos melhores votos.

Cuiaba, 21 de Junho de 1946.



O Lema da Academia



"PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES"

Gervásio Leite

Platão no "Banquete" refere-se à "ciência única que é a da beleza" assinalando que sómente depois que o homem atinge a Beleza Absoluta, despida de toda a materialidade, é que poderá chegar a uma concepção mais profunda e mais ampla da vida.

A Academia Matogrossense nasceu sob o signo da Beleza, a beleza como queria Platão, pura, simples, sem mistura, a beleza não revestida de carne, de cores e de várias cousas mortais e sem valor, a beleza, em summa, que nasce e cresce no espirito e se exprime pela Arte. Daí a razão porque a Academia tem como lema — "*Pulchritudinis studium habentes*" — Através da contemplação, do estudo, do trabalho criador attingir à expressão pura da beleza, como Platão queria, que os homens se elevassem das belezas inferiores à Beleza Máxima.

Sob a inspiração da singela sabedoria que se contém neste lema, a Academia atinge hoje ao seu jubileu de prata, num mundo semelhante ao de 1921, quando a Humanidade convalescia da primeira grande guerra. Naquella hora os fundadores desta instituição sentiram que pelo estudo é que a criatura humana atinge a beleza, aquella beleza que «justifica o minuto de sofrimento que vivemos sobre a terra.»

Hoje, como ontem, o ideal é, ainda êsse — o ideal da be-

leza, mas, uma beleza humana, penetrada do espírito desta época, que aproxima os homens. Não se cogita de uma beleza exangue, de uma Arte confinada nos estreitos limites de uma torre de marfim, mas, da Beleza para homens destes tempos convulsivos, batidos pelo furacão da tremenda crise contemporânea.


A Academia quer essa beleza, a que se atinge pelo esforço da criação artística que interpreta os anseios desta época e que vale como esperança para os homens que lutam por um mundo melhor.

Essa beleza pela qual lutam os escritores livres desta época é que serve de lema á Academia.



A SÉDE DA ACADEMIA

Luis-Philippe Pereira Leite



A Academia Matogrossense de Letras, fundada em 22 de maio de 1921 e instalada a 7 de setembro desse ano, com a denominação de "Centro Matogrossense de Letras", teve sua sede, inicialmente, no Palácio da Instrução, onde funcionava o tradicional Licêu Cuiabano, hoje Colégio Estadual de Mato Grosso, graças à acolhida do então diretor daquele conceituado estabelecimento de ensino secundário Prof. Philogonio Corrêa.

Ali permaneceu até que lhe foi cedida, ainda no Governo Dom Aquino, uma sala no prédio estadual da Rua 13 de Junho, esquina da Praça Ipiranga, onde hoje funciona o Departamento Estadual de Estatística. O Secretário Geral do Governo Pedro Celestino, o ilustre matogrossense Virgílio Correa Filho, mandou preparar convenientemente aquela sala e adaptá-la ao fim a que se destinava, tendo sido inaugurada efetivamente como sede do Centro aos 7 de setembro de 1924. No Governo Mário Corrêa, em 1929, foi solicitada a desocupação daquele compartimento, por pretender-se fazer a remodelação do edifício, passando a sede do Centro desde 14 de Junho desse ano, para o Seminário, por generoso oferecimento do Arcebispo Dom Aquino. Em uma das salas do Seminário, permaneceu a sede do Centro até que, em 24 de Junho de 1931, foi instalado na sua sede definitiva—a Casa Barão de Melgaço, onde até ao presente permanece, com a denominação de Academia Matogrossense de Letras, em face da proposta de 15 de Agosto de 1932 subscrita por 19 dos membros do primitivo Centro e aprovada unanimemente.

A casa em que morou o glorioso bretão cuiabanizado, na rua de seu nome, fôra desapropriada pelo Governo Estevão Corrêa, pelo decreto de 14 de Janeiro de 1926, atendendo a uma grande representação popular, encabeçada por Estevão de Mendonça, ficando incorporada ao patrimônio do Estado, para "manter o culto cívico e a memória inteme-

rata do grande Leverger, que nela vivera e morrerá”-segundo reza o decreto citado. Era intenção do Governo instalar, nessa Casa, as nossas duas principais sociedades de cultura, mas o Governo Mario Correa resolveu alojar nela as Secretarias de Estado. Mais tarde, em 1930, a Assembléa Estadual, já no Governo Anibal de Toledo, pela lei nº 1081, de 11 de Julho, autorizou o Poder Executivo a ceder ao Centro Matogrossense de Letras e ao Instituto Historico de Mato Grosso, o prédio da rua Joaquim Murtinho nº 139, que antes, já o Presidente Mário Correa, em officio, entregara, embora a titulo precário, para a séde das duas entidades. Quando se cogitava da mudança da sede para o referido prédio, adveio a revolução de 1930 e o primeiro Interventor Federal do Estado, Cel. Antonino Mena Gonçalves, graças à atuação do Secretário Geral, Virgilio Correa Filho resolveu fazer entrega, às duas sociedades, da Casa Barão de Melgaço o que representava uma verdadeira restituição, efetivada pelo decreto estadual nº 1, de 23 de novembro de 1930 e confirmada de maneira solene e com forma juridica, pela escritura de 15 de Abril de 1931, passada em nota do tabelião João Pereira Leite. A 24 de junho de 1931, dava-se a instalação, em sessão solene, do Centro Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato-Grosso, na sua séde definitiva — a Casa Barão de Melgaço.

Empenhou-se logo a Presidencia do Centro em conseguir do Govêrno a construção do Salão nobre da Casa Barão de Melgaço, destinado às suas festas e obteve esse desiderato no Governo Fenelon Müller, sendo solenemente inaugurado a 7 de Setembro de 1935. Dias após, a 1 de Outubro seguinte, ruia parte do tecto, sendo reconstruido no Governo Mário Correa, concluindo-se as obras, que resultam numa elevação de 1,50m. na altura do salão, a 17 de Março de 1936.

Instaladas, assim, na Casa “Barão de Melgaço”, as nossas duas principais sociedades culturais, a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Historico de Mato-Grosso, têm sabido manter e honrar as nobres tradições da casa em que residiu o grande Leverger.

A ACADEMIA E A BIBLIOGRAFIA MATOGROSSENSE

PALMYRO PIMENTA

Quanto á parte referente a Historia e Geografia e Etnografia é uma das mais valiosas visto conter inumeros e eruditos trabalhos do nosso Estado e com referênciã á sua história política, militar, administrãtiva, judiciãria, religiosa, literãria, científica e artistica; quanto aos seus homens notãveis e bem assim quanto à navegaçãõ, instruçãõ, colonizaçãõ agricultura, vias de comunicaçãõ indústriã; etc.

Dentre as obras mais antigas sôbre Historia figuram as seguintes:


"Les indiens de la Province de Mato-Grosso, autor Amédée Moure, Paris, 1862, 1 vol. 56 pags.; "Noticia sôbre a Provincia de Mato-Grosso", Joaquim Ferreira Moutinho, S. Paulo, 1869, 1 vol. 342 pags. e apêndice com 83 paginas; "Viagem ao redor do Brasil", João Severiano da Fonseca, Rio, 1880 e 1881, 2 volumes, respectivamente, com 399 e 403 paginas; "Roteiro da expediçãõ ao Xingú", Luiz Perrot, Cuiabã, 1888, 1 vol., 24 pags.



A BIBLIOTECA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

J. Jaime F. de Vasconcelos

Quel livre voulez-vous lire en votre chagrin ?
—Celui qui te viendra le premier sous la main:
Il n'importe, va, prends ma bibliothèque.
REGNAUD


Conta-nos uma anedota bem gauleza, referindo-se a um cidadão analfabeto nomeado para um cargo de bibliotecario, o seguinte:

“Damont qui, s’ occupant á plaire,
N’a lu ni français ni latin,
Est nommé bibliothecaire
Par le Prince, sonsouverain...
Et court aussitôt en instruire
Um parent, homme de grand nom,
Qui lui dit: “ Belle occasion
Mon neveu, pour apprendre à lire!”

A rigôr, e sem falsa modestia, ao autor desta breve Memoria, não se poderão aplicar, integralmente, essas causticantes palavras, eis que sempre foi grande ledor, com grande amor pelos livros, o que comprovou fundando em 1918, em Campo Grande, a “ Sociedade Organizadora da Biblioteca Publica ” daquela cidade, em que era, a esse tempo, Promotor Publico, tendo essa entidade adquirido personalidade juridica, com a publicação e registro de seus Estatutos, o que lhe permitio requerer e obter, desse grande Prefeito da metropole sulina que foi Rosario Congro, dez metros de terreno ao lado da Prefeitura, onde aquela Sociedade fez edificar, por contrato com o construtor Antonio da Silva Vendas, o predio onde hoje funciona o Forum, e em que antes estivera o “Radio Club”. E, tratando se de bibliotecas, não é demais que se diga porque passou o predio construido, que o fôra inteiramente, para Biblioteca Publica, para o Radio Club. Foi que, tendo os recursos obtidos pela Sociedade Organizadora da Biblioteca Publica de Campo Grande se exgotado, sem ter podido pagar ao construtor o resto da construção (cerca de tres a quatro mil cruzeiros,) trasferip á Prefeitura Municipal de Campo Grande, por escritura publica lavrada no Cartorio de 2º Officio daquela cidade, a propriedade do predio, com a expressa condição contratual da Prefeitura dotar a ci-

dade da Biblioteca pretendida pelos fundadores da S. O. B. P., conforme seus Estatutos. Foi desta obrigação da Prefeitura de Campo Grande, que o devotado organizador da atual Biblioteca, o Dr. Pery Alves Campos, se aproveitou para conseguir, com rigorosa justiça, o auxilio oficial para a sua iniciativa, se bem que, no historico desta, jamais tivesse qualquer referencia para os precursores da sua nobre realização.

Assim, se não somos, e francamente confessamos, um tecnico em biblioteconomia, somos um dedicado amigo das bibliotecas, em cujas salas silenciosas e acolhedoras passamos em nossa juventude horas inesqueciveis, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, guiados e orientados, em nossas pesquisas de livros, por esse notavel espirito que foi o Dr. Manoel Cicero Perigrino da Silva, antigo diretor daquela Biblioteca.

O tema que constitui o objeto desta Memoria, não foi de nossa livre escolha. A douta comissão organizadora da presente edição especial desta Revista, consagrada ao Jubileu da Academia, nol-o designou apezar de bem conhecer a escassez de tempo para organizarmos um trabalho mercurioso, à altura dos demais que figurarão nestas paginas, abrilhantadas pela cultura e talento de nossos preclaros confrades. A ela, pois, a culpa da desvalia deste trabalho, escrito quasi ao correr da pena.

Uma biblioteca! Quantas maravilhas este simples nome, derivado grego bibliotheké, (de biblion - livro e theké - armario, caixa) nos evoca ao espirito desde a primeira biblioteca do Mundo que a tradição coloca em Memphis e diz ter sido ali mandada organizar pelo rei Oysmandias, que reinou no Egito dois mil anos antes da nossa era, e que se afirma constar de preciosas coleções de manuscritos em lingua semaritana (hebreu antigo), até a primeira biblioteca publica, fundada em Roma por Pollion e instalada no *Atrium Libertatis*, à qual se seguiu a de Augusto, fundada no Templo de Apolo, sobre o Monte Aventino! E nossa imaginação, empolgada, remonta á celebrada biblioteca de Alexandria, fundada pelos Ptoloméos e que alcançou setecentos mil volumes, entre os quaes a tradução grega dos velhos livros sagrados dos hebreus. E relembra com infinitas saudades, as longas

tardes do outono de 1925, passadas nos salões de leitura da grandiosa Biblioteca Nacional, de Paris, e depois na magestosa Biblioteca do Escorial, em Madrid. Afinal, sempre entendemos que o verdadeiro nível da cultura de uma cidade se pode aferir pelo desenvolvimento e pela frequência das suas bibliotecas, dos seus museus e dos seus Templos.

Uma lenda, da idade média, conta-nos que, em 1439, dois frades possuidores de apreciável biblioteca, morreram e foram conduzidos perante o tribunal de Jesus Christo, com as mãos ligadas atrás das costas e precedidos de dois burros carregados com os seus livros. Ao serem interrogados sobre qual a Congregação a que pertenciam e tendo respondido que a de S. Francisco, foram mandados á presença deste, para que o grande santo os julgasse.

E este lhes perguntou: — “Para que vos serviam tantos livros?” E os frades responderam: “--- Para os ler”.

E, perguntou, ainda S. Francisco; --- “Fazeis tudo que eles mandam?”.

--- “Não”, --- responderam os frades já sem o tom forte da resposta anterior.

E a sentença foi assim lavrada:

“Considerando que, por vaidade, vós reunistes tantos volumes, sem nada fazer do que Deus neles vos ordenava, ireis, vós e vossos livros para a prisão eterna”.

... E a terra se entreabriu e enguliu os dois burros com a sua carga e os dois frades com as seus burros...”

Seria interessante, e talvez bem util, que em nossos dias, seguindo a lição dessa lenda, se condenassem os homens que, lendo muitos livros, não praticam os seus ensinamentos. E também os que, possuindo formosas bibliotecas, nada lêem, e assim justificam, em relação aos seus livros bem encadernados e bem arrumados nas estantes caras, esculpidas por artistas em fina madeira de lei, o epigrama de Voltaire; sobre os livros desses ostentadores:

“Sacrés ils sont, car personne n’y touche”.

Foi um destes ultimos, sem duvida, que inspirou a seguinte anedota:

“Un officier, nouveau bibliomane,
Aidé d’un catalogue et bien clair e bien net,
A son curé montrait un cabinet,
Et jouait le savant, prés de l’homme à sutane.

Quand le bon prêtre observa, par hasard,
Qui lui manquait un livre, utile au militaire,
"Les Commentaires", de César
Quoi ! dit l'officier en colère,
Me prenez-vous pour un busard ?
Je lis bien, moi, sans commentaires . . ."

— «:» —

Em sua interessante Memoria intitulada "A Academia Matogrossense de Letras", o consagrado escritor José de Mesquita, tratando dos primórdios da Biblioteca, assim se expressou:

«Conquanto o seu objetivo se resumisse na criação de uma biblioteca «que lhe proporcione a diversão util e agradável da leitura» (5), a Associação Literária Cuiabana irradiou os seus benéficos influxos no seio da sociedade cuiabana que lhe deve — a par da "Sociedade Dramática Amôr à Arte" sua contemporânea — uma fase de vida intelectual apreciável e digna de registro.

Em seus derradeiros tempos, a Associação Literária Cuiabana se transferiu sucessivamente, da rua Antonio João para as ruas 13 Junho (residência de Manoel de Faria Albernaz), Joaquim Murtinho (hoje João Pessoa) no prédio da Inspeção da Higiene, e, finalmente, Ricardo Franco (em casa de Odorico Tocantins).

No louvável intuito de impedir o completo esfacelamento do acervo subsistente da velha Associação, cogitou o "Centro Matogrossense de Letras" em conseguir a incorporação ao seu cadastro do remanescente da Associação Literária Cuiabana. Para esse fim delegou poderes, em 1923, ao sócio Dr. João Barbosa de Faria, que, havendo encontrado certa relutância por parte de alguns dos responsáveis pelo espólio da Associação Literária Cuiabana, desistiu do intento, trazendo ao conhecimento do "Centro" o malôgro das negociações.

Pouco depois, em sessão de 9 de Abril de 1924, nomeou o presidente do Centro Matogrossense de Letras, uma comissão composta dos sócios Profs. Alcindo de Camargo, Filogonio Corrêa e Antonio Fernandes de Souza, para promover os necessários passos junto da Diretoria da Associação Literária Cuiabana, conducentes ao desiderato visado. Desempenhou-se essa comissão com muita felicidade do seu encargo, contando para esse resultado a bôa vontade do Presidente da Associação Literária, Major Manoel Ferreira da Costa. E no relatório de 7 de Setembro desse ano, a presidência do "Centro Matogrossense" podia referir com satisfação o fato auspicioso da incorporação das 425 obras, em 712 volumes, além do sólido e valioso bibliário da Associação Literária Cuiabana, ao patrimônio do Centro. A dádiva preciosa, si, por uma parte, vinha opulentar a incipiente bibliotéca do "Centro," por outra salvava de completa ruína e desmantêlo total o resto do acervo da Associação Literária que assim não desaparecería senão em nome, prosseguindo vinculada à vida mental cuiabana — bem se lhe podendo aplicar à justa o expressivo dístico horaciano — das Odes — *Nom omnis moriar. De todo não morrerei!*

A organização da Biblioteca da Academia teve seu início em 1921, sob a esclarecida e devotada orientação do Presidente do egregio sodalicio, logo depois da fundação do Centro Matogrossense de Letras, predecessor da Academia, incumbindo-se do serviço de catalogação o então Procurador e Agente da Revista daquele Centro, o operoso Contador Benedito A. Lodom, cujos

serviços devotadíssimos devem ser assinalados. Pelo Regimento Interno de 8 de Fevereiro de 1925, foi criado, na categoria de auxiliar da Diretoria; o lugar de bibliotecario, que foi exercido pelo academico Alcindo de Camargo, e que teve como zelador da Biblioteca o Sr. Joaquim Mendonça. Pelo seu afastamento desta Capital, foi o academico Alcindo de Camargo substituído, nas funções de bibliotecario, pelo academico Antonio Fernandes de Souza, que nessas funções permaneceu até a transformação do Centro em Academia, em 1932. Pela reforma dos Estatutos, realizada em 22 de Abril de 1933, desapareceu o lugar de bibliotecario, ficando a Biblioteca a encargo do segundo secretario da Academia. Durante esse lapso de tempo, e até hoje, os zeladores da Biblioteca, todos merecedores que aqui lhes registremos os nomes, notadamente o ultimo, que é o atual, foram os seguintes: Joaquim Mendonça, João Pedroso de Almeida, Severino Gabarra, Emiliano Ribeiro Marques, e, finalmente, Agostinho de Freitas.

A formação da Biblioteca da Academia, iniciada, como ficou dito, pelo espolio da Associação Literaria Cuiabana, constante de tres grandes armarios contendo 425 obras em 712 volumes, tem sido continuada com aquisições por doação, pelo intercambio com outras entidades e por compra com as sobras dos seus minguados recursos. Apesar disto, já possui verdadeiras preciosidades, como a coleção completa da Revista da Academia Brasileira de Letras, idem da "Revista do Brasil", de Monteiro Lobato, livros com rarissimos e valiosos autografos, etc. Mais de dois mil volumes, com cerca de 1.600 obras, sem contar as revistas e jornaes, já possui a Biblioteca, em que se encontra, em secção especial, a estante das Obras Matogrossenses, cujo catalogo está publicado em folheto.

— «:» —

Em relação aos modernos processos de classificação dos livros a Biblioteca da Academia ainda está tentando os seus primeiros passos.

Como sabemos, essa materia constitui hoje objeto de numerosos e interessantes trabalhos. Sómente no valioso estudo do Prof. José Soares de Souza, do Instituto Nacional do Livro, intitulado "Classificação e Sistemas de Classificação Bibliografica", se encontram citadas setenta e seis obras, em varios idiomas, pertinentes ao assunto, que constitui objeto da Biblioteconomia, legitima ciencia que veio dar organização racional ás bibliotecas, aumentando, com o sistematizar dos processos de catalogação, a facilidade para o encontro e a consulta do livro sobre a tese a esclarecer, e, desse modo, a crescente utilidade dessa benemeritas casas de estudo.

Já é antiga a frase de que um bibliotecario ignorante é uma

especie de eunuco, guarda do serralho, da categoria daquele que, pedindo-lhe um consulente um livro constante do catalogo, respondeu, candidamente: "Pode ser que ele ali se encontre, mas eu não o encontro..."

Foi a tão embaraçosas quão prejudiciaes situações, que os autores dos varios sistemas de classificação de livros nas bibliotecas se propuzerm remediar, estabelecendo normas geraes, sendo mais conhecidas as de Brunet, Dewey, Cutter, Decimal-do Congresso de Bruxelas, Duff Brown (classificação por assuntos), Ranganathan— (conhecida por classificação dos dois pontos), Bliss e Mann. Relativamente ás biblioteca especializadas de Direito, temos no Brasil a ensaída pelo douto advogado Agripino Veado, que é aproximadamente a do sistema decimal.

Infelizmente, na Biblioteca da Academia ainda è uzado o velho e primitivo sistema do catalogo de livros por autor. Mas, como vamos festejar o nosso jubileu de prata conservando á frente do sodalicio e a nortear-lhe os destinos o carinho e devotamento do seu presidente-fundador, o preclaro Desemgador José de Mesquita, certamente a nossa modesta biblioteca entrará, brevemente, em um novo ciclo de adatação aos modernos sistemas de classificação de livros e organização de ficharios, obedecendo assim aos principios da Biblioteconomia, e aos ensinamentos preciosos divulgados pelo Instituto Nacional do Livro.



Concluindo temos grande orgulho em constatar que a nossa Biblioteca bastante tem progredido, desde a sua fundação, ha 25 anos, até hoje, não apenas no apreciavel aumento de seus livros, e renovação de suas estantes, mas, o que è para nós o principal, no crescente numero de seus estudiosos frequentadores. Não se aplica aos nossos livros a satira de Voltaire, nem a nós outros a ironia do embaixador da França na cõrte de Felipe IV, de Hespanha, o qual, após visitar a magnificente Biblioteca do Escorial, confiada á direção e guarda de Monjes ignorantes, disse ao monarca:

— "Magestade, si eu fosse Rei da Espanha confiava a administração das reaes finanças aos Monjes do Escorial..."

— E porquê, -interrogou o vaidoso Felipe -?

— "Porque são as pessoas mais honestas do Mundo! Não tocam jamais no deposito que lhes é confiado..."

A Academia e as Belas Artes



PHILOGÓNIO DE PAULA CORRÉA



Aspirando as belas artes o culto do belo com perfeição, en-
sejo não teriam elas, para desenvolvimento apreciavel e harmôni-
co, no meio agreste, violento e voluvel, do Mato-Grosso colonial.

Aventureiros numerosos, incultos e rixosos, lutando com a
fome pela sede do ouro, a tal gente não sobraria tempo nem se-
duziria o gosto para as cousas da cultura artistica.

A elevação de Cuiabá a vila, a 1.^o de Janeiro de 1727 e a
vinda, para estas minas, das suas autoridades superiores, que acom-
panharam o governador Rodrigo Cesar de Menezes, ensejou o
pronunciamento dos primeiros surtos artisticos na vila do Bom
Jesus.

E quando, entre nós, ja se podia falar da presença da no-
breza e povo às solenidades officiais, era, igualmente, atestado o
gosto artistico e o trato da heráldica nestas minas, com a declara-
ção do seu brazão d'armas, tão significativo e tão bem ajustado.
— um escudo dentro com o campo verde e um moço ou monte
no meio todo salpicado com folhetas e granitos de ouro, e por
timbre, em cima do escudo, uma fenix”.

Eram deslumbrantes e de grande gosto artistico as festas
realizadas em Cuiabá para solenizar a chegada dos Ouvidores e
Capitães Generais.

Quadros de bôa pintura, iluminação, representações capri-
chosamente ensaiadas, de óperas e comédias, entretinham a po-
pulação em folganças durante mêses.

A chegada a Cuiabá, em data de 4 de Outubro de 1772, do
Capitão General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres,
motivou “varios festejos de óperas e comédias.”

A vinda de Hércules Florence em 1825, como membro da
expedição Langsdorff, fez época na vida artistica matogrossense.
Emérito desenhista, inventor, escritor, Hércules Florence permane-
ceu alguns mêses em Cuiabá, gravando na téla interessantes pai-
sagens nossas.

Do mesmo tempo de Florence é o pintor Amado Adriano
Taunay nascido em França em 1803, que aos 12 anos veio para o
Brasil em companhia do seu progenitor.

Tomou parte na expedição Langsdorff como primeiro desenhista, aqui chegando em 1826, deixando em Vila-Bela numerosos e importantes trabalhos de pintura.

Tais trabalhos, quasi todos desaparecidos, são mencionados na obra — A Cidade de Mato-Grosso — de autoria do Visconde de Taunay.



A independência do Brasil trouxe definitivamente para Cuiabá a categoria de capital da provincia de Mato-Grosso e acentuada decadência da antiga Vila Bela.

Falando de construções cuiabanos observa Estevão Mendonça em --- "Cousas de antanho" -- : "Hercules Florence, segundo desenhista da Expedição Langsdorff, que aqui esteve em 1827, menciona em seu relato de viagem uma única casa em Cuiabá com janelas envidraçadas, á guilhotina.

Era o Palácio do Governo.

As restantes obedeciam ao estilo colonial, com cachorros no beiral e rótulas que abriam para fóra.

Um negociante francês, Marcos Rich, quebrou a rotina, fazendo constuir o prédio que ainda existe á rua Galdino Pimentel, agora ocupado pela Farmácia Campos".

"Para o tempo, a segunda casa de feitio moderno, foi a do Barão de Aguapéí, á rua 13 de Junho; a seguir o Barão de Diamantino remodelou o palacete de sua moradia, no Largo do Palácio, e que ainda conserva o mesmo aspecto.

"Poucos sobrados existem na nossa urbs, prevalecendo o tipo minhoto.

Nos dias atuais outros foram erguidos, inclusive o Grande Hotel, que veio preencher direi, uma necessidade pública".

O Palácio do Governo, notado por Hércules Florence, era o mesmo atual sem as modificações modernizadoras que lhe foram introduzidas por vários governadores.

Para satisfazer a vaidade da esposa, o governador tenente-general Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, empossado no governo de Mato-Grosso em 1819 e deposto em 1821, adquiriu esse prédio pela quantia de 1:440\$000, para êle transferindo a residência oficial da primeira autoridade matogrossenses, antre instalada no bairro da *Mandioca*", no entroncamento das suas Pedro Celestino e Governador Rondon".

Desde que o antigo palácio fôra parar em mãos de particulares, houve tentativas para rehave-lo como uma reliquia do nosso patrimônio histórico.

Em 1860 o Presidente António Pedro de Alencastro "solicitava do governo imperial a necessária autorização para adquiri-lo pela quantia de 800\$000, afim de que a provincia pubesse "conservar a histórica residência dos governadores".

Nessa residência, construída antes de 1726, no local então chamado *Largo do Sebo*, estiveram hospedados o governador de S. Paulo D. Rodrigo Cezar de Menezes e D. Antonio Rolim de Moura Tavares, 1º governador de Mato-Grosso.

Era um prédio com 3 faces, baixo, com 4 janelas de trente e 3 portas, sendo a entrada principal servida por degraus de pedra canga

Na parte voltada para a rua de *Cima*, agora Pedro Celestino, existia outr'ora um amplo portão'.

O construtor italiano José Tortorolli construiu, em 1868, a torre da Igreja Matriz de Cuiabá, ao lado direito da sua fachada.

Já nos nossos dias o arcebispo D. Aquino Corrêa reformou a mesma fachada, pondo-a no estado atual.

A matriz foi construída em 1822, por iniciativa do capitão - mór Jacinto Barboza Lopes, sem torre e sem os compartimentos da fábrica.

A invasão paraguaia e o seu lúgubre cortêjo da variola e do colera-mórbus, fizeram adormecer a vida artistica da província

A vitória da Triplíce Aliança em 1870, trouxe novo alento às boas iniciativas.

O engenheiro João Frick, contratante do serviço de abastecimento de água em Cuiabá, de sociedade com Carlos Zanotta, entregou as obras que lhe foram confiadas a 30 de Novembro de 1882. O palacete do coronel Pedro Corrêa, a rua então denominada 11 de Julho, agora Pedro Celestino, obra do talento artistico de João Frick, marcou, para Cuiabá, nova fase construtiva.

Com linhas nobres, escolhido material e apurado gosto artistico, até hoje tem destaque.

De nobres linhas architectônicas foram, igualmente o edificio do Laboratorio Pirotécnico, hoje quartel da Força Pública do Estado, e a fachada do Arsenal de Guerra, á praça Pedro Osório, serviços executados sob a direção do então major Americo Rodrigues de Vasconcelos.

Sob sua orientação foi ainda construído em 1882, o jardim da Praça Alencastro, em frente ao Palácio do Governo.

Na cidade de Corumbá, e no período de após guerra, ganhou fama como reconstrutor da cidade, o então major de engenheiros Joaquim da Gama Lobo d'Eça, o continuador da obra de urbanismo do almirante Joaquim Raimundo de Lamare na cidade branca.

Ao engenheiro suíço Jackes Marckwalder e aos construtores Juliano Capriata e seus compatriotas italianos José e João Sardi, da firma Sardi & Irmãos, deve Cuiabá elegantes construções como a ponte metálica sobre o rio Coxipó, o edifício feito para o Tesouro do Estado, onde hoje está a Biblioteca Pública, o prédio da "Gazeta Oficial", o sobrado da casa comercial de Orlando & Irmãos, a escola pública das proximidades da praça Moreira Cabral, um prédio à rua Barão de Melgaço onde funciona a Junta de Conciliação do Trabalho, da Delegacia do Ministério do Trabalho, à rua Pedro Celestino, e o edifício da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional.

Com os salesianos veio para Cuiabá, o Pe. José Solari, benemérito nos trabalhos de reconstrução da Igreja de S. Gonçalo. Dramaturgo de valor, exímio pintor as representações teatrais no Liceu Salesiano do tempo do Pe Solari levavam para aquele estabelecimento de ensino toda a população cuiabana, atraída pelos seus dramas históricos e pelos seus quadros de cenografia.

Pe Solari era também notável escultor, autor das estatuas dos 4 evangelistas da fachada atual da igreja de S. Gonçalo.

A ordem franciscana trouxe a Cuiabá Frei Ambrosio Daydée, jornalista ardoroso e trabalhador infatigável.

A sua permanência na capital matogrossense é assinalada pelo impulso por êle dado á reconstrução da Igreja de Na Senhora do Bom Despacho, cujos trabalhos ainda não estão concluídos, mas falam eloquentemente da beleza da sua magnífica fachada.

Transferido para a cidade de Cáceres, Frei Ambrosio empregou a sua atividade na construção da catedral do bispado, hoje o maior e o mais belo templo de Mato - Grosso.

O maior mérito administrativo do coronel Petro Celestino Corrêa da Costa, foi o seu desvelo pelas cousas do ensino.

Fundando a Escola Normal e transformando em Escola Modelo anexa o Grupo Escolar do 1º distrito de Cuiabá, quis dotar essas entidades educativas de uma séde condigna e moderna, contratando com a firma Magalhães & Melo a construção do Palacio da Instrução, edificio confortavel e moderno, obediente às técnicas exigências pedagógicas.

Fosse inicio de patriótico programa, foi continuado com as fundações e construções das modernas sédes dos grupos-escolares do 2º. distrito de Cuiabá, de Corumbá e de Cáceres, ao mesmo

tempo que a Missão Salesiana construía as novas sédes dos seus colégios equiparados em Cuiabá e Campo-Grande e do Ginásio de Corumbá, além dos bem instalados educandários dirigidos pelas irmãs de caridade nas cidades acima referidas.

Os asilos e colégios salesianos continuam sendo formadores de profissionais de artes gráficas, de officios vários, do desenho, da pintura e do bordado.

As irmãs salesianas substituíram as irmãs vicentinas vindas para o Asilo Santa Rita, logo depois do regime republicano.

Elas estão construindo em Cuiabá o novo edificio para o seu asilo, uma das mais belas e suntuosas obras do arquitetura que vai possuir a capital matogrossense.

Seguindo o exemplo salesiano os padres redentoristas edificaram em várias cidades, do sul matogrossense, edificios majestosos para os seus educandários.

Ainda no campo da propaganda religiosa, vários templos, reformados e sabatistas, de agradável conjunto arquitetônico, têm sido erguidos em Mato-Grosso.

O espirito de altruismo e de beneficiência incrementou a construção dos templos maçonicos de Cuiabá, de Corumbá e de Compo-Grande e as confortaveis sédes e humanitárias instituições mantidas por colônias estrangeiras radicadas em Corumbá e em Campo-Grande.

Contribuindo poderosamente para o surto de uma nova era arquitetônica em Mato-Grosso, o exército nacional está construindo, nas sédes dos seus comandos e das suas unidades de tropa, quartéis modernos e confortaveis, que muito impulso vêm dando a esse ramo de construção, sempre completado por outras obras de arte em estradas de rodagem e campos de pouso.

Na vila de Ladário, visinha de Corumbá, os esforços das nossas forças de terra têm sido completados pelo comando da Base Naval e do Arsenal de marinha, na construção e reconstrução das suas obras e na reorganização dos seus estaleiros.

Na historia da arquitetura corumbaense merece destaque o nome do construtor Martim Santa Lucci, alí radicado.

A 10 de Agosto de 1890 veio para Cuiabá o pintor hespanhol José Maria Hidalgo que se estabeleceu com atelier à rua 13 de Junho.

Executou grande número de trabalhos a óleo, sendo as principais a — Missa Campal na Praça "Bispo D. Carlos", assistida pelas forças patrióticas vitoriosas na revolução de 1892, o retrato do coronel Generoso Ponce, tela que, na opinião de Estevão de Mendonça, "não guarda nenhuma regra de proporções" e — "Porto Geral de Cuiabá" — o seu melhor trabalho.

Os dois primeiros trabalhos pertencem hoje ao museu — da

C. Barão de Melgaço — e o último, “foi feito por encomenda do Dr’ Manoel Murtinho que ofereceu-o a seu irmão Dr. Joaquim Murtinho e acha-se no Rio de Janeiro”.

J. A. Marinho foi, em Corumbá, o digno continuador de Santa Lucci, no enorme movimento de progresso que impulsiona a cidade nestes últimos anos.

Na destacada evolução campo-grandense, merecem especial menção os engenheiros construtores militares e a firma Seco Tomé, de reconhecida idoneidade.

Já nos dias que correm, a notável operosidade da administração Júlio Müller, depois de preparar seguro alicerce económico-financeiro, garantidor de êxito realizador, pode produzir muito.

Atraiu para o setor matogrossense a capacidade profissional das firmas construtoras “Pederneiras S/A e Coimbra Buêno & Cia”.

A’ Pederneiras devemos a construção do edificio da atual agência do Banco do Brasil, em Cuiabá, e o admirável conjunto arquitetônico que forma o aprendizado agrícola “Gustavo Dutra” situado a 96 quilometros de Cuiabá, a 750 metros de altitude, num assentado de serra da Chapada dos Guimarães.

A’ Coimbra Buêno & Cia. devemos a estação de tratamento d’água, a residência dos Governadores, os palácios da Justiça e da Secretaria Geral, o Cinema, o Grande Hotel e a ponte sobre o rio Cuiabá.

Em conferência sob o tema — A música em Cuiabá, tivemos ocasião de dizer o que foi a arte divina entre nós, nos tempos de colônia e do império, a influência dos maestros Carlos Herbert, Agostinho Mendes, Tte. Mamede, Lombardi, a do Liceu Salesiano e as dos asilos religioso, a de Simaringo e a de Emilio Heynée, a das bandas militares e do Liceu Salesiano, a das nossas eximias professoras de piano, a da música sácrã e a das pianistas da moderna geração.

Nêsse cenário e no da pintura Pedro Gaudie Ley fórma em plano de relevo.

Desenhista e músico notavel, teve a sua educação artistica completada na Italia, a expensas da então província de Mato-Grosso.

Pouco poude dar do que sabia.

Em plena ascensão, foi arrebatado das azas da Arte para os terríveis seduções da vida orgiaca que o embotou e o matou.

Fato notavel na vida artistica de Mato-Grosso é a da existência do «Club Internacional» de Cuiabá.

Inaugurado a 12 de Abril de 1.904, notavel «pelo numero e

qualidade dos sócios, pela confortavel instalação, pelo elegante mobiliário, diretamente importado de Hamburgo, pela ornamentação das salas e pelo apurado serviço interno».

Organizou conferencias literárias, concertos, partidas de danças e muitas outras manifestações de cultura».

Foi o seguinte o programa de música executado no dia da sua inauguração.

— 1a. PARTE —

- I) *Le délire*, de Racine, para piano forte — Senhorita Luiza de Moraes e Souza.
- II) *Calme de soir* — Reverie para mandolinos, flauta e piano. Mmes. Soares e Addor, senhoritas Cecilia Velasco, Adélia Pitaluga e Judith Catilina e sr. Otavio Pitaluga.
- III) *Attila*, de Verdi, para canto e piano. Mmê. Wanderley e senhor Antenor Corrêa,
- IV) *Aroldo*, de Verdi, para piano a 4 mãos — Mmê. Monteiro Verlangiéri e senhorita Hercilia Monteiro.
- V) *Il cadetto di Guascogna*, trio para violino, flauta e piano forte — Senhores Emilio Heinée, Antenor Corrêa e Dr. Manoel Joaquim dos Santos.

— 2a. PARTE —

- I) *Capriccio espagnol*, para piano forte — Senhorita Judith Catilina.
- II) *Mazurca concerto*, para violinos, mandolinos e piano forte. Mmes. Soares e Addor, Senhoritas Adelina Viegas; Cecilia Velasco, Adélia Pitaluga e Judith Catilina, e senhor Emilio Heinée
- III) *Serenata de Schubert*, para canto, mandolino e piano forte Mmê. Wanderlei, senhorita Cecilia Velasco e senhor Antenor Corrêa.
- IV) *I vespri siciliani*, trio para piano, violino e flauta, senhores Antenor Corrêa, Emilio Heinée e Dr. Santos.
- V) *Le barbier de Seville*, Quator para violino, violoncello, flauta e piano — Senhores Emilio Heinée, Januário Rondon, Dr. Santos e Antenor Corrêa.

* * *

Tudo o que ficou dito, pertence a um passado mais ou menos remoto.

Nos últimos 25 anos da sua vida artística e literária, Mato Grosso é orientado pela Academia Matogrossense de Letras, que agora completa as suas bodas de prata.

Inaugurada sob o amparo, sempre devotado e esclarecido, de D. Aquino Corrêa, Presidente do Estado na época da inauguração e até, hoje Presidente Honorário do notável sodalício das nossas letras e do Instituto Histórico de Mato-Grosso; orientada pela sua diretoria formada por socios destacados, dignos da investidura que vem sendo sempre renovada, a Academia transformou a «Casa Barão de Melgaço» num verdadeiro Panteão dos nossos varões ilustres, representados pela galeria dos patronos das suas cadeiras, revividos pela pericia fotografica e pelo estudos das suas vidas modelares como cultores das letras.

Ao dinamismo, ao devotamento e á cultura do seu presidente José de Mesquita, infatigavel no esforço nobre de elevar sempre mais, o conceito da sociedade que dirige entre as suas congeneres do pais e entre os confrades do Estado, a Academia Matogrossense de Letras é, hoje, o centro de atração para onde se convergem os esforços dos representantes das nossas letras e belas artes e o cenáculo preferido pela intelectualidade da terra adotiva de Augusto Leverger.

Fiel à recomendação dos seus Estatutos de favorecer o movimento belartístico sob suas diversas manifestações, tem promovido grande número de saraus musicais com bôa execução de escolhidos números de música, instrumental e canto, não só por professores abalisados como pelos seus alunos de melhor aproveitamento.

Ao lado do culto da música, a arte da palavra, nas suas festas, se refina pelo bom trato que lhe dão os oradores da sua tribuna, os seus recitais de declamação e as suas numerosas horas literárias e artistica, tão queridas pela culta população cuiabana.

No seu museu histórico estão sendo reunidos, com carinho-oso afeto, os melhores trabalhos de pintura feitos pelos mais notáveis artistas que Mato-Grosso tem produzido ou que aqui têm permanecido em demoradas temporadas.

Os grêmios literários e artisticos “Julia Lopes”, “Castro Alves”, “José de Mesquita”, e “Alvares de Azevedo”, têm encontrado sempre abertas, para a sua séde e para as suas festas de arte, as portas da Academia.

Para estímulo dos nossos artistas amantes da tinta e do pincel a Academia organizou duas exposições de pintura muito bem recebidas pela critica.

A primeira teve lugar em 1935 e a segunda em 1938, ambas organizadas sob a orientação do provector artista pintor Jorge Bodstein, nascido na Alemanha, mas ha longos anos radicado em Mato-Grosso, terra dos seus filhos. E em resumo: o alto conceito em que

é tida a Academia Matogrossense de Letras por todos os que sabem amar e admirar as belas artes nas suas diversas manifestações elegeu a sua séde na Casa Barão de Melgaço para seu reduto predileto de estímulo e de sucessos promissores,

No principio d'este seculo, o Club Internacional impulsionou com ardor patriótico, o culto do belo, aplaudindo as palavras elegantes, eloquentes, vibrantes e expontaneas de Vieira de Almeida e Viana de Carvalho, jorradadas em catadupas de eloquencia encantadora da sua tribuna autorizada; ouvindo encantado as as doces harmonias arrancadas do violino mágico do mesmo Vianez e do violão sonhador do cégo matogrossense Levino Albano.

Em nossos dias as nossas sociedades de cultura congregam acolhedoras e autorizadas a nossa elite de arte para ouvir o dizer estasiante e puro de Helena Magalhães Castro e Margarida Lopes de Almeida e, mais uma vez, o velho e sempre novo violão de Levino, gerador de tantas e tão variadas emoções.



Associações Culturais Predecessoras da Academia

RUBENS DE MENDONÇA

Fundador da cadeira n. 9



Ao escrever sobre a influencia literária exercida pela Academia, em nossa evolução cultural, afirma José de Mesquita (1), que para se ter “uma ideia nitida e segura do papel que vem exercendo na evolução literaria de Mato-Grosso, a Academia Matogrossense de Letras, mister se fez estudar-lhe os antecedentes históricos, através das varias associações que a precederam e que formam, por assim dizer, os elos que se concatenam uns aos outros, na corrente do desenvolvimento cultural do grande Estado”.

Assim, sendo, penso com o ilustre publicista, devemos estudar toda a evolução do “Espírito Associativo de Mato-Grosso”, em ordem cronologica. É nas “Datas Matogrossense, de Estevão de Mendonça, que vamos buscar os dados essenciaes para este despretençioso ensaio. Já em data de 23 de abril de 1874 (2), registra aquele historiador, fôra instalada em Cuiabá, a primeira sociedade cultural que se tem noticia, sobre a denominação de “Gabinete de Leitura”, onde se destaca dentre os demais membros, o então Presidente da Provincia José de Miranda Reis e o Advogado Antonio de Paula Corrêa. Essa sociedade possuiu uma bôa biblioteca, montada em um dos compartimentos da Camara Municipal, e que a ela se dedicou, desenvolvendo seu patrimonio. Veio desaparecer essa util instituição em virtude da politicalha da época. “A pretexto de economia, diz o autor das “Datas”, mas de fato com o fim de magoar o funcionario que a dirigia, transferiram a biblioteca a cargo da Secretária da Escola Normal, ficando desde logo alterada, a sua organização primitiva”.

Com o desaparecimento dessa associação, só em 1882, oito anos após, surge então, a sociedade denominada — “Clube Literario”, cujos estatutos foram aprovados pelo Presidente da Provincia, Coronel José Maria de Alencastro. Esse clube já possuia uma finalidade bem mais aproximada da Academia, já naquela época se propunha a realizar palestras familiares e a publicação de uma revis-

(1) — José de Mesquita — Anais do C. A. L. e S. C. L. B. — A Academia Matogrossense de Letras — 1936.

(2) — Estevão de Mendonça — “Datas Matogrossenses” — 1929.

ta, contando para isso com a contribuição dos seus associados que era 5\$000 de joia e a anuidade de 8\$000. Fez parte da sua diretoria o Prof. Tomé Ribeiro de Siqueira, filho do imortal herói de Dourados Antonio João Ribeiro. Dessa sociedade que ignoramos o motivo do seu desaparecimento, para a "Instrução e Recreio", fundada pode-se dizer pelo Barão do Batovi, vai apenas um ano, quando logo após surge a "Associação Literária Cuiabana", em 21 de Outubro de 1884. Esta foi sem dúvida das Instituições do genero, a que mais e melhores serviços prestou á nossa cultura, durante o regimen imperial. Possuindo uma ótima biblioteca, afim de facilitar aos seus associados variada leitura, foi a Associação Literaria, uma das mais perfeitas organizações do tempo. A sua séde primitiva, era na rua 11 de Julho, (hoje Pedro Celestino) Composta por numero ilimitados de sócios, contribuindo cada sócio com a importancia mensal de 500 réis. Mais tarde a Associação Literária passou a funcionar em uma das dependencias da Camara Municipal, gratuitamente cedida para esse fim, quando a mensalidade dos sócios aumentou para 1\$000 até que nos últimos tempos fôra transferida a sua séde da Camara Municipal (3), para a rua Antonio João, de onde passou para a rua 13 de junho, até que finalmente por permissão do Governo ocupou uma das dependencias do edificio da Inspetoria de Higiene, à rua Dr. Joaquim Murtinho, até a sua extinção. Ouçamos o que dela, já em seu declinio, diz o brilhante historiador José de Mesquita (4): «No prédio da rua da Esperança (rua Antonio João como é conhecida pelo povo Cuiabano), foi que conheci, já em relativa decadencia, a histórica sociedade Devo lhe, posso dizer com segurança, a minha iniciação literária, feita precocemente, desde os meus floridos 12 anos. Lembro-me, como se fosse ontem. Iamos à noite, pelas sete horas, trocar os livros já lidos, por outros. Na meia sombra daquele canto de rua, onde um lampião de kerosene punha a sua claridade baça destacava-se, as suas janelas iluminadas, o salão da biblioteca. Aquelas saídas noturnas, no recolhido ambiente da Cuiabá de antanho, tinham para mim o misterio vedado de uma aventura. A's vezes, encontravamos ainda fechado o salão, e era preciso esperar a chegada do porteiro — o velho José Martins, por autonomia o Candimba... F assim finaliza — E bem lhe assiste à Associação extinta mas sobreviva, — o expressivo distico horaciano das "Odes" *NON OMNIS MORIAR* — de todo não morrerei! E efetivamente não morreu de todo porque a sua biblioteca passando a pertencer ao "Centro Matogrossense" hoje Acadamia Matogrossense de Letras, vive e há 25 anos

(3) — Estevão de Mendonça — Obra citada.

(4) — José de Mesquita — Revista do Instituto Histórico de Mato-Grosso. — Vols. XIX e XXX.

o nome da velha sociedade de cultura, é constantemente ou melhor é diariamente lembrado por novas gerações, que consultando as obras que lhes pertencera prestam uma homenagem postuma a velha Associação Literaria Cuiabana.

Em 1897, aparece o Clube Minerva, tendo à sua frente Virgílio de Araujo. Essa sociedade era um mixto de litero-musical. Ela, fortes razões me levam a crer, era composta de uma mocidade que vivia em pleno Romantismo, enbragada das ideias de Byron e Musset. Talvez o ambiente pr ópicio de Cuiabá, da época, oferecesse em seu meio, mais ou menos semelhante a São Paulo, por volta de 1830. Sem a classica garôa da paulicea e sem a sua tradicional Faculdade de Direito, por onde passaram os grandes vultos do país — o romantico Álvares de Azevedo, o genial Castro Alves e Rio Branco, legitima glória e orgulho da Pátria. Cuiabá, na sua penumbra, tambem, oferecia um aspeto romantico, e era campo propicio para as boemias discretas de jovens talantosos. O "Clube Minerva marcou uma época na historia do romantismo cuiabano (por até bem pouco Mato—Grosso era Cuiabá, disse J. de Mesquita).

Com o desaparecimento do "Clube Minerva", nasce em 1899, uma nova sociedade cultural, — "Sociedade Internacional de Estudos Cientificos" — ja pelo nome indica a sua austeridade. Essa associação presidida por John W. Price, pastor evangelico, se propunha a realizar conferencias em torno de assuntos geográficos ou históricos do Brasil e coligir dados destinados a corrigir a carta geografica de Mato-Grosso. Creio que dos seus socios fundadores os únicos sobreviventes são o Prof. Felix de Miranda e Estevão de Mendonça.

Da fundação da "Sociedade Internacional de Estudos Cientificos", para o aparecimento deste Grêmio de cultura, há apenas um "curto espaço de 12 anos".

E' fundado a 13 de abril de 1911, o Grêmio Literário "Alvares de Azevedo". A revista "Mato-Grosso" impressa no Liceu Salesiano de Cuiabá, prestou inegavelmente á cultura matogrossense grandes serviços. A ela devemos o aparecimento de meia duzia de poetas e prosadores que constituem orgulho de Mato-Grosso. Sairam eles dos bancos do Liceu Salesiano, alguns já colaborando na Revista Mato-Grosso, como José de Mesquita, Leonidas de Matos, Lamartine Mendes e outros tantos. Foram alguns desses jovens, cuja mentalidade se formou á sombra dos paredões do velho "Colegio dos Padres", que tendo a frente Leonidas de Matos, fundaram o Grêmio Literario "Alvares de Azevedo", entre eles se destacavam Lamartine Mendes e Nilo (5). Teve esta so-

(5) — Rubens de Mendonça — Aspecto da Literatura Matogrossense. — 1938.

cidade poucos anos de vida, e a não ser o caso que ficou cerebre nas crônicas teatrais da cidade, da realização de uma peça teatral que, segundo afirma o Prof. Francisco Ferreira Mendes, só terminou as 5 horas da manhã, nada mais houve que perdurasse em favor de sua memória, até que cinco anos após, surge o Grêmio Feminino «Julia Lopes», com sua simpática Revista «A Violeta», que desde a fundação até a presente data conta com a valiosa orientação do espírito culto e brilhante da escritora Maria Dimpina Lobo Duarte.

A Academia Matogrossense de Letras, é sem dúvida o fruto do esforço conjugados de mais de duas gerações, e que já atravessou, também, mais de uma geração (6) conservando-se sempre fiel ao seu programa inicial.

Escrevi alguns artigos em 1940, no «Anuario do Oeste Brasileiro» (7), que no período de 1932 a 1937, representa para Mato-Grosso um século de evolução literaria do Estado, creio que a afirmativa, embora, houvesse contrariado alguns, não fôra de todo injusta, desde que nessa época viveu Mato-Grosso, o período mais intenso de sua vida literaria. Em 1932 passou o «Centro de Letras Matogrossense» a ser a atual «Academia Matogrossense de Letras», que dentro desse espaço de tempo, por mais de uma vez se viu na contingencia de aumentar o seu quadro sócial.

Portanto a minha assertiva não foi de todo injusta e até a Academia passou também por uma reforma, recebendo em seu seio alguns elementos da geração nova, alguns até ligeiramente endiabrados (8)

(6) — José de Mesquita — Discurso de Abertura da Sessão Solene da Posse do Academico Rubens de Mendonça.

(7) — Rubens de Mendonça — Os borôros também são artista. (Anuario de Oeste Brasileiro).

(8) — Gervásio Leite — Artigo publicado no jornal «Estado de Mato-Grosso».

“Academicos Desaparecidos”

Por

ULISSES CUIABANO

(Da Academia Matogrossense de Letras)

1945

ACADÊMICOS DESAPARECIDOS:

Leovegildo Martins de Melo	4	8	1922
José Magno da Silva Pereira	12	5	1927
João Cunha	13	6	1933
Leônidas Antero de Matos	8	4	1936
Franclin Cassiano da Silva	9	6	1940
João Barbosa de Faria	17	7	1941
Ovidio de Paula Corrêa	16	6	1946

A Academia Matogrossense de Letras, após percorrer a largo trajetória de cinco trabalhosos lustros, vai comemorar uma esplendente vitória: — a culminância de seu jubileu espiritual.

E' um triunfo impar e fausto.

E essa imparidade e esse fausto decorrem precisamente das agruras da marcha evolutiva para o progresso, que o balbuciante Centro de Letras empreendeu, numa arrancada audaciosa através do indiferentismo, e porque não diremos? das hostilidade mesmo do meio ambiente, que muitas vezes saíram da sotunidade subterrânea para entremostrarem seu despeito à luz meridiana.

Os componentes do intrépido cenáculo, superiorizados pela destacada figura intelectual de José de Mesquita, marcharam galhardamente rumo ao futuro, tendo gravado em seu estandarte augusto a legenda simbólica: "Pulchritudinis studio habentes", lembrada e esculpida com maravilhosa clarividência pelo Presidente de Honra da Academia.

E agora a nossa agremiação atinge ao pináculo da primeira grande etapa, para, com justa ufania, recomeçar sua gloriosa rota, toda ela pontilhada de dedicação e de esforços para a maior grandeza das letras matogrossenses.

A ebriedade jubilosa provocada pela transposição dos percalços que procuravam frustrar a luminosa peregrinação dêesses novos romeiros do ideal não embotou a sensibilidade cordeal dos caminheiros que atingiram a meta.

E' que os triunfadores, ao alcançar as raias da grande etapa lançaram um retrospectivo olhar prescrutador. E que viram?

— Lançados por terra, aqui e ali, sôbre o recalçado rastro dos vanguardeiros, os corpos hirtos mas serenos, dos camaradas tombados na luta.

Jasiam assim, calados e inteiriçados.

Eternamente emudecidos.

E, asas de neve estendidas sôbre o silêncio de seus túmulos merencóreos, o Anjo da Saudade, chorando . . .

E os vencedores da longa e gloriosa etapa, olhos volvidos para o Passado, também choraram.

Choraram recordando os dias álacres de outróra, quando, nas tertúlias acadêmicas, juntos planejavam sonhos do porvir, pro-

jeros de finalidades literárias, obras de variados feitios e de conceitos diversos, mas tudo girando em tórno de um programa sadio e moral, delineado e consubstanciado pelos próceres do grêmio nascente.

E daí a celebração da vitória com festas glorificantes, inclusive as comemorações confortadoras da recordação e da saudade.

Coube-me a mim a dolorosa tarefa de rememerar os companheiros desaparecidos.

Como um dos fundadores do antigo Centro Matogrossense de Letras, tendo acompanhado passo a passo sua luminosa romaria, tomando conhecimento pessoal e afetivo com os demais componentes da Tavola Redonda das letras regionais, acedi ao imperativo da designação.

Volvi também, com uma ponta de melancolia, um saudoso olhar para o passado. E minha recordação foi atingir uma data, para mim bem significativa:

4 de Agosto de 1922.

Nesse dia eu completava meus 31 anos.

Nesse dia ausentava-se do nosso convívio fraternal uma das mais robustas inteligências da nossa grei, um dos mais cultos obreiros das belas letras, um grande amigo, um excelente companheiro: —

Leovegildo Martins de Melo

Ouvidio Corrêa, a quem a Ceifeira Implacavel acaba há poucos dias, de cercear, arrancando-o arrebatadoramente, do seio da sua Família, da sociedade matogrossense, e da Academia de Letras, deplorando o infausto trespasse do primeiro membro do nosso grêmio, desaparecido prematuramente, assim se expressou:

«Perdeu o Centro de Letras, com a morte prematura do seu sócio Leovegildo Martins de Melo, acontecida nesta cidade, a 4 de agosto deste ano, um dos fortes esteios sôbre os quais repousa a mais grata esperança que se impuseram os fundadores da nossa incipiente agremiação beletrista, qual seja a de promover e incitar a cultura literária em Mato-Grosso, como preceitua o seu estatuto basilar logo na primeira das suas disposições».

Leovegildo de Melo era paulista. Formado pela Escola Normal Superior de S. Paulo e abraçando o magistério em seu Estado Natal, veio para Mato-Grosso, juntamente com Gustavo F. Khulmann, seu colega de de turma, dirigir o movimento reformador da nossa instrução pública primária, levado a promissora execução pelo Governo Pedro Celestino.

Aqui chegando, meteu mãos à obra, iniciando a magna tarefa que lhe foi confiada. Dotado de invulgar aptidão pedagógica, fundou e dirigiu a Escola Normal desta Capital, que tão assinalados serviços prestou à causa da instrução primária do Estado, preparando essa plêiade de abnegadas obreiras hoje disseminadas por todos os quadrantes de Mato-Grosso, no desempenho do seu árduo porém glorioso mistér.

A Leovegildo de Melo deve a sociedade matogrossense um preito de gratidão, pelos relevantes serviços que prestou a prol da instrução pública, tendo sido um dos mais destacados líderes desse benemérito movimento até o ano de 1916, quando, por intromissão da politicagem, foi afastado do aliás espinhoso posto que dignamente ocupava, e pelo qual tanto se sacrificou.

Jornalista dextro e orador de escol, Leovegildo de Melo aplicou sua lúcida inteligência na defesa de seus ideais partidários, grangeando amigos dedicados e ao mesmo tempo impenitentes adversários, porém sempre admirado por gregos e troianos.

Abraçou a carreira de advogado após sua destituição de dirigente da Escola Normal.

Habilitado por exame, exerceu com proficiência a nobre profissão, que então garantiu a subsistência à sua adorada família, pois que o estorçado educador aqui construiu seu querido lar.

A morte arrebatou-o muito moço:—trinta e três anos de idade apenas. “Nessa época em que o espírito humano em geral, está ainda pouco aparelhado para suportar os embates da sorte e vencer, na vida, já Leovegildo de Melo havia acumulado torte cabedal de conhecimentos práticos, que o habituavam a lutar sempre com esse ardor, com esse entusiasmo caracterisante daqueles que sabem que “querer é poder”, quando aliam à inteligência cultivada o modo de — saber fazer — chegando, afinal, à vitória das causas pela qual se batem, exultantes da confiança em si mesmo depositada.”

A obra máxima, porém, empreendida por Leovegildo de Melo foi sua excecional dedicação à causa do ensino popular dos pequenos matogrossenses, obra imperecedoura e preciosa que preparou o terreno para esse brilhantismo que alcançou o serviço da Instrução Pública, concorrendo de maneira eficiente e digna de francos aplausos para o seguimentos do nível intelectual em nosso Estado.

Mato-Grosso deve à ação arrojada do devotado educador bandeirante esse admiravel surto de renovação dos métodos rotineiros do apendizado infantil, levando a transformação da nossa vida escolar a ser elogiada por abalisados corifeus do Ensino Público do Brasil.

A Academia, então Centro de Letras, que tamanha confiança depositava em Leovegildo de Melo, como uma das mais sólidas colunas de sua constituição estrutural, viu-se privada de sua vigorosa colaboração, tão precocemente anulada pela ação aniquiladora da Parca, na sua fúria devastadora.

Mas resta nos o consôlo da sua memória, que será eterna para a Academia; fica-nos, como um imperecível raio luminoso, a lembrança de sua vida exemplar, onde avultam a sua tenaz dedicação ao trabalho, a ância de vencer, que lhe animava todos os seus atos construtivos e o amor imensurável que dedicava à Pátria e à Família.

Lega-nos o saudoso extinto a sua preciosa obra literária que, embora diminuta, servirá no entanto, para confirmação aos pósteros, de evidente comprovante de suas aptidões intelectuais que lhe garantiram a conquista do lúdimo título de imortal, concedido tradicionalmente aos cultores das belas letras e das belas artes.

José Magno da Silva Pereira

A 12 de Maio de 1927 exalava o ultimo suspiro, no remanso tranquilo do seu lar, o venerando professor aposentado do Liceu Cuiabano, Cel. José Magno da Silva Pereira, conhecido geralmente por Jujú.

O Centro de Letras perdia, assim, o segundo dos seus membros fundadores que, pelo avançado de sua idade, pouco frequentou o cenáculo, mas que se ufanava de pertencer áquela sociedade de literatos.

O professor José Magno na sua longa travessia pela vida pública, tendo enfrentado rígidas borrascas políticas, não praticara, verdadeiramente, as belas letras.

Como orador, sua voz autorizada e acatada era ouvida com respeitosa atenção nos conclaves partidários e nos comícios de feição política; como jornalista, aliás de larga projeção nos meios sociais de Mato-Grosso, seus vibrantes artigos tinham sempre um cunho demagógico, seus escritos espalhavam sempre os ideais sectários que defendia; como professor de português, suas lições eram preciosas, por ser o mestre um apaixonado cultor do vernáculo e um purista de reconhecido valor. Desempenhando quasi que durante sua vida pública uma destacada posição administrativa, como Secretário do Governo e tendo sempre árduas tarefas burocráticas a desempenhar, não poudé José Magno dedicar-se com mais intensidade ao cultivo da literatura de ficção, cifrando-se o seu trabalho intelectual ao jornalismo, ás mais das vezes em atitude combativa, liderando o movimento partidário que defendia pelas colunas dos órgãos da imprensa, às quais concedia as maiores das suas atenções.

Pena verdadeiramente amestrada e doutrinária, conhecedora dos escaninhos da lógica e da dialética, José Magno, pela sua ação decidida nas colunas do periodismo, viu a vitória Sorrir muitas vezes aos seus ideais políticos. Nunca ambicionou, porém, as mais subidas posições do seu partido, representações extra-territoriais ou comissões polpudas, permanecendo modestamente em seu posto, na Secretaria do Governo, ou exercendo o magistério secundário. Apenas foi o seu nome lembrado para representante do povo á Constituinte Matogrossense.

Teve José Magno uma educação genuinamente cuiabana. Nasceu, educou-se e veio a falecer em Cuiabá. Ensinou português no Liceu Cuiabano onde o autor destas linhas foi seu aluno.

De José Magno disse Isac Pòvoas, em necrológio feito na Revista do Centro de Letras:

«Do seu merecimento como catedrático de português, que foi, do Liceu Cuiabano, desde a fundação dêsse Instituto de Ensino, em 1880, melhor do que nós dirão as inúmeras gerações de estudantes matogrossenses, que beberam na sua fonte os conhecimentos sólidos de pura vernaculidade.»

José Magno da Silva Pereira era filho do Dr. Caetano Xavier da Silva Pereira e de d. Antonia Guilhermina da Silva Pereira tendo nascido a 15 de Novembro de 1847. Militou na imprensa regional como um dos redatores de "O Liberal" e chefe de redação da "Provincia de Mato-Grosso", ainda no regime monárquico e redator do "O Mato-Grosso", "O Democrata" e "O Correio do Estado".

Foi diretor da Tipografia Oficial e Secretário do Governo, exercendo este último cargo durante 30 anos.

Escolheu para patrono de sua cadeira no Centro de Letras (n.º 19) a Pimenta Bueno, mas não chegou a fazer o elogio fúnebre dêste ilustre matogrossense.

João Cunha

A 13 de Junho de 1933 João Cunha, deixou de existir materialmente.

Apagara-se aquela luz radiosa que seu cérebro de escól desprendia, como que iluminando sua presença.

Não mais ouviremos, seus amigos e seus confrades, sua voz cheia de ensinamentos e de coisas úteis.

João Cunha morreu.

A Academia Matogrossense de Letras, naquele tristonho dia ficara desfalcada de um dos mais ilustres de seus, figura de maior,

relevo nos meios intelectuais de Mato-Grosso, bondade, carinho e amizade, tudo debaixo da mais sã modestia.

O característico de seu talento portentoso era sua atuação na imprensa indígena. Sua pena cintilante era o reflexo de seu espírito bem formado, educado dentro das normas da benevolência sem as arestas mordentes da vaidade, sem a menor sombra da violência.

Conheci João Cunha quando experimentei meus primeiros passos no periodismo, compondo alguns versos para a "Reação". Naquele tempo era eu ainda garoto; recebi sábias lições de João Cunha, que sem ser poeta, conhecia a linguagem misteriosa com que se conversava as Musas, tendo então me facilitado o conhecimento de valiosas obras da sua selecionada biblioteca, que ficára á minha inteira disposição.

Pude avaliar de perto sua clássica erudição, bebida em profundos estudos de humanidades, em leituras ponderadas de excelentes obras filosóficas e de variados livros de autores em evidência nas letras: — poetas, ensaístas, criticos literários, novelistas e polígrafos, da lingua portuguesa, francesa, inglesa e espanhola.

Li Cervantes, Victor Hugo e Ingenieros, sob sua recomendação; conheci Renan, Balzac, Zola, Lamartine, Le Bon, que figuravam em suas estantes; travei amizade com Machado de Assis, Eça, Coelho Neto, Ortigão, Euclides Cunha e Herculano, seus autores prediletos da nossa lingua, a portuguesa.

João Cunha, egresso do comércio, entrou para a política, tendo desempenhado altos cargos.

Deputado, chefe de Repartição e Secretario Geral do Estado no governo Anibal de Toledo, deixou a carreira pública para ingressar de novo na vida comercial, como contabilista.

Neste posto veio a falecer.

Não deixou obra publicada, em volume. Os seus artigos, crônicas, sueltos, de féição puramente partidaria e combativa, aí estão, esparsos pelas colunas de vários periódicos, onde exerceu suas atividades.

A colecta dessas produções e sua consequente publicação, em livro é um dever da Academia, consoante seu promissor programa na parte do "Livro Matogrossense"

Leônidas Antero de Matos

Delicado trovador, com inspiradas estrofes, Leônidas de Matos compôs lindas poesias, que faziam o encanto dos seus leitores.

Foi, pois, levado pelas Musas que o elegante poeta cuiabano penetrou a Academia Matogrossense de Letras.

Muito cedo, porém, a Morte veio arrebatá-lo do convívio

de seus pares, quando muito esperançosa era ainda sua atuação nas nossas letras regionais.

Aos 8 de Abril de 1936 dava-se o trespasse do aedo, que nascera nesta Capital a 28 de Fevereiro de 1894.

Foram seus pais o General Antero Aprigio Gualberto de Matos e D. Francisca de Figueiredo Matos.

Desde os bancos ginasiais do Liceu Salesiano desta cidade, onde completou o curso secundário, Leonidas de Matos dedilhava a lira. E cantava. Datam dessa época as harmoniosas estrofes de acentuado sabor lirico, publicadas pelo autor nas saudosas tertúlias do Gremio Literário Alvares de Azevedo, formado por elementos destacados dos dois Liceus de Cuiabá, dos incipientes literatos conterrâneos.

Terminados seus estudos ginasiais, Leonidas de Matos mudou-se para Porto Alegre, onde fez seus estudos jurídicos, exercendo, depois de formado, a advocacia naquela formosa capital gaucha.

No Governo Mário Corrêa veio o poeta para sua terra natal, afim de desempenhar o elevado cargo de Chefe de Polícia. Mais tarde, no Governo Interventorial de Antunes Maciel, foi Leonidas de Matos nomeado Secretário Geral do Estado (1931 — 1932), sendo, em 1932, designado para a suprema curul, ocupando a Interventoria até 1934. Como chefe do Governo Estadual assistiu, tomando parte ativa, a um dos mais agitados movimentos políticos da nossa terra, daqui se retirando para a Capital da Republica, repleto de desilusões.

Ocupou a cadeira n.º II, do Centro Matogrossense de Letras, cujo patrono é Barbosa de Sá.

O seu substancioso discurso de posse, no qual fez o elogio do seu ilustre patrono é uma formosa peça oratória.

Dessa oração destacamos as linhas que se seguem: "Si gratidão me não trai, presados confrades, a êsse número deve, sem dúvida pertencer a emoção intensa que experimento nesta hora, nesta festividade e neste instante em que as mãos de arminho de vossa generosidade me abrera de par em par as portas magníficas de vossa cenáculo, fazendo-me entrever, com a distinção imerecida, o praser do convívio espiritual de tão brilhante plêiade patrícia, a qual de ha anos atraz, reconfortada pelos aplausos de muitos ou vencendo a indiferença de poucos, para maior honra e gloria de nossa Cuiabá bi-centenária, vem soerguendo, intrépida e galharda, o cetro de sua primazia como o maior centro intelectual do Estado".

Franklin Cassiano da Silva

Na noite de 8 de Junho de 1940, reunidos os acadêmicos em sessão ordinária, realizada no salão de honra de Seminário Episcopal, tivemos, como sempre, uma ótima tertúlia de rara beleza espiritual.

Na ante-manhã do dia seguinte recebíamos, os acadêmicos na véspera congregados, com exclusão de Franklin Cassiano, a surpreendente notícia de que este nosso confrade havia falecido inopinadamente na madrugada daquele dia.

Esse brutal evento nos deixou atônitos e até ao presente, quando nos reunimos naquele agradável local, vem sempre a balha o nome do confrade então desaparecido, e de quem conservamos saudosas reminiscências.

Franklin Cassiano nasceu em Corumbá a 1^a de Maio de 1891, era filho de Luiz Cassiano da Silva e de Ana Luíza de Oliveira Bastos, tendo ficado orfão em tenra idade. Foi criado e educado por seu tio André Avelino de Oliveira Bastos, que tinha seu domicílio nesta Capital.

Franklin Cassiano, tendo concluído o curso de Ciências e Letras no Liceu Cuiabano, dedicou-se ao magistério primário, sendo depois professor de Pedagogia da Escola Normal «Pedro Celestino» e Diretor Geral de Instrução Pública, função que exercia quando veio a falecer.

Desde muito moço mostrou decidido pendor para o culto das belas letras, notadamente da poesia.

Escreveu belíssimos versos, que se encontram esparsos pelas folhas avulsas dos jornais e revistas locais.

Aprimorou-se no estudo do vernáculo, escrevendo uma pequena mas notável obra didática intitulada «Subsídio para o estudo da Dialectologia».

Uma outra faceta distinta de Franklin Cassiano no domínio espiritual era sua inclinação para a teatrologia. Foi autor de várias peças teatrais, comédias e revistas, levadas à cena, com sinceros aplausos, entre nós.

Também o poeta, às vezes invadia o domínio da sátira, precipuamente nas convulsões políticas, e derramava sua verve pelas colunas dos jornais indígenas, notadamente «A Liça», em versos de um humor fino e causticante.

Como acadêmico, prestou relevantes serviços ao nosso grêmio, desde sua fundação, exercendo o trabalhoso munus de tesoureiro.

A vida de Franklin Cassiano é, toda ela, pontilhada de imensos esforços em prol da educação infantil, sendo, no começo da

sua carreira do magistério, valioso auxiliar do saudoso Leovegildo de Melo, como adjunto de Diretor na Escola Normal Pedro Celestino, então sob a direção deste emérito pedagogo paulista.

A morte de Franklin Cassiano deixou imenso vácuo no seio da classe educativa, assim como uma profunda saudade entre os confrades da Academia Matogrossense de Letras, onde, como dissemos acima, seu nome é relembrado pelos presentes, em toda sessão que levamos a efeito.

Sua memória jamais se apagará da nossa mente, nela se aviando quando mais o tempo passa.

João Barbosa de Faria

A Academia perdeu, em 17 de Julho de 1941, um dos seus mais operosos e diligentes associados, o dr. João Barbosa de Faria.

Nasceu João Barbosa em Cuiabá aos 20 de Fevereiro de 1878, sendo seus pais Carlos Barbosa de Faria e d. Antônia Teresa de Faria.

Entrou para as aulas do mestre Felipe Liberato de Oliveira aos cinco anos de idade, sendo mais tarde aprendiz de tipógrafo e operário do Arsenal de Guerra, mas sempre manuseando livros ditáticos, em seus momentos de folga. Tendo concorrido a um concurso para o lugar de oficial do Correio, foi nomeado para este cargo, tendo em seguida transferido sua residência para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina Formou-se em farmácia, tendo prosseguido seus estudos médicos, mas não chegando a completa-los

Foi professor público primário e depois lente do Liceu Cuiabano. Ultimamente exerceu funções científicas juntos à Comissão Rondon, dedicando-se à Etnografia e à Etnologia

Deixou várias memórias sobre os índios de Mato-Grosso e diversos trabalhos sobre a historia local, entre os quais «Limites Orientais de Mato-Grosso» e «Esboço da História de Mato Grosso», publicados na Revista do Instituto Histórico e na A Cruz, respectivamente.

No volume III das Conferências (Série de Cultura) editadas pela Federação das Academias de Letras do Brasil, foi inserida a notavel dissertação de João Barbosa, sob o titulo «Poetas e Escritores Matogrossenses», onde são estudados os nossos beletristas à luz clara de um critério desapixonado.

João Barbosa é um exemplo raro de *selfmademan*, lutando, desde a meninice, pela ilustração do seu espírito, sempre lendo e

sempre estudando, mas também lutando pela vida, numa trabalhosa trajetória, cheia de mil tropeços, animado dos mais portentosos planos e projetos, numa verdadeira alucinação de construir e de vencer.

Infelizmente seus numerosos trabalhos de cunho histórico, científico e literário por aí jaziam esquecidos e dispersos, estando sendo agora reunidas por mãos carinhosas e autorizadas para uma ulterior revisão e conseqüente publicidade.

Ovidio de Paula Corrêa

A notícia do falecimento de Ovidio de Paula Correa veio nos surpreender dolorosamente, no momento preciso em que a Academia estava já se preparando para celebrar o 25.º aniversário de sua fundação e contava com a colaboração preciosa daquele eminente consócio.

Ocupava Ovídio Correa a cadeira número 24 do nosso cenáculo.

Era filho do advº. Antônio de Paula Correa e d. Francelina Virgínio Correa, sendo irmão do nosso confrade Filogônio de Paula Correa, 1.º Secretário da Academia.

Ovidio Correa nasceu no dia 4 de Junho de 1878, em Cuiabá, na mesma casa em que, 13 anos depois, por uma coincidência toda especial, haveria de ver a luz autor destas rápidas notas biobibliográficas.

Ovidio Correa fez, nesta Capital, os seus estudos primários e secundários, seguindo depois com seus progenitores para Corumbá e Nioaque.

Na cidade Branca exerceu as funções de Escriurário do Hospital Militar e em Nioaque procedeu a medições de terras, na qualidade de Escrivão do Juiz Comissário. Em 1896 regressou a esta Capital para trabalhar, como guarda livros, na Casa Avelino de Siqueira; posteriormente passou-se para a firma Ponce, Azevedo & Cia., transferindo-se mais tarde para a casa comercial de Antônio Vieira de Almeida, como interessado. Esta firma entrou em liquidação em 1906.

Desempenhou em Cuiabá os encargos de Tabelião, Diretor da Imprensa Oficial, Vereador Municipal, Delegado de Polícia e Diretor do Tesouro, em sucessivas etapas, saindo-se sempre com galhardia das funções exercidas.

Mudou-se para Campo-Grande, onde foi Coletor Estadual, Vereador e vice-presidente da Camara, advogado e professor secundário.

Foi membro fundador do Instituto Histórico de Mato-Grosso. Sua atuação na imprensa regional foi de notável realce. Foi um dos fundadores de « O Colibri », órgão literário de larga projeção na época, e colaborou com afinco no « O Farol », « O Mato-Grosso », « A Coligação », « A Reação », « O Jornal », e o « Correio do Estado ». Usava o pseudônimo de Rodorico Voia, anagrama com que assinava suas apreciadas crônicas.

Tendo passado a sócio correspondente da Academia, por ter transferido sua residência para Campo Grande, foi reconduzido para a cadeira nº-9, em virtude da reforma dos nossos estatutos.

Ambos seus patronos, Aquilino do Amaral e Pe. Esnesto Camilo Barreto, foram superiormente estudados por Ovídio Correa, em discursos que estão registrados na Revista da Academia.

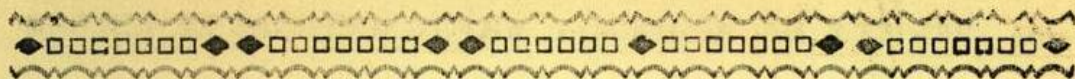
Deixou o pranteado e saudoso confrade, falecido em 16 de Junho de 1946, viúva, d. Constança de Proença Corrêa, e os seguintes filhos: Vera, casada com o Tte Armando Assunção; Adi, casada com o contador Augusto Osório de Almeida; Carmen, casada com o Cel. Eudoro Corrêa de Arruda e Sá; Constança, casada com o notário Ulisses Azulil de Almeida Serra e o Capm. Alfredo de Paula Corrêa, do Exército Nacional.



A Revista da Academia

VIRGILIO CORRÊA FILHO

«Delegado junto à F. A. L. B.»



Por singular coincidência, as duas datas magnas da Academia Matogrossense de Letras assinalaram-se em quadras inequívocas de depressão, destoantes da bonança estimuladora de acentuadas cogitações intelectuais

A fundação do Centro de Letras ocorreu quando a economia estadual, em declínio, já se avizinhava da grave situação crítica de 1922, denunciada pelo mínimo de arrecadação, ao passo que a sua transformação em Academia, ao findar o decênio, seguiu de perto a perturbação política decorrente da revolução constitucionalista de São Paulo, de fortes repercussões em Mato-Grosso.

Em ambos os casos, não se afigurava propício o ambiente a iniciativas culturais, que espelhassem fecunda euforia social.

Mais do que a resistência do meio, porém, que preferiria por ventura empreendimentos utilitários, predominaram aspirações embebidas de sadio idealismo, expressas, a espaços, por ardorosos patronos.

Afloraram pelo menos ao tempo em que a inauguração da Escola Normal, na arraiada de 1911, com o entusiasmo das primeiras turmas de alunos e professores devotados à sua nobre missão, despertou vocações para as letras.

O Estado atravessava acentuada fase de reformas tendentes a elevar-lhe o nível cultural, e então Alcion, pseudônimo de jovem escritor, de apreciável vocação literária, propôs aos conterrâneos a fundação, em Cuiabá, de uma Acadêmia de Letras.

Não lhe faltaram aplausos, sem dúvida.

Mas a um dos colaboradores de "O Labaro" Haroldo Batista, afigurou-se prematuro o plano contra o qual articulou argumentos a 2 de abril.

"Como sonho de moço inteligente, raciocinou, nada mais grandioso; apenas, levando em conta as reais condições nossas, nada menos exequível".

E como lhe sobrassem razões a justificar-lhe a divergência, a ideia não se cristalizou em ato.

Adiada, porem, não se esqueceria de todo.

E volvido apenas um quinquenio, sobressaltado de fogosos debates na imprensa, suggeria José de Mesquita a criação de um gremio, isento de ambições acadêmicas, embora se orientasse para objetivos semelhantes.

“Em um meio como o nosso, argumentava, onde a mais rudimentar intuição de solidariedade social desaparece nas crises agudas e periodicas que assinalam os cataclismos politicos, impõe-se imperiosa e inadiavel a necessidade de um centro intelectual que congregue e aproxime o escol de pensamento, a aristocracia das ideias, servindo assim, permitá-se-me a expressão, de um cadinho que faça fundir num só ideal superior e coletivo as multiplas aspirações da classe pensante, separada pelos interesses egoistas e occasionais”.

E como que a preparar as bases de ação futura, acrescentava: “uma sociedade desse genero tem forçosamente de inscrever no seu programa inicial certos problemas de cuja solução depende, de certa forma, a propria existencia da mesma sociedade. Esses problemas são: a guerra ao analfabetismo, a difusão da cultura geral nas diversas camadas sociais, o estudo dos nossos homens de letras, na sua vida e nas suas criações, a propaganda das suas obras literarias e artisticas, enfim tudo quanto diz respeito à criação de um ambiente intelectual na nossa sociedade tão descurada até hoje desses assuntos. Promover e desenvolver, por meio de saraus artisticos, o amor, o culto da arte no nosso povo; difundir, dentro e fora do Estado, trabalhos originaes de conterraneos nossos; criar uma revista literaria que sirva de veiculo a transmissão desses ideais superiores que reformam o sentimento coletivo e impulsionam o progresso; facilitar a publicação de obras ineditas, estabelecer premios que sirvam de estímulos aos trabalhos dessa natureza — que vasto, que belo campo para a atividade dos nossos patricios que, ainda que poucos, se interessam pelas cousas do pensamento”.

Não era, pois, academia. Ia mais longe a mira e como pretendesse atuar amplamente nos dominios inacostumados à convergencia de componentes mentais, não logrou exito imediato.

Ficou, porem, a bailar nas cogitações de sonhadores pertinazes, até que se encontrassem tres dos mais fervorosos — Barbosa de Faria, José de Mesquita, Lamartine Mendes, — decididos a tentar a experiencia arriscada.

À sua convocação atenderam crentes e ceticos, envoltos pela mesma onda de otimismo, que os promotores desencadearam.

E assim, a 22 de maio de 1921, reunindo obreiros até então dispersos, começou a constituir-se provisoriamente o "Centro Matogrossense de Letras", em cuja inauguração festiva, a sete de setembro, o seu Presidente de Honra, D. Aquino Corrêa desfraldou resplandecente programa, engrandecido por alocução, que lhe dignificou o primeiro número da "Revista".

Aflorou a publicidade, ao raiar janeiro seguinte, como "Órgão do Centro Matogrossense de Letras" e desde essa época não deixa periodicamente de vir a lume, com os mesmos propositos culturais.

Tamanho prestígio adquiriu, pela continuidade semestral da sua publicação e valia dos escritos enfeixados em suas paginas, que, transposta a primeira década, transfigurou-se, com a instituição de que se originára.

O "Centro", vitorioso em periodo de iniciação, durante a qual editou até o número XXII, de sua Revista e dotado já de séde, transformou-se em "Academia Matogrossense de Letras", que lhe prolonga as atividades benemeritas, dilatadas por inquieto quartel de século.

Nem sempre lhe correram de feição os dias, algumas vezes sombreados de sinistras ameaças. Até a politicalha pretendeu depreciá-lo, com o intuito de hostilizar-lhe um dos fundadores, arguido de contrariar efemeros governantes.

A instituição, porem, resistiu às injunções malignas e firmou-se lisonjeiramente no conceito da sociedade. Montou casa própria, mercê de auxilio oficial, em quadras pròpicias, que lhe permitiu aumentar o patrimônio cultural do Estado com mais XXVI números de sua Revista, na segunda fase.

Ao todo, serão 48 tomos, em que se espelham as atividades intelectuais de Mato-Grosso, por mais de uma geração, tanto dos fundadores, como das mais modernas e até das anteriores, reveladas em paginas de ineditos esquecidos, ou transcritas de velhas gazetas.

Já se lhe torna a coleção indispensavel a quem pretenda conhecer a evolução literaria regional, a cujos estudiosos proporciona esclarecimentos em vão procurados em outra qualquer fonte informativa.

Não lhe falta razão de ufania ao completar o primeiro quarto do século em sua radiosa trajetoria, através de obstaculos por vezes desanimadores.

A flama, porem, que lhe iluminou os atos iniciais, não cessou jamais de aquecer o entusiasmo dos cooperadores, ainda os menos ardorosos e arrebatados por novas dedicações.

Comungantes nos mesmos ideais, abrazados por aspirações sobranceiras ao imediatismo lucrativo, congregaram-se em hora ditosa e continuam fieis ao nobre culto.

As substituições, que a fatalidade exige, não lhe alteraram o ritmo de vida.

Novos elementos, com as suas contribuições inovadoras, evidenciam, todavia, que não recusa o organismo nenhuma componente idônea.

Perduram os propositos fundamentais, em cuja execução empenhou o «Centro», e, depois, a «Academia» os seus mais arduos esforços, merecendo a gratidão de Mato-Grosso, pois lhe dá realce as forças intelectuais, sem cujo apoio se manifestam precários os empreendimentos humanos.

Ainda os mais rudes adeptos do utilitarismo nenhuma vantagem alcançariam, caso não se amparassem nos postulados dos que lhes iluminam o caminho com a ciencia.

Só o idealismo, em verdade, constroe definitivamente.

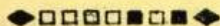
Beni haja, pois, a instituição, que o inscreveu em sua divisa, para que lhe norteasse as atividades estimuladoras de forças imponderáveis, mas eficientes.

Espelho de quanto alcançou, na execução dos propositos iniciais, a meia centena de numeros da «Revista» depara-se a quantos pretendam aquilatar-lhe a contribuição para o engrandecimento de Mato-Grosso, pelo erguimento do nivel cultural de sua gente.

Em suas paginas refletem-se fielmente os sentimentos e ideais dos escritores que a dignificam, de tendencias literarias diversas, mas acordes no mesmo ardente amor à instituição, que sabe interpretar a alma coletiva matogrossense.

E, certo, assim prosseguirá pelo futuro, confiante no poder do seu idealismo, comparavel à fé capaz de milagres.

Rio, 12 de Agosto de 1946



SESSÃO SOLÊNE DE POSSE

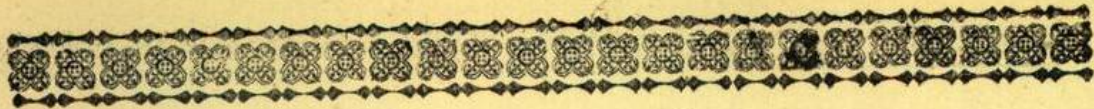
- D O -

academico LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE

NA CADEIRA N. 21

Patrono — Manoel Peixoto Corsino do Amarante

A 8 DE ABRIL DE 1946



Palavras de abertura, pelo Presidente JOSE' DE MESQUITA

A Academia Matogrossense de Letras tem hoje, com a posse de dr. Luis-Philippe Pereira Leite, na cadeira nº 21, patrocinada pelo engenheiro Manuel Peixoto Corsino do Amarante, um dos seus grandes dias, de glorificação e de triunfo. Prosseguindo, numa constância notável, através de 25 anos, a sua obra de cultura e de civismo, a sociedade dos Homens de Letras de Mato-Grosso realiza, nesta noite memorável, mais um marco vitorioso, na sua jornada iniciada vai por um quarto de século, a bem dos nossos foros de povo culto e amante do belo e da arte.

Fiel ao programa que lhe traçou, na sessão inaugural, o seu egrégio Presidente de Honra, que com ufania e satisfação, vemos hoje recebendo o novel acadêmico em nome da Casa, vai a Academia, no seu trabalho fecundo e crescente, elevando dia a dia, a nossa Cultura, em sadias manifestações de alta e nobre espiritualidade.

A festa desta noite fala bem alto dos seus propósitos e demonstra, bem ao vivo, por atos, e não por meras palavras, a sua obra já por muitos títulos meritória.

Tudo aqui nô-lo indica, em admirável consonância, que a Academia vive, progride, eleva-se e cresce, sempre mais.

Diz-no-lo o próprio aspecto dêste salão engalanado e festivo, em que a flor da sociedade cuiabana se ostenta, na presença das mais altas autoridades, culminando no Chefe do Estado e no Chefe da Igreja — ambos membros ilustres da Academia. Atesta-o, ainda, a presença das nobilíssimas famílias, representadas, no programa, pelas ditrizes e pianistas, que, em seu admirável conjunto artístico, estão a demonstrar o concurso magnífico da cultura feminina de nossa terra às tertúlias acadêmicas.

Evidencia-se, por outro lado, na figura veneranda do patrono, Corsino do Amarante, cuiabano de prol, nome dos mais dignos de nosso passado, aureolado pelo talento e pelas virtudes sem par, que fazem dêle um homem — símbolo, um dêesses varões representativos da concepção emersoniana.

E patenteia-se, por fim, na pessoa do recipiendário, em cujos atributos florescem, no vigor de sua mocidade radiante, as qualidades mestras da nossa gente, ao fulgor de uma inteligência privilegiada, iluminada por sadia cultura humanista e coroada pela inteireza moral de um nobre caráter.

Luis-Philippe, que ora recebemos neste sodalicio, pertence, pela sua linhagem, ao patriciado matogrossense, ligando-se, pela estirpe, ao nosso nobiliário; não é essa, porém, a condição determinante da sua escolha, eis que, aqui, cultuamos menos que a nobreza de origem, a nobreza pessoal do talento e da cultura, e, ainda nesse ponto, podemos considerá-lo um autêntico membro do patriciado das letras.

Para defini-lo, não preciso mais do que dizer que entre o Patrono e o recipiendário não sei qual se deve sentir mais honrado — se Corsino do Amarante, vendo a sua cadeira ocupada por Luis-Philippe, se Luis-Philippe, sentando-se na poltrona Corsino do Amarante.

Posso dizer, entretanto, sem falsa modéstia, mas registrando a verdade mais limpa, que é à Academia, como ex-

poente máximo da Cultura matogrossense, que vão tôdas as glórias dêste instante.

Ela sente-se orgulhosa e feliz, dêsse nobre e saudável orgulho que engrandece e nobilita, recebendo, no dia natal de Cuiabá, pela palavra de D. Aquino Correia, a Luís-Philippe Pereira Leite, na cadeira que tem por patrono a Manuel Peixoto Corsino do Amarante.

São — notemos — três dignos cuiabanos, cujos nomes assinalam, na sua magnifica projeção, três gerações, numa gloriosa e fecunda continuidade histórica e cultural.

E dizendo isso, creio haver dito tudo.

ESTA' ABERTA A SESSÃO.





O Discurso do Recipientário

Elogio do Patrono Corsino do Amarante

A tribuna acadêmica, a que me vejo alcandorado pela nímia gentileza dos meus pares, lembra-me na sua imponência, a sessão magna da instalação das Faculdades Católicas de Direito e Filosofia, no salão nobre do Externato de Santo Inácio, na manhã de 15 de março de 1941, no dia mesmo em que, concluídos os estudos superiores, demandei a terra natal. Quedo-me, ainda, a ouvir a lição magistral e edificante de Leonel Franca, o seu Reitor Magnífico: «O homem, dizia ele, ao contrário do animal cuja existência está toda submetida aos destinos da espécie, tem uma história e uma missão na terra, qual a de desenvolver sua inteligência—missão da ciência; dominar as resistências da matéria e subjugar as suas energias—função das técnicas e das artes; praticar o bem governando os próprios atos e instintos, aspiração contínua da moral; estreitar suas relações com Deus, Principio e Fim de todas as cousas—missão sublime da religião».

A harmonia e o equilíbrio dessa concepção totalista, fóra da qual o homem não conserva o segredo de sua força nem a paz de sua felicidade, constituem o alvo da civilização motorizada de nossos dias, que pretende fazer da máquina—o fruto mais extraordinário da Revolução Industrial, um dos mitos do nosso tempo, fenómeno que Bergson estuda de modo extremamente penetrante em «Les deux sources de la Morale et de la Religion».

A máquina, que deveria ser um instrumento de progresso e de libertação, ao serviço do homem, passou a escravizá-lo e, impotente para dominá-la, foi rebaixado e subjugado pelo «espírito da máquina», êsse sentido materialista e mecanizado da sociedade que se manifesta pela trituração da pessoa humana e dos grupos naturais, nas engrenagens do industrialismo, do super-capitalismo, do estatismo absorvente, que são os precursores técnicos do comunismo bolchevista, do qual o liberalismo representa o veículo.

À incapacidade moral e espiritual do homem em face da máquina, devemos as desgraças atuais da humanidade. «Em vez de exercer a sua legítima soberania, o Homem está vivendo sob a ditadura mecânica, vilipendiado e esmagado pelo tirano de aço e ferro, que inspira todo o ritmo da nossa catastrófica civilização» (1), tudo porque se pretendeu abolir os valores espirituais, para que predominassem os impositivos da força bruta; deixar o campo livre para as lutas mais cruéis, sem que nenhuma intervenção moral pudesse coibi-las; opor à doutrina construtiva do amor, a doutrina destrutiva do ódio; substituir o sentimento da justiça pela ambição mais desmedida, a pureza dos costumes pelas paixões desenfreadas, embrutecer, desracionalisar o homem e entregá-lo submetido ao determinismo das leis econômicas, cujo ganho de causa é de antemão assegurado aos proprietários dos meios mais eficientes de produção (2).

No domínio das letras, contra as investidas desse «espírito da máquina», temos as Academias, em cuja missão precípua vemos o cultivo da beleza da forma e da matéria. Sob a égide desse princípio, nasceu a nossa Academia, que, em boa hora, escolheu para patrono de uma das suas cadeiras o nome de Corsino do Amarante. A vida retilínea desse varão ilustre, é bem um índice de que, mais do que nunca, está ela integrada em seus nobres e altos objetivos.

O Nascimento e o Lar

Em 4 de fevereiro de 1842, na lendária cidade de Cuiabá, na então Província de Mato-Grosso, nascia «um dos matogrossenses de mais honra para o torrão natal, pela bravura bélica e pelo caráter na paz, tão calmo nos azares da guerra como na cátedra da Escola Militar» (3). Eram seus pais — Antonio José Zeferino e Ana Balbina do Amarante — pouco abastados, de parecer simples e modesto, desfrutando a vida calma e patriarcal das famílias do interior, repartidas as graves preocupações da existência entre as práticas de uma fé católica arraigada e os impulsos de uma dedicação sem desfalecimento ao regime monárquico vigente» (4).

Tal o primeiro ambiente natural e necessário da educação e formação de Manoel Peixoto Corsino do Amarante, nascido de

(1) — Plinio Salgado, «A aliança do sim e do não» — Editora Ocidente Ltda. — págs. 154—5.

(2) — idem, idem, pág. 64.

(3) — Escragnoille Doria, «Revista da Semana», do Rio, de 26 de Junho de 1926.

(4) — Marques da Cunha, «Anuário da Escola Militar» n. 2, ano de 1915, pag. 27.

uma família cristã, bem ordenada e disciplinada, onde resplandecem as virtudes e os bons exemplos dos pais, elevados às excelsitudes onde morrem todos os embares dos gênios, todas as suspeitas, todas as lutas, para só imperar a amizade nobre e respeitosa com que dois seres se amam e, assim unidos, se vão à velhice cercados de uma prole que vale toda a sua glória (5), tecendo de renúncias e cessões reciprocas o verdadeiro amôr conjugal, perene porque não se fundamenta nos sentidos, santo porque nascido do sacrificio (6). E no segredo dessa vida profunda, onde o anôr humano vai juntar-se ao amor divino, nessa vida interior, que devemos alimentar sempre, tanto mais, quanto maior a invasão das coisas exteriores (7), decorrem os dias de Corsino do Amarante, suaves como os de cada manhã nas casas felizes, lembrando aquê-
le sugestivo quadro de Ruy, na imortal "Oração de Friburgo", em que os filhos adormecem todas as noites no amôr de seus pais, e os pais acordam todos os dias entre os carinhos de seus filhos (8).

O Estudante

Concluídos os estudos preliminares, deixa a cidade natal, para prosseguí-los na "Capital do Imperio, e, aqui, merece relembado interessante episódio da sua vida estudantil, ocorrido aos 6 de dezembro de 1860, quando Saldanha da Gama, concluido o exame do 3.º ano ginasial do Colégio de Pedro II, deixou o casarão da rua Larga, à ilharga e à sombra da Igreja de S. Joaquim, para ir matricular-se na Escola da Marinha, outro casarão no largo da Praia. Atesta, esse relato, os altos dotes morais e intellectuais de Corsino do Amarante e, ao mesmo tempo, serve de comovida homenagem à memoria daquele outro varão illustre, marinheiro e diplomata, de quem se disse que não morreu em Campo Osório, onde, apenas, ergueu o pedestal da própria e sempiterna glória; do bravo almirante, cujo centenário de nascimento o Brasil inteiro ontem comemorou, e a quem devemos, de par com a admiração paterna, o nome que trazemos.

Compareceram, ambos, para dar contas de ano, perante a mesa examinadora presidida, pelo Reitor Dr. Pacheco da Silva e composta pelo Vice-Reitor, o Padre Felix de Albuquerque, por Azevedo Correa, Benevides, Pedro José Abreu, Jorge Furtado de Mendonça, Malheiros, Joaquim Manoel de Macedo, o bacharel

(5) — Dohms, du sens et de la fin du mariage", pag. 51.

(6) — A. M. C., "L'Eglise et l'Eugenisme", pag. 209.

(7) — Mônica Levallet-Montal, "Palavras à minha filha," págs. 299-300.

(8) — Ruy Barbosa, "Palavras à Juventude", pag. 11.

Gonçalves da Silva, João dos Santos Marques e Simeão Abunayuba. Corsino do Amarante conseguiu distinção em todas as matérias; Saldanha da Gama obteve nota distinta em Francês, Inglês, Geografia e História media e nota plena nas demais materias, Latim, Aritmetica e Algebra. De Saldanha da Gama que, pela fascinação que exerceu na sociedade e sobre a mocidade do seu tempo, foi a "bell alma innamorata" da marinha brasileira, Corsino atestou a intelligencia, o pundonor, a cortezia de maneiras, o agrado do metal da voz, o pendor para discorrer com fluência sobre fatos históricos.

Era o aluno distinto, que revelava o professor emérito, que as gerações vindouras iriam reverenciar.

O Militar

Asentado praça, matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, obtendo aprovação plena em todas as matérias, teóricas ou práticas, passando a alferes-aluno. Chamado à guerra, interrompe seus estudos e à vanguarda do exército e nas fileiras do 1.º regimento de artilharia a cavalo, segue para os campos de luta. A fé de ofício de Corsino do Amarante é um ról de bravura provada em Tuiutí, e continuada em outros serviços de campanha. Seu nome figura em inúmeras citações elogiosas, referentes às mais árduas batalhas e aos mais importantes combates da guerra contra o Ditador Solano Lopes. Ferido gravemente em combate, mereceu louvor especial de Caxias, conhecedor de sua bravura militar. Vêmo-lo em Passo da Pátria, junto às fortificações, em Tuiutí, em Potreiro Ovelha, em Lomas do Passo Pocú, em Humaitá, no Chaco, onde foi ferido e quatro meses após, já restabelecido e pronto para as novas lides, em Acurra, Arrôio Pirajú, em Maracajú e, finalmente ao têrmo da guerra, em Jejuí-Guassú e Caraguataí. Em novembro de 1870, concluída a licença de 6 meses para tratamento de sua saúde, matriculava-se na Escola Militar, para concluir o curso de Artilharia, o que se deu no ano seguinte, com distinção em quase todas as matérias. Transferido, mais tarde, para o corpo de engenheiros, ingressava no magistério militar em 25 de fevereiro de 1874.

A Fênix da Cátedra e a preceptoría dos Principes

Na cátedra, destacava-se pelo zêlo e pela dedicação no desempenho de sua nobre missão, pela assiduidade e amôr ao trabalho; pela harmonia que sempre buscou estabelecer entre superiores e subordinados, sem quebra da disciplina, que sempre soube

manter com toda solícitude, aliada aos princípios da mais esmerada educação; pela inteligência com que conciliava as aspe- rezas da disciplina com as doçuras do seu caráter.

A tradição oral, diz Marques da Cunha (9), que faz a his- tória e a lenda, até hoje conservada pelos que foram seus cole- gas ou alunos, confirma ponto por ponto tudo o que se possa di- zer de bem a respeito da envergadura moral e dedicação ao cum- primento do dever, que o modesto oficial e professor, sem alarde ou ostentação, sempre revelou.

Na Escola Superior de Guerra, lecionou a cadeira de mecâ- nica, sendo-lhe conferido, logo após, o grau de Doutor em Mate- mática, ciência que, para Corsino, era a mais perfeita, porque permitia se chegasse mais próximo de Deus. Convidado para au- xiliar o Barão de Ramiz Calvão, na preceptoría dos príncipes, fi- lhos da princesa D. Izabel, comunicava logo a alguns amigos ín- timos o honroso convite e mostrava a intenção de aceita-lo, não só por achar isso de acôrdo com as convicções políticas de leal dedicação às instituições e à família reinante, como também por- que seria uma oportunidade para dar aos velhos progenitores, vi- vendo em um longínquo recanto de província, uma doce impressão de intenso júbilo.

De certo, diz o seu biógrafo (10), na escolha de seu nome, mais talvez do que a competência e o preparo científico, aliás no- táveis, avultou a consideração de seu feitio moral, de seu caráter íntegro e de suas arraigadas crenças religiosas.

O Advento da República

Assim, na preceptoría dos príncipes, o encontrou o advento da República, a 15 de novembro de 1889. Era bem de vêr, escreve seu biógrafo Marques da Cunha, a dolorosa surpresa, o incurável desapontamento com que o dedicado professor, cheio de pasmo, contemplava o esboroar de um trôno, que lhe parecia tão solida- mente alicerçado em nossa pátria. Foi para êle como o desabar de um mundo, o despertar de um cândido sonho, que por tantos anos lhe acalentara os dias fugidios. Em presença dos fatos ine- lutáveis, julgando a sua situação de oficial incompatível com o no- vo regime, discordando da atitude do Exercito, que lhe parecera eivada de negra ingratição para com o velho monarca, não hesi- tou um momento. Tomou da pena e traçou o seu requerimento de demissão do serviço do Exercito e do cargo de lente da Escola Militar. Aos íntimos, que talvez procurassem demovê-lo dêsse pas-

(9) — Marques da Cunha, op. cit.

(10) — Marques da Cunha, op. cit.

so, que tanto iria prejudicar o seu futuro e o bem estar da família, declarou com firmeza ser irrevogável a sua resolução.

É, continua seu biógrafo, um dos traços belíssimos do caráter desse homem, que numa idade quase impossível de recomeçar a vida, preferiu a perspectiva de um futuro incerto e ameaçador, à triste colisão de um suspeito aos olhos dos triunfadores, a ter de transigir com as suas velhas crenças e ter que desobedecer aos ditames da consciência, a sua bôa amiga, tão branca e pura. Bastar-lhe-ia um silêncio tacitamente aprovador, um mutismo acomodado e previdente, para conquistar a benemerência e galgar em breve os altos cimos de sua carreira, quando não quisesse cair nos gestos desmesurados das adesões incondicionais, que foi no momento a regra geral. Não só pela sua alta significação moral, como também por ter constituído na ocasião uma das raras notas dissonantes no concôrto uníssono com que foi saudado o advento da República, êsse fato calou fundo no ânimo daqueles que, embora sinceros propugnadores da nova ordem de cousas, não se achavam por completo atordoados pelos alaridos e fragores do vitorioso evento. E, Marques da Cunha, decorridos quase trinta anos de tão assinalados sucessos, evoca a funda emoção da lembrança desse nobre proceder do saudoso professor, pelo espírito de abnegação, firmeza de crenças, desprendimento e respeito de si mesmo que Corsino do Amarante manifesta, deixando bem patente aos olhos de todos a fina tempera do mais excepcional caráter e um exemplo digno de ser enaltecido com fervor pelas novas gerações.

A Demissão do Exercito

Benjamin Constant, que se achava à testa do movimento republicano, seu colega de magistério e amigo íntimo, ao ter conhecimento do duplo pedido de demissão, que, uma vez deferido, viria afastar do Exército um militar brioso e do magistério um homem de cultura e saber, procurou demover Corsino do Amarante do seu propósito. Amarante, porém, insistiu e o fundador da República propôs-lhe uma solução conciliatória e razoável. Concordaria em conceder-lhe a demissão do posto de coronel do Exército; não o dispensaria, entretanto, da cátedra da Escola Militar, porque, dizia, "estava em causa, não o regime político, mas a educação da mocidade". Diante do patriótico e sincero apêlo, que lhe era feito, Corsino do Amarante acedeu e, despido de todas honras, vantagens e regalias militares, restava lhe, agora, sómente, a sua situação de professor na Escola, cujo caráter meramente científico lhe permitia a permanência, sem *desaire*, e com real proveito para o ensino, em vista de suas luzes e larga experiência.

O Sábio

Dotado de uma cultura científica invulgar, atesta o General Lobo Viana (11), possuindo "conhecimentos sólidos e variados, abrangendo diversos ramos do saber humano, numa coordenação harmônica com a escola filosófica que adotara, perlustrando os grandes trabalhos em que os sábios condensam a suma de suas elocubrações", as lições de Corsino do Amarante, no entanto, não tinham o colorido vivo e a clareza cristalina das de Benjamim Constant, a linguagem castiça e empolgante das de Brasília Bezerra, a correção e nitidez das de Carneiro da Cunha, os trópos nefelibatas e as arrancadas pseudo demostênicas, adubadas de citações latinas, das de Tomaz Alves, nem a amenidade sonora e cantante, e, às vezes, saturada de uma velada malícia das do conselheiro Amaral. Monótona e chã como a planície sem fim, sua voz era imoldável; faltava-lhe o dom da palavra, e escasseava-lhe a limpidez da exposição.

Eram-lhe familiares, os inúmeros fatos e dados da Matemática, da Física, das Ciências Naturais; extremava na minúcia; detinha-se por atingir a nota justa do rigor e da exatidão. Era, enfim, o sábio reconhecido e proclamado!

O Chefe de Família

Em 1877, após sua promoção ao posto de Major, consorciava-se a D Mariana Paulina Loureiro de Andrade, filha de João Estanislau Pereira de Andrade e Leonor Augusta Loureiro de Andrade, descendente do Conde de Bobadela, havendo dêsse consórcio 9 filhos. Dotado de extraordinária bondade, ajudava os seus alunos pobres com pequenas dádivas para o fardamento e as necessidades mais prementes.

Chefe da família exemplar, cuidava de modo particular da educação e formação religiosa dos seus filhos. Nos últimos tempos, diz o seu biógrafo (12), aparecia como uma bela imagem hierática do passado, digna de todo respeito e acatamento, pela seriedade de seu saber, pelas suas virtudes, pela simplicidade de seus meios de ação, pela sinceridade de todos os seus gestos, pelo apêgo às convicções, que foram seu guia do berço ao túmulo. O olhar era de uma doçura cativante, como que refletindo a bondade inalterável de sua alma. Todo seu exterior respirava natural modestia, desprendimento absoluto pelas fórmulas convencionais do mundanismo, uma constante placidez, que decerto se conjugava por completo com os seus profundos sentimentos católicos.

(11) General Lobo Viana, "O Jornal", do Rio, de 26 de Julho de 1928.

(12) — Marques da Cunha, op. cit.

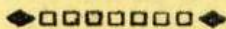
Esse brasileiro ilustre, embora contasse mais de 50 anos de gloriosos serviços nos campos de batalha e na cátedra em que pontificara na Escola Militar, terminou seus dias em 26 de julho de 1908, como vivera — pobre e modestamente.

Agradecimento e Peroração

Tal o perfil magnífico dêsse «homem de um só rosto, de uma só fé, de um só parecer» (13), que a Academia foi buscar para nune tutelar da cadeira n.º 21, na qual tenho a honra insigne de ser recebido pela nobre e mui querida figura do nosso preclaro e venerando Metropolita que é, também, seu digno Presidente de honra.

Senhores Academicos:

Eis-me ao vosso lado, para a jornada que há cinco lustros iniciastes. Mui grato pela vossa honrosa deferência, em me elegendo membro efetivo dêste cenáculo das letras matogrossenses, em cujo frontão se grava, na inspirada expressão do imortal Antiste cuiabano, o lema: *Pulc' ritudinis studium habentes*: através da beleza literária, a beleza moral da virtude e do caráter.



(13) — Escragnolle Doria, "Revista da Semana", do Rio, de 17 de julho de 1943.

PALAVRAS DE RECEPÇÃO

PELO

PRESIDENTE DE HONRA, S. EXCIA. REVMA.
O SNR. ARCEBISPO DE CUIABÁ,
D. AQUINO CORRÊA

Apesar de já veterano na milícia das letras, é a primeira vez, tanto aqui, como alhures, que me cabe em sorte, receber oficialmente um novél acadêmico. E penso que foi boa sorte.

Trata-se de inaugurar nesta Academia Matogrossense de Letras, a cadeira número 21, que tem por patrono a figura fidalga e simpática de Manoel Peixoto Corsino do Amarante, cuja individualidade inteiriça bem representa as tradições honradas duma das mais preclaras famílias cuiabanas, e cujo nome nos lembra instintivamente aquelas clássicas e famosas galerias, em que Plutarco, Suetônio, Cornélio Nepote, São Jerônimo e outros, immortalizaram os varões ilustres, de cujas luzes se ilumina, ainda hoje, a civilização: *De viris illustribus*.

Dêle acabais de ouvir os traços biográficos, entremeados de elegantes comentários e elogios, aos quais, entretanto, praz-me juntar o autorizado e luminoso depoimento de Estevão de Mendonça, nosso venerando consócio: 'Homem de honestidade com-

provada, escreve êle em "Datas Matogrossenses", (1) de pureza inexcédível, nasceu Manoel Amarante nesta capital e aqui fêz os os seus primeiros estudos, no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, tendo bebido no seu próprio lar, essa elevação de sentimentos, que foi o traço dominante de toda a sua vida, pública e privada.

"Militar de rara cultura técnica, engenheiro distintíssimo tomou, nesse duplo papel, parte importante na campanha do Paraguai, tendo sido o primeiro, talvez, que na história dos fastos militares do mundo, se serviu dum balão cativo, para posto de, observação do acampamento inimigo ...

"Homem de ciência, convivendo no seio duma corporação de ensino, em que Benjamin Constant fazia vibrar a sua palavra de apóstolo das doutrinas de Augusto Comte, e com ser um dos íntimos do fundador da República, conservou intacta a sua fé, bebida dos lábios daqueles, que lhe deram a vida.

"Era católico e era monarquista; assim viveu e assim desapareceu do mundo, legando a seus filhos um nome, que o Brasil respeita, e do qual Mato-Grosso se orgulha".

Até aqui o nosso emérito historiador, evocando magistralmente o novo gênio tutelar da cultura matogrossense, a cujo lado ressaltava, radiante da mesma fé, o perfil moço do recipiendário desta noite, o Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, já meu afilhado na sua investidura sacra de soldado de Cristo, que foi a Crisma, mariano fervoroso e militante, lídimo paladino da causa católica, em seus vários sectores.

Assim é, meus Senhores, que tenho a impressão viva de estar aqui exercendo uma função, não menos pontifical, que acadêmica.

O novo acadêmico

E tanto mais benigna se mostrou a sorte, quanto mais fácil a recepção do néo-acadêmico. Se fosse o caso de velho escritor, oriundo já do século passado, arcado sob o pêso de vasta bagagem literária, imaginai os embaraços do arcebispo, uma vez que, como se sabe, é coisa muito séria, nos domínios do direito canônico, a crítica ou censura dos livros.

Mas, ao contrário, devo dar as boas-vindas a um jovem letrado, que todos conheceis, e que veio à luz, há menos de seis lustros, aqui mesmo, nesta nossa vetusta e legendária cidade de Cuiabá, que precisamente hoje festeja os seus duzentos e vinte e sete anos, de dramática história.

(1) 2.º Volume, pag. 54 (1919).

Aquí nasceu, quando a vila real do Bom Jesus, fazia já 27 anos que se transformara de suda capital de província, nesta guapa metrópole republicana, onde foi êle nado e manteúdo, até ao Curso Secundário, não a tendo deixado, senão o tempo necessário à sua formatura pela Faculdade de Direito de Niterói.

E de lá, eferivamente, voltou em princípios de 1941, trazendo, não somente o rútilo rubi de bacharel em ciências jurídicas e sociais, senão também a fita azul da cavalaria branca da Imaculada, em cujas congregações, sob a sábia direção dos Padres da Companhia de Jesus, havia temperado o espírito e revestido a panóplia sagrada, para as modernas lutas pelo ideal cristão da mocidade.

Recem-chegado, naquele mesmo ano, por ocasião da Páscoa dos Militares e dos moços, lançava, alto e bom som, a sua profissão de fé: “Aqui reunidos, dizia êle, estudantes e militares, o que há de mais puro em nossa juventude, celebramos a Páscoa anual, e damos uma demonstração de patriotismo.

“É a manifestação mais alta, o testemunho mais eloqüente de que a mocidade da nossa terra, não se deixa levar pelos falsos preconceitos, que por aí campeiam, para iludir os incautos e menos avisados. É a prova de que, também nós, á semelhança da juventude dos centros mais cultos da nossa Pátria, também nós queremos ser e viver cristãos

“Hoje não tem mais sentido para nós, aquela palavra de ordem de Renan, que mandava a mocidade erguesse na mão, a flor vermelha do prazer, porque a mocidade contemporânea encara, de frente, a vida, e entende que ela é, qual deve ser, para um ente ativo, como o homem, cheia de dificuldades. Passaram êsses tempos! O que a mocidade de hoje quer, é liberdade para praticar a sua fé; o que ela pretende, é liberdade para a sua pureza!” (1)

Rápido florilégio

Assim proclamava êle, já desde os tempos de estudante, em palestras realizadas na “Liga dos Estados”, associação acadêmica, de que foi presidente, e em artigos publicados nos diários do Rio de Janeiro e na “A Cruz” de Cuiabá, como mais tarde em alocuções outras e outras páginas jornalísticas, transfundira o seu modo de pensar e sentir, vale dizer a própria alma, e por isso nada melhor para dar-vô-lo a conhecer, do que transcrever mais alguns dêsses tópicos.

E aqui tendes um, em que florecem conceitos sôbre a Igreja

(1) «A Cruz» de Cuiabá, 15—V—1941.

Católica. Ei-lo: «Maio, o mês das flores e do culto à Virgem Maria, tem assistido aos mais belos triunfos da Eucaristia com a realização nesta cidade (Rio de Janeiro) da Páscoa dos Intelectuais e na cidade de Budapest, do 34.º Congresso Eucarístico Internacional, dois grandes e verdadeiramente significativos acontecimentos.

«No momento em que a Igreja de Cristo se vê perseguida e insultada, tais espetáculos encerram o estranho poder de reavivar a fé naqueles, que a deixaram vacilar, levados por enganosas promessas; de aumentar a fé naqueles, que souberam acautelarem-se das vigílias constantes do mal; de testemunhar, enfim, publicamente a fé nesse Cristo, que pela redenção da humanidade, derramou numa cruz, o seu próprio sangue. É belo contemplar assim os fiéis unidos à Igreja, e esta, orientando e esclarecendo os seus filhos diletos, espalhados, inúmeros, pela superfície vastíssima da terra». (1)

Depois dêste trecho a respeito da Igreja, estoutro acêrca do Papa: referindo-se aos sofrimentos do Sumo Pontífice, durante a passada guerra, pergunta êle: «Mas, quem é êsse homem, que assim fala, e exige nossa participação nas dores, que dilaceram seu coração? Êsse homem é o doce Cristo na terra, como o chamou santa Catarina de Sena, aquele, a quem Jesus Cristo confiou o governo da sua Igreja, dizendo-lhe: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

»Outros Pedros, sucessores do Apóstolo, através longa e ininterrupta cadeia de papas, têm perpetuado sua missão divina e seu magistério infalível. Em todos os momentos, sua voz é sempre a da verdade e do bom senso. Diante dela, dobram-se todas as falsas doutrinas, e de encontro a ela, se quebram todos os preconceitos. Rugem os ventos da heresia, voltam-se contra ela as armas dos seus inimigos: acima de tudo, sobrepairá, intrépida, serena e audaz, a barca de Pedro. Por mais fortes que sejam, a tempestade e o maremoto não conseguem ferir-la de morte. A todas as incursões do mal, ela resiste e vence, mas não dorme sob os louros da vitória, porque sabe que não hão de cessar jamais suas lutas neste mundo: é a Igreja militante, e sua vida é combate contínuo. Em meio às ruínas dos tronos e dos reinos, ergue-se o pontifício trono, observou Tihamer Toth, numa beleza intacta e com uma fôrça de atração, cada vez mais crescente, desafiando o cálculo das probabilidades. Mesmo os não-católicos são tomados de um respeito, de uma admiração e de uma emoção toda particular, quando em presença do Chefe Visível da Igreja...

(1) «A CRUZ» de Cuiabá, 5—1—V—1938

«Conta-se que, durante a sua estada em Roma, Thiers, o poderoso ministro do rei Luiz-Filipe, solicitou uma audiência ao Papa; porém, na sua qualidade de protestante, pediu dispensa de algumas imposições do cerimonial, tais como ajoelhar-se diante do Pontífice e beijar-lhe a mão. Quando se apresentou a Gregório XVI, a solicitações do ministro francês, o Soberano Pontífice respondeu, sorrindo, ao emissário, que Thiers tinha licença de proceder como julgasse melhor. E o Presidente do Conselho francês aproximou-se. Quando, porém, diante do Papa, um sentimento singular apoderou-se dele; ajoelhou-se, então, e beijou o pé de Sua Santidade, que, admirado, perguntou-lhe, não sem ironia: "Senhor Ministro, tropeçou?". E o espirituoso homem de Estado replicou habilmente: "É verdade, tropeçamos todos, ante a grandeza do Papado"». (1)

Quereis também conhecer o seu voto na questão candente do divórcio? Escutai:

«Certa imprensa, escreve êle, volta a agitar entre nós, neste momento de reconstrução nacional, o tão debatido problema do divórcio, com o fim de estabelecer nova ordem social, provocando completa transformação naquilo, que a sociedade e a Pátria devem possuir de mais sólido e mais estável — a família —, para que assim possam atingir os verdadeiros fins, a que se destinam.

«A família, como fundamento natural da sociedade, como seu sustentáculo mais forte, mais poderoso, é sempre o alvo de tais investidas. E o comunismo, neste ponto, vai a extremos de negação, ferindo, em cheio, a própria civilização cristã, da qual, segundo as palavras do Presidente Getulio Vargas, se constituiu o inimigo mais perigoso, de vez que se encontra alicerçado no conceito materialista da vida.

«A Constituição de 10 de Novembro, tendo em conta as benemerências da civilização cristã, que sempre, desde o amanhecer da pátria, presidiu os destinos do Brasil, consagrou, em o seu artigo 124, o princípio da indissolubilidade do vínculo conjugal, colocando ainda a família sob a proteção especial do Estado.

«Admitir o divórcio, na hora em que todas as forças vivas da nacionalidade, são chamadas a colaborar na construção de uma nova ordem de coisas, é mutilar a obra toda, que se tem em mira; mais do que isso, é atentar contra os princípios mais naturais e conforme à razão e ao bom senso» (2)

Ouvi agora o seu amor à Pátria: «Só sabe morrer pela Pátria, aquele que sabe viver por ela. Se amanhã merecermos a honra de figurar entre os soldados, que o Brasil enviar aos cam-

(1) A Cruz de Cuiabá, 3-VIII — 1941.

(2) A Cruz de Cuiabá, 6-XI-1938.

como aposentadoria nos campos elísios da imortalidade, onde nada mais reste ao imortal, que respirar beatamente os ares balsâmicos dos loureiros de Apolo.

Os veredictos desses aréopagos, a favor dos seus eleitos, constituem, por certo, uma consagração, mas devem de ser, ao mesmo tempo, o mais poderoso estímulo a prosseguir no laureado esforço a pro do comum patrimônio cultural.

E se isto é sempre verdade, muito mais o é, em se tratando de acadêmicos imberbes, a quem é lícito auspiciarmos um futuro, em todos os sentidos, maior que o passado. Certo estou, pois, que Luis-Philippe não deixará que a sua cadeira se converta em poltrona, senão no significado atual e elegante da palavra, nunca, porém, no etimológico e pejorativo de preguiçosa, preguiceira, espreguiçadeira, ou recôsto qualquer, onde se poltroneia

Estudos humanísticos

E tanto confio na sua operosa juventude, que ousa descartar-lhe os miríficos recessos dos estudos humanísticos, com o latim e o grego, linguas, aliás, eclesiásticas e sagradas, tão consen-tâneas à sua vocação de pensador católico. Verdade é que vemos uma inteligência como Santo Agostinho recuar ante as dificuldades da gramática grega, segundo êle próprio nos revela num dos seus galantes trocadilhos, quando ao declinar o substantivo *ophis*, que quer dizer serpente, declarou que a serpente, isto é, a declinação grega o aterrorizava: *ophis me terruit*.

Mas, como diz um autor grego, se amargosas são as raízes, doces são os frutos. Tanto mais que não há mister penetrar nesses idiomas de Atenas e de Roma, tão a dentro, quanto os Escalígeros e os Erasmos: umas boas tinturas já dão esmalte e graça ao estilo, e o que é mais, auxiliam no emprego apropriado de muitos vocábulos. Ora, como é sabido e o confirma o provérbio, a verdade depende, muitas vezes, da propriedade dos termos: *proprietas verborum, veritas rerum*.

Dizia-se tempos atrás: *Graecum est, non legitur*, "é grego, ninguém lê". Hoje em dia, quase que se pode dizer o mesmo do latim: *Latinum est, non legitur*. Que honrosa tarefa não seria para as academias, reagir contra semelhante decadência, e pugnar pelo reflorescimento de tão aristocráticas disciplinas, sem as quais, em certa época, nem podia um ser tido em conta de culto, não passando, conforme se exprimia moderno humanista, de "homem sem latim e sem grego": *homo sine latinitate et sine graecitate!*

A' parte o exagero, não há negar que a simples aplicação da mente a essas clássicas matérias, aprimora os dotes do literato,

pos da luta; se tivermos a felicidade de lutar nas frentes, para onde vão os nossos expedicionários, em prol da causa aliada, que o nosso País fez sua; se nos fôr dada a glória de derramar o nosso sangue, na defesa dos princípios, pelos quais nos batemos, estejamos todos prontos para a luta, para a vida e para a morte, ao leve aceno daquela divisa, que é toda a nossa historia: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever". (1)

Aplaudi, enfim, estas vibrantes palavras de encerramento duma conferência, intitulada "Matogrossenses no cenário nacional":

«Brasileiros, clama ele, conheçamos o Brasil! Repeti hoje comigo, que Mato Grosso desconhecido, desprezado, abandonado, menoscabado, amesquinhado, aviltado, diminuído, não é mera expressão geográfica!

«Que Mato-Grosso pequenino e grande, tem produzido filhos notáveis, capazes de engradecer e honrar qualquer país do mundo

«Que Mato Grosso não è terra semente de feras e selvagens mas è berço de brasileiros, bem brasileiros, que anseiam, talvez mesmo, mais que vós outros, pela felicidade do Brasil, pela grandeza da nossa terra comum, pela unidade dêsse colosso gigante, que se estende «do Amazonas ao Prata, do Rio Grande, ao Pará!»(2)

Cadeira e poltrona

Através do rápido florilégio, que aí fica, já podeis avaliar, Senhores, tanto a superior mentalidade do recém-matriculado aluno das Musas, quanto a minha satisfação em servir-lhe de introdutor ao florido parnaso dos nossos belettristas.

E nada mais teria que dizer-vos, se não fôra a mocidade do festejado neófito, que parece provocar os cabelos brancos a lhe darem conselhos. Pouco adianta aconselhar a velhos, mas a moços, é um prazer. Oiça-me, pois, o novo professo das letras.

A iniciação acadêmica não é uma coroa de louros, como aquela, que no Capitólio Romano, oferecera Clemente VIII, num supremo confôrto, a Torquato Tasso, o pálido, desiludido e melancólico poeta, que dentro em breve, iria retirar-se para o mosteiro do Janículo, a passar os derradeiros dias, à grande sombra do carvalho, que lhe guarda o nome.

A entrada para as academias, não há de ser, tão pouco, uma

(1) Discurso de orador da Turma de Aspirantes da Reserva, 'N. P. O. R. de Cuiabá em 3-V-1944.

(2) Em sessão da "Liga dos Estados" 3-VIII-1937.

aguçando-lhe o entendimento, treinando-lhe a memória, pondo a prova a sua força de vontade, predispondo, enfim, o espírito a cogitações mais sérias e profundas.

Limæ labor et mora

Quisera, em seguida, recomendar ao nosso amável caçula, o manuseio assíduo dos velhos clássicos, o que tanto realce e eficácia pode acrescentar ao apostolado da palavra; julgo-o, porém, supérfluo, porquanto espero que os seus próprios peadores naturais o levem a esse convívio delicioso com Heitor Pinto, com Tomé de Jesus, com Luiz de Souza, com Vieira, com Bernardes, mestres, a um tempo, da mais pura linguagem portuguesa e da mais sã doutrina católica.

Prefiro, pois, chamar-lhe a atenção para outro ponto não menos interessante ao mister do bem escrever. Afirmou o autor latino da «Arte poética», que o povo romano não fôra tão valente em letras, como em armas, por isso que aos seus poetas molestava o labor moroso da lima: *limæ labor et mora*. (1) Força é convir em que isso mesmo, ainda em nossos dias, é o que prejudica a muitos escritores: falta-lhes a paciência e a arte de corrigir.

Não falo propriamente dos gênios: a estes não se lhes impõem regras. Sei, todavia, dum Virgílio, que dos muitos versos, que compunha pela manhã, poucos escolhia á tarde, e costumava dizer que os tratava como a urso aos filhotes, que á força de lambê-los, dá-lhes forma. Sei também dum Horácio, que nada talvez inculque tanto do estilista, como o castigado da elocução. Sei, enfim, do nosso Ruy Barbosa, de quem atesta Batista Pereira, que “lapidou o pensamento, até que tivesse a pureza de refração do diamante; nunca se contentou com o bom, buscava sempre o ótimo”.(2) É a pratica do preceito de Boileau, que manda polir e repolir, sem cessar, o trabalho literário: *Polissez-le, sans cesse, et le repolissez*. (3)

Claro está, porém, que não basta paciência, requer-se arte. Corrigir não é rebuscar, afetar, nem aplicar o estilo. Muito pelo contrário: tão simples há de ser a escrita, diz Horácio, que qualquer um se julgue capaz de imitá-la, mas pondo mãos á obra, reconheça que trabalha e sna inútilmente. (4) Um tem paciência,

(1) Arte Poética, v. v. 289-291

(2) Coletanea Liter. pag. 24.

(3) Arte Poétique. liv. I.

(4) Arte Poética, v. 240-242.

mas não tendo arte, sai-lhe a emenda pior que o soneto. Outro tem arte, mas é como se não a tivera, em lhe fugindo a paciência. Só a paciência do artista atinge á perfeição, podendo-se mesmo aplicar-lhe a divina sentença:—*patientia autem opus perfectum habet.* (1)

Tudo isto, aí está, admiravelmente expresso, no seguinte e conhecido soneto de Bilac, que vale por um tratado de estilística. Escutai-o:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no socêgo,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma se disfarce o emprêgo
Do esfôrço; e a trama viva se construa,
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria, como um templo grego.
Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edificio;
Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade. (2)

Uso e abuso da fantasia

Agora, o meu último conselho, que não é inspiração minha, mas a própria significação da hodierna festa. Pois, na eleição académica de Luis-Philippe, eu vejo, acima de tudo, a irradiação expressiva dum símbolo. Foi a Academia Matogrossense buscar para o seu grêmio, um moço, cuja obra literária se distingue pela ausência quase completa de ficção e fantasia. Tudo nela, como já podestes entrever, são pensamentos, pensamentos austeros e edificantes, hegemonia absoluta da razão sobre a imaginação: nem um verso, nem uma novela, nem um conto sequer.

Fêz bem? Fêz mal? Não sei; o que sei, é que urge opor um dique ao predomínio tirânico da fantasia, a que os franceses chamam justamente a "louca de casa", *la folle du logis*, donde esses lirismos frívolos e inúteis, esses mórbidos erotismos. toda, enfim, uma literatura superficial de lúbricos sonhos, ilusões e quimeras.

(1) São Tiago, I, 4.

(2) "A um Poeta — TARDE Poesias, pag. 339 (1921).

Longe de mim condenar o papel da fantasia na criação be-
letrística: devera ser eu próprio dos primeiros a bater no peito,
repetindo liturgicamente: *mea culpa, mea maxima culpa!* Em tudo,
porém, há de haver o bom senso da medida: há certos limites,
aquem e além, que se não podem exceder, sem perder a retidão e
o equilíbrio. Não sou eu quem o diz, nem moralista algum, é
aquele mesmo bonacheirão do mestre Horácio, nestes célebres he-
xâmetros:

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra citraque nequit consistere rectum. (1)*

Tão indispeusável julgo a fantasia aos labores da produção
literária, que não deixarei de exortar, como exorto, o meu jovem
pupilo acadêmico, a que melhor cultive essa preciosa faculdade,
tão própria da juventude, dando-lhe mais largas ao vôo, agora que a
primavera da vida lhe borda os céus, de ouro sobre azul, e matiza-
lhe a terra, de açucenas e rosas. Assim poderá êle alcançar aque-
la perfeição, aquele *omne tulit punctum* (2) do supracitado poeta
enlaçando, entre si, o útil e o agradável: *utile dulci*. (3) O útil,
sem o agradável, apenas e mal se lê. O agradável, sem o útil,
não vai além do deleite ignóbil dos sentidos, o que, em geral,
mais dana, que aproveita. O agradável, aliado ao útil, eis a fór-
mula perfeita.

E a verdadeira utilidade das belas letras, está no seu doce e
forte caráter educativo, na beleza, que encanta e arrebatava o espí-
rito para o bem, na força olímpica do entusiasmo, encorajando
na luta pela vida, em que, não raro, se exige toda a bravura e
heroísmo das virtudes.

Esta orientação é que não falta nos escritos de Luis-Phi-
lippe, senão antes, bem se pode dizer que é o seu distintivo. O
que aí talvez escasseie, é exatamente um pouco mais de fantasia,
a música dos versos de Tirteu, incitando ao combate, sorrisos ro-
sicleres ameigando as feições rígidas do dever, gotas de mel edul-
corando o cálice amargo dos sacrifícios. Sobeja-lhe o principal,
míngua-lhe o acessório. A finalidade não pode ser mais nobre:
basta aperfeiçoar os meios.

Ao Bem através da Beleza

Resumamos. A Arte literária pode produzir os mais dispa-
rados efeitos. Do poeta Arquiloco de Paros, inventor que foi do
metro jâmbico, disse Horácio que fizera dêsse verso uma arma
para a sua raiva: *Archilocum proprio rabies armavit iambo*, (4) pois

1) Sátiras liv. I, sat. 1, v. 106-107. (2) Arte Poética, v. 343. (3) Ibidem.
(4) Arte Poética, v. 79.

dêle se conta que as vítimas das suas sátiras se enforcavam de desespero. De certo patrício nosso também se refere, que se esforçava de possuir as riquezas do vernáculo, com o fim de descompor com mais energia e elegância os adversarios. E livros existem, que levaram os seus leitores ao suicídio. Não, são êsses, evidentemente, objetivos, a que possa mirar homem de letras.

Embora, porém, não se chegue a tais extremos, é fato que as literaturas dominadas pela fantasia, sóem falsificar a vida, quer sobrecarregando o pessimismo, quer sobredourando o sensualismo, o que tudo envolve graves perigos, maximé para almas adolescentes, que desabotoam o olhar encantado sobre o mundo, e sentem-se desorientadas.

Ao contrário, não há excogitar ideal mais digno dum artista da palavra, do que servir-se dela para estimular-se a si próprio e aos outros, a vencerem na vida, tal qual deve ela ser, divinamente humana, ou, numa palavra, o bem por meio da beleza. Quanto mais excelente não é esta divisa, que a dos Petrônios de todos os tempos! Em vez do culto sensual da beleza, fazer dela um meio, um incentivo, um adminículo para o bem!

Da minha parte (e aqui peço me releveis a confidência) da minha parte, confesso que as maiores alegrias da minha carreira literária, não foram as palmas dos críticos, nem a láurea da Academia Brasileira, nem quaisquer outros prêmios que tais; foram estas, que passo a relatar-vos.

Certa vez, estava eu no Rio, quando se me apresenta gentilíssima senhora, para dizer-me que um pobre sentenciado da cadeia pública lhe pedira fosse agradecer-me em seu nome, o consôlo, que os versos do Arcebispo de Cuiabá lhe tinham proporcionado no seu infortúnio.

Outra vez, uma carta assinada anônimamente por "um mariano" de São Paulo, que assim me escrevia: "Venho agradecer a V. Excia. o bem, que me fez. Sou um infeliz mariano, que me transviara, abandonando a congregação. Mas li, há pouco, a poesia de V. Excia. á mocidade Mariana, e me senti envergonhado ao recitar estas estrofes:

Não é, por certo, nesse ambiente, onde arde
Das volúpias o vinho capitoso,
E a incauta mocidade, em doudo alarde,
Debaca na embriaguez pagã do gozo;
Não é aí, que a Pátria vá, mais tarde,
Recrutar seus campeões, ao som mavioso
Dos clarins do dever, para a alta glória
De sofrer e morrer pela vitória.

Mas vós, os voluntários do heroísmo,
 Donzéis e paladins da Imaculada,
 Vós é que sois a flor do patriotismo,
 As esperanças desta Pátria amada!
 Vós que viveis imersos nesse abismo
 De luz, que é a mística Hóstia consagrada,
 Pão, que vos nutre, no combate fero,
 Qual medula de leões, o herói de Homero!

“Foi tal a minha vergonha, continua êle, e tanta a confiança em Nossa Senhora, que estou reparando o meu êrro, e por isso agradeço a V. Excia., pedindo-lhe ainda que me abençoe e reze por mim”.

O terceiro caso é mais flagrante. Acham-se presentes os dois personagens, que nele tomam parte. Anda no trinque, como sabeis, o recente livro de versos de José de Mesquita: “Escada de Jacó”. Dele se tem ocupado a nossa imprensa, com os mais francos e justos encômios. Não se sabe, de fato, que mais aí admirar se o vernáculo da frase, se o sainete clássico de algumas expressões, se a ductilidade dos decassílabos e alexandrinos nas mãos do esteta, se a elevação perene do pensamento, a librar-se como o condor, sobre os picos azulados e silenciosos dos Andes. Pois bem: recebi um exemplar dêsse volume, com o seguinte oferecimento: “Ao amigo de sempre, a cujo incitamento e exemplo, muito deve a minha poesia, para tornar-se cada vez mais nobre e cristã”. Ouvir isto a um espírito como José de Mesquita, cuja cultura honraria quaisquer academias de letras, é um galardão, que não trocaria por nenhuma outra glória literária

O Poema da Virgem

Bem compreendeis agora, Senhores, a boa sorte, a que, de inicio, aludi, e que me propiciou ensejo a dar este rebate em prol da cruzada redentora das letras, e mais do que isto, a vos apontar, na pessoa do recipiendário desta noite de gala, um cruzado entusiasta dessa missão educadora e altruística.

E não sei como melhor rematar em ouro, estas palavras de fé e esperança, do que na evocação de dois fatos históricos, quadros estupendos, em que sobressaem, tal como em vitrais magníficos de lendária catedral, os vultos hieráticos de São Francisco de Assis e do venerável Anchieta.

Êste se nos antolha em fundo maravilhoso da paisagem brasileira, entre o azul dos mares e o verde das florestas, na praia branca e solitária de Iperoigüe. Que faz em tão desertos sítios, o extático missionário!

Era ao tempo, em que, de Cabo Frio a Abatuba, mais fervia a Confederação dos Tamoios, aliados dos franceses contra os portugueses, dando lugar a correrias, depredações, carnificinas e cenas épicas, de que teceu Gonçalves de Magalhães, como sabeis, o entrecho da sua bela e patriótica epopéia. Na angústia da situação, resolve o Padre Nóbrega ir tratar da paz com os silvícolas, nas suas próprias tabas, e leva consigo o Padre Anchieta, o qual, por fim, permaneceu, único refém, em poder dos selvagens, refém admirável de todas as virtudes do Evangelho.

E assim tão só, em meio a bravias tribus, cujas bárbaras orgias pompeavam em pleno sol dos trópicos, êle, jovem sacerdote, qual o sonhou o poeta,

as vetes ásperas cingia,
E a viva flor da ardente juventude,
Dentro do peito, a todos escondia. (1)

Escondia pela oração e pela mortificação, mas especialmente pelo voto, que então fêz á Virgem Imaculada, de consagrar-lhe um inteiro poema, com o fim de conservar ilibada a flor mimosa da sua virtude.

E ei-lo na praia, para começar o sagrado carne; dir-se-ia porém, que diante das magnificências do cenário imenso, e ante a magnitude excelsa do tema, a alma se lhe quede perplexa, e dentre as reminiscências clássicas do seu humanismo, reponte-lhe aos lábios o hemistíquio de Virgílio, com que abre solenemente o seu canto: *Eloquar, an sileam?* Hei de cantar, ou calar-me? (2)

Canta afinal, e d'aí por diante todos os dias, durante três longos meses, as ondas do Atlântico e as flores da mata contemplaram aquêle estranho vate, que transformando o bordão em plectro, com êle fere a praia, qual se fôra uma grande lira; e entoa os 2888 dísticos latinos de *Beata Virgine Dei Matre Maria*, os quais, traçados na areia, mais facilmente corrigia, e retinha na memória.

E quando retornado entre os seus irmãos, em São Vicente, a seguro já de tantas seduções, cai aos pés da Virgem, para fazer-lhe a oferenda do poema, ex-voto de ouro, incomparável e eterno, modula ainda esta suave dedicatória:

Eis aqui, Mãe santissima, o poema,
Que te votei outrora, e.n crise extrema,
Quando, refem de feros inimigos,
Achei me, a sós, em meio a mil perigos.

(1) MACHADO DE ASSIS. Poesias Completas — "Ocidentais", pag. 327 (1902).
(2) Eneida, III, 39.

Mas enquanto com as hostes tão minazes
 Dos Tamoios crúeis, tratava as pazes,
 Teu maternal amor, que tudo acalma,
 Pôz-me a salvo, na graça, o corpo e a alma.
 Suspirando, porém, a diva sorte
 Dos grilhões e da dor, martírio e morte,
 Tive a repulsa merecida e inglória:
 Somente a heróis compete tanta glória! (1)

Tal o exemplo de Anchieta: de outro não sei, de tão original beleza, nem de mais sublime uso da poesia.

O cântico do Sol

Vêde agora Francisco de Assis: transporta-nos êle aos castellos medievais da sua terta natal, onde na linda planura de Espoleto, dentre os horizontes místicos da Úmbria verde, á semelhança duma dessas árvores típicas da região, as oliveiras que, sêcas, retorcidas, torturadas, mas cheias de óleo, de doçura e de paz, erguem os braços descarnados e súplices para o azul dos céus, destaca-se a nossos olhos, a silhueta extraordinária dêsse, que foi arauto inconfundível do Cristo e trovador sem rival de Dona Pobreza.

Está êle gravemente enfermo em São Damião, o piedoso retiro dos seus amores e das suas saudades. Sentindo recrudecerem as dores, sai fora, ao ar livre duma álacre manhã de sol, e diante do espetáculo da natureza, que tanto lhe fala de Deus e da fraternidade universal, desfere, para consolar-se, o cântico do sol e de todas as criaturas, que assim começa na formosa versão de Augusto de Lima: (2)

Excelso, onipotente, bom Senhor,
 A ti todo o louvor;
 Somente a ti pertençam
 Toda a honra, toda a glória, toda a bênção.
 Nenhum mortal, inda que o orgulho dome,
 Nenhum é digno de dizer teu nome.
 Louvado sejas, meu Senhor,
 Com todos êstes seres, que criaste,
 A começar pelo irmão sol, engaste
 Da luz, que gera o dia, e do esplendor
 Da tua glória imagem, meu Senhor!

D'ai a pouco, vem a saber que andavam desavindos o bispo

(1) *En tibi quae vovi...*

(2) S. Francisco de Assis — Poema, pag. 115 (1930)

e o podestà ou prefeito de Assis, e que faz êle? Acrescenta ao sobredito cântico a seguinte estrofe:

Louvado sejas, meu Senhor,
Porque, por vosso amor,
Há quem perdoa e sente
Todos os males pacientemente.
Feliz o que na paz perseverar,
Porque, no céu, Deus o há de coroar.

Em seguida, manda suplicar ao Prefeito que se digne de vir, com todo o seu séquito de magnatas e autoridades, ao paço episcopal, onde êle próprio se achava hospedado. Recebeu-os com igual pompa, o prelado diocesano. E eis que, em estando reunidos os dois cortejos, aparecem os frades menores. Aguardavam todos um sermão sobre a morte e o juízo. Qual não foi a surpresa, quando, ao contrário, entoaram os religiosos o cântico do irmão sol, com a nova estância sobre o perdão do próximo!

Milagre da arte ou da santidade do seráfico patriarca, o certo é que se reconciliaram os dois poderes, o eclesiástico e o civil, com grande júbilo e proveito de todos.

Finalmente, quando o médico lhe anunciou, próximo, o desenlace fatal, canta êle, de novo, o seu cântico do sol, completando-o com êstes últimos versos:

Louvado sejas, meu Senhor,
A ti todo o louvor,
Porque nos deste a nossa irmã a Morte,
A inevitável morte corporal.
Infeliz o que morre na má sorte
Do pecado mortal!
Ao que morre, feliz, em tua graça
Nunca a outra morte há de causar desgraça.
Louvai e bendizei todos ao meu Senhor;
Louvai-o e agradecei lhe com amor
A infinita bondade,
E cheios de humildade,
Louvai e bendizei ao meu Senhor!

Assim morreu São Francisco das Chagas: morreu cantando, como vivera, êle que se ajudara da poesia, para sofrer o mal, para fazer o bem, para abraçar a morte, e por isso dispôs Deus, que no supremo instante, as aves cantoras da madrugada, as cotovias, que êle tanto amara, fossem gorgear miraculosamente, alta noite, sôbre o seu leito de morte, um hino de alvorada.

Diante de tão poética morte, podemos, também nós, encerrar esta hora de enlêvo, na contemplação dos mais santos destinos da literatura e da arte.

FESTAS NA ACADEMIA

OTAVIO CUNHA

Festeja-se o Jubileu de Prata da A. M. L. Há vinte e cinco anos, contemplam-se as suas festas — festas da intelligencia.

Não se comemoram batalhas em sólo que o sangue humano ensopou e endureceu, mas levantam-se altares, esculpidos nas pedras luminosas das ideias, á fraternidade dos Povos.

A Academia nasceu de um pensamento. Força do pensamento, tudo clareia; nem o sol a possui com esse poder de eliminar todos os recantos do infinito, de percorre-lo, porque a luz do sol esbarra n'uma face da terra, ficando a outra ás escuras — e basta uma folha pequenina de um arbusto para fechar-lhe o caminho.

O pensamento penetra no amago das estrelas e dos planetas. E' o cerebro que gira o pensamento.

Dentro do cerebro, desse mundo original, há uma infinidade de existencias—de vidas apontando, de vidas morrendo—sem morrer, porque renascem como Phenix das proprias cinzas... Existencias do pensamento, existencias das ideias! As que parecem mortas vão para um tumulo enfeitado de silencios, e as suas almas repousam na quietude de um nirvana aurorial. As vivas se agitam no no grandioso oceano da vontade latente, e as que nascem despontam para o povoamento extraordinario desse mundo sublime.

O cerebro — ou seja de um mosquito, ou seja do *homo sapiens* é a obra mais relevante da Creação.

Creio em Deus porque creou o cerebro, argamassando materiais prodigiosos, componentes de causas que produzem efeitos miraculosas,

A morte paralisa a vida mas não pode apagar o que nasceu e viveu no cerebro e se eternizou por sobre a face da terra e a face dos céus e dentro de outros cerebros — onde se assenta o reino da memoria Todos pensam. Quem diria que o cerebro morto não continua a pensar? Pensa o verme que o rendilha para o banquete da vida, para ter asas para voar.

Cerebro humano! grande mistério divinc.

A ideia que nele se aloja e vive e cresce, como que não se quebra, e caminha ate onde sonhou chegar.

E' um cortiço de pensamentos ininterruptos, cujas abelhas colhem nos roseirae invisiveis do Infinito o mel encantado da inspiração que se transforma em favos de belezas eternas e de docuras tantas que dão a embriaguez sonhadora da felicidade.

Foram cerebros que pensaram crear em nossa *urbs* um «Centro de Letras».

Se um cerebro é uma força, que se não pode delimitar, que potencia incalculavel deve ser a reunião de pensamentos de muitos associados para percorrer montanhas, comparar altitudes e construir no Universo das Letras?

Mas aqui, tudo vem de um cerebro, verdade seja dita.

Deve-se a existencia da Academia Mato-Grossense de Letras a José de Mesquita. Todos os louvores são poucos para incensar o seu brilhante espirito. Lutou como um bravo — esse matador do desanimo.

A sua confiança num futuro belo das letras patricias nunca sofreu o menor abalo. A'queles que zombavam delicadamente do seu ideal, pedia um trabalho, e o descrente produzia.

E' José de Mesquita, esse cuiabano e poeta, senhor de vastas aptidões literarias, que, antes, já desde 22 de Maio de 1921 — desse dia memoravel, vinha, de esforço em esforço, reunindo homens de letras, que se iam ligando pelo convivio, e vinham se avistando de quando em quando, para o dedicado recreio conjunto de leituras de suas produções, e para a fundação de uma revista, onde ficassem gravadas as produções desses artistas do belo.

E a grande ideia de José de Mesquita teve tão sincera acolhida que atingio perene vitória, a sua vitoria a que ele, semeador prodigio, chama a vitoria de todos.

A lampada, a que não falta azeite e é resguardada dos ventos, nunca se apaga. Com José de Mesquita, que há sido a vigilia vigilante, o marinheiro na bussola, o vento inflando as velas, a persistencia teimando, a sentinela no pôsto, o candelabro de quarenta braços difunde, por toda parte, essa luz que forja encantos, que funde versos no ouro, burila cantos na prata e enfeita o mundo de livros.

Festas do Centro de Letras!

Que tertulias de esperanças!

Foi a primeira a da sua fundação. Trabalharam como architectos dessa elegantissima construção D. Aquino Corrêa, José de Mesquita — o autor da magestosa planta desse eterno edificio, João Barbosa de Faria, Lamartine Mendes, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgílio Corrêa Filho, M. C. Oliveira Mélo, Filogonio de Paula Corrêa, Casario Prado, Carlos Borralho e Franklia Cas-

siano (Rev. n. 1. Pp. 56) Jardineiros das letras —esses nossos letrados. Prepararam canteiros e plantaram, sementes, que, regadas pelas águas da constância e da vontade, germinaram, e seguiram as etapas dessa transformação crescente com que a natureza eleva as árvores para os beijos das nuvens, como eleva os espíritos humanos para os abraços tépidos da Glória.

E seguiram-se a esta magnífica *sessão de fundação* — desse ponto de partida para o futuro, mas futuro revelado como um fato profético, só previsto pela força da fé, cinco sessões preparatorias; e quando do seio do Tempo, sae e chega á terra o dia imortal — 7 de Setembro de 1921 — da instalação solene do «Centro de Letras» já uma preciosa pleiade de literatos patricios dava corpo ao sonho da fantasia real de José de Mesquita. Realisa-se um sonho alcandorado na existência vibrante da formação desse *Areopago* valiosíssimo, onde há culto para todas as ideias sãs.

Inaugura a magna festa da inteligência e ora D. Aquino Corrêa.

E' a mais bela de suas belas orações.

Parecia Saulo transportado dos velhos tempos para os tempos de hoje, trazendo Christo na redina rubra do coração. Já não anunciava um *Deus ignotus* entre deuses, mas um Deus unico, sem deuses, em derredor, nascidos da invenção humana.

Instalou-se o «Centro de Letras» nesse grande dia nacional e tomou posse a sua primeira Diretoria.

A ata desta histórica sessão está a pagina 69 do 1º numero desta Revista. Presidio-a o Presidente de Honra do Centro e ao mesmo tempo o Chefe do Estado, o que significa que Mato-Grosso, encarnado no seu mais alto representante, veio estimular, de apoio em apoio, a grande ideia que nasceu. marchetada de esperanças, dos pensamentos infatigáveis de José de Mesquita. A inteligência humana, gerando diurnas surpresas, é a construtora desses maravilhosos momentos, que enbelezam a existência da vida e das cousas.

* * *

O que são todos os obreiros dessa oficina acordes em reconhecer, é que só existiu o Centro e só existe a Academia porque existe José de Mesquita.

E em todos as eleições anuais, é Ele eleito, por unanimidade de votos, quer queira, quer não, o Presidente, ontem, do Centro, e hoje, da Academia,

E' isso uma homenagem ao seu valor, um tributo de gratidão, que lhe prestam os seus confrades, sem descripçãncia de um só, pela vitória de tão grande ideal.

Teve a Academia uma semana de pomposas festas.

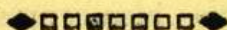
Traz essa revista o programa e como foi ele executado.

Não é preciso que se as descreva. Foi uma semana de sol e de noites estreladas. O que se constata é que Mato-Grosso tem a sua Academia de Letras e tem homens de letras, e sem eles não existiria a imagem fixada do presente, que no futuro, é um elo que liga o passado ao amanhã mantendo-se em harmonia a sequencia dos fatos, que o Tempo assistio...

Palavras não descrevem as cores da Beleza, a beleza das Festas da Academia.

Eu, por mim, valho-me da força da exclamação:

Festas da Academia! Que festas maravilhosas!



Roteiro da Felicidade

JOSÉ DE MESQUITA

PARA A LAUREL

ESTE ROTEIRO DO CAMINHO DA
FELICIDADE, É UM LIVRO
COMO UM DIÁRIO

Roteiro da Felicidade

PARA A LAURI

*ESTE ROTEIRO DO CAMINHO QUE,
HÁ UM ANO, JUNTOS, INICIAMOS.*

2/6/1946

CHUVA TARDIA

L'odore e il refrigerio,
Lume e riposo de una stanca vita

(*Petrarca*)

Ha, na vida, emoções que jamais poderemos
no verbo traduzir e que, sutís, parece
que só a alma as regista e capta, em supremos
acordes, na doçura espiritual da prece.

De sôngo e de poesia imensa se entretece
esse anelo de paz que, no âmago, mantemos,
luz que, os olhos fechando, ainda nos embevece,
vozes que, do silêncio em meio, percebemos.

Doce afeição que, sobre nós, em horas sombrias,
desce, feita perdão e afago, meiga e mansa,
e enche-nos o viver de intimas harmonias,

semelha, em seu mistério e em seu encantamento,
após o temporal, quando volve a bonança,
essa chuva que cai das árvores com o vento...

A'GUA CORRENTE

Benignamente d'humiltá vestuta
E par che sia una cosa venuta
Di cielo in terra a miracol mostrare.

(Dante — Vita Nuova)

Ha quem lembre o estuar de cachoeiras, num brado,
e quem de um lago evoque a superficie lisa,
mas eu prefiro ver antes simbolizado
numa alma a água do rio, ondeante mas precisa.

Assim, no pensamento, eu trago hoje espelhado
o destino do Sêr que minha alma idealiza,
no rio, que, sereno e rútilo, deslisa,
sob a carícia azul do céu todo estrelado.

A rio é a humildade e a confiança, unidas,
que, a fluir, mansamente, em seu doce fadário,
oculta as pedras, mostra as barrancas floridas.

De certas almas êle é uma expressiva imagem,
sempre igual, entre o mundo enganador e vário,
na beleza infinita e doce da paisagem.

A CASA E O ALICERCE

Fundamenta æterna supra petram solidam..
(Eclesiastico, de Jesus de Sirac, XXVI, 24)

E' na Firmeza e na Confiança que se apura
o quilate da alma e a superioridade,
pois não é no esplendor da glória ou da ventura
que o homem põe à prova a sua qualidade.

Antes, na árdua peleja ou na refrega dura,
nos crisois do trabalho ou da adversidade,
é que se mostra o ser, que não é sombra obscura,
longe dos vermes vis, perto da Divindade.

Para vencer, misterse faz nos municemos
dessa tenacidade humilde e silenciosa
do alicerce, que é tudo, e que, entanto, não vemos,

e a confiança com que, por sobre os fundamentos,
repousa a construção granítica e formosa,
desafiando a fúria efêmera dos ventos.

AURA E TUFÃO

Cuam callada que pasa las montañas
El aura, respirando mansamente!
Que garrula y sonante por las cañas!
Que muda la virtud por el prudente;
Que redundante y llena de ruido
Por el vano, ambicioso y aparente!

(Anonimo sevillhano — Epistola moral)

Não te demôva a audácia, êsse ímpeto *ex-abrupto*.
Tanto mais a alma é forte, o quanto é delicada.
O arrojo, a presunção foi sempre o esteril fruto
da toleira inconciente ou da filúcia ousada.

A virtude segura é a que rende tributo
à discricão e vence, humilde e resignada,
tendo, no coração, êsse germe impoluto
do Amor, que se faz tudo, em se fazendo nada.

Não vês o furacão que, no seu paroxismo,
julga arrastar, em pós de si, ao torvo abismo,
tudo, e acaba, afinal, em bonançosa calma,

enquanto a leve brisa afagando perpassa,
constante, sempre igual, meiga e cheia de graça,
enchendo de ternura e de encanto a tua alma?

O BOM OFICIO

Ni ya tengo otro oficio
Que ya solo er amar es mi exerciçlo.

(S. João da Cruz — Cântico)

Como se pode conceber a humana lida,
sem que dela se faça o Amor a causa e o efeito,
e ter na alma, que Deus fez para o amor nascida,
a sementeira do ódio e o germe do despeito?

E' preciso se ter a idéia obscurecida
e não sentir pulsar um coração no peito,
para que outro mister se dê à própria vida,
que não êsse de amar, a que tudo é sujeito.

Mal do pobre e infeliz que passa pelo mundo,
de espirito sombrio e mente entoxicada,
cultuando o ódio, a ambição, o orgulho, no eu fundo,

quando pode, arejando o ser, sua janela
abrir, para que o sol do amor o aclare e invada,
tornando a vida, assim, muito mais digna e bela

A PERFEITA ALEGRIA

... Si noi tucte queste cose sosteremo, patientemente e com allegraça... scriviche en questo é perfela letitia...

(I Fioretti, VII)

O' saber esperar e sofrer, eis a ciência,
a arte suprema, pois, não é no simples gozo
que se apura o metal límpido da consciência,
nem no afã da ganância ou no entono orgulhoso.

A Perfeita Alegria, a que empresta à existência
expressão e sentido e beleza e repouso,
é a que a alma nos primora, em alta quintessência,
para a fusão do Bem, no extase milagroso.

Quem ama e sabe amar em Deus e amor respira,
tem, dentro em si, constante, uma harmoniosa lira
de acordes celestais em musica desfeita.

E em mútua compreensão, na crença e na bondade,
seu ser sublimará na espiritualidade
e na doce emoção da Alegria Perfeita!

O SUPREMO MILAGRE

... purifiant l'attente et sacrant le delice,
dans un terrestre amour fit entrer tout
un ciel

(A. Dorchain — *Certitude*)

A Graça do Senhor, aliada à natureza,
prodígios efetua, imensa e sobrehumana,
fazendo nos surgir, da terra entre a torpeza,
esse Sêr de eleição, que a Deus o homem irmana.

Abre, em meio ao paul, o perfume e a beleza
de extranha Flôr e, em plena selva, escura e arcana,
faz uma Ave chilrear, nessa grata surpresa
com que a luz estelar entre a noite espadana.

Põe o Infinito num minúsculo recanto,
a Eternidade, num instante passageiro,
e, pelo seu poder, cheio de força e encanto,

realiza essa coisa incrível, suprassuma,
de ao céu alar-nos ou a nós trazê-lo, inteiro,
no milagre que a Fé ou o Amor em nós consuma!

O SEGREDO DA VENTURA

C'est la tout le secret. La tendresse. Rien
qu'elle!

(H. Bataille)

A palavra do Amor, no Livro Eterno escrita,
é superior ao tempo e despreza a distância.
Ela sempre será a Mensagem bendita
que, única, nos sacia a inquietação e a ância.

Fóra dela é em vão que o espirito se agita,
no desvairo da glória ou em febres de ganância,
eis que só ela tem a amplidão infinita
e, no tempo veloz, é firmeza e constância.

Longe do seu influxo o ódio somente impera.
Somente ela, no ser vário e vasio, gera
a Unídade, que é compreensão e harmonia.

Um Deus no-la ensinou. Por ela a Deus subimos,
da Ternura e da Paz aos invioláveis cimos,
onde a Luz, sempre igual, não tem noite nem dia.

GRAÇA E LIBERDADE

Que tanto a liberdade é arriscada
antes de ser em graça confirmada

(*Rolim de Moura — Os novísimos
do homem, IV, XCVIII, 7/8*)

A alma humana procura e adora a Liberdade.
Ela é o Supremo dom. Mister, porém, se faça
guiar pela Razão e orientar a vontade
sob o impulso da força espiritual da Graça.

Livre ser é saber usar, com probidade,
seu direito, que nunca os línzes ultrapassa
do alheio, eis que o dever ao direito não ha de
subpôr se, para ser liberdade sem jaça.

Do erro a que se expõe sempre o comum dos seres,
em julgando poder todas as cometidas
para a satisfação de ambições ou prazeres,

vem a se transformar liberdade em tortura,
quando só pelo amor, ela e a Graça reunidas,
traçarão ao viver uma rota segura.

MONISMO

Que amor he hum, não pode ser partido.

Camões---Soneto 342

No filão do teu ser, diversos sentimentos
aflorem—mas, por certo, um só é o que domina,
como, ao sôpro inconstante e errático dos ventos,
volve após a reinar a calma peregrina.

A música, também, nos seus vários acentos,
tem no *leit-motif* a essência em que se afina:
Sendo Um, alcançarás nos gosos ou tormentos,
a integral Perfeição da harmonia divina.

A Fé, para ser firme, ha que ser sempre Uma,
um Deus, um Culto, apenas um, mas que resuma
toda a Beleza, todo o Bem, toda a Verdade.

O Amor, por ser Amor, tem que ser um apenas,
que te eleve e equilibre em esferas serenas,
onde, sem dispersão, te absorvas na Unidade.

O SUAVE ENCONTRO

Outra vida, da qual nada eu sabia,
comecei de viver, porque o quiseste
(*Jonatas Serrano — Discipulos de Emaus*)

A vida que passei, inquieto, na procura
de algo, que não achei, porque não existia,
foi, por anos sem conta, uma longa tortura,
no afã vasio em que o viver se consumia.

Andei a me buscar em cada creatura,
mas era Deus, o Amor que, ansiado, eu perseguia,
era outra vida mais elevada e mais pura,
o que me obsedava, assim, por noite e dia.

Outra vida, afinal, que, em meu erro, ignorava,
principiei a viver, porque o quiseste, vendo
quão nescio o meu anseio empós do que buscava,

e, hoje, que a Deus achei, achando o Amor, a vida
tornou-se-me, ao invés desse porfiar tremendo,
esta serena Paz, afinal, atingida.

O PREÇO DA VITÓRIA

... inda mais bela
si em lide porfiosa obeteve a palma.

(*Docage. Elogios, 22*)

Não conta o que, sem luta e esforço, se conquista.
Cresce mais o valor ante a dificuldade,
pois, certo, tanto mais de nós a glória dista,
quanto, para o obtê-la, é mister de vontade.

E' preciso vencer, confiante e rijo, a pista,
levando no seu imo essa tenacidade
de quem, ferido embora, em seu fito persista,
e o desânimo nunca o espirito lhe invade.

O que sempre encontrou terreno facil, nunca
saberá da Vitróia o preço inestimável,
que de espinhos e sangue o caminho nos junca.

E, por isso, mais bela entre todas, se ostenta
a posse desse Bem, que é o premio doce e amavel,
cuja valia só a alma forte experimenta!

EQUANIMIDADE

Mostrasi si paciente a chi la mira
che dá pergli occhi una dolcezza al core.

(Dante — Vita nuova, XXVI)

Virtude sem parelha, a todás excelente,
é essa que consiste em ser igual e calma,
ante a vida, tão vária, equilibrando-lhe a alma,
mantendo-a sempre ao mundo externo indiferente.

Ante o rude sofrer que a asa sombria espalma
sobre nós, como à luz da ventura ridente,
frente ao Bem, frente ao mal, benévola e paciente,
ela a mesma se mostra e os meus nervos acalma.

No aspecto com que a vejo é como um céu sereno,
que, sem nimbo ou tormenta, em seu luzir ameno,
me incute confiança e paz, na incerta sorte.

E em na vendo assim sempre, aprendo a vencer tudo,
nessa força, que tem maciezas de veludo,
nessa doçura, mais que o aço, rija e forte.

ESPLANADA

... não entre as formosas já e as aparencias
mas vendo a face imóvel das essências,
entre ideias e espíritos pairando.

(Antéro de Quental - Contemplação)

O mundo e o seu clamor estulto e vão de feira,
e os seus conceitos de louvor ou de censura,
não valem para mim mais do que essa poeira
que, ao vento, se ergue e cai e à lama se mistura

O ápice a que atingi, do Amor na asa altaneira,
do que é exterioridade a minha alma depura,
e à Essência e não à forma inócua e passageira,
pela Fé, me integrei, buscando o que perdura.

O' a libertação que é a Crença, o Amor, na vida!
Olha-se tudo, assim, como da culminância
de uma serra, por sobre o mar e o vale erguida.

E vê-se na grandeza única da humildade,
ficar vencido o tempo, anulada a distância
do homem a Deus que é o Infinito, a Eternidade.

LAREIRA

L'habitude, honnête et bonne servante,
Ne laisse jamais s'eteindre le feu.
(F. Coppée — *Pour ne pas vieillir*)

Não te iluda o calor, a flama passageira
com que te aquece, e aclara, apenas um momento,
esse efêmero amor, tão fugaz quão violento,
a que falece compreensão perfeita e inteira.

O puro, nobre, firme e grande sentimento
nasce da alma e se faz união verdadeira,
e permanece como o fogo da lareira.
sempre igual, superior à inconstância do vento.

Sempre o teràs, si bem souberes conserva-lo,
lâmpada que, em teu lar, perêne, arde e fulgura,
dêle seràs senhor, sendo dêle vassalo,

e, alentando-te o ser com dobrado vigor,
enchendo-te o viver de paz e de ventura,
habito se fará, conservando-se amor.

DISCRIÇÃO

Good wine needs no bush

(Shakspeare — Como vos aprouver, V, 4)

Na discrição consiste e no comedimento
o valor, que se quer nem vão nem retumbante,
pois, sómente apregôa, em seu alto-falante,
o que sente faltar-lhe o real merecimento.

Foge ao rumor, despreza o cartaz ostentante,
vasio, qual tambor inflado pelo vento,
e põe tua valia em ser qual és, atento
apenas da consciência ao jugo dominante.

Não carece o que é bom de atoarda ou barulho.
A virtude maior será sempre a humildade,
e o pecado que traz todos em si, o orgulho.

O sêr, que é sêr, ama o silêncio e a solidão,
pois, na Fé e no Amor, possui a eternidade
e o infinito contêm dentro do coração.

GLÓRIA PACÍFICA

Vous dites que la gloire est l'estime de l'homme
Et que la paix de l'âme est l'estime de Dieu
(Sully Prudhomme—A un trappiste)

O fátuo, que corteja a popularidade,
e o avarento, que põe sua alma no dinheiro,
e o carnal, que só busca a materialidade,
todos que têm seu deus no mundo passageiro,

não sentirão jamais essa *profundidade*
do ser, que nos oferta o prazer verdadeiro;
cedo, verão passar sua estulta vaidade,
fumo que se dilui ao sopro mais ligeiro.

A glória, que é o apego à estimação do homem,
passa com ela e os seus benefícios se somem,
antes mesmo da morte o abismo se transpor.

Mas da Paz da consciência a glória duradoura,
que é a estima de Deus, a alma se sobredoura,
quando, cheia de Fé, encontra o puro Amor.

CONQUISTA DA PAZ

Só uma grande dôr gera uma grande crença,
só é capaz de crêr, quem é capaz de amar.

(*Alberto de Oliveira — Póstuma*)

Da Perfeição ganhaste a alta e enorme escaleira.
De degrau em degrau, já te vês na esplanada,
donde, alongando o olhar à imensidão galgada,
surge-te, como em sonho, a paisagem inteira.

Vieste dessa distância azul alontanada,
rompendo, em rude esforço, a montanha fragueira,
a selva e o espinheira, a furna, a atra atasqueira,
a alma em prantos e a carne assim dilacerada.

Mas chegaste, afinal, onde poucos chegaram,
e no topo, os degraus derradeiros vencidos,
não foi em vão que os pés e a alma se te sangraram,

pois vês, num descortino, o céu e a várzea em flor,
ganhaste a Paz, embora entre ânsias e gemidos:
com a Dôr, foste à Fé, pela Fé, foste ao Amor!

O PÃO NOSSO

E cada dia que nos amanheça,
Seja um dia de amor, de gloria de graça!
(*Aloisio de Castro --- Canto ao Senhor*)

A Deus pedimos, cada dia que amanhece,
nos dê o pão, o nosso pão de cada dia,
e nessa união do Amor e da Fé, que é a prece,
a Ele erguemos o coração que ama e confia.

Mas o pão, não é só esse pão que nos desce
para a fome saciar, da vida na porfia,
mas, sim aquêle pão da graça, que parece
ser o único que nos sustenta e sacia.

A alma precisa, mais que o corpo, de manança,
pois si a carne perece, ela tem seu destino
imortal, e subsiste ao tempo, eterna e imensa.

Por isso ergamos nossa súplica ao Senhor:
— dai nos esse frumento espiritual, divino,
que é o pão da vossa graça, o pão nosso do Amor!

TRANSBORDAMENTO

Penso na multidão dos infelizes,
que uma benção tiveram do meu braço
talvez algum repouso a seu cansaço,
talvez ao seu deserto algumas flores.

(Bilac-- Consolação)

Sendo feliz, deves ser bom, porque a Ventura
é uma flor, cujo fruto excelente é a Bondade.
Quem ditoso se sente, ha de a felicidade
irradiar de si, num halo de doçura.

Has de vêr „o Senhor em cada criatura”
a se manifestar, em luz e caridade.
Notando do que é humano a incerta variedade,
te inclinarás por sobre a dôr que a outrem tortura.

Como um rio na sua enchente, fecundando
campos em derredor, pelo Bem fertilizes
outras almas que, em torno, andam, tristes, penando.

E construindo, para o Eterno, uma grande obra,
dá com prazer, aos sofredores e infelizes,
uma pouca dessa alegria que te sobra.

A LUZ DE NOSSA LAMPADA

Durante muchas horas,
silenciosa y dorada,
vencerá a las tinieblas
la luz de nostra lâmpara.

(F. Moreno — Luz Vencedora)

Ha tantas luzes, varando a noite, fria e trevosa,
a irradiarem sua fulgência na escuridão,
luzes de festa, de gente alegre, que vive e goza,
ou luzes tristes, de sofrimento, na solidão.

Mas, entre tantas, uma luzinha, pura e radiosa,
que só nós vemos, numa discreta lucilação,
arde na noite e enche-a de aurora tão luminosa
que até parece vencer a noite com seu clarão.

E' a luz da nossa lampadazinha tremeluzente,
acesa para a suave prece do amor ardente,
no Santuário sereno e doce do nosso Lar.

Luz de uma lâmpada que o mundo extranho siquer suspeita,
só para Deus, e os nossos sonhos, parece feita,
que nem a vida, nem mesmo a morte, pode apagar!

O BOM USO

Haver que nos não presta é simples onus.
Só no uso consiste a propriedade.

(*Fausto, na trad. de Castilho, I, 5*)

Que te adianta abarcar o mundo todo, quanto
em roda ou longe vês ou existir imaginas,
si bem pouco te cabe em tuas mãos pequeninas,
e, breve, a ânsia ou o desejo esvai-se em desencanto?

O que tanto te empolga, emoções peregrinas
que sentes, a aspirar, entre receio e espanto,
breve se esvairá, em suores ou pranto,
como, ao sopro da brisa, efêmeras boninas.

Usa o que tens, faz do bom uso uma alegria.
E, dando mão à estulta e doida fantasia
seja tua riqueza o Bem que Deus te deu.

Valoriza, estimando-a, a tua propriedade,
na consciência de a ter só tua, na verdade:
— sô o que é teu te valha e valha por ser teu!

DESTINO DAS ROSAS

Sê natural como as roseiras,
que rebentaram ali nos canteiros do jardim.

(Antonio Botto — Canções, 80)

Aprende com as rosas. As roseiras
se abrem em flor, assim, todos os dias,
oferecendo em suas louçanias
êsse encanto das horas passageiras.

Proporcionam belezas e alegrias,
em suas existências tão ligeiras.
Nada pedem e tudo dão — fagueiras
visões do céu, doces e fugidias.

Se como as rosas, no destino incerto,
sem curar mais que o Bem, cada momento,
nem perceber o espinho que está perto.

Abre teu coração todo Bondade
e esparge, nos jardins do sofrimento,
êsse aroma do amor e da piedade.

AUTO-DOMINIO

Môr alteza e môr ânimo è as grandezas
desprezar, que aceitar, e mais seguro
a si cada um reger, que o mundo todo

(Ferreira—Castro, 11, 1)

E' regra que, em geral, quem mais se expande
a imperar, menos reina, e a si se olvida,
pois para dominar, mister se mande
primeiro a si que ao mais que ha nesta vida.

Por isso, muita vez, melhor que o grande
anda o pequeno, em sua dura lida,
e marcha mais seguro quem só ande
de alma leve e consciência esclarecida.

Fugir convem, a muito encargo, quasi
sempre núncio de enfado e de canseira,
e em si e não no mundo pôr a base.

Sabendo se reger, melhor confia,
desprezando essa febre interesseira
que a tantos mata, numa vã porfia.

CONCEITO DO MUNDO

Deixa que te louvem, ou que te acusem,
deixa rolar sobre ti o bem e o mal.

(Ronald — Epigramas)

O mundo mau, o mundo pérfido e falaz
que vive de enganar, enganando-se, busca
turvar do que o desdenha e cujo Bem o ofusca,
a fortuna serena e a harmoniosa Paz.

Mas para quem o vê, tal como é, nessa brusca
mutação, que, hoje, um e, amanhã, outro o faz,
encômio ou vitupério emoções lhe não traz
— labareda que ao aço ou bronze nem chamusca.

E' regra que o que agride o faz por, infeliz,
não conceber que alguém possa ser venturoso,
e o que sente de si, de outrem propala e diz.

Sê sempre bom, mas sempre ao mundo superior,
e olha-o com o mesmo olhar irônico ou piedoso:
— és o que és, não te afete opróbrio nem louvor.

FRENTE AO IRMÃO-HOMEM

Amo-a com a mesma força e jus com que a desprezo
por seus erros que são, nem sei, talvez os seus

(E. Savard *A Humanidade*)

Meu Irmão, tu que és, talvez, meu inimigo,
sem que motivo algum a tanto te levasse,
ou que, sob aparência indiferente, a face
me ofereces, risonha e isenta de perigo;

tu que, sem que eu soubesse ou, de leve, pensasse,
eu agravei ou confortei e fui-te amigo
ou hostil, mas que tens semelhança comigo,
como si de um só seio a vida nos brotasse;

meu Irmão, tu que o és no gozo ou sofrimento,
filho, como eu, da dôr, que estás longe ou bem perto,
cheio da mesma Fé ou idêntico tormento,

amemo-nos em Deus, Pai que nos fez, Igual,
pois tu és, como eu, comos todos, por certo,
propenso a todo o Bem, capaz de todo o mal.

RESSONANCIA

Sem ti que fôra do prazer gozado?

(Carret--Lírica)

O gozo, que é um instante, o bem, que não demora,
tudo que à alma nos traz dulcíssimo prazer,
e que, mal nos sacia, eis presto vai se embora,
célere como a luz, num rápido esvaecer;

fica, entretanto, em nós, *fixando-se nessa hora eterna*,
que, através da vida, ha de viver,
na saudade em que, tal um éco, rememora
o que, um dia, existiu e *continua a ser*.

Doce ruminação psíquica, ela subsiste
ao que foi e, doirando o presente mais triste,
nos permite, sofrendo, o gozo reavivar.

Ressonância de uma furtiva hora perdida,
a saudade embeleza e poetiza a vida,
e, sem ela, afinal, que valera gozar?

REGRA DE BEM PERDOAR

Y arrojó dulcemente las flores del perdon.

(*Angel Benedetto--Camiño de la vida*)

Feliz quem sabe perdoar e que perdôa
de todo o coração a quem lhe fez o mal,
pois perdoado será e a vida leve e bôa
se lhe fará, de Deus na benção eternal.

Necessário é, porém, que o perdão lhe não dôa,
que o dê como se dá o osculo fraternal,
vindo do imo do ser, qual flúido que se escôa,
em amor transfazendo o azedume letal.

Para bem perdoar é preciso se atente
no mal que a outrem se fez, involuntariamente,
ou de caso pensado, é e mister ver, tambem,

que o que nos fez sofrer, inda é mais desgraçado,
pois o mal que se faz, é peor, bem pesado,
do que o mal que se sofre, e que, às vezes, é um bem.

EXORTAÇÃO A' VENTURA

Toda a minha ânsia é de subir como uma prece,
toda a minha ânsia é de brilhar como um clarão,
(*Emiliano Pernetta — Quadras*)

Fiquem outros, si tal é o seu alvo e destino,
rastejando na lama, ou do ouro ou do prazer:
— subamos nós ao sobrehumano, ao infra-divino,
pelo Amor, Deus-em-nós, que ac céu faz ascender

Satisfaça-se o ganancioso ou libertino
com essa penumbra, em que se arrasta o seu viver:
—fiquemos nós em pleno dia, ao sol a pino,
nas transfigurações harmoniosas do Ser.

Para a Felicidade atingir, nesta humana
lida, hemos que subir na asa branca da prece
e a bondade irradiar à ampla luz meridiana.

Subir é ser clarão, ascender e brilhar,
--- na humildade, que exalta e no Bem, que engrandece,
é que a Felicidade havemos de alcançar!

A FLOR DA VIDA

... esa flor graciosa e pura
que el no gozalla es perdella
(Fray Luis de León — Imitacion de diversos)

A vida para quem conhece o seu valor,
a sua deliciosa, inefavel magia,
feita de Sonho, de Beleza e de Poesia,
é uma estranha, sublime e misteriosa Flor.

E' preciso, porém, penetrar-lhe a valia,
dela extraindo todo o viço e todo o olor,
encanto, que é a Fé, perfume, que é o Amcr —
pois só quem ama e crê, na Vida se sacia.

Linda Flor de ternura e espiritualidade,
não murchna como a rosa efêmera, que dura
apenas a manhã curta do mocidade.

Mas ai! que poucos são, os que sabem colher
essa Flor, cuja graça e cuja formosura
não na saber gozar, é o mesmo que a perder!

FRUTO DA VIDA

...mas tiene de caricia que de pena.
(D. Francisco de Quevedo, son. 56)

A vida, com ser flor, produz, tambem, a fruta,
fruta que é essa humildade, essa resignação,
com que se encara a dor e se defronta a luta,
e a todo o mal se oferta o óbulo do perdão.

Fruta, cuja semente é essa crença e a impoluta
bondade, que preserva o espirito cristão,
pois, para em meio da vida infrene e dissoluta,
se abre, em clarões de paz e amor, no coração.

Vivendo bem, nem mesmo a morte te apavora,
pois, o justo, ela é como si a Porta fosse
que se abre, após a noite, a uma eternal aurora.

A bôa vida faz à morte bôa amar,
e vêr nela tal como um sôno amigo e, doce
após um dia de penoso labutar ...

A SEMENTE DA VIDA

... semente da vida, doutrina da salvação eterna.
(*Diogo do Couto* — Décadas, VI, 6, 7)

Flor, que rescende e fruto, opimo e saboroso,
a vida, em si, contém fecundante semente,
que permite ao que crê e ama, sinceramente,
sobreviver à própria morte, vitorioso.

A semente da vida é a Fé, que, na alma crente,
assegura um destino imortal e glorioso,
e é, igualmente, o Amor, supremo e puro gozo,
que nos prolonga além da hipogéa lugente.

Viver, além da vida e vencer a atra morte,
superior aos vai-vens e à incerteza da sorte,
prolongar-se no além ou se perpetuar;

eis a germinação misteriosa da Vida,
a Semente que fica, e revive, florida,
no pósteros ou no eterno, a nos continuar.

MATURAÇÃO

En vous laissant l'esprit, qu'a-t-il pu dérober ?
(*Cardeal de Bernis* — Obras, de .1765, pag. 212)

A lenta ação do tempo empresta-te a patina
às graças e a energia, aos poucos, vai minguando,
mas como que te apura esta essência divina
do espírito, em que vás, longe, te, projetando.

Clara e lúcida, agora, a visão descortina
horizonte maior e céu mais doce e brando,
e a tua percepção, como que mais se afina,
para tudo apanhar, que, antes, ia passando.

E, mais tu e mais teu, quanto mais desprendido
da matéria, o teu ser se integra na amplitude
do cósmos, sendo dêle um átomo partido,

ascendes, no esplendor dessa maturidade,
às esferas de luz do Bem e da Virtude
medindo o tempo no estalão da Eternidade.

ENCERRANDO O ITINERARIO

«Para que serve a tua poesia, si ela não adogar a tristeza e não aumentar a esperança, com um fluido de força e bondade, no amargo e inquieto coração dos homens?»

(Martins Napoleão — O Prisioneiro do Mundo)

Ao fechar este doce e amavel Roteiro,
deves comigo, no silêncio, meditar
que ha sempre, a nosso lado, essoutro caminheiro,
que dos felizes vive os passos a rondar.

Pensa que si encontraste o Bem, bem passageiro,
outros, jamais, buscando-o, o lograram achar,
e nunca junto ao seu coração companheiro,
nas horas de tristeza ou dor, viram pulsar ...

Da ventura recolhe o fruto, que é a humildade,
espalhando, em redor, nas almas inditosas,
esse etlúvio de paz e de felicidade.

E irás semeando, assim, da vida nos caminhos,
nos alheios sarçais essas fragrantés rosas,
em que verás florir, mais tarde, os teus espinhos.

PENSAMENTO AMANDO.....

OTAVIO CUNHA

Com o pensamento n'uma só creatura
amei! Domou meu coração... depois
o Destino com as mãs de pedra dura
fez a separação entre nós dois!

Fiquei só, desolado... Só! — Sem Ela...
tal quem, ao vir da noite, perde a estrada,
cuvindo, em tórno, o ronco da procela,
sem mesmo crêr que aponte a madrugada!...

Mas o Tempo não para na subida,
nem na descida — é um caminheiro forte! ...
nem mesmo quando vem semeando a vida
nem mesmo quando vae deixando a morte ...

O coração também, enquanto vivo,
não pára de bater... e, assim, pulsando
sente-se bem — tornando-se cativo...
sente-se mal — se não viver amando!

Sem Ela — meu ideal! — fiquei sosinho,
na cruel certeza de não mais acha-la! ...
mas pensei que, na curva do caminho,
se encontra alguém que a outro alguém se eguala!

E busquei para o Amôr, por entre amôres,
outra creatura — imagem d'Ela... Em vão!
há diferença até nas mesmas flores
e até — de coração a coração!

Depois... toda a ilusão foi se acabando...
ninguem encontra amôr igual... ninguém!
leve *igára* que a enchente vae levando,
e nunca mais ao mesmo porto vem!

Nada ficou dessa ventura louca,
sinão tristeza que ao sofrer me impele...
só ha beijos de mel — naquela boca!
só ha cheiros de flôr — naquela pele!

E as mulheres, que amei, tinham seus traços...
mas não amei, nem mesmo a linda Esther,
porque nunca é paixão tê-las nos braços
com o pensamento amando outra mulher!

CANÇÃO DA TARDE E DA NOITE

Rosário Congro

Na celagem da tarde,
o Sol, como um pontifice, agonisa.
Do manto a púrpura derrama ...

Uma fulgente pedraria arde,
o poente inflama
e irisa,

São rubis e crisólitas,
opálas e ametistas,
que recordam insólitas
conquistas.

Ao vesperal clarão de apoteose,
o rebanho nubígeno tresmalha.

Hora hesitante de metaformose,
que nostalgia indefinida espalha!

Os ninhos farfalhantes,
silenciam. A sombra desce.
Esmacem as lúcidas cambiantes ...
Escurece ...

Quais fantasmas da Mágoa, as araucárias,
esguias, solitárias,
plangem. Uma tristeza, só de ve-las,
o coração invade. Macilenta,
o amplo crepe da Noite roçagando,
na quérula viuvez que é morte lenta,
a Lua, soluçando,
verte o pranto gelado das estrelas.

A MANGUEIRA

ROSÁRIO CONGRO

Na plenitude da sazão, maduro,
a casca de setim olente a rosas,
a polpa sumarenta e doce
doirada como um favo,
foi-me o soberbo fruto uma delícia
que eu, sôfrego, sorvi.

A sadia semente á terra dei
para o mistério da reprodução.

Germinou.
E, a terra esplêndida nutriz,
em pouco o brôto inicial ergueu.

Tomei-me em zelos pela tenra planta,
que promissivo arbusto se tornou.

Por fim arboresceu,
O tronco, reto fez-lhe o porte senhoril,
a graça, a distinção.

Entre as demais, é mesmo a mais bonita !

Povoada de pássaros,
não tardou que a primeira e virginal florada
cobrir lhe viesse, efusa, a fronde.

Era festa gentil do seu noivado !

Depois, rebentos mil nos ramos apontaram ...

Vinte e cinco verões contando agora,
impávida afrontando os rudes vendavais,
sua majestade secular parece !

Congregadas um dia como as monjas,
do claustro no silencio augusto,
das árvores seria a priorisa.

Abençoada existência a da mangueira,
pródiga sempre de gostosos pomos
como de sombra acolhedora e amiga !

.....
Minha doce mangueira e meu enlêvo,
sob o zimbório verde de tua copa,
quando a unção do luar nas franças se derrama,
a minha prece panteista elevo !

Medalhas antigas

OSCARINO RAMOS

A VISITA SILENTE

O silencio sepulcral caiu neste meu quarto de enfermo. A boa enfermeira já se despediu e a Irmã, alva aparição, mansamente, também, já me disse palavras de consolo e esperança. Nesta solidão, o meu cerebro arde, com si fosse um vulcão em plena atividade. Presentimentos. Presentimentos. Abandono o leito e procuro a minha cadeira de repouso. Deixo-a por esta pobre mesa de hospital. Em verdade, aqui, tracei as minhas ultimas confidencias; aqui, os meus ultimos versos tentei escrever. Em vão o meu esforço agora. Esta mão que ja se ergueu em louvor à Vida, que já crispou de coleras tremendas e que tantas vezes, também, já abençoou, resulta inutil neste papel. Vencido, retorno á minha cadeira e recolho-me em meus cismares. Longos, finos, frios dedos de mão invisivel toucam de leve, os meus cabelos, em desalinho. Uma Sombra? Que extranha, imponderavel visita será esta?

NOITE

Afinal a tarde desapareceu. Emudeceram, nas árvores vizinhas, os alados mensageiros e, no jardim, as flores se recolhem em seu regaço de inocência. Só, aperto o coração para não senti-lo estalar de dôr. Uma terrivel duvida sacode o meu espirito e uma descrença geral me domina. Quando sairei deste ergastulo? Não me contenho. Abro a minha janela. A noite pompeia, imensa e silenciosa. O ceu, concavo, refulge, ao brilho das estrelas, como si fosse uma arvore mágica tocada de frutos luminosos, atestando a obra de Deus. Bendito seja!

VIVER

Não mais o temor dos dias pressagos, nem a descrença na ciência falivel dos homens. Afinal, o que está feito, está, por força do destino. A dia, lá fóra, explende. As flores, no jardim, voltaram a sorrir. As crianças, como passaros cativos, correm pelas ruas barulhentas. A morte é um enigma; a vida, exaltação. Ao redor do meu leito tudo ressurge. A vida é outra. O Amor, uma realidade e a Felicidade, sempre esquiva, como que esvoaça sobre a minha cabeça enferma, mal pressinto a tua presença.

FOLHAS DE CADERNO

A. CESARIO NETO

*Je m'en voys faire icy une gali-
mafrée de divers articles. (Mon-
taine, Essais, I. XLVI)*

De quanto vale a experiência, sabe-o o corvo, e ninguém mais do que êle abalisado, depois do caso do queijo e da raposa. Vale, sim, mas quando o homem, isto é, o corvo, tem acumes de águia e, talvez mais que a águia, aquela finura deêle, que nenhum outro excede entre os bichos de voo e mesmo entre os de patas, sem falar no jumento e no camelo.

De outra feita rapinou mestre corvo outra grossa fatia e voou de abalada para o pico de uma árvore distante, disposto agora a resistir ás artimanhas com que lhe apparecesse a velha estrategista da madraçaria e do engano.

A raposa, porem, que sempre soube farejar os corvos com seus queijos, lá veio pelos caminhos, focinho arregaçado, aspirando no ar ou róchando-o na poeira a ver se descobria de que sítio manava aquele cheiro de alvoroçar o apitite.

Vinha da copa de velho tronco, lá do alto, onde ela avistou o queijo branquejando no bico da ave negra.

Não pôde, desta vez, o fabulista escutar que palavras macias disse ao corvo a mestra da zumbaia. O que se viu foi que êle espetou num galho sêco e pontudo o queijo, que era tenro, e abriu a boca para cantar.

E rouquejou com garbo, satisfeito de si e de seu tino, como se o ridiculo não estivesse em comer lábias e ser rival do rouxinol, mas em ir-se-lhe o queijo apetecido.

X:X:X

Onde estão os cimentos das ciências naturais? Na identidade de cosmos ou na identidade da experiência psíquica? Quem nos esclareceria o enigma, Kant, Lord Kelvin, Kurt Koffka, ou ninguém?

X:X:X

Entre as muitas coisas que se confundem com a cultura, podem-se também contar dois vícios: o vício de ler e o de escrever.

X:X:X

A tagarelice, a que nenhum valor se dá quando de viva voz, tem entretanto um extraordinário prestígio e boa fama, quando feita com tinta.

X:X:X

Um homem inteligente, a primeira coisa que sabe é se outro tambem o é, afim de não fundar a sua ladinice na enganosa falta de inteligência de alguém.

X:X:X

Este orbe de terra encerrou há milénios um mundo já então cheio de vida, mas, vazio de humanidade, porque sem homens isto é, sem seres que andassem com dois pés e tivessem o corpo erecto e os dedos capazes de manufacturar.

Agora, que já viu aquele espectáculo, prepara-se para outro semelhante e igualmente dinâmico porém mais original, por ser o de um mundo tambem sem humanidade, embora povoado de seres que manufacturam e que não só andam com dois pés, mas até voam; que teem um cérebro rico de circunvoluções e uma inigualável sagacidade para calcular, com espantosa certeza, o giro das estrêlas e a usura dos capitais.

X:X:X

Na mais elegante das revistas da metrópole, vem um artigo firmado por sabedor de grande nome e de sciência grande, com, epigrafe que sugere e que atrái, além do assunto, que ajuda a epigrafe.

Vai-se ler com a sofreguidão de encontrar o conceito profundo e novo que está prometido no título. Cada linha, se não satisfaz, vai aumentando a esperança na linha seguinte, e todas aguçam a curiosidade para as coisas grandes e originais que o nome do autor fizera esperar de início, mas que as palavras e as frases vão deixando para o final, como o esperado prêmio áquele caminhar por um estilo de pedra.

Terminada a leitura, paramos para descansar e refletir, ruminando o conteúdo que, reflectido e ruminado, se resume nesta.

lição digna de registro pela vulgaridade: cumpre ser patriota e ser capaz de sacrifício e urge formar bons cidadãos para o futuro, de acôrdo com os novos tempos, que são diferentes dos antigos.

X:X:X

A' ânsia do instinto se mistura uma ilusão de olhar e um orgulho dolorido, capaz de agonias supremas, e eis o encanto misterioso do amor.

Dilthey ou Spranger diriam a seu modo dêles que o amôr é uma estrutura, e eu não direi outra coisa.

X;X:X

Se pensassemos de nós o que de nós pensam alguns amigos, morreríamos de vergonha ou de desespero.

X:X:X

A época é trágica para a vida. Que muito o seja para a cultura, produto espiritual da vida e que exige, por isso para medrar, ambiente de ordem e paz?

A língua, que vive de ambas, da vida e da cultura, não é de estranhar que a tragédia atual a atinja. Não é de estranhar que andem esmarridos os espiritos, a golpeá-la na triste campanha da lingua brasileira, da antigramática e de quejandas coisas da época, que o homem massa de Ortega y Gasset apregoa e semeia, triste semeador, orgulhoso da sua seara, onde hoje se cultiva (outrora se carpía e queimava) o escalracho e as urtigas, o carrapicho e a barba-de-bode, que, juntamente com as suas irmãs, a tolice e o disparate, pompeiam tambem nos jardins, dando-se-lhes o cultívo e o cuidado que se nega ao gôsto e à medida, à disciplina e à beleza.

X:X:X

Essa corrida à literatura fácil, à critica fácil, á estética fácil deixará um efeito salutar que é o de atrair para lá todos os que desejam entrar para as letras, e ue, tendo nascido para outros misteres nasceram tambem para não escrever.

E quem se lhe afigura ser um mal êsse fato, engana-se. Depois que êles mudarem a face das coisas da arte e tornarem repugnante a então literatura, e fizerem até esquecer a verdadeira, de modo que esta fique sendo diversa e isenta deles, então os verdadeiros valores literários surgirão como renascidos e limpos, bem diferentes daquilo, como uma flor redolente e graciosa que surge do estêrco.

X:~:~

X:X:X

Depois que passa um temporal, derrubando, quebrando, esparramando, é mister apanhar as coisas e recolocá-las no lugar, em ordem e harmonia.

Coisa igual é às vezes necessária com a língua, e há-se de então proceder ao escrutínio dos termos, do uso que deles se fêz, e tornar-se a definir as palavras, de modo que se fique de novo sabendo que verdade quer dizer verdade e que mentira é justamente o contrário dela.

X:X:X

E' Machado de Assis muitas vezes, nas descrições e nos contos, nos retratos físicos e nos morais, um miniaturista não só original como os há outros, mas profundo nessa originalidade. Há contos seus que são romances abreviados. Relede *Identidade* e vereis isso naquela obra prima.

Ponto é êste ainda não bem estudado nos seus escritos e naquela sua maneira de debuxar com traço rápido e subtil idéias imprevisas ou profundas que por isso passaram despercebidas aos olhos de leitores que leem depressa e de alguns criticos que deviam saber ler.

Parece que o faz socolor de humorismo, porem na verdade é proposito que tem raizes profundas no seu temperamento e no seu psiquismo ironico e rímido.

Condensa, muitas vezes, numa frase ou num torneio intenções ou pensamentos que encheriam uma página sem deslize no movimento e na proporção. Vem daí, aliás, a perfeição do seu desenho que é um dos elementos vivos no estilo de todo grande escritor: e ao mesmo tempo vem daí (onde há sol pode haver eclipse) a incompreensão em que andaram alguns aspectos da sua obra.

Artista visceral, condensa o difuso e o impreciso em formas específicas individualizadas e novas, e, indo além com o seu maravilhoso artificio, chega a fixar o invisível quando êle sabe ser profundo.

E assim, nas suas páginas, aquele homem complexo e subtil desafia-nos a argúcia, custando-nos às vezes descobrir se é o artista que plasma uma imagem vivaz ou se filósofo que espeta os olhos no indecifrável mistério; se zomba de nós e da vida, ou se deixa escorrer, contrafeita em sorriso, uma mágua atroz.

LINGUA E NACIONALIDADE

NILO PÓVOAS

«A morte de uma nação começa sempre pelo aprofundamento da língua». (Olavo Bilac, CONFERÊNCIAS CÍVICAS, 1912).

O estado de desmazêlo e de corrupção em que se vem exibindo a nosso idioma, afigura-se-nos tão deplorável e alarmante, que nos leva a meditar um pouco sobre a terrível advertência contida no pensamento acima, expresso pelo excelente patriota Olavo Bilac, e numa de suas memoráveis conferências propugnadoras do soerguimento moral e material da nossa Pátria.

A quem-quer-que atente na linguagem, já não diremos da massa ignorante, mas da mocidade das nossas escolas, aos escritos dos nossos jornais, ao linguajar dos nossos locutores de rádio e até aos discursos dos nossos parlamentares, salvo poucas e honrosas exceções, não passará de-certo despercebida a onda avassaladora de abastardamento, que vai levando de roldão a língua portuguesa, no Brasil, como um prenúncio agourento da desagregação próxima da nossa nacionalidade.

É bem verdade que não somente a língua se tem corrompido no Brasil; isso, porém, em nada atenua o mal, antes constitui um índice melancólico de que outras graves enfermidades vêm minando, incessantemente, o já depauperado organismo nacional. É, porém, principalmente na língua, que o vírus da ulceração assume maior malignidade e perigo, porque é nela que está a vida da nacionalidade,

Tão grande é o nosso desamor à materna língua, tão malbaratada anda ela na boca da nossa gente, de mistura com tôda a escória contrabandeada de alheias fâlas e com as vozes bárbaras do calão plebeu, que já houve quem dissesse que se uma reação erudita não se fizer sentir, poderá ela transformar-se numa algarravia insuportável.

Não se compreende como pode o brasileiro, povo que tanto se gaba de inteligente e patriota, permitir que a sua língua ande assim, à matroca, desconhecida e amesquinhada, perdendo, pouco a pouco, aquela majestade e louçania com que se ostentara outrora, tão natural nos seus donaires graciosos, tão eacantadora na sua simplicidade nativa, para exhibir-se agora tôda coberta de andrajos, torturada no seu gênio, desajeitada nas suas fórmulas! Por que não seguirmos o exemplo daquele delegado da Venezuela a um congresso sul-americano, que, ao discutir-se a língua em que cada representante deveria falar, pediu a palavra e disse, cheio de cívica ufania: “Eu me contentarei de falar na língua de um cavalheiro que se chamou Cervantes!”.

As línguas são os esteios que sustentam as nacionalidades; o perecimento daqueles determina o esbarrondamento completo destas, e como disse Rui Barbosa, um dos grandes evangelistas do nosso idioma, “uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por êle absorvida”.

O patriotismo verdadeiro não consiste, apenas, numa demonstração de bravura nos campos de batalha, mas também na defesa de tudo aquilo que é inerente à nacionalidade, e, por conseqüência, da língua que, integrada ao solo, constitue base dela.

O que está parecendo é que o povo brasileiro não possui ainda uma idéia perfeita de nacionalidade. Essa idéia nasce da consciência íntima que tem um povo da sua liberdade, e essa consciência jamais a tivemos nós. Saídos do humilhante jugo colonial, submetemo-nos ao absolutismo de uma monarquia retrógrada, despótica e opressora, em que as franquias liberais não passavam de declarações platônicas, para entrarmos, depois, num regime republicano para o qual ainda não estávamos amadurecidos. Daí os males e os erros em que caímos, e que foram a causa da revolução de 1930, porta aberta para a ditadura tirânica e deshonesta que nos desfibrou e envileceu, sufocada, no nascedouro, toda e qualquer manifestação da consciência nacional.

Em estreita colaboração com a servidão política em que temos vivido, trabalha o analfabetismo, que ainda mantém na obscuridade cerca de 70% da população brasileira, tolhendo-lhe os surtos de progresso e retardando a conquista do sua carta de alfor-

ria. E ainda há, infelizmente, uns juízos poldros aos quais parece bem reclamar para essa carga pesada, sob a qual se arrasta penosamente o nosso país, o direito do voto! que maior incoscência poderia haver do que conferir ao analfabeto a suprema prerrogativa de escolher os mandatários da nação? Esse estranho liberalismo, que aberrá de todos os princípios democráticos, poderá ser uma fonte de vida e de gôzo para os licurgos que o advogam, mas a sua inclusão no texto da nossa carta constitucional seria um opróbrio para o Brasil e mais um motivo para se negar ao brasileiro a consciência de si mesmo.

A consciência nacional só poderá ser adquirida mediante a educação popular, pois os povos ignorantes facilmente se abdicam de si mesmos, fadando-se a servidão e ao desaparecimento. Erram, pois, redondamente, aqueles que pensam em construir uma democracia sôbre alicerces outros que não sejam os da educação popular.

De que sentimento nacional se poderá gabar um povo que, junjido ao seu mesquinho interêsse pessoal, se deixou arrastar pela onda demagógica que teria arrastado a nossa pátria aos horrores de uma guerra civil, se não fosse a ação enérgica das classes armadas? Que consciência nacional tem um povo que, abjurando a sua fé e as suas tradições políticas e sociais, se converte em instrumento dócil nas mãos de aventureiros dispostos a vender a sua pátria ao estrangeiro? Que senso nacionalista possui um povo que manda emissário confabular no estrangeiro contra a integridade da sua patria, conforme denunciou o Eivro Azul do Departamento de Estado Norte Americano?

E é sob a invocação dessa consciência nacional que ainda está por nascer, que se pede, na Asembléia Nacional Constituinte, a mudança do nome da língua que falamos para o de língua brasileira! Em que pese à laurea acadêmica que cinge a fronte de alguns e a auréola de prestígio que envolve os nomes de outros próceres dêsse movimento, êle se caracteriza pelo que tem de absurdo, de insensato. Não será, porém, com a invocação de um nacionalismo duvidoso que se há de forçar a nação a praticar uma desapropriação indébita, chamando brasileiro a um idioma que, como disse Sílvio Júlio, eminente filólogo patricio, o mundo, por motivos históricos de relevante préstimo, conhece por idioma português. A honra nacional acha-se indissolúvelmente ligada ao idioma. Perdido êste, perdida está aquela.

Não é a primeira vez que a lusofobia ataca os *nacionalistas* criadores da famigerada *língua brasileira*. Começou por uma espécie de *estrabismo*, que levou alguns dos nossos escritores da segunda fase romântica, num arremêdo do que se passava na Euro-

pa. à confusão da autonomia literária com a autonomia linguística. Agora é uma comichão nacionalista que faz com que os nossos parlamentares vejam na unidade linguística mantida secularmente com Portugal um perigo para a autonomia do nosso país.

A última vez que se agitou essa questão foi em 1935, quando a Edilidade do Distrito Federal aprovou um projeto que mandava mudar o nome da língua falada no Brasil para o de língua brasileira, projeto êsse a que o saudoso prefeito Pedro Ernesto opôs o seu véto judicioso, em que demonstrou a flagrante oposição do projeto com a verdade científica, assim como a sua notória indigência de razões de ordem histórica, científica e étnica, concluindo com estas palavras:

“A aprovação do projeto não fará que os técnicos que se prezam, passem a repelir a unidade da língua portuguesa dentro das suas variantes nas quatro partes do mundo. A linguística tem suas leis próprias; não tomará conhecimento da nova língua, surgida não espontaneamente, por evolução natural, mas a golpes de decretos”.

De-feito, é o povo quem faz as linguas; mas êle as faz e os escritores as apuram. O povo realiza o seu trabalho de maneira inconsciente, sem que disso se dê conta, e nunca a golpes de força, num como repúdio formal de tudo quanto respeita às tradições de vernaculidade do idioma, pelo desrespeito consciente aos seus princípios disciplinadores, pela cega e obstinada oposição ao seu gênio, em nome de um nacionalismo idiota, que se há-de levantar o edifício de uma nova língua.

É a língua importante elemento de unificação nacional. Ela integra o conceito complexo de pátria; por isso a sua preservação se impõe como medida de defesa nacional. Já dizia Bilac:

“O que constitue a nacionalidade é propriamente a língua nacional. A pátria não é o meio, não é o conjunto de aparelhos econômicos e políticos; é o idioma criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor do idioma nacional”.

Por aí se vê que a língua é coisa muito mais séria do que geralmente se supõe, e não pode, portanto, estar sujeita aos caprichos de quem quer que seja. Mudar o nome ao idioma que falamos, sem fortes razões de ordem histórica, científica e étnica é mais que absurdo, é um crime de apropriação indébita, como bem o definiu o professor Antenor Nascentes. O mandato político outorgado aos representantes do povo é para fins exclusivamente políticos. Usar dêle para outros fins, como o de que se trata, já é ir além da outorga. O povo não concorda, por certo, com semelhante inovação, e um plebiscito o demonstraria.

Pensem bem os Senhores Constituintes na gravidade do assunto e nas serias consequências que poderão advir de um golpe numa situação muitas vezes secular e que envolve melindres nacionais que devem ser respeitados.

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1946, Centenário do nascimento da Princesa Isabel, a Redentora.



As festas jubilares
da Academia

(De 5 a 7 de Setembro de 1946)

O SARAU LITERO-MUSICAL OFERECIDO
PELO "GRÊMIO JULIA LOPES",

no dia 5 de Setembro, no Palácio da Instrução

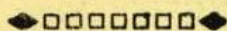
Discurso Oficial, pela Oradora do «Grêmio Julia Lopes»
Senhorinha Evandita Verlangleri de Barros

O Grêmio Literário Júlia Lopes, vive hoje um dos seus grandes dias de arte e de cultura, ao saudar a Academia Matogrossense, ao ensejo das comemorações jubilares da sua fundação.

A vitoriosa instituição cultural, que hoje celebramos e para quem se enfloram as galas desta noite, tem realizado em Mato-Grosso obra meritória, de valia incontestável, fazendo jús, por isso mesmo, aos aplausos e às manifestações de simpatia, de quantos se interessam pelo engrandecimento do nosso padrão cultural. A sua Revista magnífica, espelhando a cultura daqueles que mourejamos nêste encantado oêste do sólo pátrio; os saraus lítero-musicais, atestando a vitalidade do sodalício jubilado; a própria Academia acolhendo em seu seio o escól dos nossos homens de letras, renovando e incentivando valores para as nobres conquistas do saber e da cultura; a projeção do seu nome dentro e fóra dos lindes estaduais tudo fala do renome e da posição destacada da Academia em nosso meio.

À sua frente, a figura admirável e muitas vezes admirada por títulos muitos de José de Mesquita, imprime-lhe a orientação superior e eficiente, que se destina a perdurar no tempo. Batalhador incansável da bôa causa da cultura, José de Mesquita é, sem dúvida, a alma e o cérebro da Academia, cujos destinos preside ininterruptamente há vinte e cinco anos.

O Gremio Julia Lopes, que acompanha de perto a trajetória da Academia, dedica-lhe esta hora de arte, através da qual manifesta ao senado de nossas letras, o apôio decidido e os aplausos merecidos à obra que vem empreendendo. Palmas, pois, senhores, e muitas palmas à Academia e aos ilustres academicos matogrossenses.



DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Pelo Acadêmico Rubens de Mendonça

Exmo. Snr. Dr. Interventor Federal.

Snr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras
Minhas Senhoras, Meus Senhores, Gentis Senhoritas.

Neste mesmo local, numa noite assim como esta, há 25 anos, se instalava oficialmente "O CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS".

Sem a eloquência e o brilhantismo do orador oficial de então, que sem receio de errar podemos afirmar, que é a melhor obra literaria de D. Aquino Corrêa, o discurso da instalação do "CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS", que bem se rivaliza com os melhores sermões do Padre Antônio Vieira, sem essa eloquência e sem esse brilhantismo, quis a Academia Matogrossense de Letras, conferir ao mais obscuro de seus membros, essa honrosa missão, que é a de vir em seu nome agradecer ao Grêmio feminino de cultura — JULIA LOPES, esta festa duplamente festiva, por que só o sorriso de suas lindas sócias, já constitui uma verdadeira festa de graça e esplendor, como também, pela oportunidade e originalidade do seu programa.

Minhas Senhoras, Gentis Senhoritas.

Trago-vos em nome da Academia Matogrossense de Letras, o verdadeiro agradecimento, a verdadeira gratidão daquela alta Casa de Cultura a que tenho a honra de pertencer.

Eis, gentis Senhoritas, um sonho convertido em esplendida realidade. A 7 de setembro de 1921, a Academia era apenas um sonho de José de Mesquita. A Academia Matogrossense de Letras, tem sido para José de Mesquita, esse trabalhador infatigável, o mesmo sonho, tratado com o mesmo carinho, como o vosso Grêmio também o era tratado pela sua saudosa fundadora D. Bernardina Rich.

À ela tudo ou quase tudo deve o vosso Grêmio. A José de Mesquita, esse espirito brilhante de poeta, historiografo e contista, á sua cultura de escol, ao seu amor às nossas cousas e às nossas letras, á sua atividade, ao seu espirito coordenador, devemos, assim, podemos afirmar com inteira justiça — esses 25 anos de atividade cultural do nosso sodalicio.

Sim, porque acima de seus próprios interesses pessoais, põe José de Mesquita os interesses da Academia.

Como poeta, seus versos são uma mensagem de fé nas coisas do espirito, quando nos estimula de modo claro e expressivo ao trabalho abnegado e sem recompensa:

Ouçamo-lo:

Si a injustiça ou a torpeza te magôa,
no trabalho acharás tranquilidade;
— por eie a vida se te torna bôa
e da morte o receio não te invade.

Trabalha e has de notar que o tempo vôa,
cêlere e leve, em doce amenidade.
No trabalho acharás tua corôa
e te redimirás da atra maldade.

Si te louvam — trabalha! Si te ofendem
— trabalha! É do trabalho na harmonia
que os mais puros ideais na alma se acendem ..

Sonho, conforto, paz néle resumás
e seja-te o trabalho luz e guia
nesta noite de trevas e de brumas.

E, assim, o poeta ensina que só o trabalho dignifica o homem, quer seja ele, como no dizer de Napoleão I, o cetro ou a enxada.

Mas, José de Mesquita apenas aconselhou, como aconselham tantos poetas, em ninos e odes, o trabalho? Não, ele deu o exemplo e do seu trabalho, e do seu esforço nasceu há 25 anos o "CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS", que mais tarde se tornou Academia Matogrossense, que hoje é coroada de êxito e aplaudida pelo seu Jubileu de Prata.

25 anos! Percorrei, meus Senhores, as páginas da nossa Revista. Lançai um olhar retrospectivo no panorama das nossas letras, e então vereis todo trabalho realizado pela nossa Academia, nesse espaço de tempo, e isso tudo devemos unicamente a José de Mesquita.

Gentis Senhoras e Senhoritas do Grêmio Julia Lopes:

Bem compreende a Academia, o vosso gesto cortez. A homenagem que acabais de prestar à Academia por ocasião do seu jubileu de prata, nada mais é senão uma homenagem à Cultura Matogrossense. Porque a Academia tudo o que tem feito nesse espaço de 25 anos, visa apenas elevar o nome de Mato Grosso, difundir a sua cultura, trabalhar pelo seu engrandecimento.

Nesse elo estamos ligados pelos laços da cultura e do espírito. O vosso grêmio já nos deu duas de suas mais distintas e ilustres colaboradoras - D. Maria de Arruda Muller e D. Anna Luiza Prado Bastos.

Vossa finalidade é idêntica à da Academia, vossa mimosa revista bem sintetiza, já pelo nome, o símbolo da cultura feminina. A "VIOLETA", perfumada e discreta flor mimosa, símbolo mesmo de um Grêmio feminino de cultura, donde se evola um suave perfume, como no dizer do Soneto de D. Aquino Corrêa, "aromal, que ao sol descerra - as suas roxas flores pequeninas".

Através das páginas da vossa revista, ou melhor, através de suas pétalas que nos oferecem o perfume sutil dos inspirados versos da mais notável poetiza matogrossense Maria Santos Costa ou as crônicas brilhantes da sua culta diretora D. Maria Dimpina.

Entretanto, neste momento, que se celebra a festa da cultura, a festa da inteligência, de mais não seria, lembrar-vos aquela frase oportuníssima de André Gide: "A literatura nunca esteve tão viva quanto hoje. E, apesar disso, a cultura se acha ameaçada."

Sim, meus Senhores, estamos diante das ruínas de um mundo agitado pela maior conflagração de todos os tempos. Até bem pouco lutávamos de armas na mão pela nossa sobrevivência como país independente, e agora devemos continuar lutando pela nossa cultura, cabe-nos a responsabilidade de conservar as nossas tradições, prezar o nosso passado, cultuando a nossa história, amando o nosso idioma.

E se assim, agirmos, legaremos então as gerações vindouras, a integridade da Pátria, porque como disse o maior homem desse século - FRANKLIN DELANO ROOSEVELT "As artes que enobrecem e acrisolam a vida somente florescem numa atmosfera de paz.

As artes não podem prosperar senão onde os homens forem livres para serem sinceros consigo mesmo se para disporem da disciplina de suas próprias energias e emoções criadoras. As condições para a democracia e para a arte são uma e única. O que chamamos liberdade em politica resulta em liberdade na arte. Não pode haver vitalidade nos obras reunidas num museu a menos de existir o direito de vida espontanea na sociedade, pois é disso que as artes se alimentam.

Um mundo transformado num estereotipo, uma sociedade convertida num regimento, uma vida transmudada numa rotina, tornam difícil e sobrevivência tanto da arte como dos artistas. Esmagai a individualidade da sociedade e esmagareis igualmente a arte. Nutri as condições de vida livre, e havereis nutrido igualmente as artes.

Encorajando a criação e o praser das coisas belas, estamos impulsionando a própria democracia."

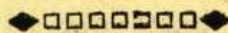
Portanto, cultivemos à nossa tradição, estimulemos à nossa cultura, que as gerações por vir bendirão o nosso trabalho, o nosso esforço.

Sim, porque, "uma raça, cujo espirito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiros", já sentenciava Ruy Barbosa. E, assim, Meus Senhores, só a cultura, mas uma cultura construtiva baseada em nossas tradições, e, não a falsa cultura dos demolidores alicerçada em perigosos "ismos, de que nos fala Alceu Amoroso Lima.

Façamos, portanto, para usar expressões do luminar discurso de D. Aquino Corrêa a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no tuturo nas grandes verdades que não passam.

Minhas Senhoras, Gentis Senhoritas.

Os agradecimentos da Academia Matogrossense de Letras.



A ROMARIA DA SAUDADE

VISITA AOS TÚMULOS DOS ACADEMICOS DESAPARECIDOS, NO CEMITERIO DA PIEDADE, A 6 DE SETEMBRO

O Discurso do Acadêmico Francisco Mendes

Sr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras.

Srs. Acadêmicos.

No conjunto das solenidades festivas do jubileu acadêmico de Mato-Grosso, entre as alacridades de íntimos regosijos, impõe-se o dever dêste ato, austro e merencóreo mas tocante e sugestivo, que é, na sua expressão categórica, a liturgia do respeito, a homenagem da saudade, forças sublimes do coração do homem, na evocação da memória daqueles que honraram a sociedade pelo saber, pela ação, pelo carater e pelo trabalho.

Há nos atos públicos a distinção espontânea e comovedora entre a fórmula exterior e a sua significação moral, a que se ligam as influências do momento e do local em que se realizam, atuando na sensibilidade do ser pela manifestação delicada que, só ao homem é dado sentir na marcha do tempo — a recordação dos que partiram para as regiões desconhecidas do além!

Nêste recanto, onde o silêncio é a demonstração do respeito, a saudade a essência do coração, e a préce a oblata mística a desprender-se das almas para as glórias altíssimas de Deus, ésta solenidade, na sua singelesa, é a sagração postuma com que a Academia Matogrossense de Letras honra a lembrança de ilustres cidadãos "que a terra sublimaram."

—«Para que um nome seja memorado no livro de ouro dos juizos contemporâneos, basta que alí o escreva — quantas vezes com sangue! — a fortuna ou o favor. Para que seja memoravel nos anais em que se regista a glória, è mister que, além da campa o estejam canonizando em clamores eloquentes, os próprios merecimentos pessoais.»

Senhores!

As ações humanas assinalam épocas universais com características marcantes, perpetuando feitos geniais nos diferentes processos de evolução social da humanidade.

Volvendo a vista para o passado histórico, veremos que, do século das conquistas guerreiras, ascendeu o espírito humano no cultivo da inteligência, de que se originaram os avanços oceanicos, com a descoberta de novos continentes, alargando o mundo pela civilização e engrandecendo o homem!

Se o espírito atingia então, com a cultura, os parâmetros benéficos da glória, na ansia desbravadora das forças do universo, com a compreensão da justiça e exaltação do trabalho, a índole dos povos, que diverge em consequência da própria constituição espiritual dos homens, produzia gênios evolucionistas, progressistas e construtores uns, belicosos e demolidores outros.

A época que vivemos, as incertezas do momento que presentiamos, com as profundas alterações sociais, decorrentes do confusão de idéias, atuando na constituição educacional dos povos, atestam eloquentemente o aserto.

O fenômeno sociológico do mundo moderno, com a avançada da inteligência vencedora das energias do espaço e do éter, com a desagregação do próprio átomo, estabelece para a civilização hodierna, a situação paradoxal de insegurança com a desconfiança dos povos, unidos por vínculos de falsos préconceitos básicos de liberdade e democracia.

A evolução social, com o seu caráter de continuidade, atua sobre as nações e os indivíduos, e, aquelas, como êstes, surgem e desaparecem, dando lugar ao aparecimento de novas energias com eficiência maior e mais ativa.

A organização social das nações, é problema cuja solução deve estar em harmonia com as condições mesológicas e étnicas do seu povo, e nunca em contradição com as suas tendências naturais, com os seus usos e costumes políticos, sua tradição religiosa e sua manifestação de crença e de fé.

A implantação de idéias alienígenas na estruturação das leis básicas de um povo, só pode produzir enquistamentos psíquicos incompatíveis e prejudiciais, porque, destrói a tradição, anula a história, abastarda os princípios, lança a cizania na mais pura e respeitável das instituições — a da família, vilipendiando a religião, estiolando a crença e todas as conquistas morais do povo, muitas vezes legadas com o sangue dos maiores, para a perpetuação da nacionalidade.

Essa tendência, infelizmente, vem se pronunciando no Brasil, criando entraves ao justo equilíbrio entre a organização político-econômica e a mentalidade do povo, num contraste chocante com a índole e a educação da nossa gente.

País de população rarefeita, com vias de comunicação deficientes, ainda mal preparado sob o ponto de vista educacional, para a verdadeira compreensão democrática e cristã, que é, de fato, o princípio em que se erigiu a nossa nacionalidade, não pode o nosso povo envolver-se em questões de natureza estranha á sua constituição íntima.

Com isso afirmamos, que a célula mater do princípio social do nosso país, está na instrução e educação do seu povo. Porém, educação no seu verdadeiro significado moral! Não basta aperfeiçoar a inteligência do homem á luz dos conhecimentos que ilustram o cérebro!

E' necessário preparar-lhe o caráter, a alma, o coração, o cêrno moral, para a compreensão exata do dever que lhe assiste no conjunto social.

Só com a educação, podem desaparecer da mentalidade brasileira os falsos princípios de domínio político de famílias, o culto das rivalidades e dos ódios ancestrais, para darem lugar às garantias dos direitos individuais, com o respeito aos altos interesses da coletividade, encarados na verdadeira realidade da terra.

Nêsse trabalho salutar, que é de salvação nacional, devem unir-se todas as ações sinceramente inspiradas nas obras do passado, que se ligam ás do presente pelo traço imarcessível das virtudes morais, e pelos exemplos dos que descansam na eternidade, depois de uma vida unvida de fé nos destinos grandiosos da terra comum.

É sob êste aspêcto moral, que a Academia Matogrossense de Letras, na comemoração do seu jubileu, canoniza os vultos queridos dos companheiros que partiram, colhidos na ceifa inexorável e certa, a que o homem não pode fugir. É com o "clamor eloquente dos proprios merecimentos e virtudes pessoais" dos companheiros que se foram, que ora desfolhamos no casulo dos túmulos, uma rosa de saudades, preto da nossa veneração e do nosso respeito, por tudo o que fizeram em benefício da sociedade, da da família e da Pátria.

Senhores!

Em 25 anos de vida do silogeu da cultura matogrossense, sete companheiros de ideal tombaram vencidos pela lei natural das transformações.

Tremenda ceifa!

Abre a série, logo no primeiro ano de existência da Academia, Leovegildo de Mélo, prematuramente arrebatado pela morte, encerrando-a, ás vésperas dos festejos jubilares, Ovídio de Paula Correia.

Seguem na série lutuosa, José Magno da Silva Pereira, João Cunha, Leonidas de Matos, Franklin Cassiano e João Barbosa de Faria.

Leonidas de Matos e João Barbosa, descansam eternamente no Cemitério de S. João Batista, na cidade do Rio de Janeiro, tendo a embalar-lhes o sono, o farfalhar das palmeiras imperiais e o marulhar das águas da Guanabara, entoando perenemente o cântico da natureza brasileira, que êles tanto amaram e enalteciram, sob as bênçãos vigilantes do Cristo Redentor no maciço informe do Corcovado. Outros, dormem no sossêgo respeitável deste Campo, ao lado dos ancestrais queridos, cujos túmulos também se abrem neste momento, para com eles receberem as preces da saudade, que sobem comunicativamente dos nossos corações, em emanações suaves, apenas percebidas nos arcanos da eternidade!

Leovegildo de Mélo, paulista de nascimento, cuiabano pelo coração, educador emérito, jornalista e orador aprimorado, alma nobre e devotada ao bem, foi o reformador da instrução em Mato-Grosso, a que deu feição renovadora.

José Magno, como Leovegildo, foi professor competente e dedicado, e, homem de administração, distinguindo-se também no jornalismo. Em todos os setores da vida pública e particular, honrou e dignificou o bom nome de Mato-Grosso.

João Cunha, foi a expressão genuína do caráter matogrossense, modesto e retraído, os traços predominantes do seu caráter, eram a dedicação ao trabalho e devotamento ao culto da amizade. Também professor, no início da sua vida pública, na administração, no jornalismo e na política, porém, concentrou toda a sua atividade, tendo honrado os mais altos postos que ocupou na administração do Estado.

Leonidas de Matos, advogado, poeta, jornalista e político, distinguiu-se no governo de Mato-Grosso, em cuja atuação, em momento sombrio da vida política do Estado, revelou-se enérgico no caráter, sereno na atitude, justo e magnânimo na ação, servida por uma probidade inatacável.

Franklin Cassiano, poeta, professor e jornalista, foi o exemplo da dedicação ao trabalho. Tombou lutando, pois, a luta, foi a força que sempre o animou em todos os momentos da sua vida, animando-lhe o espírito, que só fracassou diante do inevitável gênio, que a todos abate.

João Barbosa de Faria, fundador da Academia Matogrossense de Letras, professor e jornalista, homem de ciência, foi o exemplo da tenacidade e do estoicismo matogrossense.

Distinguiu-se de modo especial no ramo das ciências antropológicas, em que se tornou notável pelos trabalhos etnográficos que executou nos serviços da Comissão Ronson.

Ovidio Correia, cujo túmulo, ainda entreaberto na necrópole de Campo-Grande, onde fixara residência, está circundada pelo respeito, foi um bom e um justo. Professor e jornalista, o sua atuação vive na lembrança de todos. Homem público, foi a personificação da honradêz, no desempenho de importante comissão nos mais importantes departamentos da administração pública — o Tesouro do Estado e a Mesa de Rendas de Campo-Grande.

Aí fica, senhores, o traço moral da vida dos saudosos acadêmicos, cuja memória hoje reverenciamos.

Vale notar-se, deixaram a terra como viveram, pobres mas honrados. Muitos dêles, não obstante as posições transitórias de mando, que exerceram tendo, mesmo em situação discricionária do poder, oportunidade para auferirem proventos materiais que lhes assegurasse vida farta, preferiram a pobreza, mantendo-se limpos na honra e na dignidade, perpetuando os exemplos dos maiores e legando aos coêvos, éssa nobresa moral, que deve nortear os homens públicos — a probidade nas ações, com a dignidade no vivêr.

Éssa a maior glória a enflorar a respeitabilidade da missão acadêmica, na cultura do bélo e do ideal, com a perpetuação de exemplos dignos de imitação.

Mas, senhores, não perturbemos o sono dos bons, o descanso dos justos!

Ergamos em silêncio, à magestade dos Céus, nésta data em que as aspirações de liberdade e democracia palpitam altivamente nos corações dos brasileiros, as nossas orações, com a pureza da fé e o supremo sentimento de sinceridade, para que subam junto ao Altíssimo, implorando pela felicidade da nossa terra!

Para que, lá no Céu, entre confiadamente a nossa suplica, e lá se levante a nossa vóz!

Com o coração firme na esperança grandiosa do Brasil e de Mato-Grosso, elevemos o pensamento, no silêncio respeitoso destes túmulos, lembrando a memória dos que honraram a terra, e-naltecera a família, dignificaram a nossa tradição e cultuaram o legado que receberam e nos confiaram.

Ergamos a nossa vóz, em oração a Deus, pela Paz do nosso povo, pela perpetuação do nosso regime, pela prosperidade da nossa querida terra, pela união indissolúvel de todos os espiritos, ligados pela força inquebrantável da confiança mútua, com a promessa solene, de transmitirmos intacto, aos posterios, o legado que recebemos dos nossos maiores.

Ésse o juramento que fazemos, com confiança em Deus e nos destinos futuros da nossa Pátria.

O DISCURSO DO INTERVENTOR DR. JOSÉ MARCELO MOREIRA (*)

Encerrando a sessão solêne de posse e recepção dos academicos D. Ana Luiza Prado Bastos e Des. Francisco Bianco Filho, a 6 de setembro, no Palacio da Instrução, o Interventor Federal no Estado, Dr. José Marcelo Moreira proferiu a seguinte expressiva oração:

“Exmo. e Revdmo. Sr. Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa, dignissimo Presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras.

Exmo. Sr. Presidente da Academia.

Exmas. Autoridades Federais e Estaduais.

Senhores Academicos.

Exmas. Senhoras e Senhoritas.

Meus Senhores.

Duas palavras apenas: duas palavras despreziosas, como convem ao cidadão, quasi jejuno em assuntos literários, que, de um momento, para outro se vê elevado, por um desses inexplicáveis caprichos da sorte, ao alto cargo de Interventor Federal no Estado, e que, por essa circunstancia toda eventual, está na obrigação de proferi-las, para encerrar esta festa de inteligência, de cultura e da mais pura espiritualidade.

Vivemos, meus senhores, uma época agitada de renovações, em todos os campos da atividade humana. Velhos preconceitos, antigas fórmulas, praxes consagradas pelo tempo, tudo vai desaparecendo, para dar lugar a novas concepções e novos métodos, nem sempre melhores, mas que tem o mérito de serem modernos.

Hí, entretanto, nas cousas da cultura e da arte, como igualmente na vida, que de ambas é nutriz, um cerne fecundo, um sentido nuclear e eterno, alimentando por isso mesmo tais manifestações multifárias e formas renovadas.

O que caracteriza mesmo o homem em face do cosmos, em contraste com outros seres tambem capazes de viver e de agir, é precisamente essa capacidade de possuir um passado, uma

(*) Os discursos dos academicos e dos recipiendarios, Des. José de Mesquita e Prof. Philogonio Corrêa, serão publicados no proximo numero da Revista, correspondente ao ano de 1947.

tradição, — numa palavra, — de ter e produzir uma cultura, sendo esta, no dizer lapidar de Simmel, uma provisão de espiritualidade acumulada no decurso da história e vivida pelo proprio homem que a cria e a mantem, através de todas as perenes transformações de que o tempo é fator.

Não precisaria ir longe, para ter, num exemplo eloquente, a expressão concreta do que acabo de dizer.

Esta Academia de Letras aqui está, flor bellissima e semente fecunda; flor do trabalho intelectual dos nossos passados, e semente de exemplos e de estímulo às gerações porvindouras.

Sim, nesta Casa do Barão de Melgaco, sempre renovada de valores legitimos, sempre em dia com os progressos do saber, sempre produzindo novas formas de arte, novas manifestações de poesia, nesta Casa se cultiva a literatura em seu sentido profundo e nobre, de estudos severos e desinteressados, de "honesto estudo", como o queria o vate imortal, de carinho pelas tradições dos grandes mestres, que são esses nomes venerandos que patrocina as 40 cadeiras da Academia, nomes que ecoam aos nossos ouvidos como outros tantos nomes vivos da nossa história literária, afirmando que Mato Grosso tem vivido dois séculos de atividade espiritual, de labor mental, nos domínios da ciência e das letras.

Permiti que evoque aqui, alguns deles, com respeito e com júbilo, os nomes de Amancio Pulquerio, de Antônio Corrêa da Costa, Augusto Leverger, Couto de Magalhães, Padre Ernesto Camilo Barreto, Padre Armindo de Oliveira, João Severiano da Fonseca, Mendes Malheiros, Joaquim Murtinho, Jose Estevão Corrêa, José Tomás de Almeida Serra, Antônio Tolentino de Almeida, Ramiro de Carvalho e outros não menos illustres e expressivos, que todos nós trazemos de cór, e que aprendemos desde cedo a justamente venerar e admirar.

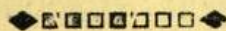
Nomes e obras, profundas ou brilhantes, aqui são cultivados religiosamente pelos illustres acadêmicos que, hoje reunidos, comemoram o 25.^o aniversário da criação deste colendo sodalicio.

Vivendo no culto e no exemplo do passado glorioso, esta Academia vai tambem realizando novos padrões de glória no presente, e ai estão, como indices legitimos, os nomes de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita, ambos poetas e prosadores eméritos, ambos grandes nomes das letras nacionais, *arcades ambo*, que presidem e animam os trabalhos desta agremiação cujos frutos esplendidos se acham nas páginas da sua brilhante Revista, nos volumes da estante matogrossense, nas produções em verso e prosa da lavra de todos os demais academicos, que enriquecem e dignificam a vida científica e literária do nosso Estado.

A todos, pois, as palmas desta noite.

E ao terminar, congratulo-me com Dom Aquino Corrêa, com José de Mesquita e com todos os ilustres Membros da Academia Matogrossense de Letras, fazendo votos pelo crescente triunfo e progresso desta Casa, que honra a cultura não só de Mato Grosso, mas também a cultura do Brasil.

Está encerrada a sessão. ”



A L O C U Ç Ã O

proferida pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa,
Arcebispo Metropolitano de Cuiabá e Presidente de Honra
da Academia Matogrossense de Letras, após a Missa
que celebrara em ação de graças, pelo Jubileu de
Prata da mesma Academia, na catedral da-
quela cidade, aos 7 de Setembro de 1946

Senhores Acadêmicos !

Acabo de reler, como em todas as Missas, mas hoje com particular comoção e enlêvo o sublimíssimo prólogo do evangelho de S. João, aqueles quatorze versículos, dos quais pensava S. Agostinho que se não deveram escrever, senão em letras de ouro.

Revela-nos aí o excelso evangelista a eternidade do Verbo de Deus, dizendo: “No princípio era o Verbo”. *In principio erat Verbum*. Notai a força da expressão, no princípio; princípio, não só de todas as coisas e todos os tempos, antecomeço de todas as eras; mas no princípio de todos os princípios, no princípio sem princípio, no princípio de todo o passado mais incomensurável que imaginar se possa, nesse princípio já era e existia o Verbo. É este Verbo, outro não é que o Filho de Deus, assim chamado, porque não nasceu, como nascem os corpos, mas como nasce o pensamento, o verbo ou a palavra interior, no recesso inviolável dos nossos espíritos.

E depois de discorrer com as suas altaneiras e possantes asas de águia do Novo Testamento, pelos eternos e arcaníssimos atri-

butos do Verbo, conclui atestando que Êle “se fez carne e habitou entre nós”: *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis.*

Se o Filho do Altíssimo se dignou humilhar-se tanto, a ponto de assumir carne humana, não será falta de reverência, nem de propósitos que nesre místico ambiente, sentindo ainda os eflúvios inefáveis do Sacrifício eucarístico, procuremos, na humildade da nossa tímida contemplação, meditar sôbre as altíssimas analogias, que vão entre o Verbo de Deus e o verbo do homem

Não podia o ensejo ser mais oportuno, nem mais solene, pois aqui vemos a Academia Matogrossense de Letras, que reúne em douto silogeu, toda a intelectualidade conterrânea, vemo-la que ao celebrar o seu jubileu de prata, aqui vem agradecer a Deus, diante dêstes evocativos altares da velha Sé metropolitana, os seus 25 anos de indefessa atividade em pról da nossa cultura. Nada, de fato, mais interessante a uma academia de letrados, do que alguns momentos serenos de reflexão sôbre o verbo, ou seja sôbre a palavra, que é bem a matéria mais prima e preciosa da obra literária, semente, como lhe chama o Divino Mestre, *semen est verbum*, semente fecunda e brilhante de toda a literatura, da mesma forma que, se lícira é a comparação, o Verbo de Deus é causa de tudo, que existe: “Todas as coisas, diz aí o inspirado autor, todas as coisas foram feitas por Êle, e nada do que foi feito, foi feito sem Êle”. *Omnia per Ipsum facta sunt, et sine Ipso factum est nihil quod factum est.*

Senhores !

As profundas afinidades dêsse Verbo divino com o pensamento humano, é por onde melhor se nos esclarece o mistério da Santíssima Trindade, isto é, dum só Deus em três distintas Pessoas, mistério augusto, que outra coisa não é, senão um Deus, que em se conhecendo a si mesmo, gera o Verbo ou a Pessoa, que é o Filho; Pai e Filho, que se amando mutuamente, fazem que d’ái proceda o Amor, ou a terceira Pessoa, que é o Espírito Santo.

São, como vêdes, as mesmas funções espirituais e nobilíssimas da nossa alma: conhecer e amar, com a infinita diferença, porém, que tanto o nosso verbo ou palavra mental, quanto o nosso amor, são apenas acidentes, que não subsistem em si mesmos, ao passo que em Deus, o Verbo e o Amor são subsistentes como Êle, são Pessoas distintas, mas apesar de tudo, um só e mesmo Deus.

Êste é o mistério, êste o abismo de luz, que para nós são trevas; êste o sancta-sanctorum da divindade, onde se não penetra; esta a divina realidade, que imensamente superior, mas não contrária à razão, os mais lídimos sábios adoram em silêncio, no êxtase do espírito ante as culminâncias da verdade.

Deixando as profundezas vertiginosas dessa "luz inacessível", como a chama São Paulo, consideremos apenas as excelências da palavra humana, nas gloriosas semelhanças que tem e deve de ter, com o Verbo Divino.

Senhores!

Assim como o Espírito de Deus gerou êste Verbo, desde toda a eternidade, "antes da estrêla d'alva", *ante luciferum*, na frase poética dos Salmos; assim também o espírito humano tem as suas gerações, porque tem as suas concepções e os seus conceitos: são os partos luminosos da mente, donde nascem, como estrêlas, as idéias, isto é, o verbo ou a palavra interior, esta luz, este fogo do céu, muito mais verdadeiro que aqueloutro, do qual narram as fábulas que Prometeu arrebatara aos deuses do olimpo. Do Verbo de Deus, assim gerado, afirma o nosso alcandorado hagiógrafo, que "nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens" *in Ipso vita erat, et vita erat lux hominum*, e que depois de humanado, foi visto entre os homens, "cheio de graça e de verdade", *plenum gratiae et veritatis*.

Ó Verbo de Deus! Palavra sempiterna de vida e de luz! que te encarnaste no tempo, cheia de graça e de verdade! Quanto não têm que aprender em ti os homens de letras, que eu gostaria se apelidassem antes homens, não só de palavra, da palavra mental e oral, da palavra falada e escrita! Como lhes ensinas a prezarem essa palavra, cujas misteriosas origens se aproximam tanto da tua adorável deidade!

Senhores!

Admiremos as maravilhas dessa palavra, da qual se serviu o Onipotente, para criar e salvar o mundo, palavra, que é o Verbo de Deus encarnado no Messias, palavra, que é ainda o Verbo de Deus, sempre vivo no magistério infalível da sua Igreja, vivificando a letra morta das Escrituras, e autenticando as tradições cristãs da verdade.

Tal é a nobreza olímpica da palavra, que S. Paulo denominou "gládio do espírito" *gladium spiritus*, arma muito mais poderosa que toda a panóplia de Aquiles, arma, que embora se deva sempre manejar com as luvas de pelica e as elegâncias do florete na esgrima, tem e há de ter, por vezes, as fulgurações da espada flamejante e vibrátil do querubim do Gênesis, para defender contra os sicários dessa mesma palavra, contra os que dela sacrilegamente usam e abusam, o caminho sagrado, que conduz as almas à sombra beatífica da árvore da vida: *ad custodiendam viam ligni vitae*.

E basta abrir a primeira página da Bíblia, para ouvir, na solidão tétrica e muda do caos pré-histórico, a mais estupenda epopéia do verbo e da palavra.

“A terra: como aí se lê, era vã e vasia, e as trevas pairavam sobre a face do abismo”. Era o vácuo insondável e sombrio! trevas e abismos! horror sôbre horrores!

Mas, de repente, ecoa em toda aquela formidável massa bruta e amorfa, a primeira palavra que os séculos jamais escutaram. “E disse Deus: faça-se a luz!” *Fiat lux!*

Ao poder incomparável desta palavra, que se repetiu, dia a dia, através do hexaêmero prodigioso da criação, tudo se transfigurou nesta ordem, nesta harmonia e nesta formosura, a que os gregos deram justamente o nome de cosmos: a luz resplandeceu; sorriram as cores nos mais variegados matizes; desabrocharam as flores; o mar ostentou a sua magestade, ora coroada de lírios, ora de tempestades; começaram a mover-se na terra, no ar, nas águas, por toda parte, miríadas de animais de inúmeras espécies; e no firmamento côncavo e azul, equilibrou-se o mundo grandioso dos astros, em cuja imensidade naufraga e desmaia a fantasia: *verbo Domini caeli firmati sunt*. Ó admirável onipotência da palavra!

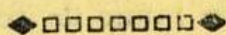
E vós, Senhores Acadêmicos, vós que sois artistas dessa palavra, sêde também seus cavaleiros e apóstolos. E para isto, fazei com que o vosso estilo, a vossa palavra, o vosso verbo, à imitação do Verbo de Deus, se mostre sempre “cheio de graça e de verdade”: *plenum gratiae et veritatis*. Verdade no pensamento, e graça na forma, que se envolva em todos os aynavios duma linguagem vernácula, cristalina e harmoniosa; verdade para dissipar as trevas do êrro, e graça para inspirar os entusiasmos santos pelo bem; verdade para iluminar as consciências, e graça para confortar as vontades no cumprimento dos deveres, não raro árduos, para com Deus, para com a Pátria, para com a Família, para com todos.

Se assim fizerdes, poreis também em prática o lindo conselho do Apóstolo, quando exorta a que o nosso discurso seja sempre adubado com o sal da sabedoria e com as graças da virtude e da palavra, ou como se diria antigamente, temperado em sisos e graças: *sermo vester semper in gratia sale sit conditus*.

Tais são os votos que, nesta hora litúrgica de ação de graças, deponho no altar da Virgem Imaculada da Aparecida, Padroeira do Brasil, cuja festa se entrelaça hoje, tão sugestivamente, às festas da Pátria, para a bênção de Deus conserve a nossa Academia, sempre digna do supremo ideal, que, há cinco lustros o humilde contrade, que ora vos fala, teve a honra de apontar-lhe, como fúlgido horoscópio sôbre o seu berço em flor: o anseio da beleza — *Pulchritudinis studium habentes*.

Esta beleza é exatamente a que irradia da verdade e da graça, porquanto a beleza mais não é, no dizer de Platão, que o “ex-

plendor da verdade”, *splendor veri*, e no sentir de S. Agostinho, o “esplendor da ordem”, *splendor ordinis*, ordem, não tanto material, quanto moral e jurídica; ordem da justiça a da caridade, que só a graça de Deus estabelece, mantém e consolida; ordem da qual florescem a paz, o progresso e a felicidade dos povos, vale dizer o mais elevado, urgente e vasto programa, a que possam aspirar as vossas belas e egrégias letras.



“A PÁTRIA E A ACADEMIA”

Palavras de abertura pelo Presidente Desembargador José de Mesquita

Comemoramos, hoje, juntamente, as festas da Pátria, no seu maior Dia, que é o da Independência, e as solenidades jubilares da Academia Matogrossense, no 25º aniversário do seu fecundo existir.

Essa feliz coincidência permite e favoriza oportunas considerações em tórno dessas duas entidades, que se conjugam, completam e integram, na mais viva simbólica e no mais expressivo paralelismo — a Pátria e a Academia. Vêmo-las e sentimo-las viver e palpitar, no isocronismo do mesmo culto e na unissonância do mesmo amor. Pátria e Academia são idéias que representam para nós só pensamento, conjugadas pela mística de nossos afetos e exaltadas na litúrgica veneração cívico-religiosa de idêntico entusiasmo.

A Pátria que desejamos sempre mais próspera e respeitada, o que só se conseguirá através da maior disseminação da cultura. A Academia que aspiramos sempre mais operante e benquista, o que só se logrará através da maior impregnação dos ideais sadios e superiores de brasilidade. Do mesmo passo que a Pátria cresce e avança pelo progredimento das Academias, focos vivos e imensos de Cultura e compreensão espiritual, a Academia se engrandece e alarga o seu campo de ação ao influxo vivificante dos sentimentos nacionalistas e patrióticos, que lhe constituem o cerne, a substância medular. As duas festas, destarte, quase se confundem em uma só e única festividade: honramos a Pátria, nos louros da Academia, coroada por êste quartel magnífico de século, cheio de

trabalhos e realizações; celebramos a Academia, nascida na data máxima da Pátria, como a sua mais alta expressão cultural, nestas maravilhosas paragens do ocidente brasileiro. Pátria e Academia — como se associam tão bem, meus senhores, estas duas expressões, provindas dos mesmos assomos da alma nacional, alentadas aos mesmos bafejos e inspiradoras dos mesmos ideais! Que o transcurso desta duplamente gloriosa efeméride, tão cheia de inefáveis emoções, nos arraigue no espírito êsses nobres propósitos de tornar a Pátria sempre maior pela Cultura e a Academia sempre melhor pelo civis.no consciente, fazendo daquela o tronco vicejante e secular de que abrolham as frondes agazalnadoras da Liberdade e da Inteligência, desabrochando na Academia — flor mimosa e garrida, que trescala e sorri, na magia das seus encantos vintaneiros; fruto opimo e succulento, que reçuma a doçura outonal, no seu sabor de profunda e intensa brasilidade.

— o —

Precisaria dizer-vos, Senhores, da minha comoção indizível, neste instante venturoso de minha vida, em que verifico à justa a verdade daquêle belo conceito de J. Nabuco — que atribui ser o destino feliz do homem realizar, na idade madura, o sonho da mocidade? Porque certamente foi um grande sonho êste que afaguei largo tempo, que procurei, desde os albores da vida, objetivar e que vejo, agora, transformado na mais explêndida realidade. Chamou-se Clube Minerva, em 1907; Grêmio Olavo Bilac, em 1908; Centro de Letras, em 1921, tomou várias formas e nomes diversos, mas, que na sua nebulosa já ocultava a irradiação dêste astro que hoje vemos esparzir seus raios luminosos e benéficos sôbre todo o nosso Estado e até fora dêle e dos lindes mesmo do país. Resultante do esforço conjugado de tantas inteligências, nessa estupenda motorização das vontades; a serviço dos mais nobres ideais, certo que si não há como envaidecer-se de haver sido um dos primeiros, posso bem me orgulhar de ser um dos últimos, o que, em tarefa maioríssima, já é honra desmesurada e sem par.

— o —

A Academia venceu, Senhores: isto nos basta, satisfaz e conforta. O embriãozinho, a crisálida, o botão de 25 anos atrás é, nesta radiosa noitada de Vitória, o favo destilando os meles mais suaves e succulentos, o fruto opimo de que degustamos a doçura vitamínica e boa. Para chegar a esta fase gloriosa de triunfo, muito Calvário teve de subir, muitas Tarpéias contornou, até galgar o seu Capitólio. Para que recordá-los, porém? O mal, a ignorân-

ci), a incompreensão são sombras "recuando ante a invasão do sol", no dizer do Poeta. Lembremos, sim, tôdas as almas e as mãos piedosas dos Cirineus e Cirinêas que nos auxiliaram na árdua ascensão e os corações bondosos e mentes compreensivas que sentimos pulsar e fremir ao nosso lado, companheiros da mesma falange, milicianos do mesmo vexilo, uns aqui conosco, outros já absorvidos pela grande sombra, que é também, para os bons obreiros, a grande Luz, e para todos êles o preito comovido do nosso reconhecimento e da nossa saudade. E com esta certeza da vitória, asperamente conquistada, desde os incertos alvoreceres de 21, outra consoladora convicção nos alegra e nos alenta — a de que a Academia continuará, pelos tempos afóra, quaisquer que sejam êsses tempos, pois vêmos nessa magnífica turma da Juventude, a "ala dos namorados" da arte que prosseguirá a obra começada.

Já receio nenhum pode inspirar-nos a continuidade da Academia e a sua sobrevivência — que é o anseio natural da alma humana.

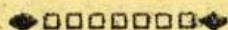
Tão certo — meus senhores — que a Cultura, irmã gêmea da Liberdade, superará as forças negregadas da incultura e da opressão e, na frase profética de Bilac, referindo-se aos inimigos do Pensamento e da Beleza:

... "é em vão que as fôrças cansa, e á luta se atira em vão." pois, podemos repetir, confiantes, como o hino da vitória, o *pean* magnífico da Academia Matogrossense:

"Não morrerás, Deusa sublime!
Do trono egrégio
assistirás intacta ao crime
do sacrilégio ...

Senhores Acadêmicos:

A primeira grande batalha está terminada e ganha. Avante, para a frente, por Deus, pela Pátria, pela Academia, que o mesmo é dizer — pela Cultura e pela grandeza de Mato-Grosso e do Brasil!



DISCURSO OFICIAL, PROFERIDO PELO 1.^o SECRETARIO DA ACADEMIA PROF. PHILOGONIO CORREA

Exmo. Snr. Interventor Federal.

Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo Presidente de Honra da Academia.

Exmo. Snr. Des. Presidente do Tribunal de A. do Estado.

Exmo. Snr. Presidente da Academia de Letras.

Exmo. Snr. Comandante do 16. B. C.

Exmo. Snr. Presidente do Conselho Administrativo do Estado.

Presados confrades.

Exmas. Senhoras. Meus senhores.

O progresso notado no movimento literário matogrossense durante os últimos vinte e cinco anos da nossa atividade cultural, é consequencia lógica e benemérita da formação do nosso illustre sodalicio de letras, que hoje completa um quarto de século de vida. Agremiando, para as tertúlias do belo e da arte, uma distinta pleiade matogrossense dos nossos mais destacados e estudiosos cultores da palavra escrita e falada, o antigo Centro Matogrossense de Letras, evoluido depois, na sua ascensão brilhante para a atual Academia Matogrossense de Letras, tornou-se, com justo orgulho para todos nós, o núcleo poderoso de irradiação de luz pujante e viva para todos os quadrantes do nosso querido Estado. Arvore já frondosa e amiga, de frutos saborosos e delicados, á sua sombra acolhedora e calma, cavalheiresca e incentivadora, procuram abrigo seguro e tonificante os que, castigados pela fúria dos ventos inconstantes e vários na jornada áspera da vida, têm ainda a alentar lhes, para novas etapas de marcha vanguardeira, a chama viva do ideal, que não bruxoleia, e a música encantadora da poesia, que é sempre nova e sedutora para os que sabem vibrar pelo sentimento.

Serão muitos os que, escravos de interesses grosseiros tendo a serviço do estomago o cérebro e o coração, não tenham elevação bastante para compreender a dedicação dos que se entregam, nesta casa, aos torneios do espirito, ao nobre esgrimir do verso e da eloquência. Outros, entretanto, os que se alcandoram até as alturas do Parnaso, Prometeus desagrilhoados, livres das cadeias do utilitarismo rasteiro, esses, estão sempre entre nós, aplaudindo as nossas boas iniciativas, animando os nossos esforços louvaveis, dando palmas a esse quarto de século de lutas, que será sempre o nosso orgulho.

Esses últimos sois vós, os frequentadores assíduos das nossas festas, os efetivos no salão da Casa Barão de Melgaço, os atestados vivos da nossa cultura literária e artística.

Vós, da nossa esclarecida assistência, sois outros tantos patronos das cadeiras da nossa sociedade, complementos dessa galeria nobre de varões ilustres que nos estimulam com os seus exemplos e nos ensinam com o seu saber.

Dos nossos frequentadores amigos e assíduos, hão de sempre ser destacados os exímios interpretadores da bôa música e os declamadores que animam a nossa tribuna, dizendo, com alma e graça, as estrôfes magistraes de cantores consagrados, que bebem inspiração elevada em nossa natureza sempre nova e sempre bela e nas páginas da nossa história, téla onde se projetam dois séculos gloriosos de trabalho hercúleo e de heroísmo patrióticos, praticados em defesa do Brasil e de Mato Grosso. E a acolhida, em gráu sempre crescente, nos traz novo alento, para continuar a obra a que nos propuzemos, obra edificante pelo seu mérito e nobre pelos seus fins.

Já não são ouvidas certas alusões demolidoras e injustas que procuraram diminuir a nossa marcha dos primeiros anos. Também a gloriosa Casa de Machado de Assis teve inimigos no início da sua vida; a sua obra edificante venceu o pessimismo da descrença, transformando em admiradores os desafetos gratuitos.

Assim também, muitos dos que hoje estão cónosco, trabalhando com confiança e ardor e em perfeita comunhão de pensamento, pelo realce do nosso programa, acreditavam pouco em nossa atividade. Capitularam, mais tarde, nobremente vencidos pela realidade.

—o—

Hoje os salões augustos Petit Trianon recebem com festas a pessoa ilustre do nosso Presidente Honorário, em aplaudida ascensão para a imortalidade, nobre no seu apostolado, irrepreensível no manejo da palavra escrita e talada, profundo conhecedor da lingua enobrecida pelo gênio de Ruy Barbosa, elegante e terso na tribuna sagrada e profana, cada vez mais confiante nas grandezas e nas possibilidades do Brasil e de Mato Grosso.

De projeção irradiante, até muito longe continua D. quino Corrêa dedicando à nossa Academia, a mesma proteção paternal dada, como Presidente de Mato-Grosso, à fundação e à vida do antigo Centro Matogrossense de Letras, enriquecido, desde o berço, com a valiosa dádiva de "Terra Natal".

Caminhando a seu lado, sempre crente e dinâmico, vem o nosso Presidente efetivo, a alma viva e a razão de ser do nosso

sodalício, jornalista incansável, orador fluente, poeta fecundo, regionalista premiado pela Academia Brasileira de Letras, quando retratou fielmente o tradicionalismo da nossa gente com a publicação de "Espelho d'almas". O bom nome da Casa Barão de Melgaço e o recrutamento, cuidadosamente selecionado, dos nossos sócios correspondentes e dos novos componentes do nosso quadro social, atestam com eloquência, o carinho inteligente dispensado por José de Mesquita á sociedade que preside, para impulsionar o seu sempre crescente progresso. As comemorações destes últimos dias, bastariam para consagrar, definitivamente, o mérito do nosso orientador de sempre.

Reclamado pelos centros de cultura da Capital da República, deixou a nossa convivência diária e inesquecível, para êle e para nós, o primeiro vice-presidente do Centro Matogrossense de Letras, Virgílio Corrêa Filho, indo continuar, no Rio, a sua vida de polígrafo infatigável e erudito, iniciada com as "Notas à margem", continuada com a publicação de "Mato-Grosso" e de "Pedro Celestino" e prolongada com as suas magistras colaborações no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de cuja direção é hoje componente, e com as domingueiras colaborações nas consagradas colunas do "Jornal do Comercio".

A êle, como auxiliar máximo do Interventor Antonino Mena Gonçalves, devem o Instituto Histórico de Mato-Grosso e a Academia Matogrossense de Letras, a doação oportuna e valiosa da "Casa Barão de Melgaço". A sua invejável capacidade de trabalho, o seu cuidadoso método de pesquisas, o seu amor á verdade dos fatos narrados, a sua superior erudição e o seu estilo com propriedade, credenciam o nosso confrade ausente como uma das colunas mestras da Academia Matogrossense de Letras.

Lamartine Mendes, da nossa primeira diretoria, é outro ausente do nosso meio, reclamado pela vida ativa de S. Paulo. Há de, entretanto, viver sempre connosco, com a sua alma de poeta consumado, revelada nas elevadas lições de — "A palmeira".

Ulisses Cuiabano é dos nossos velhos companheiros dos dias de dúvidas e incertezas, de esperanças e de vitórias. Poeta de inspiração e prosador de muita leitura, é o pioneiro do nosso folque-lore. Para êle não têm segredos o costume do nosso cabloco, a poesia das nossas lendas e a história das nossas velhas povoações. Periodista encantador, professor proferido pela rádio-emissora "A Voz do Oeste", de vida ainda curta mas já necessária ao nosso meio, para as palestras quase diárias, com o nosso povo; nem a frieza do trato com os algarismos, no comércio, nem as preocupações burocráticas e nem o seu esforço na cátedra de docente ilustre, têm forças para enfraquecer a sua rígida têmpera de intelectual e de leitor assíduo das melhores novidades literárias saídas das livrarias.

Estevão de Mendonça, mesmo velho e doente, continua sempre digno da autoria das "Datas Matogrossenses", magníficas efemérides da nossa história, publicadas em comemoração ao bi-centenário de Mato-Grosso, sobre o auspício da administração de D. Aquino Correa, do ninguieiramente continuadas em "Cousas de antano", nas colunas de "O Estado de Mato-Grosso" vitoriosa e utilíssima iniciativa do nosso confrade Arquimedes Lima. Madrugador inveterado, quando o sol nasce, já o autor do "Quadro Corográfico de Mato-Grosso" tem prontas as suas tiras de colaboração, escritas com calma ponderada, com aquela letreirinha miuda uniforme e inconfundível, muito semelhante à caligrafia de Coelho Neto.

Antonio Fernandes de Souza, companheiro de Estevão de Mendonça na redação de "O Arquivo", revista destinada á divulgação dos documentos históricos do Estado, é o autor criterioso de "A invasão paraguaia em Mato Grosso", o investigador paciente da vida da provincia no tempo de Luiz d'Alincourt, assíduo membro da Diretoria nos primeiros tempos da vida da nossas sociedades culturais. Impiedosa cegueira afastou-o da atividade das letras e do nosso convívio. Como Mont' Alverne, êle já não vê as galas do nosso santuário.

Cesário Prado, o prosador escoreito, êmulo de Alcindo de Camargo, foi roubado á nossa convivência por imperativo da sua profissão. Continua no Rio, a sua eficiente atuação, agora como um dos nossos representantes junto á Federação das Academias de Letras, onde vem se mostrando á altura dos esforços superiores de Virgilio Corrêa Filho e do pranteado confrade João Barbosa de Faria.

Cesário Neto e Nilo Povoas, professores abalisados da lingua vernácula, destacados entre os mais acatados filólogos brasileiros, honram com o seu saber, a classe do magistério. De perto acompanham os seus exemplos as elocubrações gramaticais, dos nossos confrades Celestino Corrêa Pina e Severino de Queiróz.

José Raul Vilá, depois de compor a Rondonia, de tão boa aceitação, foi afastado do convívio das musas pelas suas duras atividades profissionais no Banco do Brasil.

Otávio Cunha e Augusto Cavalcanti, magistrados e poetas de grande inspiração, estiveram sempre entre nós, intercalando, aos exames dos autos para julgamento, a feitura de versos magníficos. O primeiro é, ainda, jornalista vibrante e fogoso orador.

D. Ana Luiza Prado, professora de mérito e periodista cuiabana, foi escolhida para o nosso gremio como um dos expoentes intelectuais da mulher matogrossense. Mudando de residência, foi substituída por D. Maria de Arruda Müller, poetisa delicada, cro-

nista elegante e oradora ponderada e sincera, que soube sempre encontrar, nas horas de lazer, entre os afazeres domésticos cotidianos, momentos de recolhimento e de inspiração dedicados á prosa de escritora fluente, e ao verso ditado pelo coração.

Palmiro Pimenta, dono de uma das bibliotecas melhor selecionadas no meio cuiabano, aperfeiçoou a, no constante munus dos livros, o seu belo estilo de escritor delicado e de orador elegante. Auxiliou sempre, na vice-presidência d'esta Academia eleito em substituição a Virgílio Corrêa Filho, a superior orientação dos nossos trabalhos.

Oscarino Ramos, filho da fronteira oeste matogrossense, tem, para os seus versos e para a sua prosa, o mesmo calor da terra que conservou o apelido do grande Luiz de Albuquerque. Os seus versos e os seus discursos espelham a sua organização literária.

Amarílio Novis, elegante no porte, no vestir e no dizer, mordaz manejador do epigrama, quando fala ou quando escreve, é uma bela inteligência servida por verve inesgotável. "Não sou do centro; sou do balancim", respondia galhofeiro, quando era perguntado se fazia parte do "Centro de Letras". Hoje está entre nós como orador festejado e jornalista de folego.

Olegário de Barros é muito amigo da leitura, fator principal da elevada erudição que nele admiramos. Erudito como é, fala com a eloquência de um perfeito orador, escrevendo com recursos que facilitam a perfeição. Com José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Otavio Cunha, Augusto Cavalcanti, Oscarino Ramos, Amarílio Novis e Alírio de Figueiredo, forma a brilhante constelação dos juristas que sabem alternar o equilíbrio da balança da Justiça com o tanger da lira de Pindaro.

Francisco Ferreira Mendes, com os seus contos nacionalistas é o fiél retratista dos nos nossos costumes sertanejos, constante animador do nosso toledorismo, quando, com frequência, ocupa nossa tribuna. Devotado aos problemas do ensino, projetou até Goiania em congresso memorável de educação, o bom nome do nosso magistério, ali atestado pela sua apreciada memória.

Benjamim Duarte Monteiro, Gervásio Leite, Arquímedes Lima e Rubens de Mendonça, os derradeiros recebidos na Academia Matogrossense de Letras, são oradores da palavra facil e atraente, jornalistas combatentes e experimentados. Os dous ultimos, já reuniram em livros bem aceitos, os frutos das suas pesquisas e dos seus estudos sobre os nossos poetas e sobre as possibilidades matogrossenses

Luis-Philippe Pereira Leite, também ultimamente recebido

entre nós. não podia desejar melhor elogio do que aquele lhe foi dedicado pela palavra autorizada do seu paraninfo.

Isac Povoas, antigo e valente combatente do jornalismo indígena, catedrático de literatura, tem nome feito nas luras da imprensa partidaria, periodicamente desencadeadas entre nós. De linguagem veemente e limada, acusa com destemor e defende com ardor sincero.

Rosário Congro é outro antigo jornalista de folego. Delicado e fluente é, no jornalismo, o que é na tribuna da oratória literária ou parlamentar.

Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, orador aprimorado e elegante, mostrou ser digno do sobrenome que usa, todas as vezes que ocupou a tribuna desta Casa ou a parlamentar, como deputado á nossa Assembleia Legislativa. Sócio fundador do Centro Matogrossense de Letras, a profissão das armas fê-lo afastar-se das nossas atividades.

Miguel Carmo de Oliveira Melo, também fundador do Centro, tem soberba erudição, fruto de leitura abundante e selecionada. Foi notável, pelos seus conceitos e pela sua forma escoreita, o discurso por êle pronunciado em banquete de amizade, que lhe foi oferecido. Tem colaborado galhardamente e com abundância, nos periódicos políticos de Cuiabá e de Campo-Grande. As suas atividades profissionais, políticas e administrativas, não lhe têm permitido dar á nossa sociedade tudo o que podíamos e devíamos esperar dos seus recursos intelectuais. As palestras amenas, ricas e atraentes, que intervalam, a miude as atividades da sua vida, dizem o seu valor.

Manoel Paes de Oliveira, sócio fundador, jornalista e orador experimentado, atuou, com eficiência, quando Secretário no governo do Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, para a fundação da Biblioteca Pública de Cuiabá.

Corumbá, a cidade martir na invasão paraguaia, resurgida, como outra Fenix, da fúria barbara invasora, graças ao dinamismo do almirante Joaquim Raimundo de Lamare e á competência técnica do então Major Joaquim da Gama Lobo d'Eça, enriqueceu a nossa Academia com a palavra e com a pena escoreitas de Gabriel Vandoni de Barros, de Carlos Vandoni de Barros, de Luiz Feitosa Rodrigues e de Carlos Castro Brasil. Campo-Grande, na sua marcha vanguardeira, muito contribuiu para o progresso do nosso grêmio, com a acolhida, entre nós, da organização vibratil, culta e poética de Arlindo de Andrade, com o jornalismo vitorioso de Jaime de Vasconcelos, com o jornalismo e a eloquência de Nicolau Fragelli, com o talento destacado de Peri Alves de Campos e com o éstro de Cecílio Rocha. De Rosário Oéste, para onde foi levado como magistrado continuou, sempre nosso, o ve-

lho companheiro de lutas pelas letras, Alírio Cesário de Figueiredo. Agora, promovido para Cuiabá, facilitou, para nós, a sua convivência proveitosa. Raimundo Maranhão, de Lageado, com a sua decidida vocação literária, a que se devota com paixão, é gema preciosa do nosso léste diamantino, brilhando no "Correio do Oeste".

Manoel Xavier Paes Barreto, entre nós desde os tempos da fundação, ausentou-se obediente aos imperativos das suas funções de juiz Federal. De longe, continuou dos nossos, facilitando-nos a aproximação com o seu ilustre irmão Carlos Xavier Paes Barreto.

Carlos Gomes Borralho, sócio fundador, foi atraído pelas seduções da política, dando pouco á nossa Academia.

— o —

Mas eu seria fatigantemente prolixo, se continuasse a passar em revista o mérito consagrado de todos os vultos de projeção que formam o quadro completo dos sócios fundadores, efetivos e correspondentes. Que fale por mim, melhor do que as minhas palavras, essa opulenta coleção da nossa revista, com as suas páginas dos mestres, as páginas dos sócios e páginas daqueles que, ensaiando ainda a sua vida literária, encontram, aquí, amparo fraternal e estimulante, para a ingrata mas nobre carreira das letras.

Que falem por mim os discursos dos sócios paraninfos e os dos recipiendários. Sejam lidas e relidas as orações comemorativas de datas históricas ou de grandes indivíduos e as alocações apresentando artistas de bom nome. Que sejam meditados os elogios dos nossos mestres, protetores imortais das nossas cadeiras, perenes inspiradores do nosso trabalho.

Continuem, sempre bem acolhidas, as uteis e oportunas conferências, entre nós pronunciadas, por estudiosos consagrados, e as nossas aplaudidas e atraentes horas literárias, essas tertúlias elegantes de programa bom e variado.

A nossa séde, sempre amiga, continuará, franqueando o seu salão para as variadas manifestações artísticas do culto meio cuiabano.

Exposições de pintura, saraus musicais de instrumentos e cantos, conferências cívicas e científicas, reuniões comemorativas e patrióticas e sessões periódicas das associações cuiabanas, em perfeita comunhão de ideias com a Academia Matogrossense de Letras, na sua elevada finalidade protetora e estimulante das variadas manifestações de cultura, tudo dizem da realidade desses 25 anos de renascimento. Assim procedendo, estaremos contribuindo para maior realce e culto da rica e bela lingua falada no Brasil; lingua portuguesa ou lingua brasileira, como pretendem grupos separados dos seus manejadores. Nem seria possível, em quase cinco sécu-

los decorridos da visita de Cabral á terra de Santa Cruz, que diante da nossa flora luxuriante e da nossa fauna opulenta e rica uma e outra tão diferentes da flora e da fauna da nossa antiga, metropole, que o léxico da lingua continuasse idêntico em Portugal e no Brasil.

Para uma diferenciação essencial seria suficiente a influência no Brasil, do elemento africano, que introduzimos para escravo; e do elemento aborigene, aqui encontrado.

Seria, igualmente, de grande ponderação a influência passageira dos franceses no Maranhão e na Guanabara, dos holandeses com a sua ocupação prolongada em nosso Nordeste, dos italianos em S. Paulo e dos alemães nos Estados sul brasileiros.

Nem por isso encontramos, na amplidão pouco povoada e mal articulada da nossa Pátria, dialetações separadoras ou desagregadoras. Falamos a mesma lingua, apenas com linguajar peculiar ás variadas zonas do país. Os tons de zona e a riqueza lexicológica variada, dão, á nossa palavra escrita e falada, mais graça e encanto. Contribuindo, entretanto, para a unidade da Pátria pela unidade da linguagem temos, em todo o Brasil, e em Portugal também, o mesmo arcabouço fonético, a mesma orientação para classificação taxinómica, a mesma tradição morfológica e as mesmas regras rígidas de syntaxe. Diferenciações notadas entre Euclides da Cunha e Camilo Castelo Branco, no manejo da lingua de Camões, serão justificadas pelas condições do meio peculiar a cada um deles. Serão explicadas como as diferenciações entre castelhano de Vargas Vila e o de Madariaga; entre o inglês de Carlyle, o de Edgard Poe e o de Rabindranah Tagore.

São feições diferentes em tipos da mesma família, que vemos de reconhecer, em todo o tempo, para o culto de um passado e de uma tradição comuns; passado e tradições que hão de ser, sempre o nosso orgulho e as melhores razões da nossa afinidade com a antiga metrópole do Brasil.

Dependerá do nosso estorço comum e do nosso trabalho conjugado, a transmissão, para o futuro, daquilo que recebemos, ainda no berço da nossa civilização, com a carta de Pero Vaz Caminha, o português enfeitado pelas nossas grandezas.

Possa a Academia Matogrossense de Letras contribuir, com galhardia, para esse grande desiderato, e teremos satisfeito a finalidade da nossa fundação.

Aos nossos mortos queridos, redivivos na Academia pela palavra de Francisco Ferreira Mendes, as quentes lagrimas da nossa saudade.

DISCURSO DO DR. GERVÁSIO LEITE, EM NOME DO INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO-GROSSO

Meus Senhores:

Quando, há vinte e cinco anos por entre esperanças e sonhos, um grupo de homens a cujo remanescente se dirigem, hoje estas festas com o louvor e honra, reverência e glória reuniu-se, pela vez primeira e lançou os largos embasamentos sôbre os quais arrematando hoje o edifício grandioso erguemos a cúpula de prata que marca o ano jubilar da Academia Matogrossense de Letras, esses homens plantaram a "semente de carvalho" de que falou Rui Barbosa que germinou e cresceu e agasalha, hoje sob sua fronde o que de melhor, mais alto e mais nobre tem a cultura matogrossense.

Fosse outra a semente lançada e, então, satisfeitas as ambições proximas, atendidos aos interesses menores, saciados os desejos irrevelados, a cultura teria desaparecido e, sómente nós do Instituto Histórico, armazenadores ciosos de fatos e que, de quando em quando, encontraríamos na memória dos fatos perdidos aquela idéia que plantada, rapidamente produziu e também ligeiramente sumira devorada pelos apetites vorazes.

Porque enquanto — lá diz o Mestre magnifico muitos plantam couve para o prato de amanhã, alguns semeiam no chão ingrato, a semente de carvalho que abriga, protege e marca, no tempo que passa — aquele semeador do futuro que, muitas vezes se esquece de munir da couve das imediatas necessidades.

Sejam, por isso mesmo minhas primeiras palavras nesta encantadora e argêntea noite jubilar, em que vos falo por delegação do Instituto Histórico — endereçadas a esses varões magnificos que na terra sáfara plantaram a semente pequenina que é hoje a instituição mater da cultura matogrossense. Louvemos êstes homens incansaveis, lutadores que desconhecaram a fadiga, herois que não se assombraram ante as dificuldades mas que, vencendo todos os óbices hoje podem, com a consciência do dever cumprido, afirmar, nesta hora clara e festiva da inteligência às gerações que aqui chegam que a obra está aí transpondo os humbrais de um quarto de século maior, mais bela e mais poderosa casa verdadeiramente da imortalidade, ateneu esplendido de cultura, templo de fé e de esperança sodalício que é uma vitória da inteligência ativa e fecunda contra a aterradora indiferença do meio.

Sejam estas palavras de saudação do Instituto Histórico de Mato-Grosso endereçadas, nos homens que hoje representam os fun-

dadores da Academia, a todos aqueles que há cinco lustros plantaram na cidade verde, por entre incompreensões, pessemismos e desesperança a idéia feliz da Academia Matogrossense a mais eloquente afirmação de vitalidade da cultura de nossa gente, a prova exuberante e plena do anseio nosso de crescimento e expansão pelo amplo mundo das conquistas espirituais.

— «:» —

Nestes 25 anos de caminhadas a Academia cumpriu sua missão. Tornou-se a célula mater da cultura indígena, o ponto mais alto de referencia. o edificio mais imponente que suas co-irmãs, visível da planície como um marco de linhas impressionantes, guia seguro na grande obra de aprimoramento do espírito a que se entrega. Dai, Senhores, as galas festivas desta noite em que celebramos o dia de Prata da instituição magnifica por entre provas efusivas de apreço e simpatia pois, a Academia expandiu-se em ação, ganhou fôrças, cresceu até tornar se o sodalício que irradia cultura no cumprimento de missão social que a época impõe a instituições semelhantes.

Nestes vinte e cinco anos, Senhores Academicos êste solar luminoso da imortalidade, manteve-se fiel aos ideais que presidiram a sua criação. O mundo — no cáus da época em que vivemos, neste quarto de século assistiu estarecido à mais perversa e brutal inversão de valores, subestimadas todas as grandezas do espírito e sufocados todos os sublimes princípios fundamentais da vida da inteligência. Impôs-se por tóda parte no intervalo trágico de duas guerras uma sistemática perseguição às coisas da inteligência, nesta época noturna em que Berdiaeff viu o fim do Humanismo. sua negação e destruição total. Ao homem de letras impôs-se aquela condição de heroísmo, implicando a sua sobrevivência numa luta permanente contra as fôrças que tendem à desagregação. Os ditadores fuzilam Garcia Lorca, perseguem Einstein, enclausuram Ossietzky, exilam Mann, mandam queimar livros em praça pública, ocupam as escolas, degradam a educação, espionam as cátedras, amedrontam os professores e tentam escravizar a inteligência na lutra para que esta se acumplicie com os seus sinistros propósitos.

Em todas as frentes da Inteligencia, todavia, os escritores estão lutando para que possam os intelectuais de toda parte festejar numa noite tranquila como esta a realização de seus mais altos propósitos: aproximação dos homens pela inteligência; prevalência do Espírito sobre a matéria, luta da cultura frente à barbárie; da persuasão contra a violência, da razão contra a brutalidade e do Direito contra a Anarquia.

Em qualquerr parte, por isso — em que numa noite marcante pelo sentido simbólico que encerra — homens de cultura se reu-

nem sob a inspiração de nobres e serenos ideais estão eles afirmando mais uma vitória da Cultura, do Espírito, da Razão, do Direito e da Lei. Em qualquer oportunidade em que os homens que só vivem "pela consideração da Verdade" *ad solam veritatis considerationem*, no velho dizer de S. Tomaz de Aquino — se reúnem para festejar um jubileu como êste estão marcando com a pedra branca, na escuridão destes tempos que vencida uma etapa, a marcha continua em busca dos mais nobres e dos mais humanos ideais por que lutamos em todos os tempos.

A só consideração desta significação caracteriza impressivamente o sentido d'êste jubileu de prata que a todos empolga porque prenuncia os novos tempos a que estamos chegando depois da luta tremenda.

Estamos saindo, efetivamente de um mundo cujo fragor de desabamento ainda nos atordoa, que assistiu a uma nova invasão de bárbaros, a invasão vertical segundo Rathenau, a revolta das forças telúricas no dizer de Keyserling e que, afinal, foi vencido. Os tempos ainda são rudes mas, a inteligência, a razão, a dignidade humana ganharam a luta da qual não poderão sair sob pena de perderem uma a uma aquelas vitórias que arduamente conquistaram durante estes anos de apreensões e sofrimentos.

Se volvermos o olhar ao passado — buscando o sentido das realidades humanas de outras épocas ou, sondando, em outros povos, de outros tempos a batalha da vida, encontraremos um período histórico que a êste se assemelha — o século V, quando as hordas bárbaras desceram do Norte e se abateram como abutres famintos sobre as províncias romanas, talando as e saqueando-as — antecipação sinistra, 15 séculos antes das hordas hitlerianas. Abatida a águia romana, a civilização sucumbiu "ante a força bruta" e os homens, pessemistas quanto ao futuro do mundo choraram ante a destruição dos seus tesouros espirituais. Uma brutal inversão de valores teve lugar. Abolidos foram os escrúpulos morais e as regras jurídicas: os ditames da razão e os princípios de Justiça, porque os bárbaros, lembra Bertrand Russell tinham "o poder da força" que só é respeitado porque ameaça.

Alarico no século V, espalhando o terror entre as massas, pondo fim ao império romano, destruindo, saqueando, depredando e matando ofereceu ao tempo uma visão do mundo idêntica à da crise contemporânea.

A analogia — escreve o grande humanista que é Fidelino de Figueiredo — é patente entre as duas situações, só com o correctivo da distância entre os bárbaros de alma vazia que penetravam na história e bárbaros de alma desiludida, mas senhores de uma técnica poderosa, que renunciavam a história.

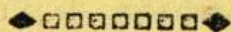
A tomada de Roma por Alarico em 410 poderia corresponder à invasão da França ao saque da Polónia, à destruição da Austria, ao saque, ao morticínio à brutalidade dos nazistas. Os barbaros do século V, desceram da floresta do Norte — escreve o eminente pensador lusitano: os de agora sobem do chão, acumularam-se no próprio sólio da civilização, brotaram num ambiente idoneo para a sua multiplicação.

Mas, esta nova invasão de barbaros, pardos ou vermelhos, vem acrescida de uma gravidade. A de Alarico era uma invasão horizontal: a do século XX é uma invasão vertical atingindo todas as camadas sociais e, por isso mesmo de mais ruinosas consequências. O perigo é maior porque as doutrinas que lutam pela destruição e pelo cáus são mais sangrentas e mais deshumanas e de técnicas mais agressivas. As perspectivas são sombrias mas, maior é o poder dos que lutam pela permanencia dos valores que dignificam a espécie humana — a Liberdade, a Dignidade, a Justiça, o Respeito, a Paz e a Decência.

Têm os intelectuais, por isso, nesta difficil “guerra da paz” o dever de lutar, com todos os recursos que dispõem e com toda a bravura de que são capazes. É claro que, Srs. Academicos, não venho cobrir esta festa branca de vosso jubileu de prata com crepes de pessimismo. Entendi, todavia que a hora era propícia para vos advertir contra os perigos que rondam sinistramente e que na sombra da confusão politica reinante tramam o novo advento da barbárie.

Para que, por toda parte, homens que acreditam no primado da intelligencia possam tranquilamente celebrar festas como esta precisamos estar alertas contra a violência dos bárbaros.

É porque a Academia celebra hoje 25 anos de vida fecunda, dedicados inteiros à realização de suas nobres atividades, defendendo incansavelmente o primado do Espirito que eu vos saúdo, Srs. Academicos em nome do Instituto Histórico de Mato Grosso expressando a nossa confiança de que nesta Casa os expoentes da cultura de nosso Estado não esmorecerão na luta pela liberdade de opinião, pela liberdade de pensar e expressar sem medo e pelo predomínio dos valores morais e espirituais, rendendo-vos um alto e caloroso tributo de homenagem na data festiva do jubileu de prata deste santuário da intellectualidade matogrossense a quem almejamos, sinceramente a continuação, para sempre desta marcha admiravel da Cultura pelos claros caminhos da Intelligencia.



A Chave de Ouro da Sessão de Encerramento

Levantou-se, por fim, para encerrar a sessão, o Exmo. Revmo. Snr. Arcebispo D. Aquino Corrêa, Presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras. Disse S. Excia. Revma. que encerrar aquela sessão, era honra e onus maior do que parecia, porquanto encerrá-la, era também encerrar as festas jubilares da Academia. Duas solenidades, que estavam a exigir, para fechá-las não uma, senão duas chaves, das quais ao menos uma de ouro.

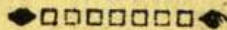
Dispondo apenas da sua chave de prata, continuou S. Excia., ia encerrar a sessão, como encerrou, realçando-lhe o brilho e elogiando a cada um dos oradores, das dictrizes e artistas da musica, que haviam enchido aquele salão de tantas graças e harmonias.

Mas agora, pergunta S. Excia., onde encontrar a chave de ouro para encerrar as festas jubilares, sendo ainda de notar que fechar o jubileu de prata, é também abrir o jubileu de ouro? Deu então notícia ao público, do expressivo telegrama enviado pelo Presidente da Republica, que vai no fim desta pagina. «Ha 25 anos, prosseguiu S. Excia., o cuiabano, que vos fala investido nas funções de Presidente do Estado, inaugurava a fase de prata do Centro, hoje Academia Matogrossense de Letras; neste momento, outro cuiabano, elevado muito mais alto, á curul presidencial da República, General Eurico Gaspar Dutra, vai fechar o ciclo de prata, iniciando assim o ciclo de ouro da mesma Academia».

Pedindo em seguida á assistencia que ouvisse, em pé, as palavras do supremo Magistrado «Presidente de todos os Brasileiros» procedeu á leitura do honroso documento.

Cessados os vibrantes aplausos, convidou a seleta assembléia a «envolver ainda numa mesma salva de palmas, a Academia Matogrossense de Letras e o Chefe da Nação, que é também matogrossense»

Foi um delírio de aclamações, dominadas finalmente pelas notas solenes do Hino Nacional com que se pôs termo à memoravel sessão.



O TELEGRAMA DO PRESIDENTE DUTRA

«Apresento à benemerita Academia Matogrossense de Letras na pessoa illustre do seu Presidente, ao ensejo de suas festas jubilares, as minhas mais sinceras congratulações, augurando-lhe continuidade em sua brilhante trajetória de cultura, de que tanto se ufana o nobre povo de Mato-Grosso. Cordiais saudações —
EURICO G. DUTRA».

Na Federação das Acadêmias de Letras do Brasil

(F. A. L. B.)

(Palavras de Cesário Prado em sessão da F. A. L. B.
de 14 de Setembro de 1946)

A Academia Matogrossense de Letras, que me confere a honra insigne de ser um dos componentes da sua delegação junto a esta egregia companhia, comemorou a 7 deste mês o 25º aniversário da sua fundação.

Com o concurso dos poderes públicos que lhe não regateiam prestígio e meios necessários à sua finalidade cultural, ela celebrou o seu jubileu de prata concorrendo para o brilhantismo da Semana da Pátria com diversos atos em uníssona vibração cívica com que a magna data da nossa Independência costuma ser festejada em Cuiabá, — pequena capital que se revê engrandecida pelo título de berço de tantos vultos ilustres na nacionalidade, como sejam Joaquim Martinho, Batista das Neves, Candido Rondon e *last but not the least*, esse impoluto soldado que vitorioso em pleito renhido, desfralda a bandeira de harmonia e concordia para todo o País com o pregão de um magnânimo anêlo de ser o Presidente de todos os brasileiros!

Uma academia de letras numa pequena e tão isolada cidade, — o maior monumento da colonização portuguesa, erigido no ponto mais central do continente sul americano, conforme opinião que ouvi do inclito Rondon, — para espíritos de curta perspectiva talvez pareça planta exótica, de viço prematuro, sem promessa de frutos em sazão...

Entretanto, essa mesma situação geográfica cujo alcance no futuro não escapou à visão dos nossos estadistas e lhe assegurou vida até os nossos dias depois de exauridas as catas auríferas que lhe deram origem, essa situação que no presente confirma essa antevisão, pois que torna Cuiabá o ponto de cruzamento das rotas aéreas dos quadrantes cardeais do Continente, — do Pacífico ao Atlântico, do mar antilhano às pontas da Patagonia, para o pou-

so e reabastecimento das aeronaves, — traçou desde os primórdios uma vocação incoercível para vida de seus filhos: a atividade do espírito, o pendor para a instrução e o estudo, de preferência à atividade de imediato utilitarismo prático.

E' que o esforço neste ultimo sentido bastava limitar-se a uma produção necessaria à manutença local, dispensando avolumar-se para um intercambio impossivel em vista da carencia de vias de comunicação...Esse fenomeno de apreciaveis nucleos de civilização terem no isolamento e distancia dos grandes centros metropolitanos, o fator determinante do seu culteranismo, já frisou um escritor americanista com relação à capital da Columbia. Si por ele é que se explica o florão de cultura filosofica e classica que Bogotá ainda hoje ostenta, tambem por ele é que vemos Cuiabá florir em laureas literarias desde os tempos coloniais, a quando o teatro já era genero artistico do gosto de seus filhos e foi o seu primeiro ouvidor festejado com representações scenicas de velhos dramas classicos em bom vernaculo traduzidos. Uma população segregada dos centros de outros gozos, confortos e requintes do mundo contemporaneo ha que crear no seu próprio ambiente os proprios recursos de evasão das duras realidades. Ela fica, relativamente a outras, em retrospectão no espaço-tempo por certos aspectos de usanças e costumes e, todavia, lança se em prospecção de tempo com singulares e antecipados exações... Assim, o jornalismo em Cuiabá ja era assás influente nas campanhas nativistas do periodo logo após a Independencia e era a expressão das lojas maçonicas locais — “donde se dizia ter saído todo aquele mal...” reza um velho documento publicado no “O Archivo”.

Esse mesmo jornalismo vibrou em polêmicas ardorosas de que se guardam paginas valiosas em suas coleções, nas campanhas da Abolição e da República. Desse palco de provincia saiu para o da capital do País, nas mesmas campanhas, Antonio Azeredo, o fundador do “Diário de Noticia” onde Ruy Barbosa combateu o bom combate com tanta eficiencia como Quintino no “O País” e Patrocínio no “Diário do Rio”.

O jornalismo, “que leva a tudo com tanto que dele se saia”, levou Azeredo à chefia da Politica nacional em sucessão a Pínhairo Machado e então o já velho senador em luta política no seu proprio Estado, a proposito de um processo do Presidente pela Assembléia de Mato-Grosso, lembrava em discurso no Senado; que não era de extranhar se conter a constituição matogrossense o dispositivo do “impeachment”, pois que sua terra era fertil em antecipar muita coisa: foi a primeira a ter uma sociedade de livres pensadores... E' que a semente da instrução é como o grão de mostarda do Evangelho a rebentar um por mil em milagrosa reprodução. E' que desde que com os primeiros povoadores das

longinquo paragens transporta-se o trem do governo a constituir-se, com os corpos das forças armadas, da justiça e religião, com os capitães-generais, os juizes de fóra, os meirinhos e almotacés, os prelados e serviçes da capelania, já a cultura está em marcha e quando após periodo relativamente curto, o forasteiro surpreende-se com o encontro de uma amerigena a lecionar aulas de primeiro ou segundo gráo ou de um curiboca que roe o seu latim e manuseia um *La Fontaine*, si attribuir a alguma força milagreira a surpresa do caso, deverá vê-la na pequena semente da instrução que ali foi lançada por um Frei Mariano de Bagnaia ou Frei Macerata que como Anchieta em Ipreoig, iluminaram a mente das Nahydas guaicurús ou Paiguás nos arraiais do baixo e alto Paraguai, ou por um Leverger que, nos lazeres de sua comissão da Marinha, criava em Cuiabá aulas gratuitas de ensino de matematicas e do francês.

O primeiro Bispo funda o Seminário da Conceição onde já se fórma o cléro local com catedráticos de filosofia dogmatica e moral, vindos de S. Paulo e de Buía. E porque Mato-Grosso tendo tido a sorte de contar sempre uns bispos intelligentissimos e cultos, como costumava declarar D. Pedro, o segundo Bispo promove a ida dos filhos de D. Bosco a Cuiabá donde em pouco se espalhariam, para diversos outros rincões, fundando educandários de ambos os sexos na multiplicação da prodigiosa semente,

E quantas iniciativas grandiosas tomaram *les petits jesuites*, como são chamados em Franca, os roupetas salesianas! Basta lembrar-se uma delas: A "Revista Mato-Grosso" impressa nas oficinas do collegio de Cuiabá, uma criação do Padre Diretor, o atual Arcebispo de Mariana, D. Helvecio, nome augusto no país a todos os amantes da cultura artistica nacional... Quantas reminiscências das nossas primeiras luzes despertam-nos as paginas daquela revista!

Nelas foi que haurimos as noções do que toram as "bandeiras" e o encanto das noticias dos primeiros feitos homericos do inclito Rondon. Na verdade "revistas são o grande veiculo das idéas grandes em literatura, em arte, em ciencia."

A Associação Literária Cuiabana, fundada pelos jornalistas locais, era outra sementeira e lembramo-nos de haver compulsado a *Estatica de Veron* e a *Filosofia da Arte*, de Taine, em volumes da sua estante por dadivas de Pedro Ivo e de Ivo do Prado, illustrados officiais do Exercito em serviço na guarnição de Mato-Grosso.

O Liceu Cuiabano, a Escola Normal, os grupos escolares creados pela reforma da instrução levada a efeito pelo benemérito Presidente Pedro Celestino, sob os moldes da de S. Paulo, em concorrência com os particulares estabelecimentos religiosos, eram ou-

tros viveiros de ensino a inscrever o grande Estado do extremo-oeste com galhardia nos quadros estatísticos da instrução do Paiz, nos quais quanto à alfabetização das massas tem vantajoso destaque entre outras unidades da Federação, como relativamente à sua população Mato-Grosso é notavel o numero de seus filhos nos quadros das carreiras dirigentes do País, nas carreiras liberais, nas forças armadas e na alta administração... E' que aquela atividade mental, determinada pelas singulares condições do geotopo, propõe-os a partir em busca de ambitos mais amplos á sua plena expansão.

Foi a mocidade com o horizonte dealbado naquela revista, que, já com assento nos altos cargos da magistratura, do magistério e da administração publica, haveria de uma vez extinta aquela luz, aspirar reacende-la creando um Gremio de identico ambiente e assim José de Mesquita, Lamartine Mendes e o saudoso João Barbosa de Faria, com o influxo sedutor e prestigioso de D. Aquino, então na curul presidencial do Estado, congregaram elementos em evidencia no jornalismo local e lançaram as bases da Academia Mato-Grossense de Letras. Tão pouco pretenciosos fomos então que não obstante estrutura identica a dos sedalicios congeneres, denominamo-la apenas "Centro Mato-Grossense de Letras". E apesar da modestia do nome como appareceu carregada de setas de ironia a aljava dos infalíveis escarnecedores do ideal! Mas em pouco venciamos o indiferentismo de uns e a hostilidade de outros, traçavamos um programa cultural que a mim coube a honra de resumir das letras dos seus estatutos, no artigo de rosto do primeiro numero de nossa revista que ha vinte e cinco anos vem sendo publicada ininterruptamente. D. Aquino inaugurara os nossos salões com um discurso que o gosto estetico de Medeiros e Albuquerque achou o mais formoso da sua crisostoma colectânea. Virgilio Corrêa Filho e Joaquim Gaudie iniciavam com brilho os elogios de seus patronos, Murquinho e Antonio Corrêa, outros lhes seguindo a esteira no louvor dos varões que compõem a galeria patrocinadora das cadeiras não por nomes apenas literarios e locais mas tambem de renome nacional e ligados a Mato-Grosso por obras e serviços que lhe prestaram. Assim Augusto Leverger, o geografo illustre, estadista e benemérito de Mato-Grosso "na paz e na guerra," conforme expressão do seu biografo, o Visconde Taunay; — Taunay, cuja obra é quasi toda inspirada na gente e na terra matogrossense; — Couto Magalhães, o tupinologo erudito, o iniciador da *marcha para o oeste*; são varões de mensagem biografica altamente civico — educativa e por isso com o oleo do nosso culto votivo. Porque, senhores, não só o culto do Belo, expresso no nosso *ex - libris* — "*Pulchritudinis studium habentes*, que nos traçou D. Aquino com rumos de letras não apenas belas mas tambem moralizadoras, mas visamos um culto de

civismo no nosso programa literario que, conglobando multiplos aspectos de cultura, certo consagrou a nossa Academia como força propulsora sem rival para o engrandecimento da nossa terra... A Academia de Mato-Grosso não pretende ser a expressão consagrada de nomes literarios, porem procura o sentido dessa força no ponto dinamico e basico da cultura em ensaio e em marcha de expansão no crescimento do seu meio. E' uma officina em que se forjam as penas que adextradas na provincia virão em campos mais amplos formar a falange de escritores que ha de versar os interesses e os problemas todos da nossa terra com mais tenacidade e ardor com que têm sido tratados pelos forasteiros certo competentes porem menos tocados da flama do amor nativo e assim de menor eficiência na consecução de seus resultados finais...

E uma officina de penas num mundo conturbado, afflicto e exanimé é tão necessario como as officinas de aparelhos agrarios para que sepultem em ruínas as officinas dos aparelhos da guerra, para que possa a Humanidade colher com delicia os doces frutos da Paz.

E porque o Brasil é tão vinculado a Mato-Grosso na sua extensa fronteira occidental e uno e forte interessa-se por tudo que concorre para o engrandecimento do estado do seu grande extremo-oeste, a data da fundação da nossa officina de pensamento, da nossa Academia, certo tem repercussão no seio desta federação de officinas congerenes e por isso solicito a Vossa Excelencia, Sr. Presidente, digne-se esta casa transmitir aos meus confrades matogrossense, principalmente a José de Mesquita que por ser como que a sua *alma-mater* é o seu Presidente ha vinte e cinco anos, todo o calor das expressivas saudações que Vossa Excelencia acaba de dirigir á delegação da Academia de Mato-Grosso pela data em que festejou o seu jubileu de prata, que coincidindo com a data aurifulgente dos anais politicos do Brasil, ha de ser marcada "*lapido albo*" nos anais da cultura da minha terra.

